MC
MercadoComum
ANO XXXI
mercadocomum.com

MercadoComum®
PUBLICAÇÃO NACIONAL DE ECONOMIA, FINANÇAS E NEGÓCIOS
BELO HORIZONTE | MG | EDIÇÃO 329 | FEVEREIRO DE 2024

A "Nova Indústria Brasil" e a mentalidade para transformar o País em uma grande Nação

Pág 68

FMI: Os riscos para o crescimento mundial estão globalmente equilibrados e existe a possibilidade de ocorrer um "pouso suave" da economia

Pág 81

Um balanço sobre a economia e o Ibovespa no ano passado e o que esperar em 2024

Pág 93

O BDMG financia projetos que melhoram a qualidade de vida no seu município. São R$ 300 milhões em crédito para as prefeituras realizarem obras de todos os portes e em todas as regiões de Minas.

É crédito fácil, digital e sem burocracia. Uma oportunidade para desenvolver ainda mais a sua cidade!

Contrate agora em: **bdmg.mg.gov.br**

BDMG

MINAS GERAIS

GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

MC MercadoComum ANO XXXI

MERCADOCOMUM®
PUBLICAÇÃO NACIONAL DE ECONOMIA, FINANÇAS E NEGÓCIOS

EXPEDIENTE

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS
FEVEREIRO DE 2024
31 ANOS - EDIÇÃO 329

Publicação Nacional de Economia, Finanças e Negócios

Presidente/Editor Geral
Carlos Alberto Teixeira de Oliveira

Diretora de Desenvolvimento
Maria Auxiliadora Gontijo T. de Oliveira

Projeto gráfico/diagramação
Fio do Bigode Comunicação

Publicidade e Área Comercial
MinasPart Desenvolvimento Ltda.
Aline Cendon/Carlos Alberto
(31) 3281-6474
cato@mercadocomum.com
revistamc@uol.com.br

MercadoComum* é uma publicação mensal de MinasPart Comunicação, Ltda.
CNPJ 70.954.383/0001-12
Inscrição Estadual: 062.985.126 0079
Inscrição Municipal: 109866001-0

Marca registrada no I.N.P.I. sob o número: 817452753 de 02.08.1993

Endereço:
Rua Padre Odorico, 128 – 10º andar
Bairro São Pedro - 30.330-040
Belo Horizonte - MG - Brasil
Telefone: 55-31-3281-6474
E-Mail: revistamc@uol.com.br
www.mercadocomum.com

**Os artigos assinados podem não refletir, necessariamente, a opinião dos editores. Proibida a reprodução parcial ou total sem autorização prévia por escrito da direção desta publicação. MercadoComum é uma publicação independente, não associada a qualquer grupo empresarial e não possui filiais/sucursais ou representantes no país e no exterior*

SUMÁRIO

4
A Economia com Todas as Letras e Números

43
Mundo Empresarial

68
Debate Econômico: A "Nova Indústria Brasil"

81
Especial: FMI: Os riscos para o crescimento mundial estão globalmente equilibrados

128
Opinião

Confira o ponto de vista de grandes nomes do cenário nacional, sobre vários assuntos.

119
Turismo

136
Lançamentos

Foto capa: Freepik

Ano recorde para o agro brasileiro no mundo

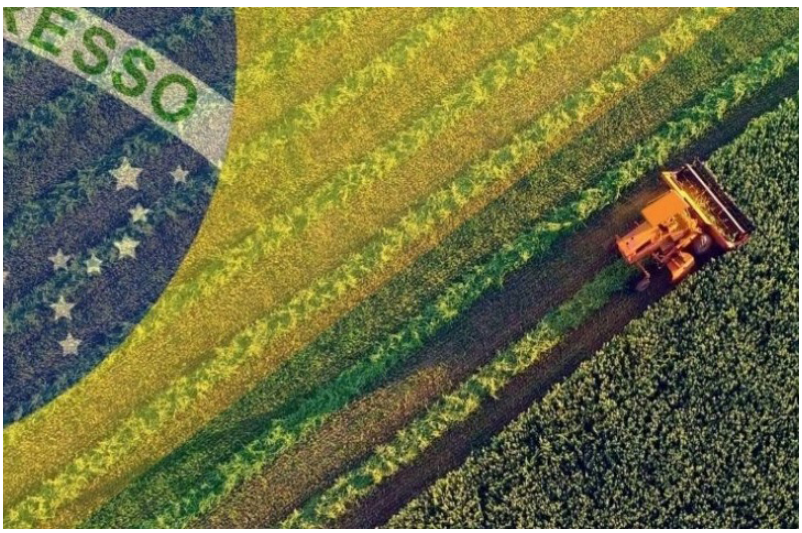
Roberto Perosa
Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária
vitaroso@vitaroso.com.br

O ano de 2023 será lembrado como um marco histórico para o agronegócio brasileiro no mercado mundial. Um período marcado por grandes avanços, tanto em expansão de mercados quanto no aumento das exportações, além da contribuição para o maior saldo da balança comercial da história: US$ 98,8 bilhões.

Superando os números dos últimos anos, o Brasil consolidou sua presença internacional e alcançou novos recordes com a abertura de 78 novos mercados em 39 países. Resultados da retomada estratégica do diálogo e da diplomacia, liderada pelo presidente Lula e pelo Ministro Carlos Fávaro. O apoio incansável dos adidos agrícolas, embaixadores do agro brasileiro no exterior, também contribuiu para esse sucesso.

Essas conquistas incluem exportações inéditas, tais como as de carnes bovinas e suínas para o México e para a República Dominicana, o algodão brasileiro para o Egito, e o comércio de milho com a China, que é o maior parceiro comercial do Brasil e cuja relação bilateral vem sendo fortalecida.

Para se ter uma ideia, no ano passado, as exportações do agronegócio atingiram um recorde de US$ 166 bilhões, 5% a mais do que o registrado em 2022, chegando a 49% do total exportado do país. O que reforça que o agro segue sendo um pilar da economia brasileira, representando cerca de um quarto do PIB e empregando aproximadamente um quinto da população.



Em 2023, o Brasil passou a ser o maior exportador mundial de milho e farelo de soja, alcançando um total de 10 commodities nos quais lidera as exportações globais: soja, açúcar, café, suco de laranja, carne bovina, carne de frango, tabaco e celulose. Além disso, as proteínas brasileiras ganharam uma posição mais forte no mercado internacional, encerrando o ano com um aumento significativo no volume exportado: 9,2% em carne suína, 7,7% em frango e 1,2% em bovina.

Buscando potencializar ainda mais o agronegócio de forma sustentável, foi lançado recentemente o Programa Nacional de Conversão de Pastagens Degradadas. Esta iniciativa robusta e ambiciosa visa converter 40 milhões de hectares de pastagens degradadas em áreas agricultáveis nos próximos dez anos, com um investimento estimado em US$ 120 bilhões, de recursos oriundos do Brasil e do exterior.

A meta é dobrar a produção brasileira, com foco na rastreabilidade e na medição no balanço de carbono, posicionando-nos como líderes globais na produção de alimentos. Essa expansão trará, consequentemente, desenvolvimento para o interior do país, gerando empregos e renda.

O Brasil se consolida, assim, como uma potência agropecuária global e, em 2024, continuará a reforçar a resiliência e a sustentabilidade do setor. A sinergia entre governo e setor produtivo será fundamental para alcançar esses objetivos, mantendo o Brasil como um fornecedor vital de alimentos para o mundo e um exemplo de desenvolvimento sustentável na agricultura.

Atividade leiteira fecha ano de 2023 com preços em baixa

A queda da rentabilidade do setor de produção de leite marcou o ano de 2023. Segundo o Centro de Inteligência do Leite da Embrapa (CILeite), pequenos produtores de diversos estados chegaram a receber menos de R$ 1,80 por litro de leite, o que, segundo o pesquisador da Embrapa Glauco Carvalho, é um valor insuficiente para remunerar a atividade. "Os custos de produção tiveram alta acentuada nos últimos anos e apesar de apresentar um comportamento melhor em 2022 e início de 2023, a rentabilidade da atividade piorou", relata. De janeiro de 2020 (pré-pandemia) a outubro de 2023, enquanto o preço do leite subiu 38%, o custo de produção aumentou 50%. "Isso mostra que a situação do produtor hoje é pior que nos anos anteriores", completa Carvalho.

O que prejudicou ainda mais o setor no ano que terminou foi o fato de que na entressafra (período que vai de abril a agosto), quando as chuvas diminuem no centro-sul do País e reduzem a oferta de leite, os preços apresentaram queda. Entre abril e julho, o valor pago ao produtor recuou R$ 0,49. "A entressafra costuma trazer algum alívio para o produtor, elevando a margem de lucro, mas no ano passado isso não ocorreu", diz o também pesquisador da Embrapa Samuel Oliveira. Segundo análise do CILeite, a queda sazonal da produção foi compensada pelas importações, que atingiram recordes históricos, resultando em maior oferta do produto no mercado e consequente redução no preço.

O baixo consumo de lácteos no mercado brasileiro nos primeiros meses do ano foi outro fator que contribuiu para a crise do setor em 2023. Dados da Scanntech apontam que o volume de vendas no varejo no primeiro semestre recuou em todos os derivados lácteos. No leite UHT essa queda foi de 4% e chegou a 7% no leite em pó, na comparação com o mesmo período do ano anterior. A diminuição do consumo fez o preço de leite e derivados apresentar uma deflação de 2,83% na primeira metade de 2023.

IMPORTAÇÕES

A Nota de Conjuntura Leite e Derivados, produzida mensalmente pelo CILeite, informa que, de janeiro a setembro de 2023, enquanto a produção cresceu 1,4% em relação ao mesmo período de 2022, a disponibilidade do produto no mercado subiu 5,3%, resultado do grande volume de importações, que chegaram a representar 10% do consumo doméstico. De janeiro a novembro, as importações brasileiras de lácteos ficaram próximas a 2 bilhões de litros de leite equivalente, média mensal de cerca de 180 milhões de litros.

A grande oferta fez com que os principais derivados lácteos no mercado atacadista registrassem queda de preço ao longo do ano. No leite UHT, por exemplo, as cotações caíram de cerca de R$ 5,00 por litro, no início de abril, para cerca de R$ 3,80 em novembro. O queijo muçarela seguiu a mesma tendência, recuando de R$ 33,00 o quilo para R$ 27,00. "As margens industriais estão ruins, com diversos laticínios amargando prejuízos nos principais produtos e é o mix de vendas que tem feito a diferença nos resultados das empresas", afirma Carvalho.

A queda da rentabilidade do produtor fez com que o crescimento do volume de produção também retrocedesse ao longo do ano. No terceiro trimestre de 2023, esse crescimento foi de apenas 0,8% em relação a 2022. "Os dados do último trimestre ainda não foram divulgados, mas é provável que a produção siga fraca também no último trimestre e no início de 2024", diz Oliveira. Essa realidade reforça a estagnação pela qual passa a oferta de leite no Brasil, que está em um patamar próximo dos 34 milhões de toneladas há cerca de uma década.

Os pesquisadores da Embrapa acreditam que a crise no preço do leite esteja chegando ao fim. Eles apontam alguns motivos para isso: a desaceleração da produção interna; a recuperação dos preços internacionais e o Decreto 11.732/2023, que entra em vigor em 2024, limitando a importação do produto. Outros fatores tendem a alavancar o consumo. Entre eles está o crescimento do produto interno bruto (PIB) brasileiro, que deve fechar o ano em 3%. A inflação controlada, a taxa de desemprego em queda, o aumento da massa salarial e os programas governamentais como o Bolsa Família e o Desenrola são outras condições que ajudam a criar uma expectativa de expansão do consumo, sugerindo um mercado mais equilibrado em 2024.

LIÇÕES DA CRISE

As análises do CILeite sugerem que devem ser tiradas algumas lições da crise. Uma delas é trabalhar para o aumento do consumo per capita, principalmente entre os idosos, que ganharam espaço na pirâmide etária do País. A cadeia produtiva do leite também precisa buscar mais eficiência e escala, reduzindo custos e tornando-se mais resiliente às crises. A pesquisadora da Embrapa Kennya Siqueira também acredita em soluções relativas à oferta de novos produtos por parte dos laticínios, promovendo uma diversificação. "Os estudos têm mostrado que o consumidor está migrando para produtos que entregam mais valor, como, por exemplo, apelo nutricional ou funcional; ou ainda de conveniência, praticidade, sustentabilidade etc.", revela Siqueira.

CENÁRIO INTERNACIONAL

A geopolítica não contribuiu para um cenário internacional confortável para o setor lácteo. Duas guerras em curso (Rússia x Ucrânia e Israel x Palestina), inflação e juros altos influenciaram na queda generalizada dos preços globais. Na China, maior comprador de lácteos, verificou-se uma queda de 30% nas importações nos primeiros meses do ano passado. "Isso refletiu no índice médio dos preços no leilão da plataforma Global Dairy Trade (GDT)", explica o pesquisador da Embrapa Lorildo Stock.

Em agosto, o índice médio de preço dos lácteos no leilão da plataforma teve um recuo de 7,4%, chegando a US$ 2.875/tonelada, o menor patamar desde junho de 2020. Para o leite UHT e o leite em pó integral, a queda foi de 4% e 7%, respectivamente, comparado ao mesmo semestre de 2022. Em setembro, os preços do leite em pó integral e desnatado seguiram baixos nos patamares de US$ 2.700 e US$ 2.286 a tonelada, respectivamente.

Stock diz que a piora na rentabilidade das fazendas ao redor do mundo reprimiu a oferta dos grandes exportadores de lácteos. No entanto, o pesquisador salienta que, no mercado global, o cenário parece estar em processo de reversão, ainda que lento. Em novembro o preço médio do leilão GDT já apresentava alguma recuperação e o leite em pó integral exibia alta de 1,9%.

A desvalorização internacional do preço do leite foi decisiva no aumento do volume de importações brasileiras. Argentina e Uruguai, fornecedores de lácteos do Mercosul, seguiram ao longo do ano passado com preços mais baixos que o Brasil (30% e 27%, respectivamente). O que torna seus preços mais competitivos são os custos de produção, cerca de 20% menores que no Brasil. No entanto, a Argentina também vive uma crise cambial, contribuindo para desvalorizar ainda mais o preço no mercado externo.

Mas em meio ao quadro de incertezas do cenário global, Stock informa que o mercado mundial de lácteos começa a esboçar uma reação, revertendo a tendência de queda de preços. Em outubro, a manteiga e o leite em pó integral e desnatado apresentaram alta no leilão da GDT, embora abaixo dos preços históricos praticados no período anterior à pandemia de Covid-19. Já os queijos estavam com preços elevados e com viés de baixa.

Quanto às importações brasileiras, desde outubro, evidenciou-se uma queda. Medidas fiscalizatórias quanto aos produtos importados e redução de renúncia fiscal para laticínios que importem produtos lácteos, implementadas pelo governo federal, anunciam um novo cenário para 2024.

CUSTOS DE PRODUÇÃO

Mesmo num cenário internacional complexo, as principais commodities que interferem nos custos do setor (soja e milho) demonstraram certa estabilidade ao longo do ano passado. "Ainda que em patamares elevados, a estabilidade das commodities evitou que a margem de lucro do produtor ficasse mais apertada", diz a analista da Embrapa Manuela Lana.

O cenário para os custos de produção de leite permaneceu favorável durante boa parte do ano com o recuo nos preços de concentrados, fertilizantes e do custo do volumoso. Em junho, o Índice de Custos de Produção de Leite da Embrapa (ICPLeite/Embrapa) chegou a registrar queda de 4,3%, com recuo de 7,5% nos preços de volumosos e 7,7% no concentrado.

Embora em um patamar mais modesto, o preço dos insumos se mantiveram em queda em agosto, com variação negativa de 7,6% em 12 meses. Em outubro, o índice de custo de produção de leite se manteve estável, com uma pequena variação positiva (0,3%), reduzindo o acumulado no ano para 3,9% negativos. Em novembro, o IPCLeite apresentou outra ligeira alta de 1,3%. A tendência parece ser de estabilidade nos próximos meses.

Leite: produção mundial praticamente estagnada há três anos

Embrapa Gado de Leite

CILeite Centro de Inteligência do Leite

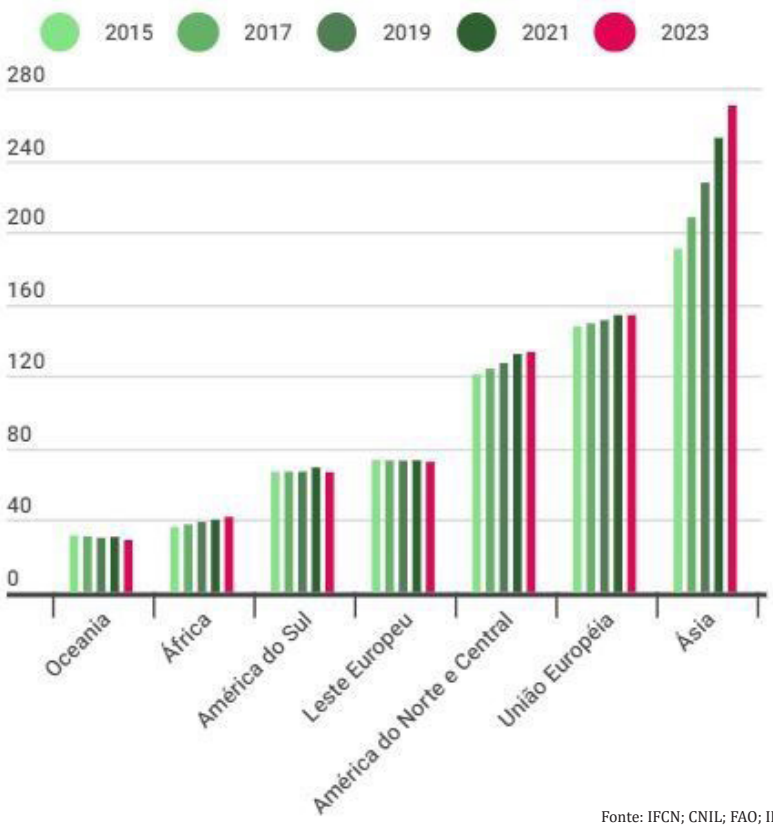
De acordo com a Nota de Conjuntura – Mercado de Leite e Derivados, divulgado pela Embrapa em janeiro, "a produção mundial de leite pouco aumentou nos últimos três anos: 1,8% em 2021; 1,1% em 2022; e 1,3% estimado para 2023. Este último, puxado pela Ásia, já que nas regiões exportadores não houve crescimento.

Em 2022 houve um aumento generalizado dos custos de produção ao redor do mundo, com alta de 20% para o alimento concentrado, 51% para fertilizantes e 107% para energia. A pandemia da Covid e o surgimento de conflitos regionais trouxe um ambiente de extrema incerteza e inflação. A demanda mundial por lácteos cresceu apenas 0,8%, sendo equivalente ao crescimento populacional.

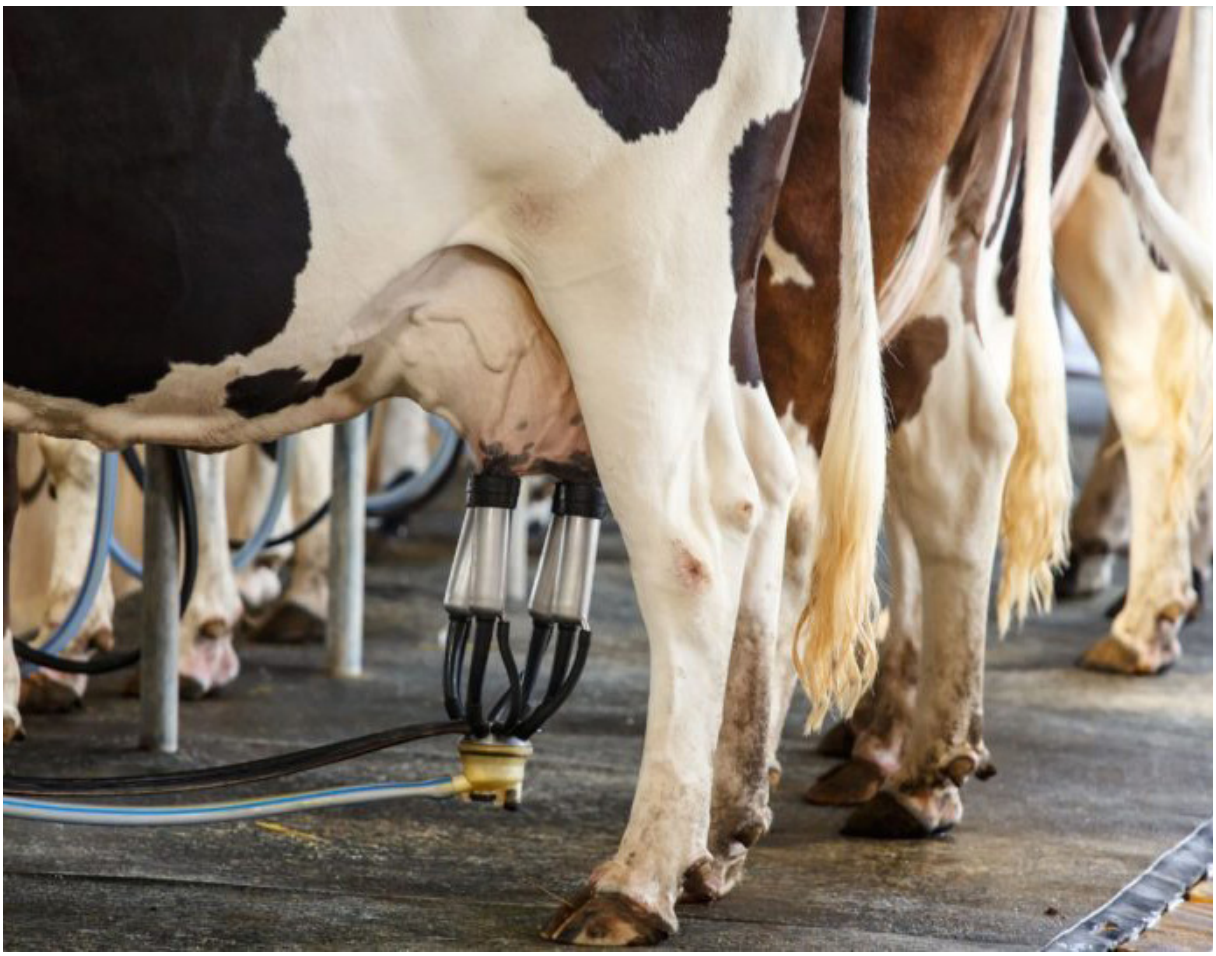
Em 2023 a demanda mundial por lácteos continuou fraca, com redução das importações chinesas e queda no preço dos derivados lácteos. Apenas no final do ano houve pequena recuperação nos preços, mas ainda abaixo de US$ 0,40/kg de leite, como referência do preço médio mundial do leite pago ao produtor, segundo o IFCN. Em regiões tradicionalmente importantes para a produção e exportação de leite como União Europeia, Europa Oriental, América do Sul e Oceania, observou-se estagnação ou redução da produção nos últimos anos.

A oferta de leite evoluiu positivamente em regiões emergentes e com produção mais informal, como a África e a Ásia. No mundo, produziu-se 758 milhões de toneladas de leite de vaca, em 2022. A Ásia responde por um terço da produção mundial, com 260 milhões de toneladas. Neste continente a produção de leite tem crescido 4,3% ao ano, na média, desde 2010. O maior aumento do consumo no continente asiático, o menor custo de mão-de-obra e resiliência de alguns sistemas de produção tradicionais podem explicar este aumento expressivo na produção de leite (Figura 1).

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE LEITE DE VACA, POR REGIÃO
VALORES EXPRESSOS EM MILHÕES DE TONELADAS



Fonte: IFCN; CNIL; FAO; IDF



A Índia contabiliza 69 milhões de pequenos produtores, onde predomina a atividade leiteira informal e produtividade abaixo dos 2 mil kg/vaca/ano. A metade do leite produzido na Índia vem de rebanho bubalino.

A China, que contribui com 15% da produção da Ásia, é um país com uma estrutura de produção distinta dos demais na região. Pouco mais de 500 mil propriedades, com predominância de megafazendas, com animais de mais de 7 mil kg/vaca/ano em média. O preço ao produtor foi de US$ 0,62/kg em 2022, um dos mais altos do mundo.

A produção brasileira de leite tem oscilado no patamar das 34 milhões de toneladas/ano desde 2013, compondo um quadro desafiador de estagnação da produção. A menor competitividade frente ao produto importado é outro obstáculo.

No ano de 2023 as importações, principalmente da Argentina e do Uruguai, alcançaram cerca de 9% da produção inspecionada de lácteos no país. O resultado um déficit comercial recorde, de US$ 1 bilhão.

Ao longo do ano de 2023 houve pequena redução no custo de produção de leite no país, com desaceleração na cotação concentrado, fertilizantes e combustíveis. O custo do alimento concentrado mistura 70+30 ficou abaixo dos R$ 1,50/kg, na média do último semestre de 2023, de volta ao patamar da média de 2020. No entanto, o preço pago ao produtor também caiu, impactando os termos de troca e a rentabilidade dos precuaristas, principalmente os menores. Estes recebem menos por produzirem em menor escala e apresentarem custos mais elevados, se comparados com grandes produtores. Foi um ano difícil para todo o setor em termos de rentabilidade.

Neste início de 2024, no entanto, os preços internacionais seguem em elevação e as cotações domésticas também sinalizam alta, tanto no mercado Spot como no atacado na cidade de São Paulo. A expectativa é que haja alguma recuperação nos preços ao produtor nos próximos meses. Todavia, é prudente observar a evolução dos custos frente a incertezas climáticas inerente à safra de grãos e da produção de silagem.

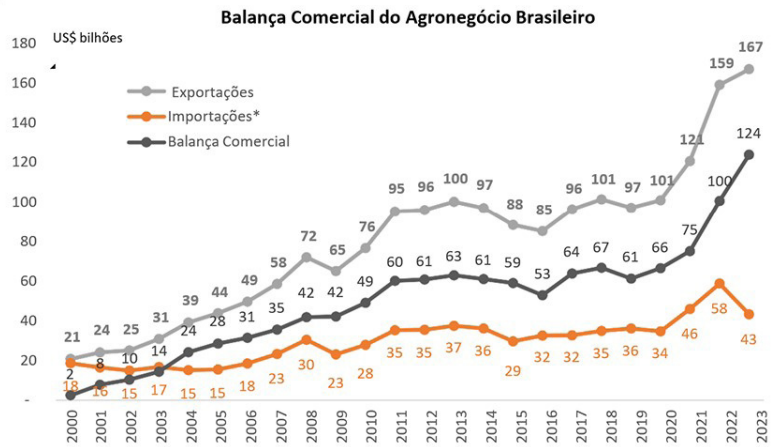
Exportações do agronegócio registram recorde em 2023 e evitaram novo déficit na balança comercial brasileira

Em um ano marcado por recordes nas safras de grãos e de cana-de-açúcar, as exportações de produtos do setor do agronegócio brasileiro registraram, em termos nominais, um novo recorde em 2023, com US$ 166,78 bilhões, aumento de 5,0% sobre a receita obtida em 2022, de acordo com o levantamento da DATAGRO a partir dos dados da Secex.

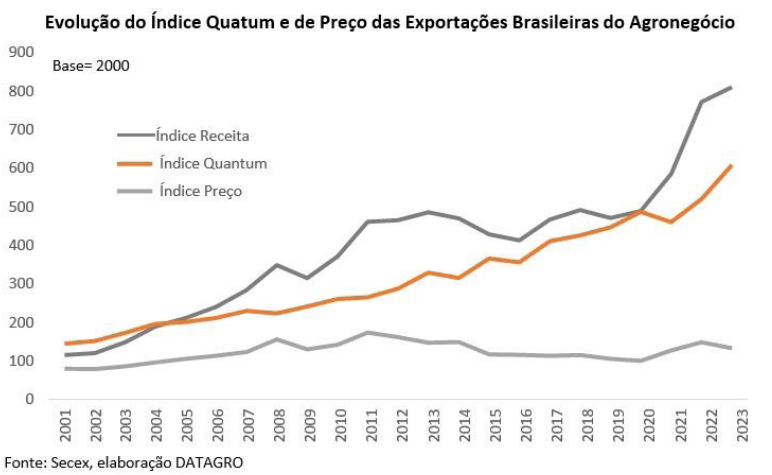
Como resultado, as exportações do agronegócio representaram 49,1% da receita total das exportações brasileiras no ano passado (US$ 339,67 bilhões), o que também é um recorde, contra uma participação de 47,5% em 2022 – o recorde anterior tinha sido em 2020, quando a participação atingira 48,1%.

O aumento das exportações do agronegócio brasileiro em 2023 foi resultante do crescimento proporcionalmente maior dos volumes embarcados – o Índice Quantum da exportação brasileira do agronegócio registrou alta de 17,0%, enquanto o Índice Preço do produto exportado caiu 10,3% em 2023, em média, de acordo com cálculos da DATAGRO.

Entre os principais itens do agronegócio, a exportação de açúcar foi o que mais cresceu em 2023 em termos de receita, com US$ 15,77 bilhões ou 42,98% acima da receita gerada em 2022, em virtude da disparada dos preços frente aos prognósticos de déficit no balanço mundial da commodity, seguida por sucos de frutas e de vegetais (+20,0%), soja (+14,4%) e milho (+11,8%) – vale lembrar que boa parte do aumento das exportações de milho decorreu da abertura do mercado chinês ao grão brasileiro.



Fonte: Secex, elaboração DATAGRO
* Inclui fertilizantes e defensivos



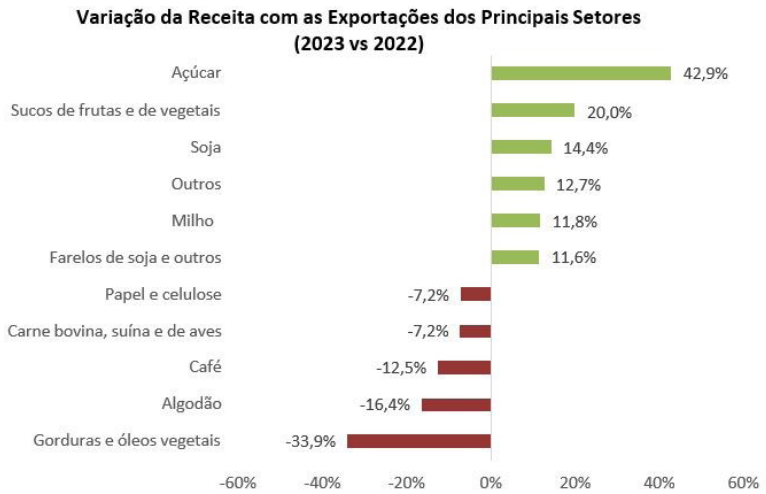
Fonte: Secex, elaboração DATAGRO

Em contrapartida, a receita com as exportações de gorduras e óleos vegetais caiu 33,9% em 2023, seguida por algodão (-16,4%), café (-12,5%) e o complexo de carnes (-7,2%), sobretudo de carne bovina, cuja receita com as exportações caiu 19% em 2023 devido especialmente à elevação da oferta de animais abatidos.

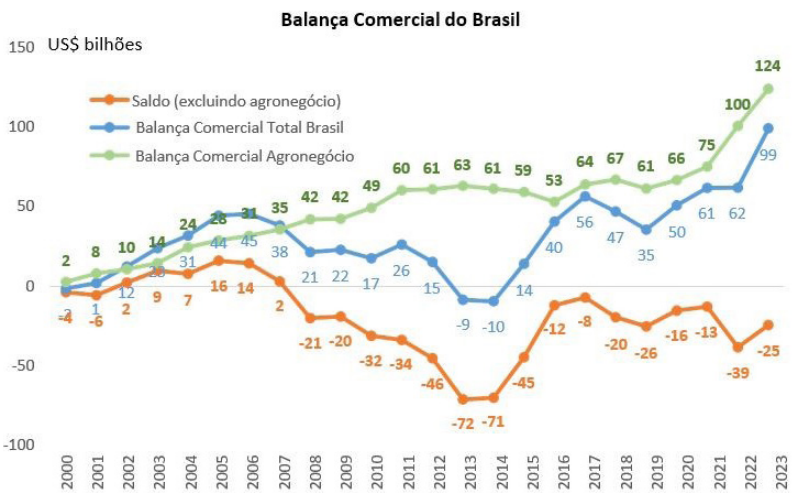
No outro lado da balança, as importações referentes ao setor do agronegócio, o que inclui o dispêndio com as importações de fertilizantes e de defensivos, caíram 26,5% em 2023 para US$ 43,01 bilhões, principalmente em função da queda de mais de 40% nos preços dos insumos agrícolas. Consequentemente, a participação das importações referentes ao setor do agronegócio nas importações totais brasileiras caiu de 21,5% em 2022 para 17,9% em 2023, o menor nível em 8 anos.

Portanto, a saldo da balança comercial do setor do agronegócio brasileiro, que é a diferença entre as exportações e as importações, cresceu 23,3% em 2023 para US$ 123,77 bilhões. Dessa forma, se não fosse pelo saldo positivo da balança comercial do agronegócio, a balança total comercial brasileira estaria incorrendo em um déficit em torno de US$ 24,9 bilhões, ao invés de um superávit de US$ 98,8 bilhões, em 2023.

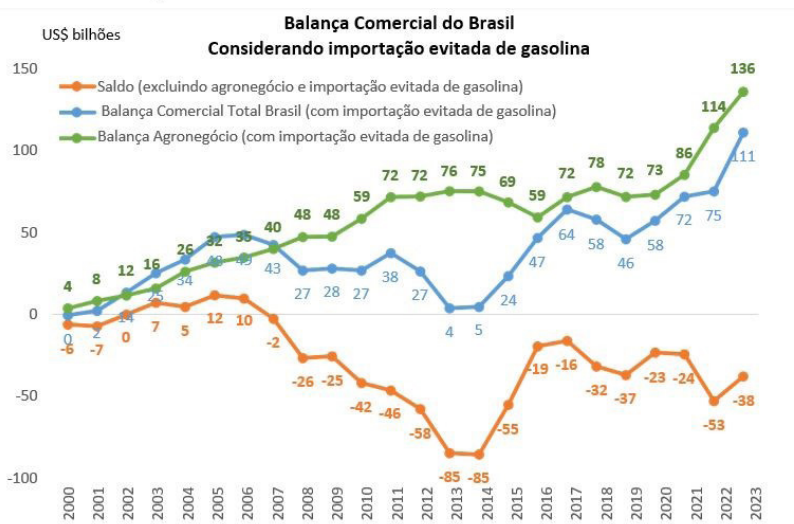
Contudo, ao considerarmos a importação evitada de gasolina em razão do consumo de etanol (em gasolina equivalente) no mercado doméstico (etanol hidratado mais etanol anidro utilizado na mistura com a gasolina), o saldo da balança comercial do agronegócio brasileiro seria contabilmente 10,2% maior em 2023, de US$ 136,4 bilhões, preservando a balança comercial brasileira de aportar um déficit implícito de US$ 38 bilhões.



Fonte: Secex, elaboração DATAGRO



Fonte: Secex, elaboração DATAGRO



Fonte: Secex, elaboração DATAGRO

Recorde da Balança Comercial em 2023 esconde dilemas estruturais da economia brasileira

Superávit de US$ 99 bilhões também foi influenciado por queda nas importações

Embora o saldo recorde da balança comercial no ano passado, de US$ 99 bilhões, seja um número a ser comemorado, uma análise mais criteriosa sobre o papel do Brasil no jogo internacional revela ajustes necessários para que resultados como esse permaneçam no horizonte futuro do País. A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) se debruçou sobre os dados e encontrou pontos relevantes nesse sentido.

Vale lembrar, antes de qualquer coisa, que o Brasil ainda tem uma participação muito pequena no mercado internacional, de apenas 1,5% na corrente de comércio do mundo, revelando algumas distorções, já que o País é a nona maior economia do mundo em termos de Produto Interno Bruto (PIB), segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), mas ocupa a 26ª posição no ranking de maiores exportadores.

O primeiro ponto é que, mais do que o crescimento de receitas de exportações (1,5%), o saldo recorde aconteceu porque houve uma queda grande no volume de importações, que chegou perto de 12% na comparação com 2022 [gráfico 1]. Em outras palavras, a economia brasileira se manteve relativamente fechada em 2023 — e, não à toa, a corrente de comércio, que é a soma de exportações e importações, caiu 4% em relação ao ano anterior.

Na perspectiva da FecomercioSP, esse não é um resultado plenamente positivo, porque significa que o País perdeu espaço no comércio internacional. Facilitar as importações permite, principalmente, que as empresas tenham acesso a insumos mais baratos e de maior conteúdo tecnológico, além de gerar ganhos de produtividade e aumentar a competitividade das nossas exportações, propiciando o bem-estar dos consumidores e contribuindo para a desaceleração inflacionária.

A explicação para esses dados está, sobretudo, no fato de o Brasil ser um país fechado, cujo modelo de participação no jogo comercial global é de escalada tarifária, que consiste no aumento das tarifas de importação conforme o avanço no estágio de produção. A mudança dessa política protecionista para uma maior abertura comercial é uma das bandeiras da Entidade há anos.

Ainda sobre os dados da balança comercial, é importante notar que uma queda (ou um aumento) nas exportações (ou nas importações) pode decorrer de variações na quantidade (ou quantum, no conceito econômico) ou dos preços. Em 2023, o quantum de exportações subiu 8,7%, enquanto o de importações caiu 2,6% [gráfico 2]. Isso indica que os brasileiros, provavelmente, tiveram menos condições, em termos de rendimentos, para comprar produtos ou serviços do exterior — seja porque os recursos estavam mais escassos, seja porque a alta do dólar forçou a troca por itens nacionais.

As importações, por sua vez, sofreram uma redução de 8,8%, impactadas por diversos aspectos do mercado global, o que não é necessariamente uma notícia ruim, já que custos mais baixos também têm o papel de manter a inflação em um ritmo menos acelerado.

DEMANDA CHINESA

Outro dilema da balança comercial brasileira em 2023 foi o aumento da participação da China como principal destino das exportações do País. É sig-

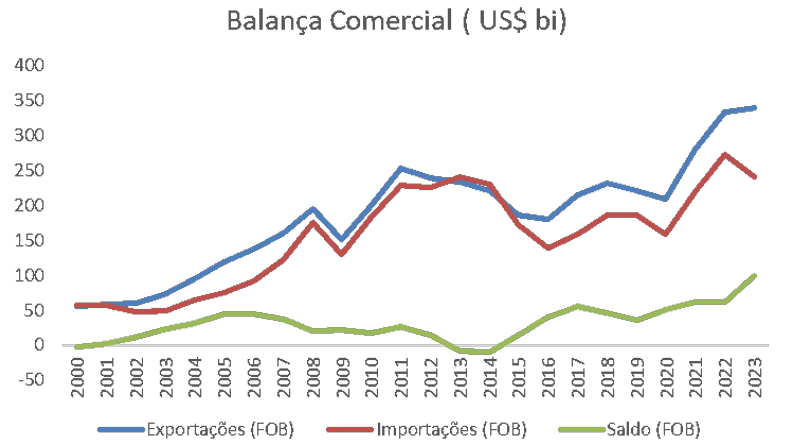
nificativo que, em dez anos, as exportações para o gigante asiático cresceram cinco vezes, enquanto os outros dois grandes receptores de produtos brasileiros, o Mercosul e os Estados Unidos, seguiram em patamares parecidos durante esse período.

Para o Brasil, se por um lado, o bom trânsito com o país asiático faz com que a balança comercial feche sempre no positivo, por outro, a dependência cada vez mais forte da demanda daquele país deve ser vista como sinal de alerta para o futuro, já que qualquer mudança estrutural na economia chinesa teria efeitos significativos na presença brasileira no mercado global. Isso vale, como também já explorado, para a concentração excessiva de três commodities no grosso das exportações: quase um quarto (38%) de tudo o que o Brasil vende para o exterior é soja, petróleo ou minério de ferro.

Como lidar com esses números olhando para o futuro? Para a FecomercioSP, é fundamental abrir a economia brasileira ao mundo, mudando a lógica do protecionismo tarifário nas importações para que, com isso, o País tenha acesso, com mais facilidade, a recursos, produtos e serviços de fora. Sem contar que uma mudança nessa direção aumentaria a produtividade e a competitividade brasileiras, beneficiando tanto consumidores quanto empresas.

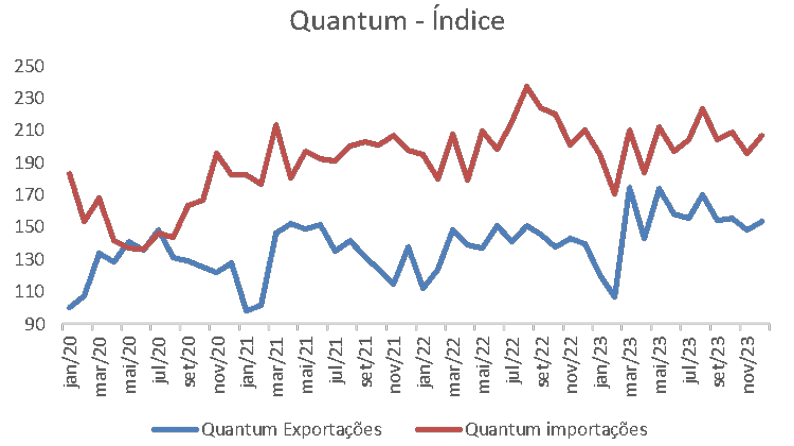
A FecomercioSP reúne líderes empresariais, especialistas e consultores para fomentar o desenvolvimento do empreendedorismo. Em conjunto com o governo, mobiliza-se pela desburocratização e pela modernização, desenvolve soluções, elabora pesquisas e disponibiliza conteúdo prático sobre as questões que impactam a vida do empreendedor. Representa 1,8 milhão de empresários, que respondem por quase 10% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e geram em torno de 10 milhões de empregos.

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA - SÉRIE HISTÓRICA – 2000-2023



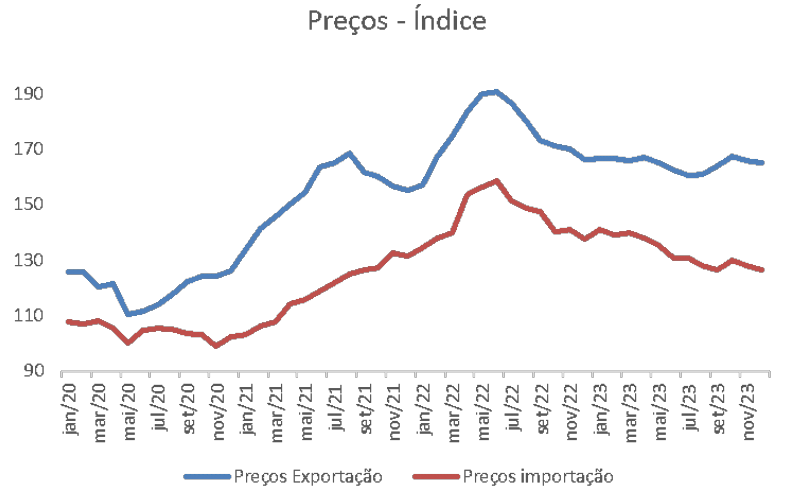
Fonte: SECEX/FecomercioSP

QUANTUM DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA - 2020 a 2023



Fonte: SECEX/FecomercioSP

PREÇOS DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA - 2020 a 2023



Fonte: SECEX/FecomercioSP

Redução da alíquota do IOF Câmbio promete movimentar transações e viagens internacionais

Desde o dia 02 de janeiro, tributo passa a ser de 4,38% para operações que envolvem câmbio, desde a compra de moeda estrangeira em espécie até transferências internacionais

A alíquota do Imposto sobre Operações de Câmbio (IOF Câmbio), previsto no inciso III do art. 15 C do Decreto 6.306/07, será reduzida de 5,38% para 4,38%. Essa mudança merece atenção, pois promete influenciar o cenário econômico brasileiro, uma vez que impactará diretamente empresas, investidores e indivíduos que lidam com transações internacionais.

O IOF Câmbio é um tributo aplicado em operações que envolvem câmbio, abrangendo desde a compra de moeda estrangeira em espécie até transferências internacionais. Sua alíquota é uma parte fundamental a ser considerada por aqueles que realizam negócios ou viagens internacionais. A redução de 5,38% para 4,38% representa uma redução significativa do custo envolvido nessas operações.

"Para os indivíduos, a redução do IOF Câmbio traz vantagens ao realizar viagens internacionais. O custo para aquisição de moeda estrangeira será menor, seja através de espécie ou de cartões pré-pagos. Isso pode tornar as viagens ao exterior mais acessíveis e atraentes, incentivando o turismo internacional, o que é especialmente relevante para a recuperação do setor pós-pandemia", afirma Sergio Brotto, diretor executivo da Dascam Corretora de Câmbio.

A redução da alíquota do IOF Câmbio de 5,38% para 4,38% é uma medida que promete gerar impactos positivos na economia brasileira. Seus efeitos poderão ser sentidos por empresas, investidores e indivíduos que se beneficiarão com custos mais baixos em transações internacionais, o que pode impulsionar o comércio exterior, o turismo e o mercado financeiro.

"É fundamental que todos estejam atentos a essas mudanças e aproveitem as oportunidades que surgem com essa redução do IOF Câmbio, contribuindo para o crescimento sustentável do Brasil", destaca Brotto.

Com 30 anos de atuação no mercado de câmbio, a DASCAM é uma corretora que prioriza a transparência e segurança e está alinhada às diretrizes do Conselho Monetário Nacional (CMN) e Banco Central do Brasil (BCB). Sua marca registrada são soluções de projetos de alta complexidade que requerem conhecimento técnico e experiência. Para isso, mantém uma equipe de profissionais competentes e atualizados a fim de oferecer aos clientes atendimento de alto padrão, cada vez mais seguro e eficiente nas operações com o exterior.

Cartão de crédito. Causador das dívidas

O cartão de crédito continua sendo um ponto crítico e destacado nas contas em atraso, mantendo sua posição como o 'campeão' nesse cenário. Conforme revelado por um levantamento realizado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em conjunto com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), a inadimplência atingiu um marco histórico em março deste ano, com quatro em cada dez brasileiros negativados, totalizando mais de 66 milhões de pessoas.

Embora um estudo da Proteste indique uma redução na percepção de endividamento por parte da população, a fatura do cartão de crédito permanece como a conta "mais atrasada" para os entrevistados, destacando-se como uma das linhas de empréstimo com os juros mais elevados do país.

No decorrer deste ano, 46% dos participantes da pesquisa admitiram considerar-se "um pouco endividados", enquanto 22% se classificaram como "muito endividados". Alarmantemente, 74% dos brasileiros consultados apontam o cartão de crédito como um dos principais responsáveis pelo seu endividamento.

Diante desse cenário desafiador, Emanuel Gonçalves da Silva, especialista financeiro e fundador do S.O.S Dívidas, destaca a importância de um uso responsável do cartão de crédito e oferece sete estratégias para minimizar o impacto financeiro relacionado aos atrasos na fatura do cartão. Vejamos a seguir:

Entre em contato com a administradora do cartão imediatamente para discutir a situação e possíveis soluções, mas atente-se às taxas de juros dos refaturamentos.

Utilize reservas de emergência temporariamente, caso possível, para cobrir a fatura do cartão, evitando prejudicar seu histórico financeiro. Contudo, se o montante for elevado, talvez a reserva de emergência não seja suficiente.

Avalie a possibilidade de um empréstimo pessoal com juros mais baixos para quitar a fatura do cartão de crédito, visando manter um histórico financeiro favorável. Essa opção requer a interrupção do uso do cartão por um período significativo.

Realize cortes em gastos não essenciais para redirecionar recursos para quitar a dívida do cartão, optando por empréstimos com taxas mais vantajosas.

Sempre leve em conta que atrasar pagamentos e se endividar leva a problemas no score de crédito.

Considere a venda de bens não essenciais como uma forma de gerar receita para cobrir a fatura em atraso.

Elabore um plano financeiro realista para pagar as dívidas e reformule seus hábitos de gastos, visando uma reorganização efetiva de sua vida financeira.

Busque orientação e acompanhamento de um profissional de educação financeira com boa reputação para guiar e monitorar suas finanças.

É crucial lembrar que as dicas apresentadas são genéricas e devem ser adaptadas a cada situação específica. Avaliar individualmente o grau do problema e suas circunstâncias é essencial para determinar a abordagem mais adequada.

Banco Central determina ações de educação financeira aos clientes

Para especialista, o objetivo da iniciativa é promover conhecimento sobre educação financeira, mas recomenda a busca de informação também em outros canais independentes

A nova regra do Banco Central determina que as instituições financeiras e de pagamento promovam ações de educação financeira aos clientes a partir do dia 01 de julho deste ano. Os bancos terão quase seis meses para organizar o conteúdo destinado não só para os clientes, mas também para todos que desejarem aprender sobre finanças pessoais. O intuito é promover a consciência e a saúde financeira para população. Vale ressaltar que algumas instituições já possuem blogs e sites sobre o tema, mas agora será uma obrigatoriedade. Contudo, para a educadora financeira Aline Soaper essa iniciativa não substitui a necessidade do ensino de educação financeira dentro das escolas e da importância de o consumidor ter um mentor financeiro independente.

"A iniciativa dos bancos fornecerem conteúdo sobre finanças é importante para a sociedade ter acesso a esse conhecimento, mas é preciso lembrar que o banco vende produtos financeiros, por isso, o viés será sempre de uma promoção que incentive a compra de produtos desse banco. Os consumidores podem se beneficiar desses conteúdos, mas não pode terceirizar suas escolhas, precisa buscar conhecimento em outros canais independentes para que possa ter diferentes perspectivas sobre o assunto antes de tomar uma decisão que tem impacto sobre sua vida financeira e reflete em todas as áreas da vida", adverte a educadora financeira e idealizadora do Instituto Soaper.

Segundo a resolução, a política adotada pelas instituições financeiras deve levar em consideração a definição de rotinas e procedimentos das medidas: "nas diversas fases do relacionamento das instituições com seus clientes". Além de assegurar aos seus usuários acesso às medidas de educação financeira e recursos de adequação e personalização da política. As instituições devem, ainda, instituir mecanismos de acompanhamento e controle desses programas para garantia de cumprimento e sua efetividade, "inclusive por meio de métricas e indicadores adequados", de acordo com a resolução.

O Governo vem interferindo trazendo normas como essa tendo em vista que o endividamento e a inadimplência dos brasileiros atingiram novo recorde em novembro. Dados da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do SPC Brasil (Serviço de Proteção ao Crédito) mostram que são 66,57 milhões de consumidores inadimplentes, uma alta de 3,55% frente ao mesmo mês de 2022. O crescimento foi de 0,54% em comparação com outubro de 2023. Dentre brasileiros adultos, 40,65% estavam negativados no 11º mês de 2023. Entre o recorte por gênero, as dívidas avançaram entre o público feminino, sendo 51,13% mulheres contra 48,87% homens.

Ainda segundo o levantamento, o número de devedores com participação mais expressiva em novembro está na faixa etária de 30 a 39 anos (23,75%). São 16,54 milhões de pessoas registradas em cadastro de devedores nesta faixa, ou seja, quase metade (48,54%) dos brasileiros desse grupo etário estão negativados.

O setor credor que concentra a maioria das dívidas é o de bancos, com 63,92% do total. Na sequência, aparecem comércio (11,33%) e água e luz (11,28%). Por isso, é importante organizar as finanças para evitar novas despesas. "Quem não tem as contas organizadas e clareza de quanto pode ou não pode gastar, facilmente se enrola nessas oportunidades e acaba fazendo parte do grande número de pessoas endividadas no Brasil. Com educação financeira e orientação de educadores financeiros independentes, é possível evitar dívidas e investir na realização de sonhos", explica Aline Soaper.

Fundadora do Instituto Soaper, Aline Soaper é formada em Direito, com pós-graduação em Educação Financeira. Há oito anos, a carioca atua como educadora financeira e formadora de outros especialistas nesta área. Empreendedora desde os 17 anos de idade, Aline ensina as pessoas a aumentar renda, cuidar melhor do dinheiro e multiplicar através do empreendedorismo e investimentos. Atualmente o Instituto Soaper tem mais de 7 mil alunos em mais de 20 países, contando ainda com a metodologia EfincKids, metodologia de educação financeira para crianças que já está presente em escolas de vários estados brasileiros.

Tendências para o mercado financeiro em 2024: entenda o Real Digital, as aplicações de IA e o Pix Automático

Tecnologias que permitem transações financeiras rápidas impactam diretamente as finanças e prometem destaque ano que vem

Faltando pouco para o início de 2024, já é possível identificar algumas inovações, especialmente no âmbito do mercado financeiro, que terão destaque no ano subsequente. As tendências apontam para mudanças significativas impulsionadas pela digitalização e pela adoção massiva de tecnologias emergentes.

Ficar atento às ferramentas em destaque permite agilizar as tomadas de decisão, otimizar as operações e antecipar-se às novidades, sustentando a competitividade do segmento. Conheça as principais e suas aplicações no dia a dia do setor financeiro:

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A Inteligência Artificial (IA) marca presença no setor financeiro desde a década de 1980, mas deverá ganhar mais destaque em 2024. Sistemas autônomos e inteligentes estão sendo empregados para aprimorar a experiência do investidor e prever tendências de mercado, oferecendo atendimento mais eficiente e recomendações personalizadas. Além disso, a capacidade da IA de analisar padrões de transações, biometria e contratos inteligentes ainda contribui significativamente para a segurança do sistema.

"A IA já é uma velha conhecida, mas o Machine Learning e o processamento de linguagem natural a fizeram fincar os pés no setor. Um de seus principais benefícios é que, por meio da análise aprofundada das informações e da personalização, se torna mais fácil satisfazer o cliente e aumentar sua retenção no mercado financeiro. Ela também nos permite vislumbrar uma diminuição no número de fraudes, já que a tecnologia está ficando mais apta a identificar essas infrações", explica Victor Tavares, Founder & CTO, da Aarin, hub tech-fin especializado em Pix e embedded finance.

METAVERSO

Ao que tudo indica, outra tecnologia que ganhará destaque é o metaverso, uma evolução das realidades virtuais que promete redefinir as interações comerciais. No próximo ano, espera-se uma expansão significativa dessa tecnologia, possibilitando transações financeiras baseadas em ativos digitais, como NFTs (tokens não fungíveis). Além disso, moedas

digitais, como Decentreland (MANA) e Enjin Coin (ENJ), já estão integradas ao Metaverso, o que indica um novo paradigma para investimentos e experiências financeiras online.

O REAL DIGITAL (DREX)

O mercado financeiro brasileiro entrará em uma nova era com a implementação do Real Digital (Drex), uma Central Bank Digital Currency (CBDC). A sigla se refere a uma versão digital da moeda de cada país, sendo o Drex a moeda brasileira. China e Estados Unidos já adotam essa tecnologia, e a expectativa é que o Brasil se agregue a essa lista em breve. Diferente do dinheiro convencional, ela exige uma carteira digital para ser utilizada.

Faltando pouco para o início de 2024, já é possível identificar algumas inovações, especialmente no âmbito do mercado financeiro, que terão destaque no ano subsequente. As tendências apontam para mudanças significativas impulsionadas pela digitalização e pela adoção massiva de tecnologias emergentes.

Ficar atento às ferramentas em destaque permite agilizar as tomadas de decisão, otimizar as operações e antecipar-se às novidades, sustentando a competitividade do segmento. Conheça as principais e suas aplicações no dia a dia do setor financeiro:

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A Inteligência Artificial (IA) marca presença no setor financeiro desde a década de 1980, mas deverá ganhar mais destaque em 2024. Sistemas autônomos e inteligentes estão sendo empregados para aprimorar a experiência do investidor e prever tendências de mercado, oferecendo atendimento mais eficiente e recomendações personalizadas. Além disso, a capacidade da IA de analisar padrões de transações, biometria e contratos inteligentes ainda contribui significativamente para a segurança do sistema.

"A IA já é uma velha conhecida, mas o Machine Learning e o processamento de linguagem natural a fizeram fincar os pés no setor. Um de seus principais benefícios é que, por meio da análise aprofundada das informações e da personalização, se torna mais fácil satisfazer o cliente e aumentar sua retenção no mercado financeiro. Ela também nos permite vislumbrar uma diminuição no número de fraudes, já que a tecnologia está ficando mais apta a identificar essas infrações", explica Victor Tavares, Founder & CTO, da Aarin, hub tech-fin especializado em Pix e embedded finance.

METAVERSO

Ao que tudo indica, outra tecnologia que ganhará destaque é o metaverso, uma evolução das realidades virtuais que promete redefinir as interações comerciais. No próximo ano, espera-se uma expansão significativa dessa tecnologia, possibilitando transações financeiras baseadas em ativos digitais, como NFTs (tokens não fungíveis). Além disso, moedas digitais, como Decentreland (MANA) e Enjin Coin (ENJ), já estão integradas ao Metaverso, o que indica um novo paradigma para investimentos e experiências financeiras online.

O REAL DIGITAL (DREX)

O mercado financeiro brasileiro entrará em uma nova era com a implementação do Real Digital (Drex), uma Central Bank Digital Currency (CBDC). A sigla se refere a uma versão digital da moeda de cada país, sendo o Drex a moeda brasileira. China e Estados Unidos já adotam essa tecnologia, e a expectativa é que o Brasil se agregue a essa lista em breve. Diferente do dinheiro convencional, ela exige uma carteira digital para ser utilizada.

"O Drex proporcionará maior inclusão financeira, redução de custos em transações e eficiência nos pagamentos, integrando-se à tecnologia blockchain para garantir segurança. Além disso, é um método muito mais sustentável que o dinheiro de papel", diz Ticiana Amorim, co-fundadora e CEO da Aarin.

TECNOLOGIA 5G

A expansão do 5G terá um impacto expressivo no mercado financeiro. A velocidade e a eficiência dessa nova geração de redes móveis possibilita a agilidade na liberação de crédito, a segurança nas transações e uma experiência do cliente aprimorada.

PIX AUTOMÁTICO

Outro avanço importante é o Pix Automático, uma extensão do popular sistema de pagamento instantâneo Pix. Previsto para outubro de 2024, ele permitirá pagamentos automáticos de contas recorrentes, como luz e água, trazendo conveniência para consumidores e eficiência para as empresas.

Ticiana Amorim especialista explica que a tecnologia é similar ao conhecido débito automático, em que o usuário permitirá que os consumidores autorizem de modo prévio os pagamentos de débitos periódicos em suas respectivas contas bancárias. "É interessante para empresas e consumidores, onde há facilidade no pagamento e possibilidade da diminuição de inadimplência", conclui.

A Aarin é o primeiro hub tech-fin especializado em Pix e Embedded Finance no Brasil. Atualmente faz parte do grupo Bradesco e fornece serviços com enfoque financeiro incluso na experiência do usuário, possibilitando que qualquer empresa possa prestar serviços financeiros para sua base de clientes. Através do Smart Core, os negócios podem ofertar seus próprios serviços financeiros sem que precisem ser um banco. Nascida em Salvador (BA), a Aarin passou por M & A multimilionário com o grupo Bradesco em agosto de 2022.

Brasil reduz drasticamente o tempo de abertura de empresas

Dados do Mapa de Empresa do governo federal indicam um ambiente propício para negócios

No panorama empresarial brasileiro, uma transformação significativa tem ocorrido, capturando a atenção de empreendedores e analistas de mercado. O destaque principal dessa mudança é a notável redução no tempo necessário para abrir uma empresa no país. De acordo com os dados mais recentes divulgados pelo Mapa de Empresa do governo federal, o Brasil conseguiu diminuir esse tempo de 4 dias e 10 horas em 2019 para apenas 1 dia e 2 horas em 2023, um feito impressionante que reflete os esforços públicos e privados em agilizar processos burocráticos e incentivar o empreendedorismo.

Além dessa conquista significativa, outros dados revelam mudanças importantes no ecossistema empresarial do país:

CRESCIMENTO NAS ABERTURAS DE EMPRESAS

Apesar do aumento nas extinções, o Brasil também observou um crescimento no número de empresas abertas. Esse número atingiu um pico em 2021 com 4.030.703 novas empresas, indicando um espírito empreendedor robusto e uma economia dinâmica, capaz de gerar novas oportunidades de negócios mesmo em tempos desafiadores.

EVOLUÇÃO NO SETOR DE FILIAIS

O setor de filiais também mostra um crescimento estável. O número de filiais abertas aumentou gradualmente de 89.660 em 2019 para 103.582 em 2023. Esse aumento sugere uma expansão contínua de negócios já estabelecidos, refletindo a confiança dos empresários na economia brasileira.

AUMENTO NAS EXTINÇÕES DE EMPRESAS

Um dado que chama atenção é o aumento contínuo no número de empresas extintas, passando de 1.196.217 em 2019 para 2.153.840 em 2023. Esse aumento pode refletir uma série de fatores, incluindo o impacto da pandemia e a dinâmica de mercado, onde empresas menos competitivas ou adaptadas às novas realidades são naturalmente substituídas por outras mais inovadoras e resilientes.

DIMINUIÇÃO NO TEMPO DE VIABILIDADE E REGISTRO DE EMPRESAS

Paralelamente à redução do tempo de abertura de empresas, observamos também uma diminuição no tempo de viabilidade, de 1 dia e 20 horas em 2019 para 13 horas em 2023, e no tempo de registro, de 2 dias e 13 horas em 2019 para apenas 14 horas em 2023. Essas mudanças indicam uma maior eficiência nos processos administrativos e uma resposta mais rápida às necessidades do setor empresarial.

De acordo com Rafael Caribé, CEO da Agilize Contabilidade Online, que auxilia milhares de empresas na abertura de seus CNPJs, essas tendências apontam para um ambiente empresarial no Brasil que está se tornando cada vez mais ágil e adaptável, oferecendo um terreno fértil para inovação e crescimento econômico.

"A redução nos tempos de abertura, viabilidade e registro de empresas não apenas facilita a vida dos empresários, mas também estimula a entrada de novos players no mercado, fortalecendo a economia como um todo", comenta.

O cenário é particularmente promissor para novos empreendedores e investidores que buscam aproveitar as oportunidades em um mercado em rápida evolução. Com processos mais eficientes e um ambiente de negócios vibrante, o Brasil se posiciona como um destino atraente para o empreendedorismo e a inovação.

Neste cenário, a tecnologia é grande aliada na redução dos processos burocráticos e um dos fatores que compõem o cenário mostrado pelos números de 2023. "A evolução tecnológica vem ajudando o empreendedor brasileiro desde a abertura até a gestão dos negócios. Com isso, cada vez mais pessoas concretizam os planos de empreender, seja com contabilidade online, bancos digitais e sua facilidade para criar contas PJ; avanços nos portais do governo; softwares para gestão, cada vez mais integrados e etc", explica Caribé.

Embora os desafios persistam, especialmente em relação ao número crescente de empresas extintas, os dados indicam um equilíbrio entre o fechamento de negócios e a abertura de novas empresas, refletindo a dinâmica natural de uma economia saudável e em transformação.

Em resumo, o Brasil está se consolidando como um exemplo de eficiência e adaptabilidade no cenário empresarial global. A redução significativa no tempo para abrir empresas, juntamente com as outras tendências observadas, sinaliza um futuro promissor para o empreendedorismo no país, abrindo portas para inovação e sucesso empresarial no cenário pós-pandêmico.

Desoneração de folha salarial é positiva, mas deveria ser permanente

A desoneração da folha salarial hoje é uma realidade para as empresas dos 17 setores da economia que mais geram emprego no país. Isto significa que, em vez de pagar 20% sobre a folha dos empregados em contribuição previdenciária patronal, existe a opção pelo pagamento de uma alíquota que varia entre 1% e 4,5%, dependendo do setor, sobre a receita bruta da empresa.

O benefício existe desde 2011, mas vem sendo protelado por força de leis temporárias. A mais recente é a Lei 14.784/23, promulgada pelo Senado no último mês de dezembro, e que prorroga a desoneração para o fim de 2027. Para Nathaniel Lima, advogado do escritório BLJ Direito & Negócios, a desoneração é positiva para as empresas, mas questiona a efemeridade do prazo.

"O problema é que o governo federal transformou essa base de cálculo numa queda de braço com organizações altamente empregadoras. Não é uma briga de poder, mas um conflito do Estado com o maior programa social que pode existir, que é a empregabilidade", argumenta. "A necessidade de ficar renegociando prazos de tempos em tempos torna esse benefício frágil do ponto de vista jurídico, e economicamente também não é bom nem para o mercado nem para esses setores-chave da economia", defende.

Ainda segundo Nathaniel Lima, a contribuição sobre 20% da folha de pagamentos desestimula as empresas a abrirem mais contratações formais, justamente para evitar aumentar as despesas tributárias. "É claro que, diante de novas contratações, as empresas questionam: é melhor buscar novos trabalhadores em carteira ou recorrer à pejotização? Com a cobrança sobre a folha, definitivamente a resposta que elas encontram é fugir do trabalho formal, com carteira assinada", afirma o advogado da BLJ.

"Este é um caso em que a relação entre a União e o mercado pode ser no 'ganha-ganha'. Quanto mais as empresas faturam, maior é a contribuição previdenciária patronal. Quanto maior for a produção, maior será a necessidade de contratação formal. Mas é necessário dar segurança jurídica para que as empresas saibam que essa regra não tem prazo de validade. Falta pouco para que isso ocorra, visto que é um benefício já em uso", analisa o advogado da BLJ.

PIB poderia ser maior se os "nem-nem" trabalhassem

Nem um, nem outro. Mesmo sem estudar ou trabalhar, os jovens que fazem parte do grupo dos "nem-nem" não passam despercebidos pela economia brasileira.

Um estudo mostrou que essa turma poderia ter contribuído com + R$ 46 bilhões no PIB do Brasil em 2022 se estivessem inseridos de alguma forma no mercado de trabalho.

Por que isso importa? Os jovens são aqueles que têm mais anos de força produtiva pela frente, além de trazerem renovação e novas ideias para as diversas frentes de trabalho que fazem parte.

O impacto pode ser tanto no curto prazo, com a falta de salário e poder de consumo, como no longo prazo, com o acúmulo de anos em que os jovens não produzem e não contribuem para a previdência.

A cada R$ 1 de aumento na renda média dos jovens, o PIB pode ser impactado em + R$ 1,6 milhão.

Quem são eles? Um em cada cinco jovens brasileiros de 18 a 24 anos não estuda nem trabalha, somando quase 11 milhões de pessoas. Isso nos deixa como o segundo país do ranking. Claro, a grande parte não está aí por pura opção.

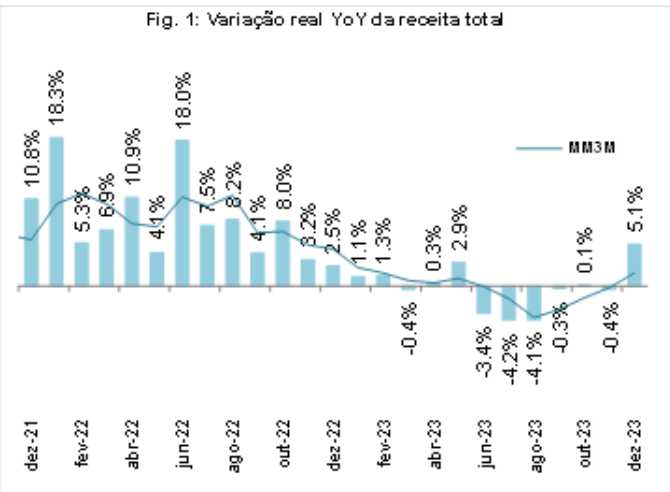
Mas… Aos que têm oportunidades, "flexibilidade" é a palavra da vez quando o assunto é trabalho para a Gen Z. Além de dresscode mais versátil e jornadas de trabalho maleáveis, 2 em cada 5 jovens preferem procurar outro emprego do que trabalhar 100% presencialmente.

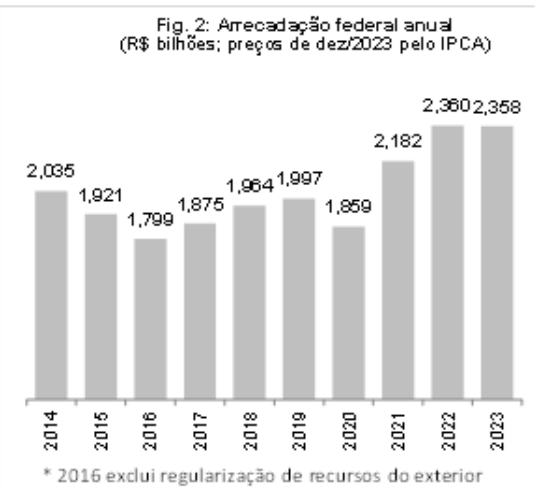
Fonte: The News

Arrecadação federal recuou 0,1% em 2023

Segundo a Receita Federal (RF), a arrecadação federal de dezembro atingiu R$ 231,2 bilhões, acima das expectativas de mercado, em R$ 225,0 bilhões. Com esse resultado, houve crescimento real na receita total de +5,1% no mês (Fig. 1) e recuo de -0,1% no ano (Fig.2).

De acordo com a LCA – Consultores Econômicos, um dos destaques do mês foi a arrecadação sobre fundos de investimentos após regulamentação de novas regras para aqueles instrumentos que antes não estavam sujeitos à tributação semestral. Foram recolhidos R$ 3,9 bilhões, ante nossa estimativa de R$ 3,5 bilhões. Por ser referente a tributação sobre rendimentos passados, com alíquota reduzida de 15% para 8%, o valor deve se





repetir em mais 3 parcelas (janeiro, fevereiro e março) como consta no cronograma oficial.

A arrecadação acumulada em 2023, foi de R$ 2.357,6 bilhões a preços de dezembro, o que representa um recuo de 0,1% em termos reais contra o mesmo período do ano passado. A arrecadação frustrou em 2023, principalmente no segundo semestre. O ano foi caracterizado ainda, como citado acima, pelas desonerações parciais de combustíveis, menores recolhimentos atípicos de IRPJ/CSLL, normalização da arrecadação de royalties de petróleo (após um ano extremamente favorável em 2022) e arrecadação de tributos, de uma forma geral, mais modestas, em linha com a desaceleração da atividade. Do lado positivo, o destaque no ano foi a arrecadação de previdência, associada ao vigor do mercado de trabalho.

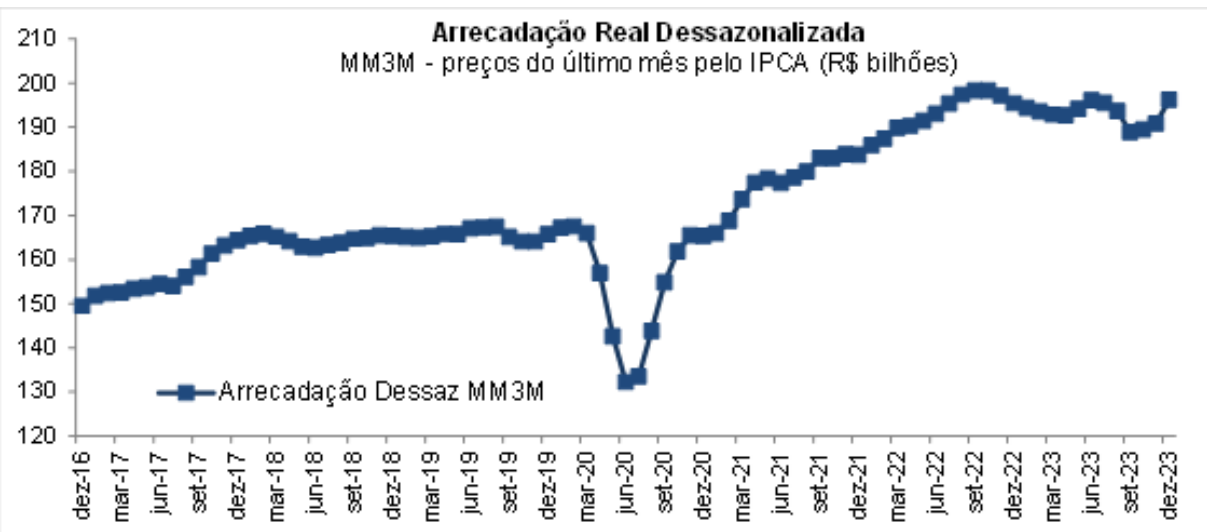
Por fim, a arrecadação total dessazonalizada mostrou variação de +2,8% em dezembro. Houve mudança no modelo de dessazonalização que agora indicou enfraquecimento da arrecadação nos meses de setembro a novembro e intensa recuperação em dezembro.

Nos próximos meses, além das 3 parcelas restantes de recolhimentos sobre fundos, o governo espera que comecem a ser registrados os impactos referentes às medidas aprovadas no Congresso. Entre elas estão as menores subvenções de ICMS na base de cálculo de IR/CSLL, apostas esportivas, julgamentos favoráveis ao fisco no CARF e novas transações tributárias.

Quadro 1: Arrecadação de Impostos e Contribuições Federais

Discriminação (R$ bilhões*)	dez-22	nov-23	dez-23	YoY	MoM a.s.	2022	2023	YoY
Imposto de Importação	4.9	4.5	4.5	*-8.8%*	*1.7%*	62.9	55.2	*-12.3%*
IPI	5.6	5.6	6.1	*8.7%*	*2.0%*	69.1	62.7	*-9.3%*
Imposto de Renda	69.7	52.1	73.8	*6.0%*	*0.9%*	755.7	759.6	*0.5%*
IOF	5.4	5.1	5.6	*4.1%*	*-1.8%*	62.5	62.2	*-0.4%*
COFINS	27.6	29.5	30.9	*12.0%*	*0.8%*	332.9	341.3	*2.5%*
PIS/PASEP	7.7	8.0	8.7	*12.8%*	*1.3%*	92.6	94.4	*1.9%*
CSLL	9.6	9.9	9.0	*-6.6%*	*0.2%*	176.0	159.9	*-9.2%*
CIDE Combustíveis	0.0	0.2	0.3	*21703.9%*	-	1.5	1.3	*-17.1%*
Outros	12.6	15.2	13.3	*5.8%*	-	216.2	200.6	*-7.2%*
Previdência	76.8	50.2	79.0	*2.9%*	*0.4%*	590.8	620.3	*5.0%*
TOTAL	**219.9**	**180.4**	**231.2**	***5.1%***	***2.8%***	**2,360.4**	**2,357.6**	***-0.1%***

*a preços do último mês
Fonte: Receita Federal



Reforma Tributária: aumento das alíquotas modais do ICMS para 2024 é preocupante

Revogar as medidas de aumento e o retorno de alíquotas do final de 2022 podem ser possíveis soluções

As discussões sobre a Reforma Tributária têm sido constantes ao longo das últimas décadas por políticos e especialistas. No último dia 20, após uma longa jornada, o Congresso Nacional promulgou a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que poderá simplificar a tributação de diversas categorias e setores brasileiros. Mesmo com o avanço para um caminho de simplificação, as autoridades ainda alertam para aumento das alíquotas modais do ICMS para 2024.

O presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT), João Eloi, explica que grande parte dos estados brasileiros aumentaram suas alíquotas modais internas em 2023 e ainda mais para 2024. "Alegam perdas da arrecadação, a partir de 2022, ainda no governo Bolsonaro, em virtude da diminuição, por lei federal das alíquotas dos combustíveis, energia elétrica e telecomunicações.

A alegação principal para o aumento neste ano é de que, na reforma tributária aprovada no Senado Federal, as médias de reposição de perdas dos estados seriam através de médias de arrecadação dos anos 2024 a 2028, sendo que essa medida não foi aprovada no texto final, caindo por terra essa alusão. Mesmo assim, várias unidades da federação estão se negando a voltar atrás nos aumentos. Isso demonstra que, na verdade, a intenção era apenas realmente arrecadar mais", alerta.

O especialista ainda ressalta que que na prática essas majorações não representam, na maioria dos casos mais receitas, em virtude de que os acréscimos são repassados nos preços dos produtos finais, gerando um menor consumo e, consequentemente, faturamentos menores, que são base de cálculo para esse tributo.

Ao ser questionado pelas soluções referentes ao que se foi alertado, Eloi pondera que poderiam revogar as medidas de aumentos e voltarem a praticar alíquotas do final de 2022. "Sem contar que irão tornar os preços ao usuário final mais atrativos ao consumidor, aumentando o consumo e a arrecadação, terão tributação menor e com mais condições de receberem investimentos de empresas do Brasil e do exterior", finaliza.

O Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT) foi fundado em 1992, com o objetivo inicial de congregar estudiosos das ciências jurídica, contábil, social e econômica para debater sobre temas relacionados ao planejamento tributário. Desde sua fundação, o IBPT se dedica ao estudo do complexo sistema tributário no país, sendo reconhecido pela adoção de uma linguagem clara e precisa à sociedade sobre a realidade tributária brasileira. O IBPT também lançou bases e fundamentos para viabilizar a lógica da transparência fiscal, promovendo conscientização tributária.

MP que reonera folha de pagamentos não traz só insegurança jurídica: antes, é inconstitucional

Medida anunciada no fim do ano passado aumenta custos, diminui margem de geração de empregos e limita planejamento tributário das empresas brasileiras

A Medida Provisória (MP) nº 1.202/2023, editada nos últimos momentos do ano passado pelo governo, não traz apenas insegurança jurídica às empresas e aos contribuintes: ela é, antes disso, inconstitucional. Em primeiro lugar, porque faz com que as empresas entrem em um cenário de imprevisibilidade para o planejamento das operações daqui em diante e, em segundo, porque revoga uma decisão tomada com ampla margem de votos no Legislativo, ofendendo claramente o princípio da separação dos poderes.

É por isso que a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) defende que o Congresso Nacional rejeite sumariamente a MP e a devolva ao Executivo, como forma de garantir a separação e independência de cada poder. A FecomercioSP atuará junto ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e às várias lideranças partidárias do Legislativo reforçando o impacto negativo da Medida Provisória sobre o setor produtivo.

A Federação também integra uma ampla coalizão – ao lado das Confederações Nacionais do Comércio, Bens, Serviços e Turismo (CNC), da Agricultura e Pecuária (CNA), da Indústria (CNI) e do Transporte (CNT) – contra a reoneração da folha de pagamentos.

IMPACTOS DA MP

A MP trouxe três mudanças para as empresas do País: limitou o valor dos créditos tributários oriundos de decisões judiciais que elas podem usar para pagar outros tributos; cortou boa parte da isenção tributária para o setor de eventos e reonerou as folhas de pagamentos de 17 setores com índices significativos de empregabilidade no país, medida que havia sido aprovada pela Lei nº 14.784/2023. Dessas, apenas a primeira já está em vigor, atingindo negócios que possuem mais de R$ 10 milhões em créditos, mas as regras ainda serão divulgadas pelo Ministério da Fazenda.

No caso da reoneração da folha, as alíquotas variam de 10% a 15% e terão validade apenas sobre a parcela dos salários que correspondem a um salário-mínimo. Isso significa que, dependendo dos recursos pagos aos colaboradores, o montante adicional terá incidência de 20%. Além disso, as alíquotas subirão gradativamente até 2028. A medida entrará em vigor em abril.

Para a FecomercioSP, além das questões institucionais, a Medida Provisória é inadequada por ter sido editada sem nenhum diálogo com o setor produtivo, que, por sua vez, será afetado imediatamente pelas mudanças. Chama a atenção, aliás, o dispositivo usado pelo governo para fazer as alterações, uma vez que inexiste urgência e relevância desta agenda. Mais do que isso: o Congresso Nacional já havia aprovado um Projeto de Lei nesse sentido e, então, a MP desrespeita uma decisão tomada democraticamente no parlamento.

Para as empresas, a MP 1.202/2023 significará entrar em 2024 com mais custos, restrições tributárias e insegurança para a execução do planejamento no que se refere à geração de empregos e investimentos. O setor de eventos, principalmente, sofrerá efeitos mais graves, considerando que é um dos que ainda estão se recuperando dos prejuízos decorrentes da pandemia da Covid-19.

Mesmo a limitação dos créditos tributários é preocupante, porque viola o direito reconhecido pelo Judiciário de as empresas terem suas compensações sem nenhum tipo de entrave. A medida vai contra a Constituição Federal, além do mais, porque esse tipo de mudança só poderia ser realizada por meio de Lei Complementar.

A medida, na verdade, é mais um capítulo de uma discussão mais ampla sobre a deterioração das contas públicas do governo – conforme alertado pela FecomercioSP nos últimos meses. No anúncio da MP, o Ministério da Fazenda argumentou que a decisão foi tomada para cumprir a meta fiscal desse ano, considerando que há uma limitação da base de recolhimento do governo oriunda de decisões passadas.

Como solução para esse problema, a Federação defende a adoção de medidas de controle das despesas. É por isso, inclusive, que a agenda de uma Reforma do Estado deve estar no centro do debate sobre o Brasil neste ano, de forma que pautas como a qualidade do gasto público seja aperfeiçoada e os setores produtivos estejam dentro de um sistema tributário justo e coerente.

A FecomercioSP reúne líderes empresariais, especialistas e consultores para fomentar o desenvolvimento do empreendedorismo. Em conjunto com o governo, mobiliza-se pela desburocratização e pela modernização, desenvolve soluções, elabora pesquisas e disponibiliza conteúdo prático sobre as questões que impactam a vida do empreendedor. Representa 1,8 milhão de empresários, que respondem por quase 10% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e geram em torno de 10 milhões de empregos.

Minas Gerais registra R$ 942,6 milhões em investimentos de empresas incentivadas pela Sudene em 2023

Balanço divulgado hoje pela instituição registra 43 pleitos aprovados pela Diretoria Colegiada no estado

A Sudene, em 2023, superou os números do ano anterior na concessão de incentivos fiscais para os 11 estados da sua área de atuação. Foram 653 pleitos de aprovados (alta de 45%) pela Diretoria Colegiada e atração de R$ 34,2 bilhões, volume 51% maior que os R$ 22,6 bilhões registrados em 2022. As empresas incentivadas pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste empregaram 314 mil profissionais no ano passado.

"Esses dados evidenciam a retomada do nosso prestígio junto ao setor produtivo. Os empreendedores passaram a enxergar a Sudene como uma parceira importante para consolidar negócios em meio às oportunidades diferenciadas que o Nordeste pode oferecer a vários segmentos da economia nacional", avalia o superintendente Danilo Cabral. Os incentivos fiscais são um dos principais instrumentos de ação da instituição, que também administra o FDNE (Fundo de Desenvolvimento do Nordeste) e define as diretrizes do FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste).

As empresas instaladas em Minas Gerais divulgaram investimentos de R$ 942,6 milhões garantindo 32.581 postos de trabalho. No total, foram 43 pleitos em 2023. No ano anterior, o estado teve 41 demandas aprovadas, que registraram R$ 4,4 bilhões em investimentos. Os maiores foram das empresas Cemig Distribuição (R$ 246,3 milhões), Nestlé Brasil (R$ 155,8 milhões) e Cemig Geração e Transmissão (R$ 112,2 milhões). As duas primeiras estão instaladas em Montes Claros e a outra, em Berilo.

Considerando os dados globais, os setores que representaram o maior volume de investimentos foram o de infraestrutura (R$ 11 bilhões), o petroquímico (R$ 9,4 bilhões), o de alimentos e bebidas (R$ 2,3 bilhões), o siderúrgico (R$ 2,2 bilhões) e o químico (R$ 1,8 bilhão).

"Fizemos um grande esforço para divulgar nossos instrumentos de atração de investimentos para a região no último ano, promovendo o desenvolvimento regional com a ampliação da geração de empregos e renda para a população. O número de pleitos de incentivos fiscais aprovados em 2023 é resultado dessa ação", afirma o diretor de Gestão de Fundos e Incentivos Fiscais da Sudene, Heitor Freire. Outro aspecto que contribuiu para o aumento da demanda por incentivos foi o prazo para a concessão de benefícios fiscais.

A lei previa que os incentivos da Sudene só poderiam ser concedidos até 31 de dezembro de 2023. Então, houve uma "corrida" das empresas para apresentação de pleitos. Com a sanção da lei 14.753/23, esse benefício foi prorrogado até 2028. "É preciso destacar que o prazo de fruição dos nossos incentivos é de 10 anos", acrescentou Heitor Freire.

As empresas incentivadas instaladas na Bahia e em Pernambuco investiram R$ 6,8 bilhões (em cada estado) em 2023. Em seguida, aparecem Sergipe (R$ 4,7 bilhões), Maranhão (R$ 4,2 bilhões), Espírito Santo (R$ 3,4 bilhões), Ceará (R$ 3,1 bilhões), Piauí (R$ 1,5 bilhão), Alagoas (R$ 1,2 bilhão), Rio Grande do Norte (R$ 891 milhões) e Paraíba (R$ 311 milhões).

O coordenador-geral de Incentivos e Benefícios Fiscais e Financeiros, Silvio Carlos do Amaral e Silva, explica que existem três modalidades de incentivos oferecidos pela Sudene: isenção do IRPJ, redução de 75% do IRPJ e reinvestimentos de IRPJ. As duas primeiras podem ser para projetos de implantação, modernização, ampliação ou diversificação de empreendimentos. "Um dos critérios mais importantes é que as empresas devem ser optantes da tributação com base no lucro real, para efeito de fruição deste benefício fiscal", ressaltou.

Do campo à mesa: como evitar o desperdício

Conectando produtores e restaurantes com eficiência tecnológica, estratégia de foodtech simplifica a cadeia de abastecimento gerando soluções de ponta a ponta

No bilionário cenário do agronegócio, a trajetória dos alimentos é permeada por desafios logísticos e, cada vez mais, soluções tecnológicas inovadoras. Para se ter uma ideia da importância dessa cadeia de distribuição, dados do IBGE mostram que foram produzidas mais de 318,1 milhões de toneladas de alimentos no Brasil até setembro deste ano, destacando o país como um dos principais produtores de alimentos do mundo.

A grande questão é que para os produtos chegarem até as mesas dos lares e restaurantes é preciso de um esquema logístico eficiente e moderno. Os dados da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA) comprovam. Com mais de 1,5 milhão de estabelecimentos espalhados pelo país e um movimento estimado em R$ 220 bilhões somente neste ano, o setor de food service é vital para a economia brasileira, mas ainda é campeão em desperdícios. De acordo com um estudo da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), o desperdício de comida em restaurantes representa cerca de 10% do total de alimentos produzidos no mundo. No Brasil, o desperdício de alimentos em restaurantes é estimado em cerca de 6 mil toneladas por ano.

"O desafio da alimentação no país está não só na produção em larga escala, mas também na necessidade de lidar de maneira inteligente com o desperdício alarmante. Com o uso de tecnologia, podemos aprimorar a eficiência operacional na cadeia de abastecimento, reduzindo para apenas 0,8% de perda dos alimentos",

destaca Otávio Pimentel, Country Manager da Frubana, foodtech especializada no uso de tecnologia para conectar pequenos produtores a restaurantes gerando soluções no abastecimento da indústria de alimentos na América Latina.

Em 2022, o Brasil foi responsável por produzir impressionantes 300 milhões de toneladas de alimentos, destacando-se na produção de soja, milho, cana-de-açúcar, carne bovina e leite. Além de ser também um dos maiores produtores de frutas, verduras e legumes.

Segundo Otávio Pimentel, "a dualidade brasileira está exatamente no país ser campeão na produção e no desperdício de alimentos ao mesmo tempo. Ela fica evidente ao analisar que das 37 milhões de toneladas de resíduos orgânicos produzidos anualmente, apenas 1% é reaproveitado.", comenta.

A logística da entrega de alimentos do campo à mesa abrange três estágios cruciais: a produção, a armazenagem e a distribuição. E é nessa jornada que se encontram os grandes desafios. De acordo com a FAO, as perdas e desperdícios no Brasil são estimados em cerca de 40% de toda a produção alimentar, sendo causados por fatores como danos na produção, armazenamento inadequado e problemas no transporte.

No panorama do agronegócio brasileiro, a ascensão do uso de tecnologia se destaca como uma resposta dinâmica a estes desafios contemporâneos. O setor tem testemunhado um crescimento no emprego de soluções inovadoras para abordar questões cruciais relacionadas à produtividade, sustentabilidade e segurança alimentar. Segundo um estudo da consultoria McKinsey, o Brasil também é o campeão global em investimentos tecnológicos no agronegócio, ao investir aproximadamente US$ 10 bilhões nesse segmento somente em 2023.

"Essa iniciativa evidencia o compromisso do país em impulsionar a eficiência, inovação e sustentabilidade em sua produção agrícola, contribuindo para a construção de uma base sólida para o futuro. Somente por meio de uma abordagem tecnológica é possível oferecer uma resposta a altura desses desafios." destaca Otávio Pimentel.

Ao utilizar Inteligência Artificial (IA) para otimizar rotas de transporte, prever a demanda e reduzir as perdas, o uso da tecnologia tem se mostrado vantajoso para as duas pontas do negócio. Enquanto a Internet das Coisas monitora as condições de armazenamento e deslocamento, a robótica é empregada para automatizar tarefas, desde a colheita até o empacotamento.

A estratégia vai de acordo com o último relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) que descobriu que o uso de inteligência artificial para identificar alimentos excedentes pode reduzir o desperdício de alimentos em até 70%.

O setor de food service tem um papel vital na economia, e é nesse contexto que a eficiência logística se torna imperativa. A revolução tecnológica não está apenas em levar os alimentos até as mesas, mas também criar um futuro mais sustentável para a indústria alimentícia.

Fundada por Fábian Gutiérrez, a Frubana é uma foodtech colombiana que está revolucionando a indústria de alimentos na América Latina. Especializada em conectar pequenos produtores a restaurantes, a empresa tem experimentado um crescimento notável, a partir do uso de tecnologia para garantir a logística das entregas. Com uma presença significativa no mercado brasileiro, que responde por mais da metade de seus negócios e uma abordagem focada na eficiência operacional, qualidade dos produtos e uso de tecnologia avançada, a Frubana está comprometida em transformar a maneira como a região lida com a cadeia de abastecimento de alimentos, buscando tornar os alimentos mais acessíveis e sustentáveis.

Brasil exportou 39,2 milhões de sacas de café em 2023

Continuidade de entraves logísticos interferiu no desempenho, que poderia ser até 2 milhões de sacas superior

Embarques de canéforas disparam 212% e têm segunda melhor performance da história; China se destaca e sobe para 6º lugar no ranking dos principais destinos

O Brasil exportou 39,247 milhões de sacas de 60 kg de café em 2023, volume praticamente estável (-0,4%) em relação aos 39,410 milhões aferidos em 2022. Em receita cambial, houve recuo de 13% no comparativo anual, com os embarques tendo rendido US$ 8,041 bilhões em todo o ano passado. Os dados fazem parte do relatório estatístico mensal do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

Em dezembro de 2023, as remessas ao exterior do produto somaram 4,116 milhões de sacas, gerando US$ 800,1 milhões, o que representa altas de 27,1% em volume e de 11,6% em receita frente ao último mês de 2022.

No acumulado dos seis primeiros meses do ano safra 2023/24, as exportações brasileiras de café totalizam 22,993 milhões de sacas, aferindo crescimento de 18,5% ante o registrado entre julho e dezembro de 2022. No mesmo intervalo, a receita cambial registra recuo de 2,2%, chegando a US$ 4,488 bilhões.

Segundo o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, o desempenho dos embarques no ano passado é positivo diante dos entraves que toda a cadeia produtiva vivenciou. "O primeiro semestre foi marcado por exportações mais contidas devido à menor disponibilidade de café após duas safras – 2021 e 2022 – menores impactadas por adversidades climáticas. Além disso, o segmento exportador continua enfrentando entraves logísticos,

o que impacta a performance. Sem essas questões da logística, provavelmente exportaríamos até 2 milhões de sacas a mais", projeta.

No ano passado, houve atraso nas embarcações de café em todos os 12 meses. Conforme o Boletim Detention Zero (DTZ), elaborado pela ElloX Digital em parceria com o Cecafé, somente em dezembro foram registradas alterações em 76% das escalas de navios no Porto de Santos (SP), atingindo o segundo maior índice em 2023, atrás somente dos 81% apurados em novembro.

O boletim também indica que, no mês passado, apenas 15% dos procedimentos de embarque tiveram prazo superior a quatro dias de gate aberto por navios. Outros 52% possuíram entre três e quatro dias e 32% tiveram menos de dois dias.

Ferreira, contudo, reforça o desempenho como positivo, principalmente, pela disparada das exportações dos cafés canéforas, que subiram 212% em 2023. "Essa safra foi melhor que as duas anteriores, o que ajudou na performance dos embarques. Destaco, em especial, a puxada do conilon e do robusta, cujas remessas ao exterior superaram 4,7 milhões de sacas, o segundo melhor desempenho na história, ficando atrás somente de 2020, quando o Brasil colheu safra recorde", compara.

TIPOS DE CAFÉ

Nos 12 meses do ano passado, o café arábica foi o mais exportado, com 30,818 milhões de sacas, o que corresponde a 78,5% do total. A va-

riedade canéfora (conilon + robusta) teve 4,708 milhões de sacas embarcadas no período, com representatividade de 12%, acompanhada pelo segmento do solúvel, com 3,671 milhões de sacas (9,4%), e pelo produto torrado e torrado e moído, com 50.377 sacas (0,1%).

PRINCIPAIS DESTINOS

Os Estados Unidos foram o principal destino dos cafés do Brasil de janeiro a dezembro do ano passado, apesar da queda de 24,2% na comparação com as aquisições realizadas em 2022. Os norte-americanos importaram 6,067 milhões de sacas, montante que representou 15,5% dos embarques totais.

A Alemanha, com representatividade de 12,8%, adquiriu 5,014 milhões de sacas (-26,7%) e ocupou o segundo lugar no ranking. Na sequência, vêm Itália, com a compra de 3,131 milhões de sacas (-6,8%); Japão, com 2,386 milhões de sacas (+27,4%); e Bélgica, com 2,201 milhões de sacas (-24,6%).

FATOR CHINA

Ao longo de 2023, a China sinalizou que alçaria voos mais altos no consumo de café, tendo superado, inclusive, os EUA como o maior mercado de cafeterias de marca no mundo, com 49.690 pontos de venda, de acordo com análise do World Coffee Portal.

No ano passado, a potência asiática saltou para o sexto lugar no ranking dos principais parceiros comerciais dos cafés do Brasil, importando 1,480 milhão de sacas, volume que representa um substancial crescimento de 278,6% frente aos 12 meses de 2022. Um ano antes, os chineses haviam importado 390.879 sacas e ocupavam apenas a 20ª posição na tabela.

Do sétimo ao décimo lugares, aparecem, respectivamente, Turquia, com 1,365 milhão de sacas (+30,6%); Reino Unido, com 1,298 milhão de sacas (+64%); Holanda (Países Baixos), com 1,233 milhão de sacas (+34,6%); e a Colômbia, com 1,162 milhão de sacas (-32,6%).

Quando se analisa as importações realizadas por outros países produtores, observam-se significativos avanços nos embarques realizados para México (+500,7%), Vietnã (+487,7%), o segundo maior produtor do mundo, atrás do Brasil; e Indonésia (+134,9%).

"Esses dois países asiáticos ampliaram as compras dos cafés brasileiros devido a quebras de safra que sofreram e à necessidade do conilon e do robusta nacionais para suprirem essa baixa. Já os mexicanos importam nossos cafés verdes para processamento industrial voltado ao consumo interno e a importantes reexportações, principalmente de café solúvel", revela Ferreira.

Com o desempenho aferido nas exportações para China, Japão, Vietnã, Indonésia e Turquia, a Ásia totalizou a importação de 8,819 milhões de sacas (22,5% do total), ampliando em 46,2% suas compras frente a 2022 e ocupando o segundo lugar no ranking por continentes, que é liderado pela Europa, com a aquisição de 18,839 milhões de sacas (-7,9%) e representatividade de 48%. A América do Norte fecha o top 3 com a importação de 7,306 milhões de sacas (-18,1%) e share de 18,6%.

CAFÉS DIFERENCIADOS

Os cafés que possuem qualidade superior ou certificados de práticas sustentáveis responderam por 17,8% das exportações totais brasileiras do produto no acumulado de 2023, com o envio de 6,968 milhões de sacas ao exterior. Esse volume representa aumento de 4% frente ao registrado entre janeiro e dezembro de 2022.

O preço médio do produto foi de US$ 227,47 por saca, gerando uma receita cambial de US$ 1,585 bilhão nos 12 meses do ano passado, o que corresponde a 19,7% do obtido com os embarques totais de café. No comparativo anual, o valor é 15,9% inferior ao aferido no ano retrasado.

No ranking dos principais destinos dos cafés diferenciados em 2023, os EUA ocuparam o primeiro lugar, com a aquisição de 1,477 milhão de sacas, o equivalente a 21,2% do total desse tipo de produto exportado.

Fechando o top 5, aparecem Alemanha, com 1,121 milhão de sacas e representatividade de 16,1%; Bélgica, com 678.912 sacas (9,7%); Holanda (Países Baixos), com 442.206 sacas (6,3%); e Reino Unido, com 321.051 sacas (4,6%).

PORTOS

O Porto de Santos (SP) foi o principal exportador dos cafés do Brasil em 2023, com o embarque de 28,157 milhões de sacas, o que representa 71,7% do total. Na sequência, aparece o complexo marítimo do Rio de Janeiro, que responde por 24,3% das exportações ao ter remetido 9,545 milhões de sacas, e o Porto de Paranaguá (PR), com a exportação de 521.102 sacas e representatividade de 1,3%.

Fundado em 1999, o Cecafé representa e promove ativamente o desenvolvimento do setor exportador de café nos âmbitos nacional e internacional. A entidade oferece suporte às operações do segmento por meio do intercâmbio de inteligência de dados, ações estratégicas e jurídicas, além de projetos de cidadania e responsabilidade socioambiental. Atualmente, possui 120 associados, entre exportadores de café, produtores, associações e cooperativas no Brasil, correspondendo a 96% dos agentes desse mercado no país.

Os dez maiores portos do mundo e como eles são fundamentais para o comércio exterior

O modal marítimo responde por cerca de 90% da movimentação de cargas no mundo. Não é à toa, portanto, que os portos têm papel fundamental no comércio internacional

De acordo com Helmuth Hofstatter, CEO e fundador da Logcomex, empresa que oferece tecnologia para o comércio exterior por meio de uma plataforma completa end-to-end, ajudando gestores a planejar, monitorar e automatizar o seu supply chain, os dez maiores portos do mundo controlam grande parte da movimentação financeira no comex. "A maior parte desses portos está na China, o que se deve a uma combinação de fatores estratégicos, econômicos e geográficos", afirma.

OS DEZ MAIORES PORTOS DO MUNDO CONSIDERANDO-SE VALORES DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO:

XANGAI (CHINA)

O maior porto do mundo está em Xangai e movimentou, em 2022, mais de 47 milhões de TEUs em tráfego. "Esse porto serve o Delta do Rio Yangtze, que é o maior centro econômico da China e alberga a maior concentração de produção avançada, de acordo com a CCID Consulting", explica Hofstatter.

CINGAPURA (CINGAPURA)

O segundo colocado no ranking movimenta mais de 37 milhões de TEUs em razão de sua localização, que permite a seu porto servir como o maior centro de transbordo do mundo. "As mercadorias produzidas em outros lugares da Ásia são descarregadas em navios maiores em Singapura e enviadas para a Europa, aproveitando

a eficiência e a profundidade do porto", afirma o CEO da Logcomex.

NINGBO-ZHOUSHAN (CHINA)

O terceiro maior porto do mundo tem movimentação de 33,35 milhões de TEUs e serviu como alternativa ao porto de Xangai quando a cidade foi atingida pelos bloqueios da COVID. Além disso, a região ao redor é um importante polo industrial e comercial.

SHENZHEN (CHINA)

A área do porto, Delta do Rio das Pérolas, abrigou a primeira zona econômica especial da China, uma ilha onde o país poderia experimentar abertura econômica. "É através do porto de Shenzhen que os produtos manufaturados chineses são despachados e iniciam a sua viagem para o resto do mundo", conta Hofstatter. O porto movimentou 30,03 milhões de TEUs em 2022.

QINDAO (CHINA)

Com movimentação de 25,67 milhões de TEUs, este porto se localiza na terceira maior província da China em termos de PIB, tendo recebido investimentos diretos de países como Japão e Coreia do Sul. Tem ampla variedade de capacidades de movimentação de carga, como carvão, minério de ferro, petróleo bruto e contentores.

GUANGZHOU (CHINA)

Localizado em uma das cidades mais ricas da China, também serve outras megacidades. Em 2022, sua movimentação totalizou 24,863 milhões de TEUs. Entre suas principais exportações estão o chá, a seda, o papel, o cobre, o ferro, o ouro e a prata.

BUSAN (COREIA DO SUL)

Tendo movimentado 22,08 milhões de TEUs, Busan possui instalações logísticas avançadas, contribuindo para sua reputação como importante centro logístico e comercial. Além disso, sua capacidade de lidar com grandes volumes de carga e a eficiência nas operações solidificam sua posição entre os maiores portos do mundo.

TIANJIN (CHINA)

Maior porto do norte da China, Tianjin serve a capital Pequim, além dos portos secos em todo o interior do país asiático, que estão ligados por meio de uma extensa rede ferroviária. Com movimentação de 22,02 milhões de TEUs, o porto de Tianjin também está conectado a uma extensa rede de transporte terrestre, que inclui ferrovias e rodovias.

HONG KONG (CHINA)

Movimentou 16,69 milhões de TEUs ao longo de 2022 e se mantém como uma das artérias fundamentais que ligam a potência asiática ao resto do mundo. "É conhecido por sua importância histórica e como um centro financeiro e de comércio exterior", define Hofstatter.

ROTTERDAM (HOLANDA)

Situado na desembocadura do rio Reno, é um ponto crucial para o comércio internacional na Europa, abrigando uma ampla variedade de instalações, que incluem terminais especializados para contêineres, carga a granel, produtos químicos e petróleo. Movimentou mais de 14 milhões de TEUs em 2022.

Criada em 2016, a Logcomex desenvolve soluções de tecnologia e oferece uma plataforma que auxilia as empresas no planejamento, monitoramento e automatização do supply chain global. A maior startup de comércio exterior do Brasil conta com aproximadamente 300 colaboradores, e está presente em mais de 11 países espalhados por cinco continentes.

A empresa oferece soluções como visibilidade em tempo real, eficiência na gestão de ponta a ponta da operação e informações estratégicas para negócios que atuam no comércio exterior.

Indústria mineira avança, de olho na sustentabilidade

Industrialização e sustentabilidade podem andar juntas e na mesma direção. Pelo menos é o exemplo que o estado de Minas Gerais vem dando ao mundo. A indústria mineira gera, por ano, R$ 166 bilhões, o que equivale a 11,2% da indústria de todo o Brasil. Com destaque para o setor de mineração, que representa 17,2% de toda a atividade do estado.

Para desmistificar a ideia de que a mineração destrói o meio ambiente, o presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais (FIEMG), Flávio Roscoe, apresentou um estudo que analisou 500 mil hectares onde são desenvolvidas atividades de mineração. Segundo a entidade, os resultados mostram que, nos municípios onde há extração mineral, 53% da mata nativa está preservada.

Roscoe avalia que os dados provam que a mineração não está relacionada à devastação ambiental. Só nas áreas de mineração temos 54 milhões de toneladas de CO2 estocadas nas áreas preservadas. Esse estoque é equivalente a dois anos e meio da emissão de gases CO2 de toda a indústria mineira."

INVESTIMENTO E PESQUISA

Para ajudar as empresas a cumprir compromissos globais de baixa emissão de gases de efeito estufa, a FIEMG lançou o primeiro Centro de Tecnologia e Descarbonização da América Latina (CIT/Senai). A iniciativa tem apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que incentiva a descarbonização do setor por meio de estratégia focada em 4 pilares: transição energética, mercado de carbono, economia circular e conservação florestal.

A construção do centro contou com investimento de R$ 34 milhões, além de mais R$ 175 milhões em projetos. O CIT/Senai vai atuar em quatro eixos: biocombustíveis e combustíveis sustentáveis; implementação de tecnologias de hidrogênio; captura e utilização de CO2 e inovação na produção de aço.

"O que nós queremos é, em conjunto com as indústrias, desenvolver as tecnologias aplicadas aos setores industriais de Minas Gerais que sejam disruptivas e permitam com que as empresas atinjam a meta até 2050", enfatiza o presidente da FIEMG.

Fonte: Brasil 61 – Lívia Braz

Cooperativismo de crédito cresce e impulsiona a economia brasileira

O cooperativismo de crédito continua crescendo no Brasil. Segundo dados do Banco Central, divulgados em setembro de 2023, o segmento fechou o ano anterior com números maiores do que a média do setor financeiro brasileiro. Em ativos, foram movimentados R$ 590 bilhões, um crescimento de 29%; em passivos, foram R$ 383 bilhões, o que aponta um crescimento de 22%. Já o montante em depósitos atingiu R$ 358 bilhões, um aumento de 30% em 2022.

Esses números reforçam que o cooperativismo de crédito se tornou um importante instrumento impulsionador da economia. As cooperativas estão presentes em cerca de 300 municípios que não têm bancos, por exemplo. O Anuário Coop 2023 divulgou que, onde essas iniciativas atuam, há um incremento na arrecadação de impostos, na geração de empregos, na educação e na promoção social. Em 2022, foram arrecadados mais de R$ 19 bilhões em tributos nos cofres públicos e mais de R$ 25 bilhões referentes ao pagamento de salários e de outros benefícios destinados a colaboradores.

De acordo com Roberta Souza Caldas, presidente da Cooperativa de Crédito dos Empresários e Empregados dos Transportes e Correios do Sul do Brasil (Transpocred), que atua na área desde 2006, "a diferença do cooperativismo está na proximidade, no relacionamento com o cooperado. Na intenção genuína de conhecer a necessidade dele e querer de fato contribuir". Assim como os bancos comerciais, as cooperativas são reguladas pelo Banco Central e oferecem o mesmo tipo de serviço. Porém, a maior diferença é que as cooperativas não são constituídas sob sociedade anônima, portanto não visam ao lucro. "No nosso modelo de negócio, todos os cooperados são considerados donos e têm acesso ao resultado da cooperativa proporcionalmente à sua movimentação", conta Roberta.

Pelo Banco Central, o cooperativismo tem sido visto a partir da ótica da inclusão financeira, também porque atua em regiões onde os bancos não chegam. "É muito comum os bancos privados colocarem recursos fora do Brasil. Todo recurso que as cooperativas geram na comunidade fica na própria comunidade", reforça a presidente da Transpocred. Assim, essas instituições têm condições de dar apoio à comunidade e de oferecer orientação financeira e atendimento direcionado.

Segundo Roberta, outro órgão governamental que confirmou o avanço e a importância do cooperativismo é o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). "Hoje, o cooperativismo repassa 80% da Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame). Acredito que esse percentual e essa efetividade estão conectados à relação de confiança que a gente mantém com o cooperado. Isso com certeza dá uma cadência maior e, de certa forma, tem um impacto direto nos programas que o governo coloca para investimento e para sustentação da nossa economia".

Dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) ainda mostram que municípios que contam com a presença de cooperativas apresentam um acréscimo de US$ 344,4 por habitante nas exportações, de US$ 121,5 por habitantes nas importações e de US$ 96,2 por habitantes no resultado comercial. "Nós temos, hoje, praticamente todo o portfólio que uma instituição financeira tradicional bancária tem, porém com um custo reduzido. Além disso, todo resultado que a cooperativa gera volta para o cooperado", completa Roberta.

Roberta Caldas é formada em administração e atua como presidente da Cooperativa de Crédito dos Empresários e Empregados dos Transportes e Correios do Sul do Brasil, trabalhando, desde 2006, junto aos cooperados ligados ao ramo de Transporte e suas áreas relacionadas.

Maior fraude do mercado de capitais brasileiro completa um ano e ainda segue em queda de braço

A divulgação do balanço das Americanas revelou rombo de R$ 40 bilhões gerando queda nas ações e prejuízo dos sócios minoritários, que ainda travam luta para serem ressarcidos

No dia 11 de janeiro último, a maior fraude da história do mercado de capitais brasileiro completou um ano. Na oportunidade, foi revelado um rombo de R$ 40 bilhões no balanço da Americanas, que envolveu fraudes e lançamentos indevidos. A consequência foi imediata. As ações da companhia que haviam fechado em R$ 12 despencaram para R$ 2,72 no dia seguinte (12 de janeiro) e, hoje, elas valem menos de R$ 1. Diante da situação, o Instituto Empresa reuniu investidores lesados e ingressou com uma arbitragem, na Câmara de Arbitragem de Mercado (CAM) da B3, que busca responsabilizar a empresa pelas perdas geradas. A iniciativa já obteve uma vitória, mas o imbróglio está longe do fim.

A vitória em questão se refere à decisão da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que determinou, por unanimidade, em julho de 2022, que a Americanas forneça a lista de acionistas ao Instituto Empresa, que vinha reunindo minoritários para se juntar ao processo de arbitragem. Na ocasião, a petição foi feita pelo escritório Mortari Bolico Advogados, que representa o instituto no processo. A determinação foi uma importante conquista para os investidores, pois a partir da listagem o Instituto teve condições de engajar mais pessoas que tiveram perdas de patrimônio por conta da fraude contábil da Americanas.

"Em se tratando de companhias de capital aberto e de investidores

dispersos, somente a própria empresa (no caso, a Americanas) pode fornecer elementos que tornem possível a organização e reunião de eventuais lesados", explica Adilson Bolico, que integra o Escritório Mortari Bolico, responsável pela petição promovida pelo Instituto Empresa, única medida em tramitação que busca indenização aos acionistas.

A lista havia sido solicitada inicialmente à própria companhia, no final de maio, porém a Americanas se recusou a fornecer o material. Eduardo Silva, presidente do Instituto Empresa, lembra que além de não entregar a lista, a Americanas também determinou a derrubada do site www.indenizaamericanas.com, o qual buscava reunir pessoas para participarem do processo de arbitragem. "Trata-se mesmo de algo muito grave, porque fere o direito político dos acionistas exercerem suas pretensões e reclamações", afirma Silva.

REGRAS

A propaganda vigente faz todo investidor acreditar que perder e ganhar investindo em ações na Bolsa de Valores é normal, mas não é bem assim. Existem regras que devem ser seguidas. Entre elas, a apresentação, por parte das empresas, de um balanço contábil elaborado de forma idônea e auditado externamente. A ideia é que os investidores tomem suas decisões com base em dados reais, positivos ou não, disponibilizados pelas corporações listadas na Bolsa. O importante é que as informações sejam verdadeiras.

A Americanas, no entanto, não respeitou essa regra. As práticas fraudulentas provocaram elevadas perdas financeiras aos acionistas minoritários que precificaram as ações de acordo com as informações disponibilizadas pela companhia. Há casos de pessoas que perderam a casa, grande parte do patrimônio e até o casamento. Isso, sem contar aqueles que tiveram prejuízos por investirem em fundos de renda fixa, teoricamente de baixo risco, que estavam expostos a dívidas das Americanas.

Além de responsabilizar a Americanas por não cumprir seus deveres de fornecer informações corretas ao mercado e pedir compensação aos acionistas, o Instituto Empresa e os investidores lesados pedem que os controladores sejam condenados por abuso do poder de controle. Mas a iniciativa não é simples e exige paciência, pois a legislação atual é muito superficial e tende a beneficiar os majoritários.

"Passado um ano da evidenciação das fraudes nas Americanas, apenas a B3 deu uma resposta minimamente satisfatória, com a exclusão da Companhia de índices e do Novo Mercado. A CVM, a despeito de seus esforços, gerará, no máximo, multas que revertem para a União. O Ministério Público Federal, até pela complexidade da matéria, tende a demorar anos para converter inquéritos em denúncias e, então, dar apenas início a um longuíssimo processo criminal", explica Eduardo Silva.

Silva completa, dizendo que os investidores só podem, assim, esperar pela resposta da Arbitragem instaurada pelo Instituto Empresa que é a única via capaz de providenciar reparação pecuniária aos seus danos. "O que se pede é exclusivamente honestidade: se as ações foram vendidas a preços artificiais, cada acionista, cada fundo de pensão e cada fundo de investimento foi induzido em erro. E deve receber a diferença entre o que pagou e o que valia mesmo cada ação", afirma.

RESPONSABILIZAÇÃO DAS AUDITORIAS

Em novembro, o Instituto Empresa resolveu também ingressar com ação contra as empresas de auditoria externa contratadas pela Americanas. Na ocasião, a gigante do varejo publicou o balanço corrigido do último trimestre de 2022, revelando e retificando irregularidades contábeis já reconhecidas pela empresa.

O novo balanço confirmou que as auditorias não apontaram quaisquer ressalvas às contas da companhia por sucessivos resultados que podem mesmo se estender por uma década. A ausência dessas ressalvas – chamadas tecnicamente como 'assuntos de auditoria' – confirma que as auditorias, no mínimo, foram lenientes com as impropriedades graves praticadas por toda a companhia. Esse fato contribuiu diretamente para que os investidores fossem prejudicados.

O Instituto foca na proteção dos interesses dos debenturistas, particularmente dos gestores de fundos de investimento, que confiaram nas auditorias para suas decisões de investimento. "Dada a fraude evidenciada nos novos balanços, os gestores são compelidos a agir em defesa dos seus cotistas", destaca Eduardo Silva.

O advogado Adilson Bolico enfatiza a necessidade de ação concreta dos gestores para obter ressarcimentos em episódios de fraude. "Vale destacar que a situação dos debenturistas é especialmente grave quando se trata de fundos de investimento. Os gestores baseiam-se, expressamente, para sua tomada de decisão em emprestar ou não dinheiro para a companhia, nos balanços e outros documentos auditados. Mesmo o Fundo Verde, conduzido por Luis Stuhlberger, reconheceu que foi enganado também pelo silêncio dos auditores", afirma.

Para Bolico, há um problema estrutural: "a empresa auditada paga o auditor. Se o parecer não sai como esperado pelo controlador da companhia, a auditoria tende a sofrer pressões e ser substituída. É preciso evoluir para um modelo de maior distanciamento e efetiva imparcialidade."

Mercado de armazenamento de energia pode atrair mais de US$ 12,5 bilhões ao ano de investimentos ao País

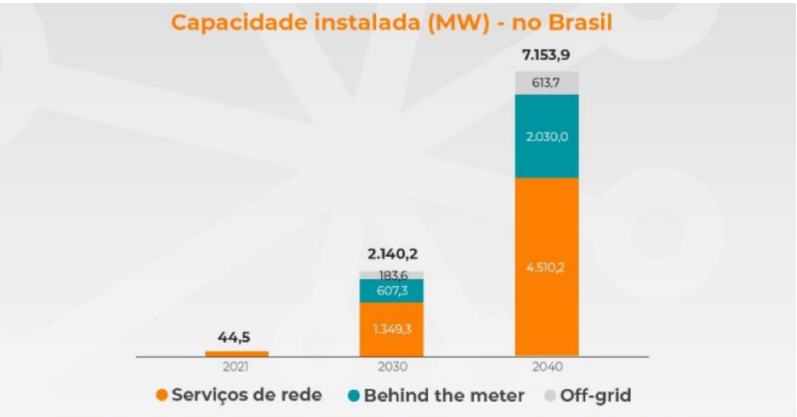
Estudo da CELA (Clean Energy Latin America) indica que aplicação de baterias na geração, transmissão e distribuição de eletricidade pode atingir 7,2 gigawatts (GW) de capacidade instalada até 2040

Segundo estudo inédito da consultoria CELA (Clean Energy Latin America), especializada em assessoria financeira e consultoria estratégica para empresas e investidores do setor de energia renovável no Brasil e no mundo, o mercado de sistemas de armazenamento energético no País deve atingir um crescimento de 12,8% ao ano até 2040, com um incremento de até 7,2 gigawatts (GW) de capacidade instalada no período.

De acordo com as projeções da CELA, o avanço do mercado de baterias a serem incorporadas na infraestrutura de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica no País pode movimentar mais de US$ 12,5 bilhões anuais, considerando as regulamentações atuais. No entanto, pela análise da consultoria com incentivos adequados, regulamentações bem definidas e metas estabelecidas, esse potencial poderia ser ampliado para além dos 7,2 GW previstos e alcançar valores de até 18,2 GW, sem considerar o potencial dos chamados sistemas behind the meter, que são instalações particulares em indústrias, comércios, propriedades rurais e residências.

Na visão da CELA, o uso de baterias representa um dos principais motores para a ampliação das fontes de energia limpa e sustentável, dadas suas múltiplas aplicações e inúmeros benefícios, podendo ser um dos grandes catalisadores para a consolidação da transição energética no País.

POTENCIAL DE SISTEMAS DE ARMAZENAMENTO DE ENERGIA NO BRASIL



"No entanto, alcançar níveis desejados de crescimento no Brasil exigirá a implementação de metas claras para sistemas de armazenamento, investimentos em pesquisa e desenvolvimento, consolidação de regulamentações e estabelecimento de ajustes fiscais", comenta Camila Ramos, CEO da CELA. "Isso inclui, por exemplo, a definição de tarifas para serviços auxiliares e o empilhamento de receitas, o que pode contribuir significativamente para a redução dos custos de implantação dos sistemas e aumentar a atratividade financeira dos projetos", acrescenta.

Assim, na avaliação da CELA, a implementação de regulamentações, estabelecimento de metas e oferecimento de incentivos desempenham um papel crucial no desenvolvimento do setor de armazenamento de energia. "A definição do arcabouço regulatório para um agente armazenador é de extrema importância, dada a ampla gama de aplicações desses sistemas. Tais regras podem desempenhar um papel fundamental na determinação dos custos e receitas associados aos sistemas de armazenamento, aspectos cruciais para viabilizar sua operação de forma eficaz e atrativa no cenário energético brasileiro", conclui Camila

A CELA – Clean Energy Latin America é uma butique de investimentos que presta assessoria financeira e consultoria estratégica a empresas e investidores do setor de energia renovável e transição energética na América Latina. É especializada nos setores de energia eólica, solar fotovoltaica, armazenamento de energia e hidrogênio verde. Trabalha com planos de negócios, a análise de viabilidade de projetos, captação de recursos, M&A, project finance estruturação financeira de PPAs no mercado livre e regulado.

Consumidor busca imóveis de luxo como investimento imobiliário

Isso explica o aumento nas vendas desta fatia do mercado. Unidades são procuradas na expectativa de valorização

O Brasil vive um bom momento na comercialização de imóveis de médio e alto padrão. No ano de 2022, por exemplo, essa fatia do mercado teve salto de 67,8% nas vendas em relação ao ano de 2021, conforme dados da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc). Em 2023, até setembro, o aumento foi de 18,9% na comparação com os nove primeiros meses do ano anterior. Quando são analisados os valores comercializados nos nove primeiros meses do ano, houve aumento de 13% na comparação com o período de janeiro a setembro de 2022.

Segundo a Abrainc, o aumento identificado é reflexo da procura dos consumidores por unidades de luxo que possam se valorizar no futuro. Isso significa, conforme a instituição do setor, que os imóveis de médio e alto padrão são vistos como oportunidade de investimento.

Conforme o engenheiro civil Mauricio Wildner da Cunha, da Construtora Andrade Ribeiro, para analisar esses números é necessário sempre lembrar que, em geral, os imóveis de diferentes padrões têm se tornado investimentos seguros no Brasil. "Adquirir um imóvel no Brasil significa ver esse bem valorizar com o passar dos anos. Isso é ainda mais evidente quando falamos em unidades de médio e alto padrão, devido às qualidades construtivas, localização e acesso a serviços nas áreas urbanizadas", explica.

O montante comercializado nos nove primeiros meses de 2023 mostra o potencial desta fatia do mercado devido a esse interesse em investimentos. Ao todo, de acordo com os dados da Abrainc, foram vendidas no período 31.230 unidades de médio e alto padrão, com movimentação financeira de R$ 14,4 bilhões. Quando se comparam esses números com as unidades mais populares, do programa Minha Casa, Minha Vida, neste caso 78.880 imóveis foram vendidos. O número, apesar de ser mais que o dobro dos imóveis de luxo vendidos,

representa R$ 17 bilhões em comercialização, somente 18% a mais.

O QUE ATRAI UM CONSUMIDOR

O engenheiro civil argumenta que um dos fatores que chama a atenção de um investidor em imóveis de médio e alto padrão é o que a região em que a unidade foi construída pode oferecer ao futuro morador ou inquilino. "Geralmente quando falamos em residências ou apartamentos de luxo é notório que a localização é um dos principais fatores para a valorização. Isso não significa apenas um ambiente tranquilo e seguro para morar, mas ter vias de acesso aos principais pontos da cidade, aos serviços, comércios e locais de trabalho e estudo", explica.

Além disso, a qualidade de vida no entorno dos imóveis é outro fator importante. "Estar perto de áreas de preservação ambiental, que favoreçam a qualidade do ar e a temperatura naquele ambiente, ainda mais em tempos em que se exige cada vez mais essa questão pela sociedade, podem atrair consumidores", comenta o especialista. Outro aspecto é o que podem oferecer as estruturas dos imóveis. No que diz respeito às áreas comuns, por exemplo, quanto mais diversas forem as oportunidades, maior será a valorização do imóvel. "O morador quer mais comodidade. Por isso, ter áreas de lazer para variadas atividades, como piscinas infantis e adultas, academias e espaços gourmet são diferenciais importantes nesta valorização", completa.

ALTO PADRÃO EM MANSÃO SUSPENSA

Um exemplo com essa e outras características está na cidade de Curitiba. O Seventy Upper Mansion, edifício da Construtora Andrade Ribeiro, foi concebido com a ideia da mansão suspensa. Trata-se de um imóvel de alto padrão por andar, com área privativa de 340 metros quadrados com

três ou quatro suítes, além das áreas comuns esperadas para uma mansão, mas dentro de um edifício, como playground, academia, churrasqueira e terraço compartilhado. O investimento da construtora no edifício foi de R$ 75 milhões.

O empreendimento, com todas as obras finalizadas no início de 2023, foi construído em uma área de 3,4 mil metros quadrados junto a um bosque preservado de mata nativa da capital paranaense. "A aproximação do morador com a área arborizada pode proporcionar melhorias na qualidade de vida", comenta o engenheiro civil. Outro diferencial é o rooftop, um conceito de terraço compartilhado que surgiu em Nova York, nos Estados Unidos, e tem se espalhado pelo Brasil. A estrutura no alto do edifício em Curitiba oferece jardim, piscina adulta e infantil aquecidas e área de churrasqueira com utensílios de cozinha. "A área ainda proporciona vista privilegiada para a cidade e para a Serra do Mar, o que completa a questão da qualidade de vida e bem-estar dos moradores em dias de lazer e descanso", argumenta.

O edifício está localizado na região do Ecoville, que tem apresentado expansão imobiliária na capital paranaense e que está cercada de ruas e avenidas que dão acesso ao centro de Curitiba, aos bairros próximos e às cidades da Região Metropolitana. As mesmas vias também proporcionam acesso aos serviços da região, como colégios, universidades, shoppings, hipermercados e áreas de lazer próximos ao empreendimento.

BNDES dobra crédito para indústria em 2023 e atinge maior nível desde 2014

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) registrou uma significativa duplicação na aprovação de crédito para a indústria em 2023, alcançando o maior volume em operações diretas desde 2014, com um montante de R$ 26 bilhões.

Embora esteja abaixo dos R$ 48 bilhões aprovados no ano, o CEO da Inteligência Comercial, Luciano Bravo, destaca a importância desse avanço. "Os números mostram a volta do BNDES à agenda industrial. O banco é um ator chave da política de neoindustrialização, que é prioridade no governo", comenta, alinhado à visão de José Luis Gordon, diretor de desenvolvimento produtivo, inovação e comércio exterior do banco.

O aumento expressivo nas operações, abrangendo projetos de expansão produtiva, economia verde, exportação e inovação, foi comemorado pelo setor industrial como uma mudança positiva em relação ao período de 2015 a 2022. Rafael Lucchesi, diretor de Desenvolvimento Industrial e Economia da CNI e presidente do conselho de administração do BNDES, destaca a necessidade de prosseguir com o processo de recuperação, enfatizando a importância de captar recursos adicionais e oferecer um apoio mais sólido aos setores estratégicos.

"A recuperação do BNDES em 2023 é percebida como um estímulo para as empresas se modernizarem, especialmente após um período desafiador em que houve uma drástica redução nos recursos do banco, impactando os investimentos na indústria", explica o CEO da Inteligência Comercial.

Embora alguns analistas vejam a expansão do BNDES como positiva, observam que será desafiador retornar aos patamares anteriores a 2015, devido à ausência de aumento nas fontes de recursos do banco. A área de inovação da indústria recebeu destaque, com R$ 3,9 bilhões aprovados em 2023, representando um salto significativo em relação a 2022. O setor de transportes liderou as operações, seguido por telecomunicações, saúde e agrícola, indicando um foco crescente em projetos inovadores em diversos segmentos industriais.

BDMG lança linha de crédito de R$ 300 milhões para as prefeituras mineiras

É preciso agilidade por causa das limitações da legislação diante das eleições de outubro

Contando com a presença do governador de Minas Romeu Zema e do vice-governador Mateus Simões o governo de Minas, através do BDMG – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais S.A. anunciou no dia 29 de janeiro, a disponibilidade de uma linha de crédito de aproximadamente R$ 300 milhões para financiar projetos nas prefeituras mineiras. Parte desse recurso de R$ 170 milhões é proveniente do Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata), que repassará os recursos diretamente à instituição financeira mineira e o restante dos recursos são próprios da mesma.

O evento de lançamento deste novo programa ocorreu na sede do BDMG no bairro de Lourdes, Centro-Sul de Belo Horizonte – MG. Devido a imposições da legislação eleitoral, as prefeituras só podem ter acesso a linhas de créditos até 30 de abril deste ano. Portanto, o governo mineiro esclarece para a necessidade de que os prefeitos entrem com a documentação no banco estatal já em fevereiro.

"Pedimos que todos os prefeitos encaminhem os projetos com a maior celeridade possível de forma que a gente consiga fazer as concessões de crédito a tempo. Estes recursos vão beneficiar de forma direta os mineiros que vivem nessas cidades. Todos os recursos serão destinados para projetos estruturantes das prefeituras, principalmente aquelas que têm projetos verdes", afirmou o diretor-presidente do BDMG, Gabriel Viégas Neto.

De acordo com o programa divulgado, cada prefeito poderá obter o financiamento com o BDMG até um valor igual ou inferior a 16% de sua receita corrente líquida. A aprovação ou não do repasse dependerá de análise técnica do banco público. Além disso, como se trata de um empréstimo, haverá necessidade de os municípios pretendente obterem aprovação prévia das respectivas câmaras municipais para ingressarem com os pedidos de empréstimo.

Neste ano, as prefeituras vão poder antecipar até 40% do valor do projeto contratado via BDMG, percentual equivalente ao dobro do limite estabelecido para o mesmo edital em 2023, cabendo destacar que Fonplata capta os recursos no mercado internacional, mas, por política interna, não os repassa diretamente aos municípios menores que 100 mil habitantes. Por isso, o BDMG participa como agente repassar e faz a intermediação, permitindo que todas as 853 prefeituras possam acessar o crédito.

Presente à ocasião, o governador Romeu Zema (Novo) chamou o recurso de "crédito vitamina", em alusão à aplicação eficiente do recurso. "Desde o início do nosso governo, temos feito tudo aquilo que está ao nosso alcance para melhorar a vida dos 853 municípios. A vida acontece nos municípios. O governo do Estado é a retaguarda. Crédito pode ser vitamina, como tem sido em Minas, como pode ser veneno quando aplicado em projetos ruins", disse.

Com R$ 2,98 bilhões liberados em crédito no ano, o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) atingiu o recorde histórico de desembolsos em 2023. O banco estatal mineiro que em 2024 comemorará 62 anos de fundação, investiu no ano passado R$ 558 milhões a mais do que em 2022 – o que representa uma formidável expansão de 23%.

De acordo com a instituição, houve uma ampliação no volume desembolsado especialmente para as prefeituras mineiras. Para o setor público, os desembolsos quase dobraram em relação ao ano passado, ultrapassando R$ 328,5 milhões em 2023 (em 2022 foram R$ 173,7 milhões). No total, 613 cidades mineiras foram contempladas com o crédito que dispõe de custos atrativos e taxas de juros muito inferiores aos praticados no mercado financeiro.

Os recursos para prefeituras são oferecidos por meio de linhas permanentes de crédito e editais para apoiar a construção e melhorias de vias públicas, aquisição de equipamentos, investimentos em projetos de iluminação pública, infraestrutura, entre outras iniciativas.

Open Finance completa 3 anos no Brasil - os desafios, as expectativas e o que vai mudar

As mudanças no Open Finance aguardadas para 2024

O Open Finance, ou sistema financeiro aberto, tem revolucionado a forma como os clientes interagem com instituições financeiras. Ele permite que o usuário compartilhe seus dados com segurança entre diversas entidades reguladas pelo Banco Central.

Ao contrário do modelo tradicional, em que as instituições não têm visibilidade sobre o relacionamento de clientes com outras entidades, o Open Finance possibilita a conexão direta entre instituições. Desse modo, é possível acessar dados autorizados pelos clientes de modo seguro e eles têm a possibilidade de revogar a permissão a qualquer momento.

Com o terceiro ano do Open Finance à vista em fevereiro, especialistas apontam para uma série de expectativas e desafios que moldarão o cenário financeiro em 2024.

1. CRESCIMENTO EXPONENCIAL E CONSCIENTIZAÇÃO

Para 2024, a comunidade financeira antecipa um impulso significativo no desenvolvimento de casos de uso do Open Finance. Para que isso se concretize, as instituições financeiras terão uma influência direta na conscientização dos clientes sobre as vantagens e funcionalidades disponíveis.

"A previsão é de um aumento expressivo no número de usuários, atualmente em 27 milhões, e de consentimentos ativos, que hoje somam 40 milhões. Novas funcionalidades e melhorias na experiência do usuário são esperadas para impulsionar essa expansão, solidificando o Open Finance

no mercado e na sociedade", comenta Alan Mareines, CEO da Lina Open X.

2. MUDANÇAS REGULATÓRIAS E NOVAS FUNCIONALIDADES

O cenário regulatório do Open Finance em 2024 traz implementações focadas na melhoria da experiência do usuário. Uma delas é o lançamento das funcionalidades de pagamentos automáticos e recorrentes, que atenderá, por exemplo, a demanda de empresas com grandes volumes e necessidades de pagamentos em lote. Além disso, a consolidação do processo simplificado de renovação de consentimento promete mais eficiência para usuários, fintechs e bancos.

3. DESAFIOS ATUAIS PARA AS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

As instituições financeiras enfrentam diferentes desafios no contexto do Open Finance. O ritmo acelerado de atualizações, implementações técnicas, certificações e funcionalidades representa um grande desafio regulatório, exigindo equipes altamente especializadas. "No ponto de vista dos negócios, a transição para um modelo orientado a dados é vital e demanda adaptações em práticas comerciais, sistemas e ferramentas", enfatiza Mareines.

Isso tudo envolve um trabalho de conscientização interna, englobando as mais diversas áreas dentro do escopo de cada empresa. Neste aspecto, o Open Finance está, aos poucos, deixando de ser um desafio somente dos setores de tecnologia e compliance, e se tornando um tema relevante do ponto de vista estratégico. A carência de uma metamorfose direcionada ao modelo de negócios orientado a dados vem se estabelecendo como um ponto desafiador para os próximos anos.

"Desde o lançamento em fevereiro de 2021, foram notificadas 106 versões atualizadas de APIs, sendo 74 somente em 2023, de acordo

com o histórico oficial de registro de mudanças do Open Finance Brasil. Atender uma agenda evolutiva altamente dinâmica e ainda cumprir os SLAs regulatórios requer times técnicos dedicados e altamente especializados, o que muitas vezes significa despriorizar outras atividades que são até mesmo mais estratégicas em termos de negócios, como o desenvolvimento de produtos e soluções para os clientes, o que tem feito muitas instituições reconsiderarem se vale a pena manter toda essa infraestrutura dentro de casa", esclarece.

4. EVOLUÇÕES POSSÍVEIS NO OPEN FINANCE

O Open Finance começou com informações padronizadas sobre canais e produtos bancários. Agora, dá para compartilhar dados de diversos produtos financeiros e realizar pagamentos via Pix. A partir de maio de 2024, no Open Investment, os usuários poderão compartilhar dados de produtos de capitalização, seguros e previdência.

Já no Open Insurance, a Fase 3, que acontecerá na mesma data, marcará o início da etapa transacional, que marca a introdução da SPOC (Sociedade Processadora de Ordens de Clientes), entidade que engloba os corretores de seguros no ecossistema de compartilhamento de dados e serviços da SUSEP, até então restrito ao universo de seguradoras.

Soluções para a recepção de propostas de operações de crédito também estão previstas, visando facilitar o acesso a serviços financeiros e promover a escolha de opções mais vantajosas para os clientes.

"A interoperabilidade entre os diferentes "Opens" está em construção para garantir mais comodidade e benefícios aos usuários. Apesar das dificuldades enfrentadas, a aplicação desses sistemas em larga escala é praticamente inevitável e eles estão aí promovendo a transparência e eficiência para clientes e participantes do mercado", conclui o CEO da Fintech.

A LINA Open X surgiu em 2019 com o objetivo de construir soluções tecnológicas para apoiar as instituições financeiras brasileiras em todas as suas necessidades relacionadas ao novo ecossistema de compartilhamento de dados e transações financeiras implementado a partir da regulamentação do Open Finance pelo Banco Central do Brasil. A empresa, que começou seus trabalhos no Open Banking, já é líder no Open Insurance e se consolidou como um dos mais importantes provedores de Open Finance do mercado brasileiro. Em 2022, a companhia recebeu seu primeiro aporte e já se posiciona como um provedor de Open X, abraçando também outros "Opens" e evoluindo sua tecnologia para atender diferentes segmentos e indústrias que se beneficiam com o compartilhamento de dados e serviços em ambientes digitais

JK: LIVRO INÉDITO SOBRE EX-PRESIDENTE FOCA EM SUA VISÃO DE FUTURO E ESPÍRITO DESENVOLVIMENTISTA

Juscelino Kubitschek de Oliveira

A vida, obra e trajetória do ex-presidente Juscelino Kubitschek já rendeu livros, filmes, documentários, minissérie na TV e até podcasts. E a julgar pelas informações que não param de surgir, ainda vai render muito material para pesquisa. Que o diga o economista Carlos Alberto Teixeira de Oliveira, que acabou de lançar o livro "JK: Doutor em Desenvolvimento – Um Mineiro à Frente de seu Tempo".

O que transparece no livro de 704 páginas é a visão de grandeza de Juscelino e a sua antevisão do futuro. Haja visto o projeto da Pampulha, projetada quando ele foi prefeito de BH, e que significou o marco inicial de uma nova arquitetura, depois consolidada com a construção de Brasília. O autor do livro, Carlos Alberto Teixeira destaca um recorte do período de JK em Minas Gerais e selecionou alguns discursos da época em que ele esteve à frente da capital mineira, e depois, como governador do Estado. Nesse sentido, todo o material publicado é inédito e pouco conhecido.

Neste novo livro, o autor procurou desmitificar e derrubar algumas histórias e infundadas críticas, como a de que Juscelino teria sido o causador da inflação no Brasil. "Eu comprovo que ela já vigorava e prevalecia no país antes da sua posse, com percentuais elevados, e ele procurou combatê-la de forma coerente e prática. Nesse sentido, JK afirmava que a melhor forma de combater a inflação e o custo de vida era produzir mais, com mais qualidade e custos menores e defendia o aumento da produtividade industrial brasileira". Outra ficção, segundo ele, é a de que o custo da construção de Brasília levou ao endividamento do país. "Tal alegação também não procede. A capital brasileira, segundo o ex-ministro Roberto Campos, teria custado, no máximo 3,5%, do PIB nacional, o que equivaleria, nos dias de hoje, a cerca de US$ 70 bilhões. "Esse valor, considerando-se o dólar atualmente cotado a R$ 5,00 - equivale a R$ 350 bilhões. Ora, esse montante representa apenas a metade de tudo quanto o setor público brasileiro – União, Estados e Municípios gastará, neste ano, no pagamento de juros sobre a dívida pública consolidada.

Carlos Alberto também é autor de outras obras, como a coletânea de livros e 2.366 páginas intitulada "JK: Profeta do Desenvolvimento – Exemplos e Lições ao Brasil do Século XXI".

O livro poderá ser encontrado, inicialmente, apenas junto a MercadoComum que o publicou.

Tel: 31 3281-6474 - revistamc@uol.com.br
Rua Padre Odorico, 128 - 10º Andar - 30.330-040
BELO HORIZONTE – MG - www.mercadocomum.com

VALOR DO LIVRO:
Retirada na sede de MercadoComum: R$ 100,00
Envio: BH/Interior de MG: R$ 120,00 - Outros Estados: R$ 140,00

PAGAMENTO:
Via PIX: 70.954.383/0001-12
Crédito em C/C: A favor de MinasPart Comunicação, Ltda.
Banco Itaú (341) - Agência 3176 - Conta 05630-1

INFORMAR: Nome do adquirente, endereço postal e CEP

MercadoComum®
HÁ 30 ANOS FORMANDO OPINIÕES!

Ancar Ivanhoe assume gestão do Minas Shopping, em Belo Horizonte - MG

Uma das maiores empresas de shopping center do país conclui negociações e inicia jornada na capital mineira

Rodrigo Gorosito

Marcelo Carvalho Ancar

A Ancar Ivanhoe, uma das maiores empresas de shoppings do Brasil, assume, já no início de fevereiro, a administração do Minas Shopping, em Belo Horizonte. O movimento é fruto da estratégia de expansão da companhia, uma plataforma que conta com 25 empreendimentos e mais de 1 milhão de metros quadrados de área bruta locável (ABL) em seu portfólio.

De acordo com Marcelo Carvalho, copresidente da Ancar Ivanhoe, assumir a gestão do Minas Shopping, depois de um ano de sociedade no empreendimento, é um orgulho para a companhia. "Com esse movimento, realizamos um sonho antigo de atender a uma população altamente qualificada em toda capital e região metropolitana de Belo Horizonte", avalia.

A movimentação reforça a sólida reputação da companhia. "Os mais de 50 anos de experiência na indústria nos deram o respaldo necessário para saber explorar dos empreendimentos o melhor dos seus potenciais, os diferentes estágios de maturação, relevâncias – locais e regionais – e público. Respeitar as particularidades de cada ativo nos permitiu atingir o patamar em que vivemos hoje e é o que nos valida para termos sido convidados para assumir o Minas", conclui Carvalho.

A Ancar Ivanhoe, com 50 anos de atuação no mercado, é a maior empresa de capital privado em shopping center do país. Pioneira no setor, começou sua trajetória na década de 1970, quando ingressou na indústria como uma das responsáveis pelo desenvolvimento do segundo shopping construído no Brasil: o Conjunto Nacional Brasília. Em 2006, associou-se à canadense Ivanhoe Cambridge, líder global de serviços imobiliários, e continua em constante expansão. Após 10 anos dessa parceria de sucesso, a Ancar Ivanhoe tornou-se uma das cinco maiores empreendedoras e administradoras de shopping center do Brasil, presente nas cinco regiões do país, com 25 empreendimentos em seu portfólio, entre shoppings em operação e em desenvolvimento.

Pesquisa revela que 98% dos investidores brasileiros acreditam que relatórios de sustentabilidade contêm dados não comprovados sobre ações ambientais

No mundo, 75% dos investidores afirmam que a sustentabilidade é importante para as decisões de investimento, enquanto 57% deles apoiam mais clareza e consistência nos relatórios sobre o tema

Quase 70% dos entrevistados acreditam que a adoção mais rápida da inteligência artificial (IA) é "muito" ou "extremamente" importante

Mais de nove em cada dez investidores brasileiros (98%) acreditam que os relatórios corporativos sobre o desempenho da sustentabilidade contêm informações não comprovadas, de acordo com a Pesquisa Global com Investidores 2023 da PwC, publicada recentemente. No mundo, esse índice é de 94%.

A terceira edição da pesquisa entrevistou investidores e analistas de diferentes regiões, classes de ativos e abordagens de investimento para obter informações sobre os fatores que mais afetam as empresas em que investem. A pesquisa conclui que, globalmente, embora as preocupações macroeconômicas e inflacionárias continuem a ser as principais, elas diminuíram em 2022. Em 2023, os riscos climáticos aumentaram consideravelmente, comparando-se ao risco cibernético (32%).

Ao mesmo tempo, a pesquisa traça o quadro de um cenário de investimento impulsionado pela transformação tecnológica: 59% identificaram essa mudança como o fator mais provável de influenciar a forma como as empresas criam valor nos próximos três anos. Em particular, no Brasil, quase 70% disseram que a adoção mais rápida da IA é "muito" ou "extremamente importante".

O tema da sustentabilidade também continua a ser fundamental para os investidores: globalmente, 75% afirmam que a forma como uma empresa faz a gestão de riscos e oportu-

nidades relacionados ao tema é um importante nas suas decisões de investimento, embora tenha diminuído 4% em relação a 2022.

"A pesquisa deixa claro que existe uma gama importante de temas que os investidores levam em consideração ao investir em uma empresa. Além dos temas de sustentabilidade, os investidores consideram atributos como a competência e o histórico da administração, a capacidade de inovação, além de temas ligados a tecnologias emergentes e segurança de dados. De forma geral, a pesquisa revela uma seletividade cada vez maior, e um desafio para as empresas demonstrarem que estão avançando em uma gama de assuntos tão relevantes como diversos. ", comenta o sócio da PwC Brasil, Mauricio Colombari.

PADRONIZAÇÃO

As percepções de greenwashing podem explicar por que os investidores recorrem aos reguladores e organismos de normalização para serem mais claros e consistentes nos relatórios das empresas. No mundo, 57% dos investidores disseram que, se as empresas cumprirem os próximos regulamentos e padrões (incluindo CSRD, ou seja, regras de divulgação climática propostas pela SEC nos EUA, e padrões ISSB), isso atenderá "bastante" ou "muito" às suas necessidades de informação para a tomada de decisões. Além disso, 85% afirmam que uma garantia razoável (semelhante à auditoria das demonstrações financeiras) aumentaria a confiança nos relatórios de sustentabilidade "moderadamente", "bastante" ou "muito".

O foco dos investidores no cumprimento dos custos dos compromissos ESG também aumentou globalmente. Dos entrevistados, 76% consideram essa informação importante ou muito importante. Os investidores também pretendem obter informações sobre o impacto de uma empresa na sociedade ou no ambiente. No Brasil e no mundo, 75% concordam que as empresas devem divulgar o valor monetário do seu impacto no ambiente ou na sociedade, acima dos 68% e 66%, respectivamente, em 2022.

Neste contexto, Mauricio Colombari comenta sobre a necessidade dos investidores em validar informações por meio de órgão reguladores como a Comissão de Valores Imobiliários (CVM), no Brasil, ou organismos internacionais como a Sustainability Standards Boards (ISSB). "O fato de 94% dos investidores entenderem que os relatórios de sustentabilidade contemplam algum tipo de divulgação não suportada por ações ou fatos (ex. greenwashing) é um dado muito emblemático, e que indica que mudanças são necessárias na forma como as empresas vêm divulgando as informações de sustentabilidade", destaca.

Um outro aspecto que precisa ser considerado, comenta o sócio, é que essas normas são voltadas substancialmente para as informações que precisam ser divulgadas, e não para as práticas de uma organização em relação aos temas de sustentabilidade. "Acredito que as normas podem ser um instrumento interessante para que as empresas dêem alguns passos para trás, e reavaliam, por exemplo, a estrutura de governança para monitorar os temas de sustentabilidade, a estratégia em relação a esses temas, os riscos, entre outros", completa.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os resultados da pesquisa deste ano mostram que os investidores consideram a rápida adoção da inteligência artificial (IA) como crítica para a criação de valor, reconhecendo, ao mesmo tempo, a importância da gestão de riscos. No Brasil, quase 70% afirmaram que uma adoção rápida da IA é muito ou extremamente importante. No mundo, o índice é de 60%.

De modo geral, no mundo todo, os investidores identificaram a mudança tecnológica como o fator com maior probabilidade de influenciar a forma como as empresas criam valor nos próximos três anos. De toda a amostragem, 59% fizeram essa observação.

Os investidores, globalmente, também classificaram a inovação e as tecnologias emergentes (incluindo a IA, o metaverso e o blockchain) como as suas cinco principais prioridades ao avaliar as empresas. No entanto, 86% consideram que a IA apresenta um risco considerável, de "moderado" a "muito grande", quando se trata de segurança e privacidade de dados; governança e controles insuficientes (84%); desinformação (83%); e preconceito e discriminação (72%).

"Investidores têm o dom de ver oportunidades em riscos e crises. Por isso, querem entender como as empresas tratam a sustentabilidade e lidam com os possíveis riscos das tecnologias essenciais, como a inteligência artificial e o blockchain. Construir confiança é essencial para garantir que a sua empresa seja vista com bons olhos por eles", afirma o sócio da PwC Brasil, Lindomar Schmoller.

Em setembro de 2023, foram entrevistados 345 investidores e analistas em 30 países e territórios e conduzidas 15 entrevistas aprofundadas. Os entrevistados eram predominantemente investidores institucionais, compreendendo gestores de carteiras (19%), analistas (18%) e diretores de investimentos (17%), com 48% tendo mais de dez anos de experiência no setor.

Os investimentos deles abrangeram uma variedade de classes de ativos, abordagens de investimento e horizontes temporais, e os ativos sob gestão (AUM) em suas organizações variam de US$ 500 milhões a US$ 1 trilhão ou mais. Sendo que 65% dos respondentes são de organizações com um total de AUM de mais de US$ 1 bilhão.

Amcham BH realiza mudanças na Gerência Regional e amplia a atuação por toda Minas Gerais

Unidade na capital mineira terá nova sigla como forma de materializar a expansão para todo o estado

A Câmara Americana de Comércio em Belo Horizonte (Amcham BH) começa o ano de 2024 com mudanças na Gerência Regional. Quem assume a função de Gerente Regional, a partir deste mês de janeiro, é o internacionalista e ex-coordenador de Inovação da Amcham Brasil, Douglas Arantes. A unidade na capital também passará a ser Amcham Minas Gerais, movimento que reflete a expansão de sua atuação por todo o estado.

Com quase 10 anos de experiência na instituição, Douglas atuou na área de comitês e eventos, com destaque para a organização do maior CEO Fórum da unidade, que teve mais de 1300 participantes, em 2019. Nos últimos três anos, esteve à frente de todos os projetos de inovação do Amcham Lab, em São Paulo, o que resultou no reconhecimento do melhor ecossistema de inovação do Brasil por três vezes consecutivas.

Em relação à perspectiva de expansão no estado, Douglas fala sobre as projeções para 2024. "Minhas expectativas são centradas em consolidar a presença da Amcham em Minas Gerais, fortalecendo as relações entre os associados e impulsionando o desenvolvimento empresarial na região. Liderei projetos de inovação em São Paulo, o que me permite trazer uma abordagem estratégica e proativa para a gestão regional."

Neste momento, a equipe da Amcham Minas Gerais já trabalha em projetos para estimular a interação entre os associados e fomentar parcerias, como Plano de Voo, Fórum ESG, CEO Fórum e Amcham Talks. "Estou entusiasmado em liderar iniciativas que promovem a inovação, a colaboração e o crescimento econômico no estado."

IMPORTÂNCIA DA AMCHAM MINAS GERAIS

Maior entidade multissetorial do país, a Amcham Brasil representa 33% do PIB nacional e mais de três milhões de empregos formais, sendo formada por 48% de pequenas empresas e startups, e 52% de médias e grandes empresas.

Presente com uma unidade própria há mais de 20 anos na capital mineira, a Câmara Americana de Comércio promove o desenvolvimento empresarial sob os pilares da Defesa, Serviços, Conexões e Capacitação. "Reforço meu comprometimento em promover um ambiente de negócios dinâmico e colaborativo. Nossa presença no estado é instrumental para fortalecer esse hub de conexões transformadoras, vocalizador de conteúdos de alta relevância e fonte de networking qualificado", finaliza Douglas Arantes.

Drogaria Araujo inaugura plano anual de investimentos em novos mercados abrindo mais uma filial em Ipatinga

Potencial econômico do Vale do Aço representa 20% da expansão da Araujo projetada para 2024

Tayuane Lima

Nova filial da Araujo em Ipatinga, inaugurada no bairro Canaã

Cerca de 150 milhões de reais: esse é o aporte destinado ao plano estratégico de expansão da maior rede de drogarias do estado neste ano. O start foi marcado pela recente abertura da nova filial da Araujo em Ipatinga, no bairro Canaã, a segunda das três unidades programadas para presentear o município mais populoso da região metropolitana do Vale do Aço com a drugstore, até meados desse ano.

A primeira loja em Ipatinga foi inaugurada em dezembro de 2023, no bairro Cidade Nobre, fomentando o desenvolvimento do polo econômico impulsionado pela indústria siderúrgica com a chegada de um modelo diferenciado de negócio no segmento farmacêutico. A expectativa agora é para a abertura de mais uma unidade, prevista para inaugurar em breve, no bairro Iguaçu. Além do Vale do Aço, que representa 20% da expansão projetada para a Araujo em 2024, o cronograma de lançamentos avança em várias regiões do interior de Minas.

Patrocínio, Ponte Nova, Três Corações, Esmeralda, Curvelo e Ouro Branco são alguns outros destaques do pipeline programado pela companhia ainda para o primeiro semestre. "Quando a Araujo abre mais uma loja, não é só mais um ponto comercial na região e, sim, a oportunidade de oferecer a nossa essência, representada por um modelo de negócio que busca atender todas as expectativas do cliente", avalia o gerente de Expansão e Novos Negócios da Araujo, Alexandre Costa.

FATURAMENTO PROGRESSIVO

A projeção de crescimento da rede segue uma linha de evolução proporcional ao planejamento estratégico para ampliar o mercado em 2024. A meta é alcançar 20% de crescimento de marketshare da companhia neste ano, superando os 17% de

Primeira Drogaria Araujo em Ipatinga, foi inaugurada em dezembro de 2023, no bairro Cidade Nobre

2023. A perspectiva otimista é reflexo dos resultados anteriores. Para se ter uma ideia, em 2022, o faturamento da empresa ultrapassou os R$ 3 bilhões, montante 20% maior que o registrado em 2021.

"Abrir novos mercados e fortalecer a representatividade da Drogaria Araujo em locais onde já atuamos são pilares do plano de expansão da companhia, estruturado por um crescimento sustentável consistente", ressalta Alexandre Costa. "Nos consolidamos no setor de saúde e bem-estar pela ampla oferta de produtos e pela qualidade nos serviços farmacêuticos, traduzidas em uma única razão: proporcionar sempre a melhor experiência de compra para o cliente", reforça.

Já o superintendente de Vendas da Araujo, Carlos Alexandre Lopes, destaca que a companhia completa 118 anos em 2024 com a peculiaridade de conhecer as necessidades dos clientes e da comunidade local, com a inovação e a melhoria contínua impressas no DNA centenário. "O que o cliente precisa, a Araujo tem", garante. Além da grande variedade no mix de produtos e serviços farmacêuticos, a atenção e o cuidado com o cliente são diferenciais: "atendemos do jeito que o mineiro gosta", esclarece, sinalizando que mais de 60 milhões de pessoas são atendidas pela rede, por ano.

O superintendente de Vendas da Araujo acrescenta que, com a expansão do mercado, a maior rede de drogarias de Minas viabiliza o progressivo acesso da população a produtos e serviços, além de contribuir para a geração de empregos diretos em diversas regiões do estado. "Os profissionais que fazem parte da Liga A são motivados a desenvolver novas competências e contam com um forte plano de carreira que impulsiona o crescimento na companhia", garante Carlos Alexandre Lopes. Atualmente, são mais de 10 mil colaboradores atuando diretamente nas 321 lojas da Araujo, presentes em mais de 55 municípios mineiros.

Ampliando o portfólio de atendimentos e se consolidando como um hub de saúde, a Araujo dá um passo à frente quando o assunto é experiência do cliente e disponibiliza serviços farmacêuticos personalizados e completos, com soluções diversas para check-ups, vacinas, testes, orientações e, até mesmo, encaminhamento médico.

Reconhecida pelos serviços inovadores e com mais de 22 mil produtos de conveniência, saúde, beleza e bem-estar, a Drogaria Araujo começou sua história em 1906 na recém-fundada capital mineira. Essa trajetória de sucesso é também uma história de pioneirismo e compromisso com o cliente: a Araujo foi a primeira drogaria de Belo Horizonte a oferecer o plantão 24 horas (1933), a primeira a oferecer o serviço de telemarketing do Brasil, a primeira drogaria Drive-Thru (1990) e a primeira a implantar o modelo drugstore. Atualmente, o "Padrão Araujo de Medicamentos" é uma referência em credibilidade, garantindo procedência, preço baixo, variedade e estoque.

ArcelorMittal inaugura nova unidade da Rede de Distribuição em Fronteira (MG)

Espaço terá gestão do Grupo Cia do Aço e vai oferecer, além do portfólio completo de produtos em aço, serviços como corte e dobra, fabricação de colunas e de telhas para construtoras, revendedores, agronegócio e consumidor final da região

Alamir Brambila (Sócio proprietário Grupo Cia do Aço), Renato César Navarro (sócio proprietário Grupo Cia do Aço), Everton Negresiolo (Vice-Presidente Comercial e Metálicos Longos Brasil da ArcelorMittal) e José Roberto Borges (Sócio proprietário Grupo Cia do Aço)

A ArcelorMittal, líder na produção de aço no Brasil, inaugurou em 18/01 (quinta-feira) a sua primeira unidade do Distribuidor Belgo Avançado (DBA) no município de Fronteira (MG). Localizada na Rodovia BR-153, Km.244,7 - nº 2620, no Distrito Industrial II, a unidade DBA oferecerá soluções e produtos em aço para as áreas de construção civil, indústria e agronegócio. O objetivo com a abertura do espaço pela produtora de aço é estar cada vez mais próxima de seus clientes e garantir acessibilidade e agilidade nas entregas na região.

O espaço terá gestão do Grupo Cia do Aço, que tem outra unidade, localizada em São José do Rio Preto (SP). Estiveram presentes na inauguração o prefeito de Fronteira, Sérgio Paulo Campos, o vice-prefeito Leandro José Pineis, além de outras autoridades do município e representantes das empresas.

"Nossa história com a ArcelorMittal começou há 23 anos, mas nossa atuação na região noroeste do estado de São Paulo é um pouco mais longa, desde 1999. O que nos motivou à época, e segue nos motivando, é o modelo de negócios que oferece parceria e a linha ampliada de produtos ´Constrói Fácil´. Seguimos trabalhando, e investindo - para crescer na região com a ArcelorMittal", destaca Renato César Navarro, sócio proprietário.

"Para a construção do novo DBA - obra e maquinários - foram investidos mais de R$ 10 milhões e dez postos de trabalho foram abertos até o momento, mas com previsão de que este número aumente significativamente em breve, conforme novas etapas previstas no projeto forem sendo executadas.", completa Navarro.

O DBA em Fronteira oferece produtos que vão desde pregos até arames lisos e farpados, vergalhões, telas, chapas de aço e tubos. "No espaço amplo de mais de 43 mil m² oferecemos diferencial dos serviços de corte e dobra e a produção de telhas e colunas. Quem atua com obra sabe que isso é garantia de economia, com eliminação de sobras, mais tempo e eficiência", destaca Everton Negresiolo, Vice-Presidente Comercial e Metálicos Longos Brasil da ArcelorMittal.

REDE DE DISTRIBUIÇÃO EM EXPANSÃO

"A abertura da nova unidade se alinha ao compromisso da ArcelorMittal de impulsionar o desenvolvimento das regiões onde atua e expansão da Rede de Distribuição. Fronteira foi escolhida por sua localização estratégica. Nossa ideia é contribuir para o crescimento do município e, consequentemente, do mercado de aço e construção na região sudeste", completa Negresiolo.

Além dos núcleos de distribuição em todo o país, a ArcelorMittal conta com lojas de varejo e também o canal próprio de e-commerce.

Stellantis adquire a Comercial Automotiva/ DPaschoal e torna-se o maior distribuidor de autopeças da América do Sul

Stellantis adquiriu 70% das ações da Comercial Automotiva/DPaschoal

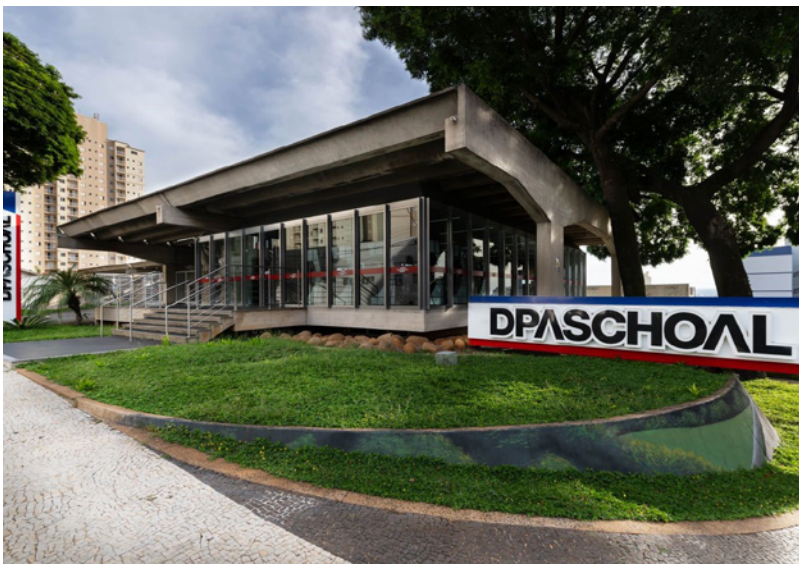
Comercial Automotiva/DPaschoal é uma empresa brasileira que presta serviços automotivos. Conta com mais de 120 lojas próprias, localizadas em quatorze estados

Stellantis amplia sua participação no negócio de pós-venda e serviços multimarcas no mercado brasileiro, em linha com seu objetivo estratégico de expansão regional

A Stellantis adquiriu 70% do controle acionário da Comercial Automotiva (DPaschoal, DPK, KDP, AutoZ, Maxxi Trainning, Kmaxx, Recmaxx, Autocred e Maxxipel), uma empresa brasileira que presta serviços automotivos especializados desde 1949. Com mais de 120 lojas próprias estabelecidas em quatorze estados, além de 28 centros de distribuição de pneus e peças, a Comercial Automotiva/DPaschoal oferece produtos e serviços para veículos leves, pesados e agrícolas.

Com a aquisição do negócio tradicional a Stellantis amplia a participação no mercado de pós-venda e serviços multimarcas no Brasil. A operação está em linha com o objetivo estratégico de expansão regional, além de fortalecer a capacidade para responder às demandas mais complexas dos consumidores.

"Avançamos como uma mobility tech company, uma empresa capaz de atender a todas as necessidades de mobilidade e serviços de nossos clientes", afirma Emanuele Cappellano, presidente da Stellantis para a América do Sul. "Essa é uma das metas do plano estratégico global de longo prazo da empresa, o Dare Forward 2030 e, com essa aquisição, a Stellantis torna-se o maior distribuidor de autopeças na América do Sul. É um passo coerente que se soma à recente aquisição da Norauto na Argentina, empresa especializada na comercialização de produtos e serviços automotivos", exemplifica Cappellano.



Com quase 3 mil colaboradores, a Comercial Automotiva/DPaschoal encerrou 2023 com o faturamento de R$ 2,6 bilhões. A aquisição do controle acionário da Comercial Automotiva/DPaschoal é um investimento estratégico que amplia a presença da Stellantis na área do pós-venda. Luís Norberto Pascoal, com ampla expertise neste mercado, manterá os 30% restantes das ações da companhia e seguirá como vice-presidente do conselho de administração.

"O Brasil é um dos mercados automotivos mais promissores do mundo e, por esta razão, a Stellantis estabeleceu um plano de expansão regional, a fim de aumentar sua capacidade de atendimento ao consumidor ao longo de sua jornada. Com essa aquisição, será possível atender aos clientes de todas as marcas de veículos em suas necessidades de mobilidade segura, acessível e sustentável", explica Paulo Solti, vice-presidente de Peças e Serviços da Stellantis América do Sul.

MERCADO SUL-AMERICANO DE AUTOPEÇAS

O mercado de autopeças movimentou mais de R$ 96 bilhões na América do Sul em 2022. Só no Brasil, o setor transacionou mais de R$ 61 bilhões no período. Desse montante, 20% equivalem a peças originais (OEM) e 80% correspondem a peças de fabricantes independentes no mercado de reposição e pós-vendas (IAM).

DPASCHOAL, UMA MARCA TRADICIONAL NO MERCADO BRASILEIRO

A Comercial Automotiva/DPaschoal é uma das mais tradicionais empresas de serviços automotivos do país. Fundada em 1949, em Campinas, dedicou-se nos primeiros anos ao comércio e reparo de pneus, e diversificou sua atuação à medida que expandiu seu raio de atuação. Atualmente, opera com mais de 120 lojas próprias e 28 centros de distribuição em quatorze estados brasileiros. Conta, ainda, com atuação nacional devido à sua estrutura de e-commerce.

Sua gama de produtos e serviços multimarcas, abrangem um portfólio vasto de peças automotivas, pneus, óleos e filtros, acessórios, além de som e multimídia.

A história da empresa é marcada pelo pioneirismo em diversas áreas. Em 1986, por exemplo, a DPaschoal criou o primeiro curso de mecânica básica para mulheres. Contrariando a ideia de que oficina mecânica não é "coisa de mulher", o curso buscou contribuir para a inclusão das mulheres nos assuntos automotivos, compartilhando conhecimentos teóricos e práticos sobre os cuidados com o carro, dicas de segurança e manutenção, avaliação dos itens para saber a hora certa de trocar e muito mais.

Em 2007 foi criado o programa Economia Verde que visa a conscientização e a redução do impacto ambiental gerado pelo descarte de produtos. Através de ferramentas de diagnose que medem e testam a vida útil dos componentes do veículo, a troca dos produtos só é feita se realmente for necessário.

Além de atuar no setor automotivo, a DPaschoal estruturou ao seu redor diversos negócios em diferentes segmentos com base em seus princípios e valores. As empresas que compõem o bloco adquirido pela Stellantis atendem às áreas de Automotivo, Educação e Capacitação, além de Tecnologia e Inovação.

SÃO ELAS:

A DPK é especializada no segmento de distribuição de peças automotivas. Conta com 17 filiais pelo país, um portfólio composto por mais de 65 fabricantes e 35 mil itens no estoque. Tem ainda um sistema de credenciados no Brasil com 1,5 mil parceiros e um portal de compras online B2B, o DPK.com.br.

A **KDP** é a solução completa que oferece aos revendedores e centros automotivos, diversos modelos e medidas de pneus, além de peças e acessórios. A rede de credenciados conta com mais de 120 parceiros que possuem um leque de benefícios que impulsionam o seu negócio.

A **Rede AutoZ** é uma loja física que possui mais 7 mil itens em seu estoque, segmentados em peças, pneus e acessórios. O seu grande diferencial é a agilidade na entrega atendendo clientes da região do ABC paulista.

O **KMAXX** é uma plataforma de soluções inteligentes, que facilita encontrar a peça certa no menor tempo. Possui um amplo banco de produtos automotivos, altamente qualificado que proporciona uma experiência de respostas rápidas e assertivas.

A **Recmaxx** oferece produtos, serviços e garantias que melhoram ainda mais o custo-benefício do pneu recapado, trazendo tranquilidade e segurança para caminhoneiros e frotistas.

A **Autocred** é uma plataforma financeira da Cia DPaschoal que oferece soluções para viabilizar acesso ao crédito para consumidores e empresas.

O **Maxxi Trainning** é a divisão do grupo DPaschoal voltada ao ensino, capacitação e atualização profissional no setor. Também é responsável pelo desenvolvimento de novos talentos e aperfeiçoamento do capital humano já existente na empresa.

A **Maxxipel** é uma empresa de Inovação e Tecnologia da Cia DPaschoal, que tem como objetivo manter o grupo na direção da modernidade e na transformação digital, tendo na pesquisa, a sua base para a construção de uma plataforma tecnológica sustentável.

Stellantis N.V. (NYSE: STLA / Euronext Milan: STLAM / Euronext Paris: STLAP) é uma das principais fabricantes de automóveis e fornecedoras de mobilidade do mundo. Nossas marcas históricas e icônicas incorporam a paixão de seus fundadores visionários e dos clientes em seus produtos e serviços inovadores, incluindo Abarth, Alfa Romeo, Chrysler, Citroën, Dodge, DS Automobiles, Fiat, Jeep®, Lancia, Maserati, Opel, Peugeot, Ram, Vauxhall, Free2move e Leasys. Impulsionados pela nossa diversidade, lideramos a forma como o mundo se move – aspiramos nos tornar a melhor empresa de mobilidade sustentável, não a maior, enquanto criamos valor para todos os acionistas e as comunidades nas quais operamos.

A DPaschoal atua no setor automotivo desde 1949 e concentra suas atividades na prestação de serviços automotivos especializados e na revenda e distribuição de pneus e peças multimarcas. Conta com mais de 120 lojas próprias, localizadas em oito estados, e oferece produtos e serviços nos segmentos de veículos leves, pesados e agrícolas, além dos 28 centros de distribuição de pneus e peças, com atuação em todo o território nacional. Trabalhando com a multicanalidade, a DPaschoal oferece diversas plataformas para atender os diferentes tipos de clientes e parceiros, com propostas B2B e B2C, atuando em e-commerce e lojas físicas.

Stellantis lidera o mercado sul-americano pelo terceiro ano consecutivo

As vendas totais de automóveis e comerciais leves da Stellantis na América do Sul superaram a marca de 878 mil veículos em 2023, com uma participação de mercado de 23,5%

Em seu terceiro ano de atuação, a Stellantis avança na liderança de vendas de automóveis e comerciais leves nos três principais mercados da América do Sul: Brasil, Argentina e Chile. A empresa, que é sucesso absoluto de vendas no setor automotivo, alcançou mais um ano de resultados a serem comemorados. Em 2023, as vendas totais da Stellantis na América do Sul superaram a marca de 878 mil veículos, respondendo por uma participação de mercado de 23,5%.

Somente em dezembro, a empresa acelerou o ritmo de vendas no Brasil e encerrou o último mês do ano com 64.422 unidades emplacadas e 27,1% de participação de mercado. "Os resultados de 2023 comprovam que estamos fazendo as melhores escolhas ao entregar aos nossos clientes produtos e serviços cada vez mais inovadores e alinhados às suas necessidades. Em 2024 seguiremos com o nosso objetivo de continuar a fortalecer a presença de nossas marcas e ampliar a nossa liderança em todos os mercados da região", afirma Emanuele Cappellano, presidente da Stellantis para a América do Sul.

LIDERANÇA EM SUVS

A Stellantis também foi destaque no segmento de SUVs em 2023. A empresa figurou na lista dos mais vendidos dos últimos 12 meses com as marcas Jeep, Fiat e Citroën. Os modelos Jeep Compass e Renegade registraram, respectivamente, 59 mil unidades vendidas e 47 mil emplacamentos ao longo do ano. Já o Commander atingiu quase 20 mil unidades vendidas. O Fiat Pulse e Fastback ultrapassaram a marca de 45 mil e 40 mil emplacamentos, respectivamente. O SUV Compacto da Citroën, o C4 Cactus, emplacou 3.674 unidades no acumulado do ano.

Ao todo, a Stellantis superou a marca de 214 mil unidades comercializadas no segmento ao longo do ano, totalizando 35,8% da fatia do mercado de SUVs.

BRASIL

No mercado brasileiro, a empresa consolidou sua liderança entre os meses de janeiro a dezembro, com mais de 686 mil unidades emplacadas e 31,4% de participação nas vendas.

FIAT GARANTE LIDERANÇA PELO TERCEIRO ANO

Em 2023, a marca alcançou 21,8% de participação com 475.443 unidades emplacadas, mais de 128 mil carros à frente da segunda colocada. Modelo mais vendido no Brasil, a picape Fiat Strada teve 120.600 unidades emplacadas e 5,5% de market share. Ainda no top 10 de veículos mais vendidos no ano, também entraram o Mobi na sexta posição com 73.432 carros emplacados (3,4% de participação) e o Argo em oitavo lugar com 66.719 unidades (3,1% de market share).

A Fiat ainda garantiu em 2023 a liderança nas categorias de Hatches com 140.261 unidades e 22,6% de

segment share, Picapes com 171.915 carros e 42,6% de participação na categoria e Vans com 26.250 veículos emplacados e 44,5% de segment share. Já em SUVs, a marca teve 86.219 unidades vendidas no ano e um importante crescimento de 43% (25.802 carros) em relação a 2022.

Em relação ao fechamento do último mês do ano, a Fiat também encerrou em primeiro lugar com 19,7% de market share e 46.808 unidades emplacadas. Dois modelos entraram no top 10: a picape Strada com 10.573 unidades emplacadas e o Mobi com 7.395 veículos comercializados. Em dezembro, a Fiat liderou em Picapes com 15.281 unidades emplacadas e 36,1% da categoria em geral, sendo que a Strada garantiu 66,7% das B-picapes e a Toro, 42% das C-picapes, ambas em primeiro lugar em seus segmentos.

JEEP® CELEBRA LIDERANÇA ABSOLUTA

Em 2023, a marca registrou mais de 127 mil unidades de veículos vendidos no Brasil, o que corresponde a 16,2% do segmento de SUVs e 5,8% do mercado geral, ocupando a sexta posição na indústria total.

O Compass, líder entre os SUVs médios pelo sétimo ano consecutivo, alcançou mais de 59 mil unidades vendidas e uma participação de mercado superior a 40%. Já o Commander, líder entre os SUVs grandes pelo segundo ano consecutivo, atingiu quase 20 mil unidades vendidas e uma participação de mercado de 23%. O Renegade obteve mais de 47 mil emplacamentos ao longo do ano.

Crescimento no varejo da Peugeot

A PEUGEOT registrou um crescimento de 150% nas vendas Varejo, ou seja, nas vendas realizadas na rede de concessionárias para Pessoa Física com a expansão da linha 208, da presença dos já tradicionais SUVs e da eletrificação da marca.

A Marca do Leão continua a crescer e segue no Top 10 das marcas com maior participação de mercado no Brasil, assim como em 2022.

CITROËN ENCERRA 2023 COM DESEMPENHO SÓLIDO NAS VENDAS

O fechamento de 2023 consolidou a força da Citroën no Brasil. O Novo C3 encerra 2023 como um dos cinco B-hatches nacionais mais vendidos do Brasil no canal de vendas Varejo com mais de 26 mil unidades comercializadas, concluindo com chave de ouro o ano em que ele conquistou diversos prêmios, incluindo o prestigiado World Urban Car of the Year e o Melhor Compra até R$ 75 mil da Quatro Rodas.

Já o Novo C4 Cactus conquistou o título de Melhor Compra da Quatro Rodas na categoria SUV Compacto, além de ter recebido novo visual, o exclusivo sistema multimídia Citroën Connect Touchscreen de 10” com Android Auto e Apple Carplay sem fio e a inédita Edição Limitada Noir com motor THP de até 173 cv.

A solução mais inteligente para os pequenos e grandes empresários, o Jumpy também brilhou em 2023, sendo a terceira van mais vendida do Brasil. Além disso, o ë-Jumpy segue conquistando o mercado da eletromobilidade sustentável, e encerrou o último ano como a van elétrica mais vendida do país em seu segmento.

RAM CONQUISTA MELHOR ANO DA SUA HISTÓRIA NO BRASIL

A Ram finalizou o ano de 2023 com inúmeros motivos para comemorar. Somando os doze meses do ano, a marca atingiu aproximadamente 17 mil unidades comercializadas, o melhor ano da sua história no Brasil, um aumento de 236% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Também obteve o melhor dezembro já registrado, com impressionantes 3.107 emplacamentos. Além disso, garantiu a liderança entre as marcas premium no Brasil e a Nova Rampage se consolidou no Top 5 entre as picapes compactas e médias mais vendidas no país durante o ano.

ARGENTINA

Na Argentina, a Stellantis continua a liderar o mercado com mais de 119 mil unidades vendidas entre os meses de janeiro a dezembro e uma participação de mercado de 28,2%, posicionando a empresa como o maior fabricante de veículos da Argentina.

CHILE

No Chile, a Stellantis comercializou mais de 36 mil unidades no acumulado do ano, com 11,5% de participação de mercado

Somattos Engenharia vira o ano com superação de meta e crescimento de 170%

Incorporadora e construtora, que encerrou 2023 com faturamento de R$ 355 milhões, já prepara lançamentos para 2024

Em sintonia com o movimento de expansão do mercado imobiliário de Nova Lima e Belo Horizonte que teve alta de 14% entre janeiro e setembro de 2023, conforme Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado de Minas Gerais (Sinduscon-MG), a Somattos Engenharia - que atua nessas regiões -, virou 2023 com superação de meta em 73% e crescimento real de 170%. O faturamento que era de R$ 131 milhões em 2022 passou para R$ 355 milhões no final do ano passado. Foi o melhor resultado, historicamente, de todos os anos da empresa.

O bom desempenho é atribuído à assertividade dos lançamentos de empreendimentos. Em Nova Lima, no Vila da Serra, o destaque foi o Etoile, a última etapa do La Reserve, case de sucesso em parceria com a Patrimar. Já na capital mineira, as novidades ficaram com o Hub Savas-

si e Flow, com localização estratégica na Savassi, e o Evoluti.on, no Buritis, residencial da Tetum Engenharia, empresa do grupo Somattos.

Em 2023, a Somattos também se sobressaiu na entrega de empreendimentos em BH, como o Epic Savassi, que fica no coração da Savassi, em BH. Ele conta com 100 apartamentos de dois e três quartos, cujos tamanhos variam entre 78m² e 103m². Também houve a entrega do Lúmina Premium Residence, no bairro Santo Agostinho. Este residencial possui apartamentos de um ou dois quartos, de 40m² a 73m².

"Ambos são cases de sucesso. O Epic e o Lúmina juntos somam 232 unidades. Superamos as nossas expectativas. Fizemos nosso maior volume de entregas em um ano", diz Humberto Mattos, diretor comercial da Somattos.

Em se tratando de vendas, o diretor também ressalta que os resultados foram incríveis. "Somente no Flow, por exemplo, as vendas alcançaram 50% em um mês de lançamento. Já as vendas das unidades do Duo e Apogée foram esgotadas em 2023", enfatiza.

EXPECTATIVAS

Para 2024, a Somattos dará prosseguimento ao processo de consolidação em São Paulo, onde a empresa fará entrega de empreendimentos: Diamond Jardins na capital paulista e o Praça Guanabara, em Campinas, que é da Tetum. Também está previsto o lançamento de um residencial em Moema, bairro nobre de São Paulo. "Aumentaremos nosso landing banking para manter nossa expansão neste estado. Estamos otimistas", afirma Mattos.

Já em Minas Gerais, haverá o lançamento do maior empreendimento da empresa, o Aura, que será construído em um terreno de mais de

12.800 m² na Vila da Serra, em Nova Lima. Serão mais de R$ 300 milhões em VGV (Valor Geral de Vendas). O residencial - que terá apartamentos de quatro quartos, tem como um dos diferenciais a área de lazer, moderna e com completa infraestrutura -. também é fruto de parceria com a Patrimar.

BALANÇO

Em 2023, muitas foram as ações e conquistas da Somattos. A empresa recebeu o prêmio Prevision, categoria Ouro, pela eficiência no planejamento e gestão das obras. Houve também a revisão do processo de entrega de empreendimentos, com objetivo de ampliar a experiência e aumentar a satisfação dos clientes. O novo desenho economiza tempo através do uso de ferramentas digitais, aumenta a qualidade da entrega e gera encantamento.

A empresa deu início ao processo de implementação do BIM, conjunto de tecnologias, processos e políticas que permite que várias áreas possam atuar de maneira colaborativa nas etapas de projetos, construção, edificação ou instalação. Já na área administrativa, houve a digitalização de todo o processo financeiro (encaminhamento, aprovação e pagamento de notas fiscais), tornando a demanda mais ágil e segura. A Somattos também está finalizando dois projetos importantes: novo site e novo Portal do Cliente. Ambas as ferramentas têm o objetivo de melhorar a experiência dos clientes, desde o primeiro contato com a empresa (antes da venda), até o uso do imóvel (no pós-vendas). A incorporadora está fazendo estudos de implementação de Inteligência Artificial para melhorar o pré-atendimento de vendas e para avaliar o uso da tecnologia para ampliar a experiência de pós-vendas.

"Para este ano, vamos manter nossa essência, nossos pilares e diretrizes, ou seja, construir com qualidade nas melhores localizações. Somado a isso, levamos a sério o conceito de centralidade no cliente e temos desenvolvido essa cultura cada vez mais. Nossas equipes são altamente especializadas em prestar o melhor atendimento, e investimos em tecnologia para apoiar o processo', ressalta Humberto Mattos.

Holding familiar garante segurança jurídica para sua família e patrimônio

Famílias que possuem bens podem fazer uso dessa estratégia de planejamento tributário e sucessório garantindo economia e segurança jurídica na hora de transmitir heranças

A holding familiar vem se popularizando como forma de estruturar o planejamento tributário e sucessório. Famílias que possuem herança têm percebido que esse tipo de empresa traz mais do que apenas segurança jurídica e economia tributária, mas também elimina conflitos entre familiares na hora da dor do falecimento.

Holding patrimonial familiar nada mais é que uma empresa, sem atividade comercial, que é criada para controlar o patrimônio de pessoas de uma mesma família. O principal objetivo é organizar os bens familiares e otimizar o pagamento de impostos como pessoa jurídica. Ou seja, os bens da família deixam de pertencer apenas a uma pessoa e passam a ser de propriedade da empresa.

Segundo o especialista em direito tributário e advogado-sócio do MBT Advogados Associados, Rodrigo Totino, a holding familiar é uma estratégia muito vantajosa para a organização e gerenciamento dos bens familiares, trazendo transparência, economia de tributos e tranquilidade na hora da transmissão de herança. "Os termos de contrato da criação da holding familiar são discutidos com todos os envolvidos ainda em vida. Dessa forma, cada filho ou beneficiário tem a chance de concordar com os termos, estando ciente das participações nos bens da família", exemplifica.

Outro benefício é a redução de tributos. Quando acontece a distribuição da herança por morte, os bens não estão sujeitos ao Imposto de Transmissão por Causa Mortis ou Doação (ITCMD), já que pertencem à empresa e não a uma única pessoa. Lembrando que o ITCMD é um imposto estadual e pode ter alíquotas que alcancem 8% dependendo do estado. "A existência de uma holding familiar também exclui a necessidade de um inventário de bens imóveis, eis que os mesmos serão propriedade de uma pessoa jurídica, o que também traz economias relevantes", acrescenta o advogado.

Existe ainda uma tendência de aumento da tributação sobre heranças e doações, visto a política de aumento de arrecadação do atual governo. Ainda no início do ano, o governo de São Paulo barrou uma redução nas alíquotas de tributos sobre herança. "O melhor momento para fazer uma holding familiar é no momento presente, garantindo organização, tranquilidade e economia tributária para o patrimônio da família", alerta Rodrigo.

A holding familiar tem custo de criação e manutenção e pode ser administrada pelos próprios sócios ou por empresas especializadas. Essas empresas também podem definir sucessão de cargos em empresas familiares.

Com o início da história em 1985, através de um dos advogados pioneiros em Rondônia, Ivan Machiavelli, o escritório MBT Advogados Associados é especialista em casos relacionados ao direito do agronegócio, direito cooperativo e recuperação judicial e falência. Tem como sócios fundadores Ivan Machiavelli, Deolamara Bonfá e Rodrigo Totino, que contam com o apoio de mais 20 de profissionais que são referência de profissionalismo no Estado de Rondônia.

Banco do Brasil é considerado a marca mais forte do país

BB também está entre as três marcas brasileiras mais valiosas do mundo em levantamento da Brand Finance

O BB foi considerado a empresa de marca mais forte do Brasil, também ranqueada como uma das três marcas brasileiras mais valiosas do mundo. Esse é o resultado de um levantamento desenvolvido pela empresa Brand Finance, líder mundial de avaliação de marcas, que destacou as 500 mais fortes e mais valiosas do planeta. O ranking foi anunciado na quarta-feira (17) no Fórum Econômico de Davos, na Suíça.

De acordo com o relatório da Brand Finance, a marca Banco do Brasil cresceu 11% entre 2023 e 2024, alcançando o valor de US$ 5,5 bilhões. O crescimento decorre da força da marca, com pontuação de 79.1 e rating AA+. Pela consultoria, para avaliar o valor de marca, considera-se o benefício econômico que se obteria com o licenciamento da empresa em mercado aberto. Já a força da marca consiste na eficácia do desempenho com parâmetros imensuráveis em comparação à concorrência.

"Quando tomei posse, há um ano, afirmei que a missão que eu estava assumindo era extremamente relevante e desafiadora. Ao mesmo tempo, sempre acreditei na capacidade de todos os funcionários e funcionárias do Banco para a condução da nossa estratégia corporativa com total zelo, atuando para que o Banco seja relevante em todos os momentos nas necessidades dos nossos clientes", afirma Tarciana Medeiros, presidenta do BB.

Ela destaca que a gestão do BB tem compromissos públicos e metas concretas para levar desenvolvimento social, econômico e ambiental para as diversas regiões do país. "Atuamos com protagonismo em 2023 nos diversos mercados no Brasil e no mundo. E seguiremos sendo parceiros dos nossos diversos públicos de relacionamento para maximizarem suas conquistas. Por isso, esse reconhecimento como marca mais forte do Brasil e uma das mais fortes da América Latina, além de uma das mais valiosas do mundo, é motivo de muito orgulho e incentivo para nós, já que é mais um indicativo de que estamos no caminho correto", considera Tarciana Medeiros.

O MAIS SUSTENTÁVEL DO PLANETA

Ressalta-se, ainda, que, pela quinta vez, o BB é considerado o banco mais sustentável do planeta no ranking das 100 Empresas Globais Mais Sustentáveis do Mundo - Global 100. Neste ano, pela primeira vez, o Banco do Brasil também se destaca como uma das 10 organizações protagonistas da lista, ocupando a sexta posição dentre todas as empresas listadas. Na classificação geral, é a oitava vez em que a atuação estratégica do Banco do Brasil - que tem a sustentabilidade/ASG como um de seus principais valores - leva a Empresa a um dos rankings mais valorizados e transparentes do mundo nesse tema. O reconhecimento vem da Corporate Knights, líder mundial em pesquisa em economia sustentável, que avalia rigorosamente a performance em sustentabilidade corporativa de quase 7 mil empresas de capital aberto com receitas brutas superiores a US$ 1 bilhão. A avaliação considera 25 indicadores econômicos, ambientais e sociais relacionados, por exemplo, a receitas e investimentos sustentáveis, promoção da descarbonização, diversidade racial e de gênero. O resultado da edição 2024 foi anunciado ontem, 17, no Fórum Econômico Mundial, em Davos - Suíça.

FIEMG rebate números do Governo e afirma que arrecadação será maior que o estimado pela Receita

Estimativa da entidade prevê aumento da arrecadação entre R$ 14,6 bi e R$ 19,1 bi

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), Flávio Roscoe (foto), contestou os números com a previsão de arrecadação divulgados pelo governo, caso a taxação de compras internacionais com valor inferior a US$ 50 seja de 28%. Para a entidade, a eventual redução nas importações com a tributação dos itens deve ser compensada pelo aumento da produção nacional.

De acordo com estimativas divulgadas pela Receita, se essa alíquota for aplicada, haverá uma queda nas importações entre 30% e 70% a arrecadação estimada ficará entre R$ 1,23 bilhão e R$ 2,86 bilhões.

Levantamento elaborado pela FIEMG, que traçou alguns cenários considerando a taxação dos importados com alíquota de 28% e a produção nacional, mostra que mesmo com queda nas importações o governo pode arrecadar entre R$ 14, 6 bilhões e R$ 19,1 bilhões.

No melhor cenário, não haveria queda nos importados até US$ 50. O pior cenário prevê uma queda nos importados de 45%, o que geraria uma arrecadação com imposto de importação de R$ 10,5 bilhões. No entanto, haveria um aumento da produção nacional para suprir o mercado nacional, gerando mais R$ 4,1 bilhões de receita com arrecadação de impostos devido pela indústria brasileira.

"Nossos estudos demostram que a arrecadação seria maior do que a estimada pela Receita. O País terá ganho tanto na tributação de importados como na produção nacional, que aumentará", afirma Roscoe. "A FIEMG quer demonstrar que a medida pode ser uma boa solução para não penalizar quem produz no Brasil e ajudar o governo a equacionar o problema fiscal, com uma indicação de fonte para compensar a perda de arrecadação com a desoneração da folha de salários para 17 setores. O País precisa ser competitivo, gerando emprego e renda, o que não virá com a isenção de compras internacionais e nem com a reoneração da folha, que atingirá importantes setores para o crescimento da economia", completa Roscoe.

A medida tem sido aventada para compensar a perda, segundo o Governo, com a manutenção da desoneração da folha de pagamentos. A taxação geraria recursos que bancariam a medida e possibilitariam o aumento da competitividade e produtividade nacional.

Empresa mineira vem se destacando por sua atuação no campo de engenharia

A Blend Engenharia é uma empresa criada em 2019 com sede em Nova Lima / MG, com objetivo de fornecer soluções de engenharia, gerenciamento e consultoria, tendo como principal foco a atuação em projetos industriais.

Caracteriza-se por ser uma empresa de engenharia habilitada à prestação de serviços nos diversos segmentos de mercado, focando na aplicação de processos estruturados, metodologia de trabalho e recursos humanos altamente qualificados.

Desenvolve projetos multidisciplinares e, nesses projetos, são envolvidas as disciplinas de civil, elétrica, infraestrutura, arquitetura, hidráulica, tubulação, mecânica, estrutura metálica, automação, instrumentação e processo. Os clientes são de médio e grande porte, nas áreas de minério de ferro, lítio, papel e celulose, ferrovia, portos, aeroportos, fertilizantes, agronegócios e alimentícia.

Atualmente, a Blend está consolidando o processo de governança com atenção especial às práticas ESG, voltadas para a preservação do meio ambiente, responsabilidade com a sociedade e transparência empresarial.

A empresa tem o seu leque de serviços em todo o Brasil com perspectivas para atuação, também, em outros países.

ÁREAS DE ATUAÇÃO DA BLEND ENGENHARIA

MINERAÇÃO, METALURGIA, SIDERURGIA E FERTILIZANTES

- *Engenharia Consultiva para desenvolvimento de projetos e implantação de Unidades Industriais*
- *Estudos de viabilidade técnico-econômica e conceituais*
- *Projetos básicos e de detalhamento*
- *Profissionais especializados e experientes*

INFRAESTRUTURA

- *Portos*
- *Ferrovias*
- *Rodovias*
- *Aeroportos*
- *Arquitetura, Edificações e Urbanismo*
- *Engenharia Consultiva para desenvolvimento de projetos e implantação*
- *Estudos e Projetos de Engenharias Conceitual, Básica e Detalhada*
- *Estudos de viabilidade técnico-econômica, CAPEX e OPEX*

GERENCIAMENTO DE IMPLANTAÇÃO

- *Engenharia Consultiva para desenvolvimento de projetos e implantação de Unidades Industriais*

PROJETOS LOGÍSTICOS

- *Foco na prestação de serviços de engenharia de projetos multidisciplinares em portos secos, portos e ferrovias*

TECNOLOGIA 3D

- *Nuvem de pontos 3D*
- *Modelagem Digital*
- *Maquete 3D*
- *Maquete 3D*
- *Escaneamento – Captura de dados*
- *Registro – Alinhamento de cenas*
- *Modelagem As-Built*
- *Engenharia 3D*

Armazenamento em nuvem é tendência para 2024

Essa tecnologia permite arquivar milhares de documentos sem gastar espaço físico

Gradualmente a "nuvem" toma espaço no cotidiano de diversas empresas, afinal, é responsável por agregar inúmeras vantagens. Conforme estatísticas da SoftwareOne, o crescimento das informações mantidas dessa forma multiplicou cerca de 4,6 vezes, com previsão para angariar ainda mais adeptos. Logo, é possível notar uma tendência para 2024 e por isso, se torna imprescindível entender esse mecanismo e assumi-lo como uma estratégia.

O PODER DA NUVEM

De maneira geral, é necessário entender a evolução tecnológica para chegar no cloud computing. De forma mais lúdica, antigamente existiam computadores imensos ocupando muito espaço, tinham poucos Kbytes de armazenamento e demoravam minutos, até mesmo horas, para processar os conteúdos, principalmente se fossem imagéticos. Depois, chegaram os saudosos disquetes, com tamanho de até 1,4 MB, mas também era comum contar com os clássicos HDs, de 8 GBs. Hoje, sequer são suficientes para um jogo pesado ou mesmo um aplicativo corporativo, por exemplo.

Com a necessidade de uma transformação digital capaz de encurtar barreiras e otimizar o tempo, a tecnologia em nuvem veio para revolucionar todo o tipo de organização. Ademais, a execução de inúmeras tarefas se tornou mais ágil e acessível, graças à praticidade de usufruir do mecanismo.

Consoante a Carlos H. Mencaci, CEO da Assine Bem, os executivos já perceberam como essa modernidade é fundamental para o cotidiano. "Principalmente para quem tem grande volume de contratos, é possível transferir os arquivos para um ambiente virtual, sem fronteiras e limitações, de forma completamente confiável, afinal, tudo é criptografado." Ou seja, cada usuário pode utilizar de maneira privada ou pública esse recurso e, ainda, de onde estiver, contando apenas com o acesso à Internet.

3 SOLUÇÕES DA COMPUTAÇÃO EM NUVEM ALIADAS À ASSINATURA DIGITAL

Com o advento da pandemia, diversas empresas adotaram esse modelo para agilizar e otimizar a validação de seus documentos. Isso porque as possibilidades são infinitas, afinal, com a assinatura digital, qualquer declaração pode ser salva, com total garantia e máxima integridade. Com isso em mente, Mencaci preparou uma lista de possíveis aplicações dessa ferramenta. Veja:

1) AUTENTICAÇÃO DIGITAL

Além de poupar com a impressão e manejo de documentos físicos, os serviços nessa modalidade também autenticam digitalmente os arquivos, dispensando gastos consideráveis, tais como cartórios. De acordo com a organização europeia Esra, as companhias alcançam uma economia de 86% nos custos, desde a utilização de tintas e pastas até no deslocamento para completar as assinaturas, pois a operação é totalmente virtual.

2) GESTÃO DE DOCUMENTOS

Além da validade on-line, a gestão também é assertiva. Para encontrar qualquer registro, basta buscar pelo CPF do signatário. Conforme o CEO da Assine Bem, "isso facilita e torna mais prático localizar informações." Por fim, tudo é gravado de maneira dinâmica, sendo possível categorizar por intermédio de palavras chaves ou notas.

3) INTEGRAÇÃO DE SISTEMAS

Esse método permite a junção de diversos instrumentos, integrando-os em harmonia. Um exemplo são as notificações enviadas pelo e-mail, SMS e WhatsApp, possibilitando o acesso mais rápido e, consequentemente, acelerando todo o processo. Dessa forma, por intermédio da facilidade do sistema em nuvem, em poucos cliques, o consumidor e a empresa conseguem se conectar.

Por fim, essa inovação é reconhecida por trazer mais facilidade e produtividade em todos os processos. Para aquelas corporações com desejo de se tornarem referência e aprimorar a experiência dos envolvidos com seus trâmites, a assinatura digital com armazenamento em nuvem se mostra como uma estratégia bem qualificada.

Gestão de excelência = melhores resultados

Pedro Signorelli

Considerado um dos maiores especialistas do Brasil em gestão, com ênfase em OKRs. Já movimentou com seus projetos mais de R$ 2 bi e é responsável, dentre outros, pelo case da Nextel, maior e mais rápida implementação da ferramenta nas Américas

Ser gestor não é tarefa fácil, afinal, não importa o tamanho da empresa, cedo ou tarde as dificuldades vão aparecer. É responsabilidade da gestão resolver os problemas, ou evitá-los, na tentativa de garantir o sucesso do negócio e que os mesmos erros não sejam cometidos novamente. No livro "Extreme Ownership", os autores e pesquisadores afirmam que não existe time ruim, existe liderança ruim. Duro, não é mesmo?

Desta forma, a pessoa que está no cargo deve realmente compreender a situação atual do time, da organização em que atua, para que possa buscar soluções eficazes para o dia a dia. Pois para que a engrenagem gire e as coisas funcionem, é preciso entender o cenário como um todo, para depois olhar os detalhes com calma.

Para conseguir esse feito, o gestor deve estar atento ao que acontece, para discernir o que faz mais sentido em cada situação específica. Porém, sabemos que é humanamente impossível acompanhar tudo de perto, por isso é importante delegar as tarefas e confiar nas informações que são repassadas pelos colaboradores.

No entanto, essa confiança só é viável quando o gestor está disposto a criar um ambiente seguro para que ideias diferentes sejam compartilhadas. Essa liderança precisa demonstrar boa receptividade, para que assim o time construa uma estratégia em conjunto, sabendo a relevância de suas respectivas funções.

Além disso, é fundamental entender

o peso das decisões que são tomadas. Agir sem pensar nunca deve ser uma opção disponível, pois essa ação envolve riscos e consequências que, dependendo do cenário, podem prejudicar a equipe e a organização, causando danos difíceis de serem reparados, e ninguém quer viver essa realidade.

É claro que fazer tudo isso com maestria demanda esforço, paciência, sabedoria e tempo. Um bom gestor não se faz do dia para a noite, quem dirá uma gestão de excelência. Esse processo pode ser longo e trabalhoso, mas sempre vale a pena, já que no final o objetivo é entregar os melhores resultados para a empresa.

Neste sentido, uma gestão que adota os OKRs - Objectives and Key Results (Objetivos e Resultados Chaves) -, já sai na frente das demais, pois começa de uma discussão onde todos podem e devem contribuir. A partir da priorização conjunta e construção do plano de execução com resultados a serem atingidos bem claros e alinhados, o time terá clareza e foco para estabelecer metas e colocar em prática as estratégias com mais engajamento.

Aliado a esse fator, a ferramenta possui ciclos mais curtos, de geralmente três meses, o que permite ajustes frequentes. Isso faz com que o gestor, juntamente com os colaboradores, entendam onde está o erro ou o que não está funcionando, podendo recalcular rota mais facilmente, em busca de conseguir os melhores resultados.

Outra coisa que os OKRs nos ajudam bastante é ser mais orientados a dados e, com isso, facilitar a conversa do time. Com os resultados desejados estando claros, o que fazer não depende tanto da opinião de um ou de outro, mas dos dados disponíveis e obtidos a partir da execução. Com estes elementos, é possível construir um ambiente mais adequado para excelência nas entregas.

Microsoft supera temporariamente a Apple e se torna a empresa mais valiosa do mundo

Duelo de gigantes

No mundo da tecnologia, dois titãs estão se enfrentando pelo título de empresa mais valiosa do mundo. No dia 11 de janeiro, a Microsoft ultrapassou a Apple, pela primeira vez desde 2021, assumindo a liderança em valor de mercado.

TECLA SAP

Valor de mercado é a avaliação do valor total de uma empresa baseada no preço atual de suas ações multiplicado pelo número total de ações em circulação.

O JOGO DAS CIFRAS

Durante as negociações de quinta-feira na Bolsa de Valores de Nova York, a Microsoft alcançou um valor de mercado de impressionantes US$2,87 trilhões, enquanto as ações da Apple caíam 1%. Mas, como uma reviravolta digna de um filme, a Apple recuperou a liderança à medida que o dia avançou.

O QUE ESTÁ POR TRÁS?

A Microsoft tem feito investimentos significativos em inteligência artificial. A empresa possui 49% das ações da OpenAI, responsável pelo ChatGPT, e tem integrado a IA em seus produtos, como no buscador Bing.

Por outro lado, a Apple enfrenta preocupações sobre a demanda por vendas do iPhone, especialmente no mercado chinês. Durante a pandemia de Covid-19, a Apple lidava com dificuldades na cadeia de suprimentos e restrições relacionadas à Covid em suas fábricas na China.

UMA CORRIDA PELO TOPO

Desde 2010, a Apple mantinha a pole position, impulsionada pelo sucesso do iPhone, um dispositivo que a Microsoft teve dificuldades para competir. No entanto, o recente boom da IA tem sido um trunfo para as avaliações de algumas empresas, incluindo a Microsoft.

Outro exemplo é a Nvidia, uma empresa que fabrica chips de computador para IA, que se tornou a primeira fabricante de chips a valer US$1 trilhão.

OLHANDO PARA O BRASIL

Para se ter uma ideia, o valor de mercado do Ibovespa, principal índice de ações do Brasil, é de, aproximadamente, 4 trilhões de reais ou cerca de 815 bilhões de dólares. Consegue perceber o tamanho e relevância do mercado americano? Uma única empresa vale várias vezes mais do que toda a nossa bolsa…

Fonte: Daily Fin

70% dos microempreendedores brasileiros têm dificuldade em pagar as contas da empresa

Segundo pesquisa do CEAPE Brasil, quase metade dos pequenos empresários mesclam as finanças pessoais com as dos negócios

Dificuldade de fazer o fluxo de caixa fechar, superestimar o faturamento, necessidade de capital de giro e não conseguir honrar os próprios compromissos pessoais. Estas são apenas algumas das dificuldades que os empreendedores brasileiros enfrentam no seu dia a dia, como demonstra a Pesquisa de Educação Financeira para empreendedores do Centro de Apoio aos Pequenos Empreendimentos – Ceape Brasil.

Segundo o levantamento, 69,7% dos entrevistados afirmam que já tiveram problemas para honrar os compromissos do próprio negócio, o que inclui pagar os fornecedores ou colaboradores. E, quando isso é possível, as contas da família ficam em segundo plano, como declaram os 29,3% restantes.

"O cenário macroeconômico brasileiro por si só é desafiador para o empreendedor brasileiro. Temos uma taxa de juros em queda, mas ainda em patamar elevado, a renda do consumidor comprometida, impostos altos e um crescimento econômico ainda baixo. Mas o principal desafio é o próprio preparo do empresário. Muitas vezes, a pessoa não faz o controle das receitas e despesas e não tem conhecimento básico em finanças para tomar as decisões estratégicas que podem levar à longevidade do negócio ou ao fracasso", explica Claudia Cisneiros, diretora executiva do CEAPE Brasil, instituição especializada na concessão de microcrédito produtivo, ou seja, unindo empréstimo com educação financeira dos tomadores.

Para solucionar os casos mais extremos, quando há gastos emergenciais ou faltam recursos para pagar alguma conta, 38% disseram que recorrem à "reserva de emergência" do negócio. 32,2% buscam linhas de crédito ou microcrédito, enquanto 16,1% utilizam cartões de crédito. 13,6% afirmaram que pedem empréstimos a amigos ou familiares. Para Cláudia, as respostas não surpreendem. "Os pequenos empreendedores enfrentam dificuldades para conseguir crédito no Brasil quando recorrem às instituições financeiras tradicionais, muitas vezes, por não conseguirem provar que estão aptos a arcar com aquele recurso. Por este motivo, recorrem a fontes alternativas para obtenção de recursos", diz.

Outro dado da pesquisa que chama a atenção é que somente 54,1% dos empreendedores costumam separar as contas pessoais com as da empresa. Do total da amostragem, 5,4% dos entrevistados afirmaram que não veem sentido na separação. Outros 25,2% disseram que às vezes precisam remanejar os recursos pessoais para a empresa e vice-versa, e outros 15,4% observaram que "fazem o que podem", ou seja, não conseguem ter duas gestões distintas porque as contas não fecham.

"Para estabelecer o controle financeiro dos negócios, é fundamental separar as finanças corporativas dos gastos pessoais, evitando misturar os recursos e seu uso. Não é incomum encontrar empresários que cometam o erro de misturá-las. Porém, a prática costuma gerar problemas de fluxo de caixa, além de afetar a prestação de contas e prejudicar as declarações de impostos e outras obrigações", afirma o head de educação financeira da plataforma de gestão financeira Controlle, Leandro Benincá.

CADERNINHO VERSUS PLANILHA

Sobre o controle das receitas versus despesas, os dados obtidos mostram uma situação preocupante: 9,1% dos empreendedores afirmam que controlam tudo de cabeça e outros 7,9% dizem que não usam nenhum controle. Entre aqueles que buscam olhar com mais cuidado o seu caixa, 7% se baseiam nos que seus contadores falam, 14,5% usam planilhas e outros 61,6% utilizam o caderninho para fechar as contas.

"Gerenciar o fluxo de caixa não é apenas sobre números, é sobre estratégia e controle. É preciso ter um fluxo de caixa realista, sabendo quanto entra de recursos financeiros das atividades da empresa e quanto é destinado para cobrir os custos e despesas. Isso é fundamental para uma gestão financeira eficaz, pois serve como uma bússola que orienta as decisões estratégicas diárias, desde pagamentos de fornecedores até investimentos em expansão", explica Benincá.

O que esperar das ações da Petrobras em 2024

Em 2023, as ações preferenciais (PETR4) atingiram uma alta acumulada de 94,47%, ficando entre as maiores altas do ano

De acordo com a iHUB Investimentos*, a Petrobras, uma sociedade de economia mista controlada pela União, acumulou alta de 94,47% nas suas ações preferenciais (PETR4) no ano passado, caracterizando-se como uma das principais valorizações do Ibovespa em 2023.

Além disso, no dia último 27 de dezembro, a empresa alcançou um pico histórico de maior valor de mercado em seus mais de 70 anos de existência, ultrapassando a marca de R$ 530 bilhões. Com o bom resultado, nos últimos três trimestres, a Petrobras distribuiu um total de R$73 bilhões em dividendos aos seus acionistas, fator que tenderia a diminuir o valor da empresa. Nos três primeiros pregões de 2024, já havia acumulado alta de 3,70%.

Contudo, 2023 também foi marcado por notícias adversas para a companhia, como as movimentações das cadeiras de alto escalão, mudanças nos planos de investimentos e dividendos das ações e a alteração da política de preços dos combustíveis, com a empresa deixando a paridade internacional. Esses fatores trouxeram bastante volatilidade para os preços dos papéis da Petrobras, que no início de 2023 caminhavam entre R$16 e R$17, e que encerraram o ano no patamar de R$37,24.

Para Daniel Abrahão, assessor na iHUB Investimentos, o preço internacional também contribuiu para o crescimento do papel. "O desempenho positivo das ações da empresa deve-se, em grande parte, à escalada histórica dos preços do petróleo nos últimos anos, um movimento também observado em outras companhias petrolíferas ao redor do mundo", comenta.

O FATOR GUERRA PARA AS AÇÕES PETR4

A intensificação do conflito no Oriente Médio, região reconhecida por abrigar os principais países produtores de petróleo, impulsionou ainda mais o mercado de commodities. O mundo segue atento às possíveis escaladas do conflito em relação aos países envolvidos na produção e atração do petróleo.

Em 2023, Jean Paul Prates admitiu que se o conflito se alastrar pela região árabe, envolvendo os países produtores de petróleo, poderia criar uma situação de volatilidade extrema para a Petrobras.

"Certamente, o preço das commodities, assim como o petróleo no mercado global, pode sofrer mudanças drásticas devido a eventos políticos, conflitos regionais ou geopolíticos em áreas-chave de produção de petróleo", explica Abrahão.

A POLÍTICA DE DIVIDENDOS DA EMPRESA

A elevação dos preços do petróleo oferece às empresas envolvidas na exploração, produção ou venda deste recurso a oportunidade de comercializá-lo a valores mais altos, resultando em um aumento nas receitas e, potencialmente, nos lucros, sem necessariamente um aumento proporcional nos custos.

Além disso, o desempenho positivo das ações é respaldado pelos dados operacionais que registraram um aumento de 8% na produção em relação ao trimestre anterior, devido à entrada em operação de novas plataformas e à otimização das existentes no pré-sal.

Quando uma empresa distribui dividendos aos acionistas, ela diminui o valor de mercado, transferindo as contas da empresa para os recursos das contas dos sócios. É comum haver confusão entre os investidores em relação a essa situação.

"Quando uma empresa paga dividendos, o preço da ação tende a diminuir. Para ilustrar, se uma ação está avaliada em R$100,00 e paga 10% de dividendos, o valor da ação passa a ser R$90,00. No entanto, o efeito prático disso no patrimônio do investidor é neutro", diz Daniel.

Outros fatores de influência em 2024

A longo prazo, os investimentos em pesquisa e desenvolvimento são fundamentais para a otimização, especialmente, da exploração de águas profundas, área na qual a Petrobras é considerada um caso de sucesso global.

Nesse quesito de investimentos internos, estratégias de alocação financeira em pesquisas e tecnologia mal sucedidas podem ter impactos diretos nas contas da empresa.

Além disso, um fator de influência a médio e longo prazo é a evolução da tecnologia em outras fontes energéticas, como a energia solar e eólica. Essa mudança na matriz energética global é impulsionada pelo interesse mundial em fontes mais limpas e sustentáveis.

"A Petrobras, uma empresa significativamente estatal em suas cargas executivas, é impactada por regulamentações e políticas governamentais, como mudanças regulatórias ou políticas públicas relacionadas ao setor de energia. Adicionando aos fatores normativos, estão as flutuações cambiais e os potenciais desastres naturais e ambientais, que também têm impacto sobre a Petrobras e suas operações", finaliza o especialista.

*A iHUB Investimentos é uma empresa especializada em assessoria de investimentos credenciada pela XP Investimentos. Possui mais de 3,5 mil clientes, somando mais de R$1,5 bilhão em valores investidos sob custódia.

Localiza Empresas Pesados expande portfólio da L&CO com frente de negócios voltada para aluguel de caminhões

Segmento tem alto potencial de crescimento e é estratégico para a Companhia, com mais de 5 mil veículos pesados alugados e cerca de 200 clientes

Em pouco mais de um ano de operação no segmento desde a combinação de negócios com a Locamérica, Localiza Empresas Pesados avança a passos largos e já conta com mais de 5 mil veículos alugados - entre caminhões de uso urbano, rodoviário e off road - e cerca de 200 clientes. O negócio da Localiza&Co voltado para veículos pesados destaca-se por oferecer uma das frotas mais novas e modernas do mercado ao contabilizar 99% dos caminhões em conformidade com os requisitos mais recentes do Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores (Proconve P7 e P8), equivalentes ao Euro 5 e 6, e que emitem entre 50% e 80% menos GEE.

O segmento, estratégico para a L&CO por apresentar alto potencial de expansão, integra o ecossistema de mobilidade da Companhia voltado para empresas - que já oferece soluções como gestão de frota de veículos leves e aluguel corporativo - e a consolida como uma das maiores e mais completas plataformas de mobilidade do mundo.

Segundo a FENABRAVE/SENATRAM, a frota pesada circulante no Brasil (dados do 1º semestre/23) estava na faixa de 3,8MM. Ainda, de acordo com a ABLA, o total de caminhões registrados em nome de locadoras chegou a 35.701 unidades ao fim de 2022. Dessa forma, apenas aproximadamente 0,9% da frota de caminhões é alugada no Brasil.

"O principal desafio que enfrentamos no Brasil ainda é a cultura da posse e não o custo da solução. Por isso, acreditamos que esse percentual vai crescer consideravelmente no Brasil nos próximos 5 anos à medida que os empresários percebam as vantagens em terceirizar a gestão da frota. Essa tendência já começa a se concretizar. Somente em 2022, a oferta de caminhões para locação dobrou por conta da crescente demanda", destaca Marco Túlio, diretor de Pesados da Localiza&Co.

Para competir nesta frente, a Companhia aposta em diferenciais competitivos como disponibilizar a frota mais nova e moderna do mercado e oferecer soluções tecnológicas e personalizadas que se adequam às necessidades específicas de cada cliente, proporcionando eficiência na gestão dos ativos e maximizando a disponibilidade e a produtividade da frota. A estratégia de crescimento também inclui - mas não se limita - a aproximação estratégica com pequenas, médias e grandes empresas que já são clientes da Companhia em outras frentes, amplificando a gama de soluções para quem já está "dentro de casa".

"Uma frota mais nova reduz o tempo que o veículo precisa estar parado para realizar manutenção e reparos, gerando mais produtividade e rentabilidade ao empresário. Além disso, o monitoramento via telemetria promove mais eficiência operacional na medida em que viabiliza o acompanhamento de diversos indi-

cadores em tempo real e possibilita, por exemplo, readequações de rota e equipe", complementa Marco Túlio. A tecnologia ainda gera relatórios com os quais é possível identificar boas práticas e pontos a melhorar.

CENTRALIDADE NO CLIENTE COMO DIFERENCIAL COMPETITIVO

Pesquisa de 2022 realizada pela SAE Brasil mostra que mais de 40% dos empresários que precisam manter uma frota não querem se preocupar com processos como aquisição, documentação, manutenção e desativação do veículo. O estudo também aponta que mais de 30% entende que terceirizar a gestão da frota proporciona maior fluxo de caixa e de capital – que não fica alocado no bem – para investir no negócio. Pesados Localiza responde a essas demandas em todo o ciclo do ativo, desde a aquisição até a desativação do veículo.

"Pautamos a nossa entrega nas necessidades do cliente. Sabemos que grande parte dos empresários prefere focar na evolução do seu negócio e não gastar tempo com os processos burocráticos e logísticos que envolvem a gestão de uma frota. Por isso, um dos nossos diferenciais é entregar soluções que excluam essas tarefas do seu dia a dia, permitindo que concentre esforços no crescimento do negócio, deixando a gestão da frota nas mãos da L&CO, especialista no tema", finaliza Marco Túlio.

Para isso, Pesados Localiza disponibiliza um time de profissionais especializados para entender as especificidades de cada cliente e customizar a solução mais adequada para diferentes perfis, seja para o aluguel de caminhões de uso urbano, rodoviário ou off road. A entrega personalizada considera, por exemplo, especificações do veículo conforme a atividade (configurador de caminhão que analisa e customiza mais de 200 itens), além da possibilidade de contratar soluções que otimizam a rotina do gestor de frota, tais como manutenção, monitoramento por meio de telemetria e documentação em todo o ciclo de vida do ativo.

A Localiza é uma das maiores e mais completas plataformas de soluções de mobilidade do mundo. Companhia de capital aberto listada na B3 e com elevado nível de governança corporativa, a Localiza traz em sua história resultados extraordinários de protagonismo e inovação, sempre com o foco na geração de valor e com visão de longo prazo.

Fundada em Belo Horizonte, em 1973, ao longo do tempo consolidou-se como líder de mercado, sendo hoje uma das 25 marcas mais valiosas do país. O compromisso em superar as expectativas dos clientes, aliado à excelência operacional, permite à Companhia oferecer uma variada gama de soluções de mobilidade por meio de mais de mil pontos físicos de atendimento ao cliente, distribuídos em 7 países da América do Sul, além da forte presença digital.

libertas.editora

Está na hora de (re)conhecer a arte mineira de fazer política do ex-Governador Hélio Garcia.

"Hélio Garcia era péssimo no futebol... a bola nunca deu pelota para Hélio Garcia, que acabou se dedicando mais às festas e farras no Minas Tênis Clube, no Iate e no Automóvel Clube. O campo em que Hélio Garcia se deu melhor foi a política. Aí o craque se revelou e bateu um bolão"

Gerardo Renault

Adquira já o seu nas melhores livrarias:
Rede Leitura, Quixote, Scriptum Livrarias da Rua, Del Rey e Genipapo.

A "Nova Indústria Brasil" e a mentalidade para transformar o País em uma grande Nação

"Não se faz, não se opera a modificação de um país, sem que haja também uma mentalidade, a mentalidade para o desenvolvimento, a mentalidade de um grande país".
Juscelino Kubitschek

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira

JK era um entusiasta do Estado como indutor do desenvolvimento, principalmente em países com condições similares ao Brasil. Via o setor público como agente primeiro e responsável pelos investimentos estratégicos de longo prazo onde é baixa a taxa de retorno que não atraem o capital privado, bem como, de mobilizador de capitais públicos e privados nacionais e estrangeiros para a maximização e otimização dos investimentos. Considerava que o governo devia agir pela abertura de caminhos e oportunidades viáveis ao setor produtivo. Em síntese: propunha o desenvolvimento impulsionado pelo setor público, tendo papel relevante a industrialização com o apoio de políticas estimulantes e investimentos públicos dirigidos, principalmente, à infraestrutura.

Ao contrário dos ciclos anteriores de crescimento econômico, quando sua ação primou pela prodigalidade e pela concessão farta e indiscriminada de incentivos e subsídios de toda ordem – que ainda explicam em grande medida as suas dificuldades atuais –, o Estado Brasileiro deve pautar daqui para frente a sua ação pela seletividade nos seus gastos e pela menor participação direta na produção, mas incentivando-a e promovendo a reformas estruturais à dinamização e competitividade.

Sua ação de fomento à economia, no entanto, continua indispensável e insubstituível. Porém, tal ação deve dar-se num contexto em que o custo de oportunidade do gasto público é altíssimo. Logo, a gestão da coisa pública deve ser permeada pela eficiência e pela eficácia, os incentivos e subsídios devem ser a exceção extrema e a seletividade na alocação dos recursos públicos, absoluta.

Só o crescimento vigoroso torna plástica a economia, criando condições para que as ações conscientes e deliberadas do Governo e da Sociedade possam atuar no rumo da atenuação dos problemas sociais e da desconcentração da renda e um lado, e da modernização do aparelho produtivo, de outro. A estagnação da economia enrijece-a, afastando a possibilidade de modificações em sua estrutura e em seus conteúdos;

A sintonia com o movimento em curso no panorama internacional impõe a abertura da economia brasileira a um relacionamento mais intenso com a economia mundial. Impõe, em consequência, como palavra de ordem, a elevação da eficiência, da eficácia e da produtividade em todos os setores da economia nacional.

O conceito de soberania nacional carece ser repensado. A propriedade do capital não deve mais ser encarada como elemento definidor absoluto da mesma.

A política monetária brasileira adotada, especialmente nos últimos trinta anos, com juros reais elevadíssimos e que nos transformou já há muito nos campeões absolutos do maior

nível praticado no ranking mundial, é absolutamente incompatível com o crescimento econômico vigoroso e se constitui em uma autêntica conspiração contra o desenvolvimento do país.

Foi lançado, oficialmente pelo governo federal no dia 22 de janeiro, um plano de investimento de R$ 300 bilhões para o desenvolvimento da indústria brasileira até 2026.

Geraldo Alckmin, vice-presidente e ministro de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, apresentou a estratégia, batizada de "Nova Indústria Brasil", visando fortalecer o setor industrial do país.

Destaco, a seguir, alguns comentários que considero relevantes para analisar, numa perspectiva de maior alcance, o conteúdo deste novo programa.

Assim, por exemplo, Celso Ming em artigo publicado no Estado de S.Paulo, em 25 de janeiro, considerou alguns dos seguintes aspectos:

"Não são apenas os jornalistas rabugentos que receberam com críticas a recém-anunciada política industrial, que leva o título de Nova Indústria Brasil – NIB.

Até o presidente Lula reclamou de !pontos concretos" e também de "problemas nos prazos para o cumprimento das metas estabelecidas", conforme revela matéria da Folha de S.Paulo.

Os R$ 300 bilhões para apoiar financeiramente em

três anos a indústria não chegam a ser grave problema fiscal, apesar das críticas, porque, desta vez, não seria o Tesouro que despejará recurso no BNDES, como no governo Dilma. Esses fundos deverão ser captados no mercado financeiro por meio de lançamento de títulos. Resta saber se as empresas conseguirão pagar financiamentos a juros de mercado ou quem arcará com eventuais diferenças de custos.

Tampouco há diagnósticos sobre as razões da fragilidade de cada setor a ser apoiado. Não se pode afirmar, por exemplo, que as montadoras de veículos sejam novatas ou que precisem de algo especial para engrenar a segunda marcha nas suas vendas. Elas estão por aqui desde os anos 50 e só precisam de mercado externo, que tem de ser garantido por acordos comercial, e não por mais proteção alfandegária e por reservas de mercado".

E concluiu: um plano com esta escala teria de ter um gerente ou um organismo com plenos poderes para planejar e executar ação por ação. Quem tudo quer não consegue nada. O agro não precisa de plano para bombar. Basta-lhe mercado externo".

Na mesma edição, há um editorial da mesma publicação da qual selecionei as seguintes anotações:

"O governo Lula da Silva reagiu à saraivada de críticas que o plano de reindustrialização recebeu nos últimos dias. Houve um evidente esforço para destacar as diferenças entre o programa atual e as iniciativas de gestões petistas anteriores, mas faltam muitas explicações sobre alguns dos principais pilares da proposta, como os requisitos de conteúdo local, as metas aspiracionais do Nova Indústria Brasil (NIB) e o papel o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social 9BNDES) assumirá nesse contexto."

Destaca o Estadão que "políticas industriais bem-sucedidas no exterior priorizam investimentos em pesquisa e inovação, o aumento da produtividade e o desenvolvimento do capital humano, a partir de áreas nas quais os países já tinham competividade".

E conclui afirmando que "o programa de reindustrialização apresentado tem como único horizonte a eleição presidencial de 2026. Não é, portanto, um plano de Estado, mas de governo.

O renomado amigo economista Paulo Rabello de Castro – ex-presidente do BNDES e do IBGE – em sua coluna mensal no jornal Estado de Minas, deste mês, elaborou as seguintes observações:

"Sem plano nacional, fica prejudicado qualquer programa setorial, não importando que seja o da indústria ou de outro setor. O setor industrial, em especial, se ressente da falta desse "compromisso do governo com a nação" pois seria ele que traduziria os elementos de CONFIANÇA e de EXPECTATIVA POSITIVA, essenciais à decisão de um empresário ao investir numa fábrica nova, renovar seu parque de máquinas ou sua frota de veículos. Portanto, não basta um "plano de indústria". A confiança deve ser numa visão de como serão os próximos anos ou décadas. Projetar a demanda pelo petróleo, por minerais como o ferro, ou agropecuários como café, soja ou carnes, segmentos que têm ampla sustentação no consumo mundial, resulta menos complexo do que um empresário nacional apostar na rentabilidade de um negócio voltado à fundição especializada, à química fina, ou ao fabrico de placas de semicondutores".

Rabello de Castro revela que, "lendo o texto do NIB, mesmo com boa vontade, ainda assim se percebem os espaços vazios do documento. Para fechar o texto, os autores do NIB precisaram fazer umas quantas heroicas simplificações da realidade:

- O NIB não traz quaisquer metas quantitativas de valor de produção ou exportação, e sim, meros indicadores de "melhoria" ou de avanço de bem-estar;

- O NIB não aborda senão seis grandes segmentos da transformação industrial [agroindústria, saúde, infraestrutura e cidades, área digital, sustentabilidade e defesa] sendo estes, na maioria, segmentos apenas indiretamente ligados à produção fabril, vinculados a "missões" como ampliar índices de mecanização no campo, reduzir a dependência aos insumos e fármacos importados ou diminuir o tempo de viagem dos trabalhadores entre casa e trabalho nas cidades;

- Sobre abordar vários outros segmentos industriais, de padarias à química fina, de mineração a indústrias criativas, nem uma palavra é emitida;

- Não há qualquer abordagem regional da indústria no espaço brasileiro, notoriamente díspar;

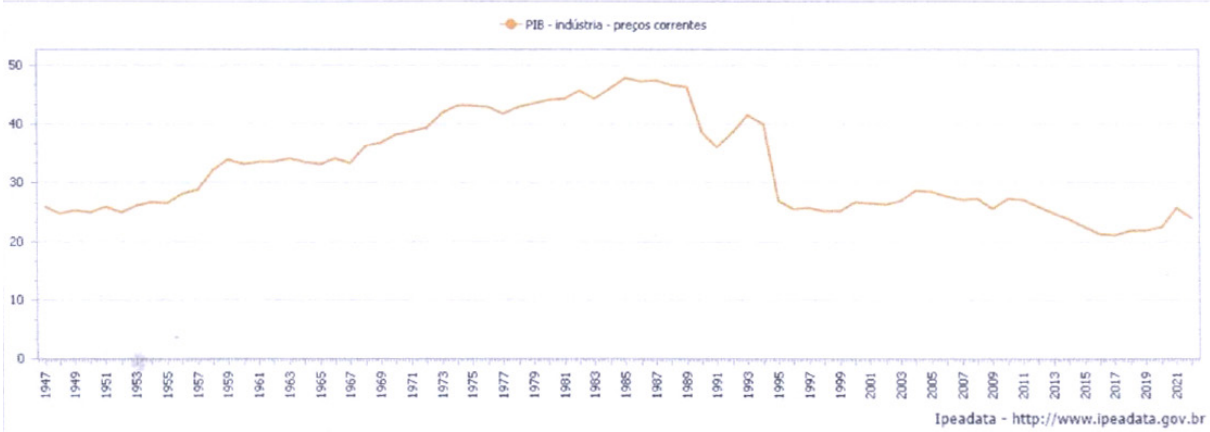
- Não há diagnóstico do sofrimento diário dos empreendedores industriais, mormente os PMEs, com as mazelas de contágio universal - nomeadamente, os juros mais elevados do planeta, o absurdo nível de tributação incidente e a burocracia feroz, além da proverbial insegurança pública, tanto pessoal como das mercadorias industriais que circulam nas estradas e cidades".

QUEM É CONTRA A NOVA POLÍTICA INDUSTRIAL É CONTRA O BRASIL

Artigo sob o título de "Quem é contra a nova política industrial é contra o Brasil – Indústria é setor que mais consome inovação, na qual se agrega valor ao produto nacional" – de autoria de Antônio Ricardo Alvarez Alban (presidente da CNI-Confederação Nacional da Indústria) publicado pelo Valor em 30 de janeiro aborda temas interessantes sobre a Nova Indústria Brasil, os quais selecionei alguns trechos a seguir:

"Abastece com etanol? Compra remédio mais barato? Viaja num dos aviões mais modernos e seguros do mundo? Consome proteína animal que abastece o mundo ou eletricidade com motores elétricos? Temos celulose com sustentabilidade e crédito de carbono? Agradeça à política industrial. O que nos leva ao acalorado debate que temos observado a partir do lançamento da Nova Indústria Brasil, em 22 de janeiro, sobre se o Estado

Produto interno bruto (PIB) - indústria a preços correntes
Frequência: Anual de 1947 até 2022
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Sistema de Contas Nacionais (IBGE/SCN Anual)
Unidade: (% PIB)
Comentário: O produto interno bruto (PIB) é o total dos bens e serviços produzidos pelas unidades produtoras residentes destinados ao consumo final sendo, portanto, equivalente à soma dos valores adicionados pelas diversas atividades econômicas acrescida dos impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos. O PIB também é equivalente à soma dos consumos finais de bens e serviços valorados a preço de mercado sendo, também, equivalente à soma das rendas primárias. O setor indústria refere-se ao cálculo do PIB pela ótica contábil da produção e compreende todas as atividades econômicas investigadas pela Pesquisa Industrial Anual - Empresa, PIA-Empresa (Indústrias extrativas e de transformação) e pela Pesquisa Anual da Indústria da Construção - PAIC, ambas realizadas pelo IBGE, acrescentando-se ainda os serviços de Produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana provenientes da DIPJ. Fontes: Para 2022, resultados preliminares estimados a partir das Contas Nacionais Trimestrais Referência 2010. Para valores a partir de 2000, Sistema de Contas Nacionais Referência 2010. Para 1995-1999, resultados estimados a partir das Contas Nacionais Trimestrais Referência 2010. Para 1990-1994, Sistema de Contas Nacionais Referência 1985. Para 1947-1989, Sistema de Contas Nacionais Consolidadas. Elaboração Ipeadata: As séries de participação do PIB foram criadas a partir da razão entre o valor corrente de cada setor e o valor corrente do PIB a preços básicos. Nota: Até 1994, a soma dos valores adicionados nos três grandes setores (agropecuária, indústria e serviços) supera o total do PIB a preços básicos, que inclui também um setor fictício com PIB negativo (pois não tem produção, só custos intermediários) denominado "dummy financeiro" ou "imputação de serviços de intermediação financeira". As séries em % do PIB mantêm os percentuais tal como publicados pelo IBGE e, por isso, os três grandes setores somam mais de 100% do PIB até 1994. As informações sobre as séries do Sistema de Contas Nacionais - referência 2010 estão em conformidade com o novo manual System of National Accounts (SNA) de 2008, da Organização das Nações Unidas (ONU), que inclui, entre outras mudanças metodológicas, a nova classificação de produtos e atividades integrada com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0. Mais informações: Sistema de Contas Nacionais Brasil .
Atualizado em: 15/01/2024



deve exercer maior ou menor papel em conduzir os caminhos para o desenvolvimento do país.

Afinal, do que trata e o que pretende a Nova Indústria Brasil e por que ela deve ser apoiada não só pela indústria? De forma resumida, seu fio condutor é alinhar agentes públicos e privados para posicionar o Brasil frente aos desafios contemporâneos. Isso se dá por meio de quatro temas transversais: inovação, produtividade, descarbonização e exportações, tendo a indústria como elemento central na indução de um novo ciclo de desenvolvimento econômico e social.

A adoção de políticas públicas focadas na indústria tem uma explicação simples. Seja nas economias mais desenvolvidas ou no Brasil, é ela que detém capacidade de dinamizar cadeias produtivas e outros setores da economia. É também na indústria que mais se oferta inovação, na qual se agrega valor no produto nacional e se encontram os melhores empregos."

Antônio Alban acrescenta: "Àqueles que avaliam a Nova Indústria Brasil olhando pelo retrovisor, cabe recordar bons exemplos de política industrial que contribuíram para consolidar importantes setores de nossa economia. No campo do complexo industrial da saúde, um exemplo recente e bem-sucedido de política indústria pautada pelo conceito de missão é do medicamento genérico,

na década de 1990m que ampliou o acesso da população a remédios mais baratos.

O Pró-Alcool, por sua vez, na década de 1970, colocou o Brasil na vanguarda da produção de biocombustíveis e pavimentou uma estrutura produtiva e de pesquisa e inovação sólida e que é referência mundial. A Embraer, terceira maior empresa de aviação comercial do mundo, serve de âncora para uma avançada base industrial, tanto na aviação civil como na militar.

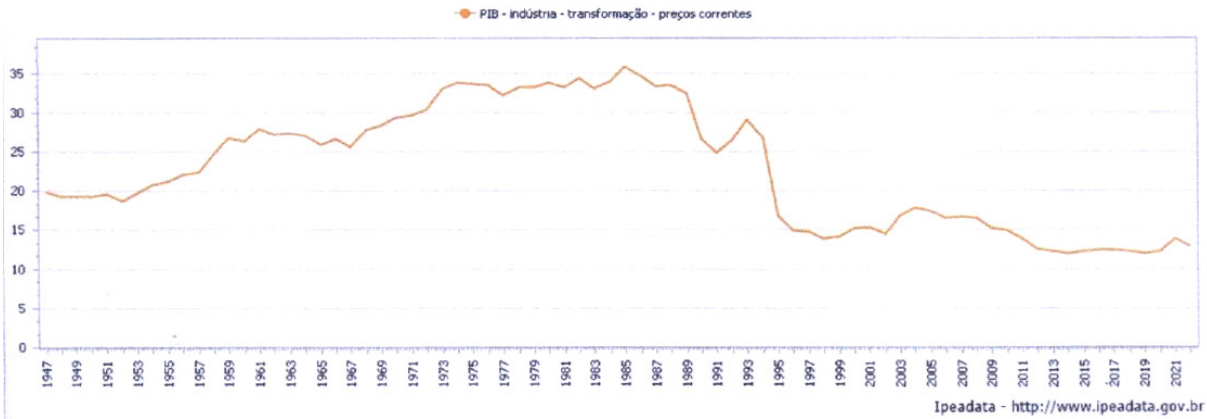
Vale lembrar que o Brasil é uma potência agroindustrial porque compreendeu, como política de Estado, que investir em inovação e tecnologia é o caminho para promover o desenvolvimento de um setor econômico como um todo. Tal qual como a que tornou o Brasil a grande referência do agronegócio, a nova política vai no mesmo sentido, mas com o foco na indústria, de forma transversal e com programas direcionados aos desafios postos pelo cenário atual econômico, ambiental e geopolítico.

Em reação a esse mesmo cenário, as indústrias dos Estados Unidos, da União Europeia, do Reino Unido e do Japão estão recebendo US$ 6,8 trilhões em políticas industriais. Se nesses países os objetivos não se alcançam sozinhos, nossa situação é ainda mais difícil, por partimos de um ambiente de negócios que custa às empresas R$ 1,7 trilhão ao ano em Custo Brasil e de um spread bancário de 27,4%, diante de uma média mundial de 7,3%.

Na Nova Indústria Brasil, são R$ 300 bilhões a serem empregados ao longo de quatro anos, ou R$ 75 bilhões ao ano, com impacto fiscal adicional zero. São recursos já previstos no orçamento do governo federal, seja nos fundos que alimentarão o programa, como o PNDCT, O FUST e o FAT, seja captação internacional – como a ocorrida em novembro de 2023, cuja demanda pelos títulos excedeu a oferta em três vezes".

Conclui o presidente da CNI: "Em suma, as linhas de financiamento previstas na política industrial não custarão um centavo a mais para o contribuinte, não demandarão despesas novas e não será preciso alterar os valores já previstos para acomodar as medidas anunciadas. Para efeito de comparação, o Plano Safra promete em apenas um ano R$ 364 bilhões, sem comprometer o equilíbrio fiscal do país e com resultados positivos para o desenvolvimento do agronegócio.

Por esses motivos, a indústria está profundamente engajada com essa



agenda. Vamos trabalhar para que os recursos empregados se convertam em desenvolvimento produtivo, crescimento econômico, empregos e renda para a população brasileira".

CRÍTICAS À POLÍTICA INDUSTRIAL DE VOLTA AO PASSADO PADECEM DO MESMO PECADO

Uma das análises bem abrangentes sobre o programa "Nova Indústria Brasil" e que levou em consideração a sua amplitude utilizando-se do espelho retrovisor para comparar edições anteriores e com as circunstâncias atuais – tanto em nível nacional quanto internacional veio do jornalista José Paulo Kupfer, publicada pelo UOL em 23 de janeiro, intitulada de "Críticas à política industrial de volta ao passado padecem do mesmo pecado" e da qual pontuo como destaque algumas de suas colocações, a seguir:

"Pontos da nova política industrial, ambicioso programa de estímulos à indústria lançado pelo governo Lula nesta segunda-feira (22 de janeiro), foram criticados como tentativas de volta a um passado que não deu certo. Mas essas críticas sofrem do mesmo mal: são baseadas em visões do passado.

Pode ser que o plano "Nova Indústria Brasil", o nome fantasia dado pelos marqueteiros do governo a um amplo conjunto de incentivos — fiscais, financeiros e de facilidades de mercado, caso de compras governamentais a produtos com conteúdo local — seja mais do mesmo que têm sido as tentativas de emplacar políticas industriais, nos últimos muitos anos. Ainda é muito cedo para uma conclusão definitiva.

Pode ser também que, como ironizava o economista, diplomata e ministro Roberto Campos, ao avaliar políticas púbicas, que o programa tenha ideias novas e boas — pena que as novas não são boas e as boas não são novas.

De todo modo, as críticas, pelo menos no primeiro momento, também são mais do mesmo. Não são, igualmente, novas e nem são boas. Da mesma maneira que reclamam do novo programa, que repetiria erros antigos, estão baseadas em visões do passado.

Em resumo, o governo divulgou, com o pecado original da insuficiência de detalhes, um programa de financiamento de R$ 300 bilhões até 2026, com protagonismo do BNDES, para, até 2033, induzir o setor industrial a cumprir metas relacionadas com a transição ecológica e a modernização do parque produtivo. Seis setores — agroindústria, saúde, infraestrutura urbana, tecnologia da informação, bioeconomia e defesa — são os alvos diretos".

Kupfer avalia que "as críticas endereçadas ao programa têm o sabor do preconceito liberal contra políticas industriais induzidas pelo Estado. Mas o fato é que está em curso no mundo todo uma profunda revisão dos conceitos que orientaram as políticas econômicas, nas últimas décadas. Consequências da crise de 2008, aprofundadas pela pandemia de covid-19, estão alterando o padrão de produção global.

Depois de uma fase de integração horizontal envolvendo países diversos, as cadeias de produção estão, mais uma vez, se deslocando — na forma de produção e onde se dá a produção. A onda agora é o "reshoring" — a ideia de trazer de volta para casa, ou para perto de casa, a produção que foi terceirizada para outros, principalmente os asiáticos. É nisso, por exemplo, que os Estados Unidos, com um programa de mais de US$ 1 trilhão, estão apostando".

Ele destaca que este novo ambiente encontra a economia brasileira diante de uma tragédia: a desindustrialização precoce da economia e a persistente queda de produtividade, que se arrasta por quatro décadas. É isso que precisa ser revertido, para que o país possa aproveitar a nova onda".

E acrescenta: "é diante dos desafios de reverter a baixa eficiência econômica, reforçadas por um longo período de perda de competitividade, que as análises do novo programa de política industrial deveriam focar.

Não levará a nada martelar velhos fantasmas, como os de que a nova política industrial voltará a escolher "campeões nacionais" e a distribuir subsídios sem contrapartidas ou metas a serem cumpridas".

Kupfer conclui: "a pergunta a ser feita, então, é se gargalos competitivos serão desfeitos com o novo programa, assegurando crédito acessível, dinâmica a mercados e estímulos à inovação. Se, enfim, o programa facilitará o ingresso da indústria brasileira na onda do "reshoring" em que o mundo está embarcando".

Sobe essa mesma temática surge-me, agora e à lembrança, um artigo do ex-presidente da CNI-Confederação Nacional da Indústria Robson de Andrade, intitulado de "Desindustrialização pode tornar Brasil a roça do mundo. Não existe país forte sem indústria forte" - publicado pelo jornal Valor Econômico em 27/01/2021 e por MercadoComum em sua edição de fevereiro do mesmo ano. É o seguinte:

"Recentemente, fomos surpreendidos por entrevista do presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Carlos Doellinger, na qual defende a desindustrialização do Brasil. Ele afirma, de forma inusitada, que "o Brasil precisa apostar em suas vantagens comparativas" e chega ao cúmulo de dizer que "nosso caminho não é a indústria manufatureira, a não ser aquela ligada ao beneficiamento de produtos naturais e minérios". Essa opinião é ainda mais preocupante por Doellinger comandar um dos mais antigos e renomados órgãos de estudos e análises econômicas do país.

Ressalte-se que vantagens comparativas são dinâmicas e podem ser aprimoradas ao longo do tempo. Isso ocorreu em países que pensaram grande e não se contentaram em produzir apenas o que a natureza lhes ofereceu. Se o Brasil ficasse preso só aos seus recursos naturais, hoje nosso principal produto de exportação seria o pau-brasil. A soja e o café não seriam produzidos por aqui, pois não são produtos nativos.

Não é minha intenção subestimar a importância dos setores agrícola e mineral para a economia nacional, mas se seguisse a receita do presidente do Ipea o Brasil se transformaria numa espécie de "fazenda do mundo", exportando apenas commodities e matérias primas. A afirmação dele se compara ao preceito defendido pelo Visconde de Itaboraí, no século XIX, de que ao Brasil "bastava exportar café", numa tentativa - felizmente frustrada - de impedir o Barão de Mauá de levar adiante seu esforço pioneiro de industrialização do país.

Investir nos setores em que temos vantagens comparativas é uma boa política, mas não menos importante é promover o aumento da competitividade, de todos os setores, especialmente da indústria. O fato de o Brasil ter hoje os maiores níveis mundiais de produtividade nas lavouras de soja, por exemplo, deve-se a dois fatores principais: o primeiro é que que sucessivos governos aportaram recursos suficientes para viabilizar o cultivo em escala desta leguminosa e investiram na inovação do setor, por meio da Embrapa.

Além disso, os produtores rurais são beneficiados por financiamentos subsidiados, com taxas de juros bem menores que as disponíveis para os demais setores produtivos. Cabe destacar, ainda, a carga tributária mais favorável à qual a agropecuária está sujeita, de apenas 1,9%, ante os 46% que pesam sobre a indústria de transformação.

O segundo fator, também essencial para o sucesso do agronegócio, é a atuação da indústria no desenvolvimento de serviços, insumos e equipamentos de alto valor agregado, tais como pesquisa científica, biotecnologia, logística, fertilizantes e maquinários. Portanto, a alta competitividade da agricultura brasileira e a sofisticação dos demais segmento só são viáveis graças à existência de uma indústria manufatureira moderna operando no país.

Na mesma entrevista, Doellinger afirma que a Austrália deve ser um

exemplo a ser seguido pelo Brasil. Assim como nosso país, Austrália tem nos recursos naturais uma importante fonte de geração de renda e emprego.

Isso também é verdade para o Canadá e para os Estados Unidos. No entanto, a vantagem em recursos naturais não impediu esses países de também estarem entre os mais industrializados do mundo.

Em nossa visão, o melhor exemplo para o Brasil seria a China, que também tem dimensões continentais e optou pela manufatura para liderar seu processo de desenvolvimento. Hoje, a China é a nação que tem a maior produção industrial do mundo, à frente dos EUA desde 2009. Outra falácia do presidente do Ipea é que não sabemos produzir automóveis. Não é verdade. A indústria automobilística nacional foi pioneira, por exemplo, nas reduções de emissões de carbono nos carros. Do motor a álcool ao motor flex, seu avanço tecnológico é notável e mundialmente elogiado.

A despeito do alto custo de se produzir no Brasil, temos a 16ª maior indústria do mundo. Éramos a 10ª em 2014. Apesar de representar 21% do PIB nacional, o setor é responsável pelo recolhimento de 33% dos impostos federais e por 31% da arrecadação previdenciária patronal. Além disso, responde por 70% das exportações de bens e serviços, e por 69% do do investimento

empresarial em P&D, insumos indispensáveis para a competitividade dos demais segmentos, inclusive do agronegócio. O poder de alavancagem da indústria também é incomparável: cada R$ 1 produzido pelo setor resulta em um aumento de R$ 2,40 no PIB. Na agropecuária, o resultado é R$ 1,66.

Nossa indústria também paga os melhores salários. Trabalhadores industriais com ensino superior completo ganham 31,8% a mais do que a média nacional, contribuindo de forma expressiva para o aumento da renda per capita dos brasileiros. Apenas a indústria de manufatura é responsável por 6,8 milhões de em pregos - equivalente a 70% de todos os postos de trabalho gerados pelo setor como um todo.

Isto tudo apesar dos diversos obstáculos que impedem a grande maioria das fábricas nacionais de competirem, de igual para igual, no mercado internacional. Sem exportar, é quase impossível termos uma escala de produção competitiva.

A TAXA MÉDIA REAL DA SELIC – ISTO É – DEFLACIONADA PELO IPCA ALCANÇOU, EM 2023, O MAIOR NÍVEL DESDE 2006, CONFORME TABELA APRESENTADA A SEGUIR:

Ano	SELIC REAL	Ano	SELIC REAL
2006	11,60	2015	2,63
2007	7,20	2016	7,41
2008	6,27	2017	6,77
2009	5,37	2018	2,72
2010	3,86	2019	1,58
2011	4,97	2020	-1,63
2012	2,48	2021	-4,77
2013	2,39	2022	6,47
2014	4,34	2023	8,42

Fonte: Bacen, IpeaData, LCA e MinasPart Desenvolvimento
Elaboração: MercadoComum

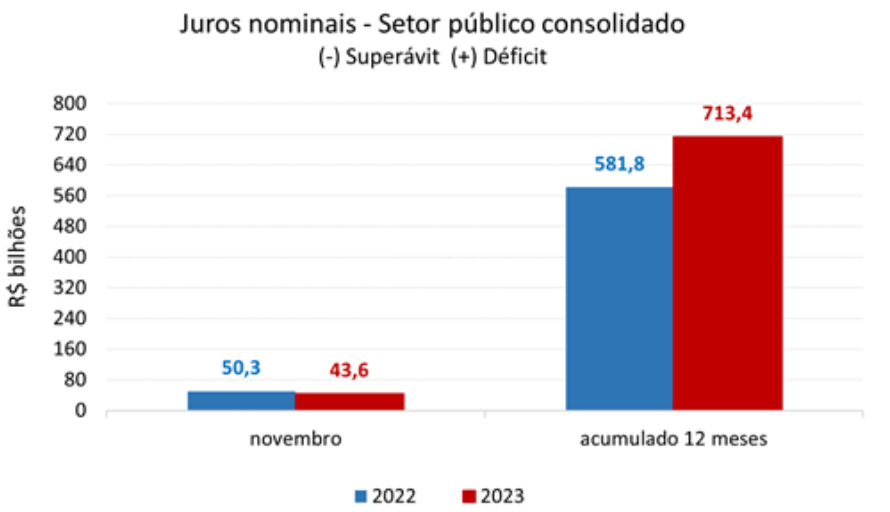
Nosso sistema tributário é repleto de distorções e penaliza os setores com cadeias de maior agregação de valor. Somos um dos poucos países que tributa investimento e exportação. Temos, ainda, uma infraestrutura de transportes muito precária e, apesar de produzirmos energia barata, seu custo final é um dos mais elevados do mundo. Além disso, a insegurança jurídica, que torna até o nosso passado incerto - como já bem acentuou o ex-ministro da Fazenda Pedro Malan - obriga as empresas a fazerem provisões que reduzem suas disponibilidades financeiras para investimentos.

Mais do que nunca, é urgente e indispensável que sejam implementadas reformas estruturantes, sobretudo a tributária, que viabilizem um ambiente de negócios favorável ao empreendimento privado, desonerem as exportações e os investimentos, reduzam a burocracia, aumentem a segurança jurídica e estimulem investimentos em infraestrutura.

O recente fechamento das fábricas da Ford no Brasil foi uma decisão da empresa a nível mundial. Mas, certamente, o alto custo de se produzir no Brasil foi um dos fatores cruciais para essa decisão. Não será promovendo a desindustrialização, como apregoa o presidente do Ipea, que nosso país conseguirá manter empresas aqui e retomar a trilha do crescimento econômico, vital para gerar mais empregos e renda para a população.

O que o Brasil precisa é fortalecer o setor industrial, para que ele seja cada vez mais dinâmico e competitivo, ajudando a superar a mais grave crise sanitária, econômica e social que já vivenciamos. Não existe país forte sem indústria forte."

Já por décadas venho constantemente afirmando que Brasil está acometido de uma doença que intitulo de "síndrome do raquitismo econômico" – em função do intenso declínio dos seus níveis de produtividade e pela constante retração da atividade econômica, principalmente quando comparados com as médias mundiais. A constatação, como já mencionado anteriormente, é que desaprendemos a crescer, e a nossa máquina propulsora do crescimento econômico vigoroso e contínuo enferrujou-se ou está quebrada. País que não cresce está condenado ao ananismo, ao atraso e ao empobrecimento. Isso potencializa tensões e perspectivas sociais explosivas - podendo colocar em risco a ainda incipiente democracia brasileira.



É indispensável, ademais, recuperar a nossa capacidade de planejamento estratégico de longo prazo, que entendo, deva ter, como fundamento básico, a nossa transformação em Nação desenvolvida. É preciso nos sintonizar com as rápidas e importantes transformações por que passa a economia internacional, a sua estrutura produtiva e as novas dimensões trazidas por novos e potenciais mercados, como seriam os casos da China e Índia, além de outros.

Para isso ocorrer, é preciso formar uma "intelligentsia" nacional com o objetivo de se definir que, para a nossa transformação rumo ao desenvolvimento, será exigida, como a primeira de todas as metas, a do crescimento econômico vigoroso, consistente, contínuo e sustentável. Nesse sentido, ganha relevância e requer ênfase especial as prioritárias questões da inovação tecnológica, da produtividade, da qualidade e competitividade, da eficácia e melhoria da educação em todos os seus níveis.

Ressalto, ademais, que já há muito tempo, o maior inimigo e que mais conspira contra o desenvolvimento nacional, em todos os seus setores, tem sido a política monetária adotada pelo país contemplando uma escandalosa taxa de juros real praticada, considerada elevadíssima e campeão absoluta em termos mundiais.

O total dos juros nominais do setor público consolidado, apropriados por competência, somou R$ 43,6 bilhões em novembro de 2023, comparativamente a R$ 50,3 bilhões no mesmo mês de 2022. O resultado mais favorável das operações de swap cambial no mês contribuiu para essa redução (ganho de R$ 18,3 bilhões em novembro de 2023, ante ganho de R$ 7,6 bilhões em novembro de 2022). No acumulado em doze meses, os juros nominais alcançaram R$ 713,4 bilhões (6,60% do PIB) em novembro de 2023, ante R$ 581,8 bilhões (5,82% do PIB) nos doze meses até novembro de 2022. Esse montante equivale a cerca de ¼ de toda a arrecadação tributária consolidada do governo (União, Estados e Municípios).

Destaco também e a seguir, algumas importantes considerações sobre a modernização e o crescimento da economia brasileira, buscadas em diversos pronunciamentos do ex-presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira e extraídas da coletânea – 3 volumes e 2.336 páginas, intitulada JK: Profeta do Desenvolvimento – Exemplos e Lições ao Brasil do Século XXI" – de minha autoria.

"Não se faz, não se opera a modificação de um país, sem que haja também uma nova mentalidade, a men-

talidade para o desenvolvimento, a mentalidade de grande país. É isso o que me parece indispensável ao nosso Brasil. É impossível deixar de constatar, no entanto, que alguma coisa já aconteceu nesse sentido, entre nós. Invencivelmente, aos poucos, embora ainda de maneira agitada, uma nova curiosidade vai relando o nosso espírito. O Brasil passa a existir como mentalidade objetiva. É por isso que vemos hoje a mocidade brasileira acorrer como nunca ao chamado do país que nasce, batendo à porta dos institutos de preparação especializada, em todos os inúmeros setores em que se trava a batalha pelo desenvolvimento. É um fenômeno recente, por exemplo, a formação de uma elite de economistas. Por quê? Respondo que a crescente complexidade dos problemas econômicos brasileiros vem exigindo cada vez mais a participação de economistas, quer nas organizações privadas, quer nas de natureza estatal. Pode-se mesmo dizer que a escassez desses especialistas tem constituído uma das causas do nosso subdesenvolvimento, pois a colaboração que prestam é imprescindível aos trabalhos de análise econômica, em que se fundamentam tanto a formulação quanto a execução de qualquer programa de desenvolvimento ou expansão nacional".

O crescimento econômico vigoroso deve deixar de ser apenas uma casualidade, uma questão ou uma efemeridade, um acontecimento meramente fortuito para se transformar, efetivamente, na grande meta econômica nacional, permeando a convolação do País em uma economia madura e desenvolvida. Nesta direção, já tivermos antes, vários exemplos de sucesso e que poderiam nos servir de inspiração, como o caso do Plano de Metas, implementado durante o governo JK.

"JK: De nenhuma maneira o desenvolvimento econômico será unicamente o resultado de combinações espontâneas das forças econômicas. É preciso conjugar-se nele a iniciativa privada com uma firme política estatal, com um tipo de intervenção que se determine a promover o desenvolvimento, criando condições que orientem e estimulem, em vários sentidos, a ação do empresário sem regular, de forma alguma, suas decisões individuais. Para fazê-lo, o Estado apelará para os instrumentos da política monetária, cambial, fiscal e alfandegária, e para os próprios investimentos básicos".

Para vender, precisamos de produzir o que seja vendável, e nas melhores condições. Importa, para consolidar nossa base econômica, diversificar nossa produção, encontrar a via de acesso a um regime de mais ampla produtividade. Essa tarefa, urgente, requer leal, profundo e efetivo entendimento entre o governo e as classes econômicas. Bem sabeis, vós todos, homens responsáveis que sois, vitoriosos na iniciativa privada, patriotas e idealistas, fautores do progresso nacional, bem sabeis que vivemos uma hora decisiva e que os caminhos do desenvolvimento se confundem com as estradas da segurança e da sobrevivência do país. Se mantivermos apenas o presente ritmo de desenvolvimento, pouca esperança haverá de nos igualarmos um dia aos países altamente industrializados; e, se nem esse ritmo insuficiente pudermos manter, nossa situação se tornará verdadeiramente inquietadora. Eis por que governo e iniciativa privada devem convergir para o objetivo supremo do desenvolvimento, sob o prisma da segurança da nação brasileira. O governo tem muito a aprender dos que deram a São Paulo sua pujança industrial e dos que fundaram a sua riqueza agrícola. Temos de dar juntos um grande impulso, e é para isso que aceitei vosso convite e aqui me encontro entre vós".

Afirmava o presidente JK: *"Nenhuma teoria é mais*

forte do que a convicção íntima que tenho — e que tendes vós — de que nossa segurança está em crescer, em expandir-nos, em elevar o nível de vida de nossos patrícios, tantos deles torturados pelos tenazes da miséria. Nenhuma prudência me fará praticar a imprudência de desamparar a nossa indústria, de consentir que ela caia em mãos forasteiras, pelos efeitos da falta de financiamento justo e racional, ou que seja destruída pela anemia, pela falta de crédito."

JK dizia, desde então, que *"temos já, entre nós, atuando, produzindo, um parque industrial que carece de amparo e estímulo, pois que o fim de nossa indústria seria uma capitulação nacional de efeitos incalculáveis. Não vamos voltar para as tabas, não vamos retornar ao tempo em que consumíamos tudo de fora. Temos mercado interno, matéria-prima e condições favoráveis. Temos elementos humanos, cabeças e braços, para nos industrializarmos em condições de produtividade. Seria um crime que o governo abandonasse essas cabeças e esses braços e essas condições.*

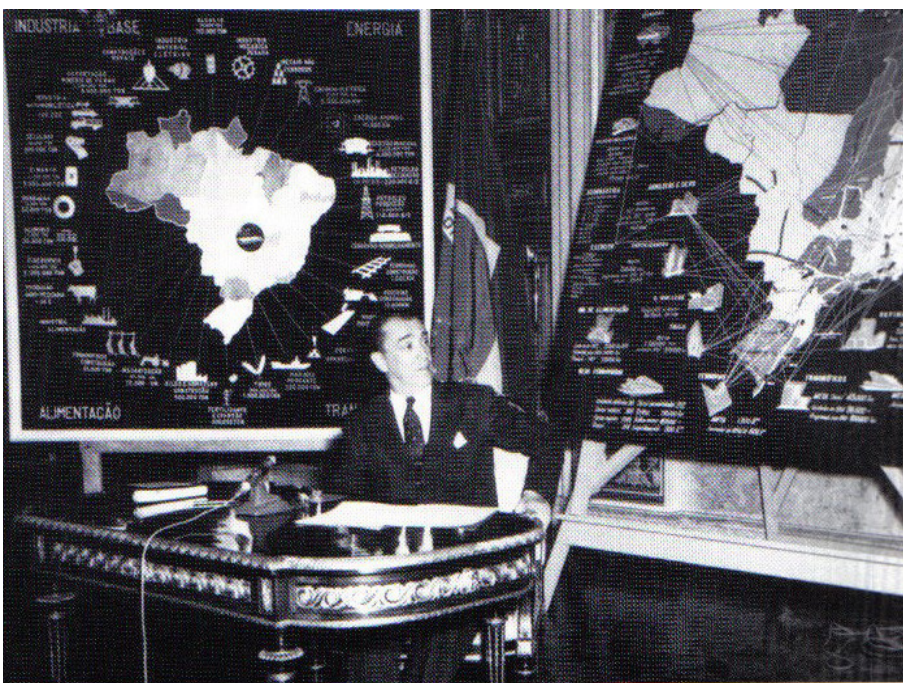
Digo-vos, no dia de hoje, que a defesa da indústria legítima e de todas as atividades correlatas — excluídas, naturalmente, as parasitárias e especulativas — há de constituir sempre preocupação dominante de um governo que põe no desenvolvimento a tônica de sua atuação.

Onde houver déficit de trabalho, precisão de energia humana, não haverá desemprego, muito embora economistas e especialistas cheguem a sustentar a teoria desumana de que o desemprego corresponde a uma necessidade de equilíbrio. Há que defender a indústria.

Somos um país de crescimento demográfico ativo. Milhão e meio de brasileiros todos os anos se incorporam ao organismo nacional e devem alimentar-se, vestir-se, estudar, participar, enfim, das possibilidades de uma vida profícua e fecunda. A paralisação do nosso surto industrial, ou a não sustentação das indústrias já existentes, nos levaria a nivelar todo o país numa pobreza uniforme, onde germinariam as seduções do desespero e da revolta. A isso não nos submeteremos".

O CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DURANTE O GOVERNO JK

A propósito da recriação no início do ano passado do atual Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável* pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, composto agora por cerca de 250 membros e dos quais sugere ter apenas cinco integrantes oriundos de Minas Gerais - estado considerado o 2º mais populoso e 3ª maior economia do país – fui buscar na coletânea de três livros intitulada "Juscelino Kubitschek: Profeta do Desenvolvimento – Exemplos e Lições ao Brasil do Século, de minha autoria, as seguintes considerações:



De acordo com JK, o "Plano Nacional de Desenvolvimento" já tinha sido elaborado alguns meses antes de sua posse na Presidência da República. Popularizara-se como o Programa de Metas, em número de trinta, às quais fora posteriormente acrescentada uma trigésima primeira – Brasília, então designada como ""meta síntese"".

No primeiro dia de seu mandato presidencial, JK instituiu o Conselho de Desenvolvimento, órgão controlador da economia nacional, sendo designados todos os seus membros, que eram os ministros de

Estado, os chefes dos Gabinetes Civil e Militar da Presidência e os presidentes do Banco do Brasil e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, subordinando o órgão diretamente à Presidência.

O Programa de Metas foi estruturado, em suas linhas gerais, levando em consideração que, para cada uma das metas, correspondia o investimento, em cruzeiros e em moeda estrangeira, julgado necessário para se alcançar, na data programada, o objetivo visado em cada setor específico, declarando-se, quando possível, a fonte de financiamento da inversão. Expressavam-se tais investimentos por seus valores nominais, sujeitos a uma taxa anual de inflação de 13,5% sobre sua parcela em cruzeiros.

Através desse programa inicialmente proposto como ponto de partida, o Conselho de Desenvolvimento trabalhou no preparo de relatórios sobre as metas principais, desdobrando-se em projetos individualizados que seriam executados pelo governo, pela iniciativa privada e por sociedades de economia mista.

Assim, por exemplo, o relatório sobre a situação da siderurgia brasileira foi o documento que serviu de base ao projeto de instalação da USIMINAS, financiada parcialmente com capitais japoneses. Os relatórios sobre a renovação de equipamento ferroviário e sobre reaparelhamento e

dragagem de portos justificaram, junto ao Eximbank americano, a concessão, ao Brasil, de um financiamento de longo prazo de US$ 125 milhões (valores da época). Outro relatório, inicialmente elaborado no Conselho de Desenvolvimento, deu margem à implantação da indústria automobilística no Brasil".

JK dizia que "o Programa de Metas foi concebido tendo em vista dois objetivos: realizar e também saber como obter os recursos para essas realizações"

Declarou o Presidente Juscelino Kubitschek: "Para a realização do meu programa estrutural e de longo alcance, comecei por criar, mediante decreto assinado no primeiro dia do governo, o Conselho do Desenvolvimento, que terá a incumbência de estruturar as minhas ideias e a minha política de expansão econômica do país, preparando planos e programas de ação, sugerindo projetos de leis e atos administrativos, em articulação com os ministérios e demais órgãos da administração. Atingiremos, estou certo, as metas anunciadas na primeira reunião ministerial e outras que ainda estão sendo elaboradas. E aproveito a ocasião para esclarecer que essas metas não visam a beneficiar nenhuma região do Brasil, isoladamente, mas a todas as áreas do país, sem distinções nem fronteiras internas. Assim, respondo prazerosamente aos trinta e oito parlamentares que me dirigiram um memorial com apelo pela incorporação do Norte e do Nordeste à economia do Brasil, o que nunca deixou de estar nas minhas cogitações. Acolhi com satisfação as sugestões que me enviaram e que serão estudadas com interesse e solicitude no Conselho do Desenvolvimento". *(Trecho extraído da mensagem transmitida pela Voz do Brasil, sobre as suas primeiras manifestações sobre o Programa Governamental. Rio de Janeiro – DF – 17 de fevereiro de 1956).*

Tão logo reuniu pela primeira vez o seu ministério, JK imediatamente anunciou a criação do Conselho de Desenvolvimento e o Programa de Metas, elaborado sob sua supervisão direta e coordenado por Lucas Lopes e Roberto de Oliveira Campos.

A audácia de JK assustou o conservador economista Roberto Campos que revelou que o presidente adorou a versão final do Programa de Metas, mas, na última hora, incluiu um coelho tirado da própria cartola: Brasília – a quem chamou de meta síntese.

"De acordo com a bem-sucedida experiência mineira, Juscelino criou um governo paralelo fora do jogo político. Ele foi o Presidente do Conselho de Desenvolvimento e designou Lucas Lopes para ser seu Secretário Executivo, cumulativamente com a Presidência do BNDE. Os grupos executivos, criados por decreto, reuniam administradores públicos e empresários, sendo que a palavra final, quando necessário, era sempre do governo.

Houve claro esforço na convivência governo-setor privado, sempre dentro do conceito maior do entendimento de desenvolvimento nacionalista do Presidente e do peso do Estado no processo.

O Programa de Metas alcançou 31 metas - distribuídas em seis grupos:

I SETOR ENERGIA
Constituído de cinco metas:

1.Energia Elétrica;
2. Nuclear;
3. Carvão mineral;
4. Petróleo - produção;
5. Petróleo – refinação.

II. SETOR TRANSPORTE
Constituído de sete metas:

6. Ferrovias - reaparelhamento;
7. Ferrovias - construção;
8. Rodovias – pavimentação;
9. Rodovias – construção;
10. Portos e drenagem;
11. Marinha mercante;
12. Transporte aeroviário.

III. SETOR ALIMENTAÇÃO
Constituído de seis metas:

13. Trigo;
14. Armazéns e silos;
15. Armazéns frigoríficos;
16. Matadouros industriais; 17. Mecanização da agricultura;
18. Fertilizantes.

IV. SETOR DE INDÚSTRIA DE BASE
Constituído de onze metas:

19. Siderurgia;
20. Alumínio;
21. Metais não ferrosos;
22. Cimento;
23. Álcalis;
24. Celulose e papel;
25. Borracha;
26. Exportação de minério;
27. Automobilística;
28. Construção naval;
29. Mecânica.

***V. SETOR EDUCAÇÃO**:*

30. Pessoal técnico (intensificar a formação de pessoal técnico e orientar a Educação para o Desenvolvimento).

VI. CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

31 - Meta Síntese.

No conjunto, foram executados 67% das metas programadas. Excelente resultado! O resumo da execução do Programa de Metas em percentuais, segundo João Pinheiro Neto, valendo-se de anuários estatísticos do IBGE, no período 1956-1960, é o seguinte por setor:

I Energia: 60,3%;

II. Transportes: 81,2%;

III. Alimentação: 49,3%;

IV. Indústria de Base: 72,3%;

V. Educação: 50%;

Brasília implantada!

Afirmou JK, "Naquela época, os Estados Unidos já produziam 120 milhões de toneladas de aço, enquanto toda a América Latina mal atingia um milhão de toneladas. O Brasil contribuía para esse milhão com cerca de 500 mil toneladas, o que, se era apreciável no que dizia respeito ao esforço latino-americano considerado isoladamente, não deixava de ser ridículo em face dos padrões que caracterizavam as nações industrializadas.

No Programa de Metas, o aço figurava como um alvo de 2 milhões de toneladas, o que era o dobro do que a América Latina produzia. Entretanto, esse alvo era apenas uma perspectiva. Na realidade, o objetivo era passar rapidamente para 3 milhões de toneladas, empreendendo, em seguida, outra arrancada que aumentasse a produção, ao final de três anos, para 5 milhões de toneladas. Atingindo esse nível, o Brasil poderia fazer frente a outras metas, sobretudo aquelas referentes à fabricação de caminhões, automóveis, jipes, tratores e navios. Em 2016, a produção de aço bruto no Brasil ficou próxima de 32 milhões de toneladas".

O Programa de Metas realizado por JK revolucionou o Brasil de então.

"O País produziu 133 mil veículos em 1960. Essa afirmativa mexe com os brasileiros, especialmente com aqueles que viveram essa maravilhosa transformação e tiveram o privilégio de adquirir os primeiros fuscas produzidos no Brasil.

A construção de Brasília e a conquista do Oeste são fatos que ultrapassam qualquer avaliação.

Juscelino afirmou: *"Mais tarde, durante a campanha presidencial, pude sentir esse estado de espírito de forma absolutamente imperativa. O povo exigia que se promovesse o desenvolvimento, daí a elaboração do Programa de Metas. Esse plano de governo constituiu, na realidade, iniciativa revolucionária. Era a primeira providência, tomada no país, no sentido de se fazer o levantamento de todos os pontos de estrangulamento da economia brasileira e enquadrá-los num esquema de soluções racionais, rigidamente delimitadas no tempo e expres-*

BRASIL - TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO DO PIB - (EM %)

Ano	Brasil	Mundo
1956	2,9	4,7
1957	7,7	3,8
1958	10,8	3,2
1959	9,8	4,7
1960	9,4	5,2
Acumulado	47,5	23,5
Média	8,1	4,0

Fonte: Brasil: IPEAData - Mundo: The World Economy 1950-2001 - Historical Statistics/Maddison (2003)

BRASIL - TAXA ANUAL DE VARIAÇÃO DO PIB SETORIAL - (EM %)

Ano	Indústria	Serviços	Agricultura
1956	6,90	4,66	-2,39
1957	5,70	8,97	9,31
1958	16,19	5,41	2,02
1959	11,87	1,20	5,31
1960	9,60	13,01	4,91
Acumulado do Período	60,97	37,49	20,26

Fonte: Conjuntura Econômica – FGV

sas em cifras que refletiam os alvos a serem atingidos. Após esse pequeno introito, referi-me a um fato que demonstrava estar o governo empenhado, de corpo e alma, na batalha do desenvolvimento: Hoje recebi, às portas do Catete, sessenta e tantos veículos nacionais que, através de 2.200 quilômetros de sela, deram testemunho de que esse progresso é patente. Percorreram estradas desde Belém do Pará, através de Brasília, Belo Horizonte, até que, por fim, chegaram ao Rio. Para ilustrar o que disse, mostrei no mapa o itinerário percorrido pela Caravana de Integração Nacional".

JK criou a SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, o DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, o Conselho de Política Aduaneira, a SPEA - Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia, reivindicou a bem-sucedida Operação Pan-Americana e lançou a proposta, bem fundamentada, da implantação do BID-Banco Interamericano de Desenvolvimento, cabendo ademais destacar que também foi ideia sua a criação do BDMG – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais S.A.

Assim, qualquer relação existente entre ambos Conselhos – o de JK e o de Lula, acredito possa ser considerada, simplesmente, uma mera coincidência.

*O Conselho Econômico Social Sustentável (CDESS) é um colegiado composto por representantes da sociedade civil, criado inicialmente em 2003 e recriado pela Medida Provisória nº 1.154, de 1º de janeiro de 2023. É um órgão de assessoramento direto ao Presidente da República em todas as áreas de atuação do Poder Executivo, na formulação de políticas e diretrizes voltadas ao desenvolvimento econômico, social e sustentável do País.

De acordo com o IPEAData – órgão ligado à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, durante os cinco anos de governo do presidente Juscelino Kubitschek - 1956/1961, o PIB - Produto Interno Bruto - brasileiro cresceu, no acumulado, 47,5%. A taxa média anual de expansão foi de 8,1%.

No acumulado do período JK na Presidência da República, a Agricultura brasileira contabilizou resultado positivo de 20,3%; a Indústria, 61,0% e o Setor de Serviços, 37,5%. Trata-se, para qualquer época em que se queira analisar, de um robusto desempenho, comparável, nos dias atuais, ao crescimento registrado na China e em alguns outros poucos países.

As divergências ideológicas perdem relevância diante da urgente necessidade de o País resgatar o crescimento e o desenvolvimento econômico. Considero irrelevantes as discussões à esquerda, direita ou centro. O importante é avançar e seguir em frente, rumo ao verdadeiro progresso!

Assim, considero imprescindível que se despolitize e que seja desideologizada a discussão dos principais temas econômicos, porque o desenvolvimento precisa se transformar na grande e prioritária meta nacional.

Sem a superação desses entraves, a economia brasileira continuará patinando, imersa no conjunturalismo predominante e vigente de várias das décadas anteriores e ainda persistente nos dias atuais. Desatar esses nós é pré-condição para o seu lançamento em um novo ciclo de expansão.

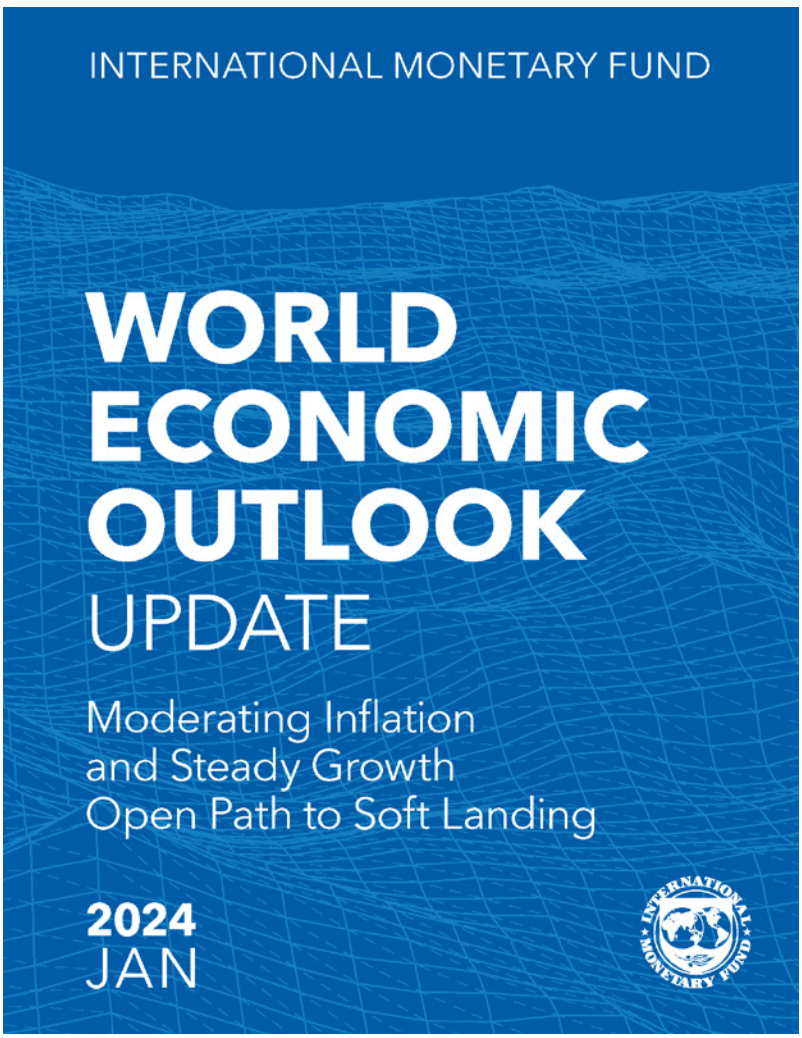
Não basta apenas crescer. É necessário que o crescimento da nossa economia supere a média mundial e possa compatibilizar-se com o nível de expansão das economias dos países emergentes.

*CARLOS ALBERTO TEIXEIRA DE OLIVEIRA

*Administrador, Economista e Bacharel em Ciências Contábeis, com vários cursos de pós graduação no Brasil e exterior. Ex-Executive Vice-Presidente e CEO do Safra National Bank of New York, em Nova Iorque, Estados Unidos. Foi Presidente do BDMG-Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais e do Banco de Crédito Real de Minas Gerais; Atuou como Secretário de Planejamento e Coordenação Geral e de Comércio, Indústria e Mineração; e de Minas e Energia do Governo de Minas Gerais; Também foi Diretor-Geral (Reitor) do Centro Universitário Estácio de Sá de Belo Horizonte; Ex-Presidente do IBEF Nacional – Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças e da ABDE-Associação Brasileira de Desenvolvimento; Atualmente é Coordenador Geral do Fórum JK de Desenvolvimento Econômico; Presidente da ASSEMG-Associação dos Economistas de Minas Gerais. Presidente da MinasPart Desenvolvimento Empresarial e Econômico, Ltda. Vice-Presidente da ACMinas – Associação Comercial e Empresarial de Minas. Presidente/Editor Geral de **MERCADOCOMUM**. Autor de vários livros, como a coletânea intitulada "Juscelino Kubitschek: Profeta do Desenvolvimento*

FMI: Os riscos para o crescimento mundial estão globalmente equilibrados e existe a possibilidade de ocorrer um "pouso suave" da economia

O FMI – Fundo Monetário Internacional divulgou, no dia 30 de janeiro, a revisão do seu estudo intitulado World Economic Outlook, de outubro do ano passado. Para a instituição, a economia mundial caminha um "pouso suave', com a inflação em queda de forma contínua, enquanto o crescimento continua com força em muitas economias importantes. No entanto, o ritmo de expansão permanece lento e os riscos de turbulência permanecem.



O crescimento global está projetado em 3,1% em 2024 e 3,2% para em 2025, com a previsão para 2024 0,2% superior à do World Economic Outlook - WEO (Perspectivas Econômicas Mundiais de Outubro de 2023, devido à resiliência maior do que a esperada nos Estados Unidos e a vários grandes mercados emergentes e economias em desenvolvimento, bem como decorrente do apoio fiscal na China. A previsão para 2024–25 está, no entanto, abaixo da média histórica (2000–19) de 3,8%, com taxas elevadas do banco central para combater a inflação, uma retirada do apoio fiscal num contexto de dívida elevada que pesa sobre a atividade econômica e baixa produtividade subjacente.

CRESCIMENTO

A inflação está caindo mais rapidamente do que o esperado na maioria das regiões, num contexto de resolução de questões do lado da oferta e de uma política monetária restritiva. A inflação global deverá cair para 5,8% em 2024 e para 4,4% em 2025, com a previsão para 2025 revista em baixa.

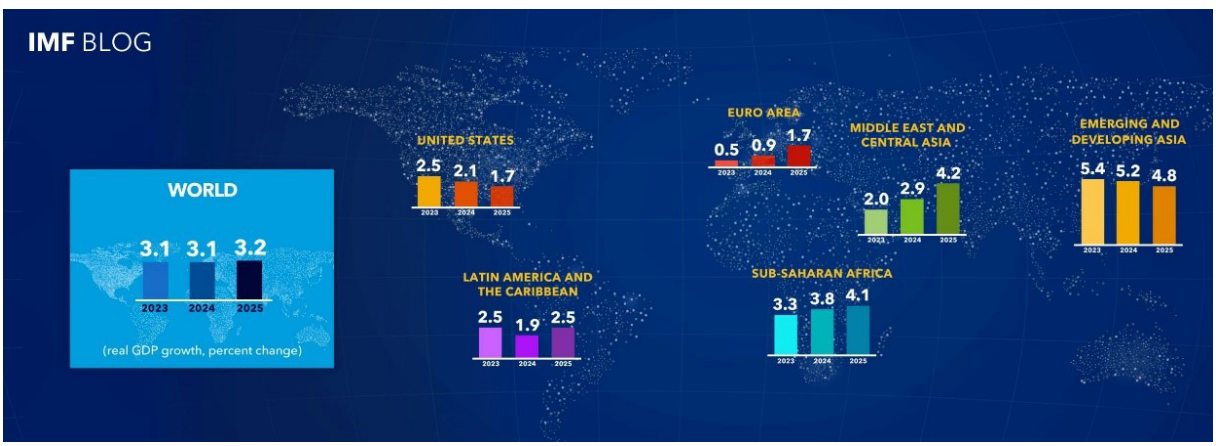
Com a desinflação e o crescimento constante, a probabilidade de um pouso brusco diminuiu e os riscos para o crescimento global estão equilibrados. Do lado positivo, uma desinflação mais rápida poderá levar a uma maior flexibilização das condições financeiras. Uma política fiscal mais flexível do que o necessário e do que o assumi-

do nas projeções poderá implicar um crescimento temporariamente mais elevado, mas com o risco de um ajustamento mais dispendioso mais tarde. Uma dinâmica mais forte de reformas estruturais poderá reforçar a produtividade com repercussões transfronteiriças positivas. No lado negativo, novos picos nos preços das matérias-primas devido a choques geopolíticos – incluindo ataques contínuos no Mar Vermelho – e perturbações na oferta ou uma inflação subjacente mais persistente poderão prolongar condições monetárias restritivas. O aprofundamento dos problemas do sector imobiliário na China ou, noutros locais, uma mudança perturbadora para aumentos de impostos e cortes de despesas também poderá causar desilusões no crescimento.

O desafio a curto prazo dos dirigentes políticos é gerir com sucesso a queda final da inflação até ao objetivo, calibrando a política monetária em resposta à dinâmica da inflação subjacente e – onde as pressões salariais e de preços estão claramente a dissipar-se – ajustando-se para uma postura menos restritiva. Ao mesmo tempo, em muitos casos, com a inflação a diminuir e as economias mais capazes de absorver os efeitos do aperto orçamental, é necessário um enfoque renovado na consolidação orçamentária para reconstruir a capacidade orçamental para lidar com choques futuros, aumentar as receitas para novas prioridades de despesa e conter o aumento da dívida pública é necessária. Reformas estruturais específicas e cuidadosamente sequenciadas reforçariam o crescimento da produtividade e a sustentabilidade da dívida e acelerariam a convergência para níveis de rendimento mais elevados. É necessária uma coordenação multilateral mais eficiente, entre outras coisas, para a resolução da dívida, para evitar o sobreendividamento e criar espaço para os investimentos necessários, bem como para mitigar os efeitos das alterações.

O foco das políticas deve passar a ser a correção das finanças públicas e a melhoria das perspectivas de crescimento a médio prazo

Pierre-Olivier Gourinchas – Economista-Chefe do FMI



As nuvens estão começando a se separar. A economia global inicia a descida final rumo a um pouso suave, com a inflação diminuindo de forma constante e o crescimento a manter-se. Mas o ritmo de expansão continua lento e poderá haver turbulência no futuro.

A atividade econômica mundial revelou-se resiliente no segundo semestre do ano passado, à medida que fatores da demanda e oferta apoiaram as principais economias. Do lado da demanda, o aumento da despesa privada e pública sustentou a atividade, apesar das condições monetárias restritivas. Do lado da oferta, o aumento da participação da força de trabalho, a melhoria das cadeias de abastecimento e os preços mais baratos da energia e das matérias-primas ajudaram, apesar das renovadas incertezas geopolíticas.

Essa resiliência será mantida. O crescimento global, de acordo com a nossa previsão de referência, manter-se-á estável em 3,1% este ano, uma melhoria de 0,2 pontos percentuais em relação às nossas projeções de outubro, antes de subir para 3,2% no próximo ano.

Subsistem divergências importantes. Esperamos um crescimento mais lento nos Estados Unidos, onde

a política monetária restritiva ainda atua na economia, e na China, onde o consumo e o investimento mais fracos continuam a pesar sobre a atividade econômica. Entretanto, na área do euro, espera-se que a atividade recupere ligeiramente após um 2023 desafiante, quando os elevados preços da energia e a política monetária restritiva restringiram a procura. Muitas outras economias continuam a demonstrar grande resiliência, com o crescimento a acelerar no Brasil, na Índia e nas principais economias do Sudeste Asiático.

A inflação continua a diminuir. Excluindo a Argentina, a inflação global diminuirá para 4,9% este ano, uma queda de 0,4 pontos percentuais em relação à nossa projeção de outubro (também excluindo a Argentina). A inflação subjacente, excluindo os preços voláteis dos alimentos e da energia, também apresenta uma tendência de queda. Nas economias avançadas, a inflação global e a inflação subjacente situar-se-ão, em média, em torno de 2,6% este ano, próximo dos objetivos de inflação dos bancos centrais.

Com a melhoria das perspectivas, os riscos moderaram-se e estão equilibrados.

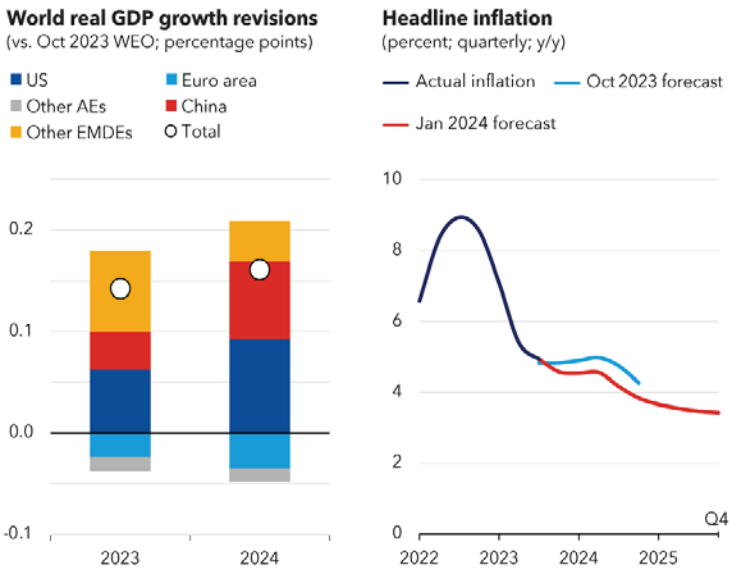
NO LADO POSITIVO:

A desinflação poderá acontecer mais rapidamente do que o previsto, especialmente se a tensão no mercado de trabalho diminuir ainda mais e as expectativas de inflação a curto prazo continuarem a se reduzir, permitindo que os bancos centrais abrandem mais cedo as taxas de juros.

As medidas de consolidação fiscal que os governos anunciaram para 2024-25 poderão ser adiadas, uma vez que muitos países enfrentam apelos crescentes para um aumento da despesa pública naquele que é o maior ano eleitoral global da história.

Growth and inflation

Forecasts for growth have been revised upwards, while inflation has been marked down and is continuing its downward trend.

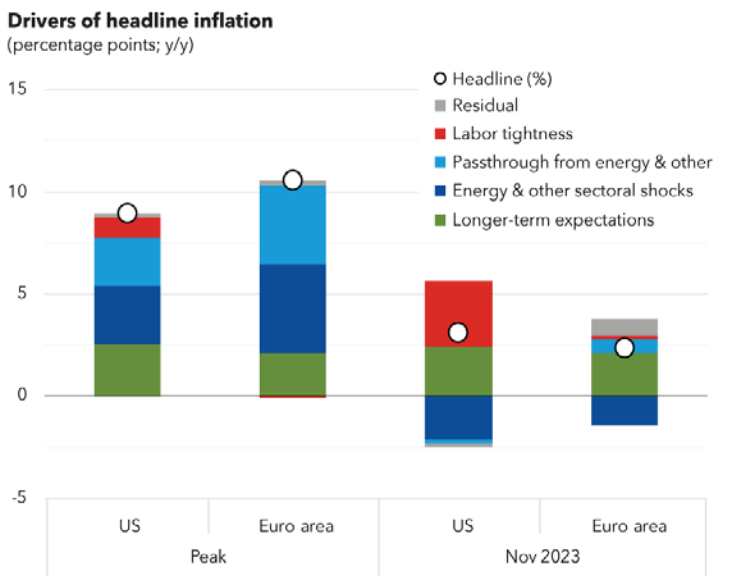


Sources: IMF, World Economic Outlook; and IMF staff calculations.
Note: Headline inflation excludes Argentina.

IMF

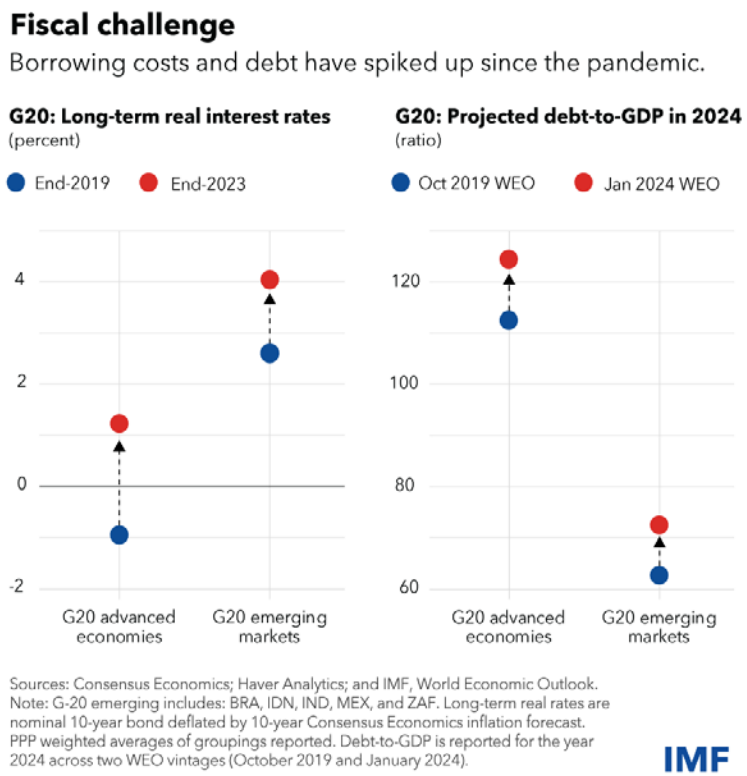
Inflationary forces

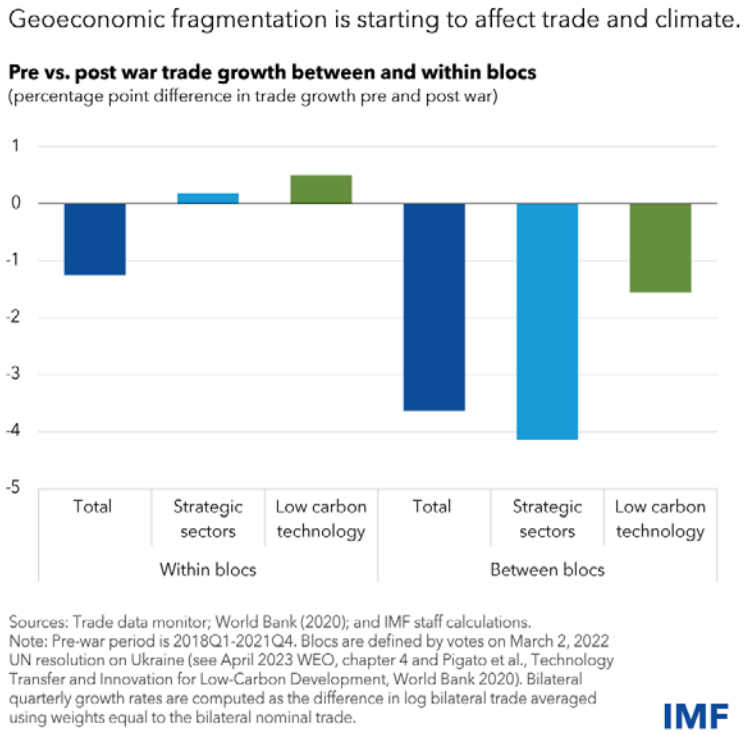
Energy and other sectoral shocks played a large role in reducing headline inflation.



Sources: Haver Analytics; Methodology is as in Dao and others (2023) and Ball, Leigh, and Mishra (2022).

IMF





Isto poderá impulsionar a atividade económica, mas também estimular a inflação e aumentar a perspectiva de perturbações posteriores.

Olhando para o futuro, a rápida melhoria na Inteligência Artificial poderá impulsionar o investimento e estimular o rápido crescimento da produtividade, embora com desafios significativos para os trabalhadores.

NO LADO NEGATIVO:

Podem ocorrer novas perturbações no abastecimento e nos produtos de base, na sequência de novas tensões geopolíticas, especialmente no Médio Oriente. Os custos de transporte entre a Ásia e a Europa aumentaram acentuadamente, à medida que os ataques no Mar Vermelho redirecionavam as cargas em torno de África. Embora as perturbações permaneçam limitadas até agora, a situação continua volátil.

A inflação subjacente poderá revelar-se mais persistente. O preço dos bens permanece historicamente elevado em relação ao dos serviços. O ajustamento poderá assumir a forma de uma inflação mais persistente nos serviços – e em geral. A evolução salarial, especialmente na área do euro, onde os salários negociados ainda estão aumentando, poderá expandir as pressões sobre os preços.

Os mercados parecem excessivamente otimistas quanto às perspectivas de cortes antecipados das taxas de juros. Se os investidores reavaliassem a sua visão, as taxas de juro de longo prazo aumentariam, exercendo uma pressão renovada sobre os governos para implementarem uma consolidação orçamental mais rápida, o que poderia pesar sobre o crescimento econômico.

DESAFIOS POLÍTICOS

Com a inflação em queda e o crescimento mantendo-se estável é,

agora, a oportunidade de se fazer um balanço e olhar para o futuro. A nossa análise mostra que uma parte substancial da desinflação recente ocorreu através de uma descida dos preços das matérias-primas e da energia, e não através de uma contração da atividade econômica.

Dado que o aperto monetário normalmente funciona deprimindo a atividade econômica , uma questão relevante é que papel, se algum, desempenhou a política monetária? A resposta é que funcionou através de dois canais adicionais. Em primeiro lugar, o ritmo rápido do aperto ajudou a convencer as pessoas e as empresas de que não seria permitido que uma inflação elevada se instalasse. Isto impediu que as expectativas de inflação aumentassem persistentemente, ajudou a atenuar o crescimento salarial e reduziu o risco de uma espiral salários-preços. Em segundo lugar, a natureza invulgarmente sincronizada da restritividade reduziu a procura mundial de energia, reduzindo diretamente a inflação global.

Mas as incertezas permanecem e os bancos centrais enfrentam agora riscos bilaterais. Devem evitar uma flexibilização prematura que anularia muitos ganhos de credibilidade arduamente conquistados e levaria a uma recuperação da inflação. Mas os sinais de tensão estão aumentando em setores sensíveis às taxas de juro, como a construção, e a atividade de crédito diminuiu acentuadamente. Será igualmente importante orientar-se para a normalização monetária a tempo, uma vez que vários mercados emergentes onde a inflação está em tendência descendente já começaram a fazê-lo. Não fazê-lo colocaria em risco o crescimento e arriscaria que a inflação caísse abaixo da meta.

A minha sensação é que os Estados Unidos, onde a inflação parece ser mais impulsionada pela demanda, precisam de se concentrar nos riscos da primeira categoria, enquanto a área do euro, onde o aumento dos preços da energia desempenhou um papel desproporcional, precisa de gerir mais o segundo risco . Em ambos os casos, permanecer no caminho de uma aterrissagem suave pode não ser fácil.

O maior desafio que temos pela frente é enfrentar os riscos fiscais elevados. A maioria dos países saiu da pandemia e da crise energética com níveis de dívida pública e custos de financiamento mais elevados. A redução da dívida pública e dos défices dará espaço para lidar com choques futuros.

As restantes medidas fiscais introduzidas para compensar os elevados preços da energia devem ser eliminadas de imediato, uma vez que a crise energética já ficou para trás. Mas é necessário mais. O perigo é duplo. O risco mais premente é que os países façam muito pouco. As fragilidades fiscais aumentarão até que o risco de uma crise fiscal force ajustamentos súbitos e perturbadores, com grandes custos. O outro risco, já relevante para alguns países, é fazer demasiadamente cedo, na esperança de convencer os mercados da sua retidão fiscal. Isto poderia pôr em perigo as perspectivas de crescimento. Também tornaria muito mais difícil enfrentar desafios fiscais iminentes, como a transição climática.

O que fazer então? A resposta é implementar uma consolidação fiscal estável, com uma primeira prestação não trivial. As promessas de ajustamentos futuros por si só não bastarão. Esta primeira parcela deve ser combinada com um quadro fiscal melhorado e bem aplicado, para que os futuros esforços de consolidação sejam consideráveis e credíveis. À medida que a política monetária começar a relaxar e o crescimento for retomado, deverá tornar-se mais fácil fazer mais. A oportunidade não deve ser desperdiçada.

Os mercados emergentes têm sido muito resilientes, com um crescimento mais forte do que o esperado e saldos externos estáveis, em parte devido à melhoria dos quadros monetário e orçamentário. No entanto, a divergência nas políticas entre os países pode estimular saídas de capitais e volatilidade cambial. Isto exige reservas mais fortes, em linha com o nosso Quadro Político Integrado.

Para além da consolidação orçamental, o foco deverá voltar ao crescimento a médio prazo. Projetamos um crescimento global de 3,2% no próximo ano, ainda bem abaixo da média histórica. É necessário um ritmo mais rápido para enfrentar os muitos desafios estruturais do mundo: a transição climática, o desenvolvimento sustentável e a melhoria dos padrões de vida.

As reformas que aliviam as restrições mais vinculativas à atividade econômica, como a governança, a regulamentação empresarial e a reforma do setor externo, podem ajudar a libertar ganhos de produtividade pesquisa . Um crescimento mais forte também poderia advir da limitação da fragmentação geoeconômica, por exemplo, eliminando as barreiras comerciais que impedem os fluxos comerciais entre diferentes blocos geopolíticos, incluindo produtos tecnológicos de baixo carbono que são crucialmente necessários aos países emergentes e em desenvolvimento.

Em vez disso, deveríamos esforçar-nos por manter as nossas economias mais interligadas. Só assim poderemos trabalhar juntos em prioridades partilhadas. A cooperação multilateral continua a ser a melhor abordagem para enfrentar os desafios globais. Os progressos nesse sentido, como o recente aumento de 50% dos recursos permanentes do Fundo, são bem-vindos.

World Economic Outlook Growth Projections

(Real GDP, annual percent change)	ESTIMATE 2023	PROJECTIONS 2024	2025
World Output	**3.1**	**3.1**	**3.2**
Advanced Economies	**1.6**	**1.5**	**1.8**
United States	2.5	2.1	1.7
Euro Area	0.5	0.9	1.7
Germany	-0.3	0.5	1.6
France	0.8	1.0	1.7
Italy	0.7	0.7	1.1
Spain	2.4	1.5	2.1
Japan	1.9	0.9	0.8
United Kingdom	0.5	0.6	1.6
Canada	1.1	1.4	2.3
Other Advanced Economies	1.7	2.1	2.5
Emerging Market and Developing Economies	**4.1**	**4.1**	**4.2**
Emerging and Developing Asia	5.4	5.2	4.8
China	5.2	4.6	4.1
India	6.7	6.5	6.5
Emerging and Developing Europe	2.7	2.8	2.5
Russia	3.0	2.6	1.1
Latin America and the Caribbean	2.5	1.9	2.5
Brazil	3.1	1.7	1.9
Mexico	3.4	2.7	1.5
Middle East and Central Asia	2.0	2.9	4.2
Saudi Arabia	-1.1	2.7	5.5
Sub-Saharan Africa	3.3	3.8	4.1
Nigeria	2.8	3.0	3.1
South Africa	0.6	1.0	1.3
Memorandum			
Emerging Market and Middle-Income Economies	4.2	4.0	4.0
Low-Income Developing Countries	4.0	5.0	5.6

Source: IMF, *World Economic Outlook Update*, January 2024

Note: For India, data and forecasts are presented on a fiscal year basis, with FY 2023/2024 (starting in April 2023) shown in the 2023 column. India's growth projections are 5.7 percent in 2024 and 6.8 percent in 2025 based on calendar year.

INTERNATIONAL MONETARY FUND **IMF**.org

Governo lança plano para revitalizar a indústria brasileira

Ricardo Stuckert / PR

O governo federal anunciou, no dia 22 de janeiro, um plano de investimento de R$ 300 bilhões para o desenvolvimento da indústria brasileira até 2026.

Geraldo Alckmin, vice-presidente e ministro de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, apresentou a estratégia, batizada de "Nova Indústria Brasil", visando fortalecer o setor industrial do país.

A NIB apresenta 6 missões em diferentes setores da economia brasileira para que seus objetivos sejam alcançados. São elas:

MISSÃO 1:

Cadeias agroindustriais sustentáveis e digitais para a segurança alimentar, nutricional e energética;

MISSÃO 2:

Complexo econômico industrial da saúde resiliente para reduzir as vulnerabilidades do SUS e ampliar o acesso à saúde;

MISSÃO 3:

Infraestrutura, saneamento, moradia e mobilidade sustentáveis para a integração produtiva e o bem-estar nas cidades;

MISSÃO 4:

Transformação digital da indústria para ampliar a produtividade;

MISSÃO 5:

Bioeconomia, descarbonização e transição e segurança energéticas para garantir os recursos para as gerações futuras

MISSÃO 6:

Tecnologias de interesse para a soberania e defesa nacionais.

As missões 1, 3 e 5 trazem aspectos importantes relacionados à economia circular e, por isso, trazemos a seguir uma análise sobre os planos para cada uma delas.

META DE FORTALECIMENTO DAS CADEIAS AGROINDUSTRIAIS

De acordo com o plano de ação da NIB, faz parte da meta aspiracional para 2033 desta missão aumentar a participação do setor agroindustrial no PIB agropecuário para 50% e, entre outros pontos, garantir a sustentabilidade ambiental. Entre os instrumentos para alcançar a meta, estão a recriação e expansão do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no âmbito das contratações públicas, e a criação de uma Estratégia nacional para o desenvolvimento da agroindústria sustentável. A missão também tem como alguns dos seus objetivos específicos desenvolver e implementar tecnologias relevantes para aprimorar a qualidade, agregar valor e reduzir perdas e desperdícios nos setores alimentício e agropecuário; e recuperar áreas degradadas.

Para Luisa Santiago, diretora executiva para a América Latina da Fundação Ellen MacArthur, a missão de cadeias agroindustriais sustentáveis destaca algumas metas, instrumentos e objetivos que podem ajudar o Brasil a se destacar internacionalmente como um grande produtor de alimentos de qualidade que também contribui para enfrentar as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade. Contudo, para que isso aconteça, é preciso dar maior ênfase e priorizar as práticas de produção que tragam resultados regenerativos, isto é, práticas que reconstroem os solos e a sua biodiversidade, tendo um impacto positivo na natureza - e não apenas minimizando os prejuízos. Essas práticas contemplam os objetivos de reduzir o consumo de água e a pegada de carbono na atividade agropecuária, florestal e agroindustrial, além de permitir o cultivo de produtos vegetais e de qualidade, sem agrotóxicos e contaminantes. Podemos incentivar a demanda por essas práticas a partir do design de produtos que priorizem ingredientes cultivados de forma regenerativa.

Para efetivar essa transição em larga escala, é importante criar os mecanismos para promover a transição do setor, em escala e velocidade, para modelos de produção que tenham resultados positivos para a natureza. Isso é possível de ser feito e temos exemplos de como isso está acontecendo no Brasil. Após um período de transição, elas trazem maior produtividade e lucratividade. Os instrumentos de contratações públicas também podem priorizar produções regenerativas e orgânicas, de modo a valorizar os agricultores que já contribuem com a regeneração e a incentivar outros a fazerem a transição para esse modo de produzir.

META DE MELHORIA DO BEM-ESTAR DAS PESSOAS NAS CIDADES

A missão 3 tem como meta reduzir o tempo de deslocamento de casa para o trabalho e aumentar o adensamento produtivo na cadeia de transporte público sustentável. Ela coloca como uma das áreas para o desenvolvimento de nichos industriais a construção civil digital e de baixo carbono. Atualmente, este setor responde por até 12% das emissões totais de gases de efeito estufa. Por esse motivo, a implementação de uma calculadora da pegada de carbono para obras públicas ou financiadas pelo Estado é um dos instrumentos para reduzir as emissões e cumprir essa missão.

Entre os objetivos específicos da missão também está o desenvolvimento de tecnologias, bens, serviços e empresas nacionais de sistemas de mobilidade, logística de transporte, suas peças e componentes, com foco na economia circular, na otimização dos recursos hídricos, na transição e eficiência energéticas e na digitalização.

De acordo com Luisa Santiago, diretora executiva para a América Latina da Fundação Ellen MacArthur, a proposta dessa missão, que visa a otimização da mobilidade e a redução da poluição e do desperdício na construção civil, está se direcionando ao que propõe uma economia circular para o ambiente construído, porém, é possível elevar a ambição. Aplicar a economia circular ao ambiente urbano passa por construir apenas aquilo que é necessário, optando por priorizar o reuso, adaptação e transformação de prédios já existentes, construir com eficiência, para o longo prazo e utilizando materiais renováveis e de base biológica, que possam ser recuperados e reutilizados no futuro. Os estudos da Fundação Ellen MacArthur sobre economia circular ao ambiente construído demonstram ganhos econômicos, de produtividade e de bem-estar aos cidadãos.

META DE BIOECONOMIA E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

A Missão 5 tem como meta aspiracional promover a indústria verde, reduzindo a emissão de CO2 por valor adicionado da indústria, ampliando a participação dos biocombustíveis na matriz energética de transportes e aumentando o uso tecnológico e sustentável da biodiversidade pela indústria. Os instrumentos para atingi-la incluem incentivos à transição energética; apoio à economia verde e a valorização da Amazônia. Um dos objetivos específicos dessa missão é fortalecer as cadeias produtivas baseadas na economia circular e no uso sustentável e inovador da biodiversidade, desenvolver indústrias da bioeconomia e promover a valorização da floresta em pé e o manejo florestal sustentável.

A análise de Luisa Santiago, diretora executiva para a América Latina da Fundação Ellen MacArthur sobre esta temática é a seguinte: considerando

que a economia circular, neste caso, está sendo vista como um modelo que elimina a geração de resíduos desde o princípio, além de circular os produtos e materiais em seu mais alto valor e regenerar a natureza, é positivo ver a menção a uma cadeia produtiva baseada na economia circular dentro dessa missão. Isso demonstra disposição para desenvolver a indústria de maneira a dissociar o crescimento econômico do consumo e desperdício dos recursos naturais, tal qual a economia circular propõe. Essa missão inclui como uma das ações o desenvolvimento da Estratégia Nacional de Economia Circular, um instrumento fundamental para desenvolvermos políticas públicas que facilitem e estimulem a transição das empresas a práticas de economia circular.

A perspectiva da economia circular para o uso de ativos da floresta também é outro ponto fundamental. Temos uma grande riqueza em biodiversidade que pode ser aproveitada de diversas formas pela indústria. Contudo, os recursos precisam ser gerenciados e regenerados de modo que a atividade econômica ajude a natureza a prosperar.

COMO VAI FUNCIONAR?

O BNDES, que é um banco focado no desenvolvimento econômico do Brasil, vai ser o principal responsável por gerenciar esse dinheiro. Ele vai oferecer empréstimos com condições mais favoráveis e investir de forma a promover inovação e eficiência na indústria nacional.

POR DENTRO DOS NÚMEROS

Do total anunciado, R$ 271 bilhões serão destinados a financiamentos, R$ 21 bilhões a créditos "não-reembolsáveis" e R$ 8 bilhões a participações acionárias. Líderes governamentais veem este plano como essencial para o Brasil se destacar no mercado global. A expectativa é que o suporte financeiro fortaleça a indústria nacional, tornando-a mais competitiva.

OLHAR AMPLIADO

Será fundamental acompanhar de perto o impacto desse investimento na economia do país. Nos próximos anos, precisaremos avaliar se ele realmente impulsionará nossa competitividade global e estimulará o crescimento interno.

Fonte\Daily Fin

A indústria brasileira se pergunta se 2024 será o ano da virada

Antonio Lemos
Presidente da Voith Paper na América do Sul

O ano de 2023 chegou ao fim e, mais uma vez, as indústrias brasileiras ficam com a sensação de que ficou faltando algo para aquele sonhado momento de turn around, dar a volta por cima, se reerguer e voltar a ocupar importante lugar no PIB nacional. É preciso exportarmos mais produtos acabados do que commodities ou matérias-primas que serão transformadas em outros países e retornam ao Brasil com maior valor agregado, tendo gerado empregos e desenvolvimento lá, e não aqui.

No final de novembro li uma entrevista do estrategista geopolítico Peter Zeihan, autor do best-seller "The End of the World is Just the Beginning – Mapping the Collapse of Globalization", falando sobre os riscos do Brasil frente à dependência criada com a China e a globalização. Em um dos trechos, ele afirma: "Vocês precisam reconstruir a sua base industrial. Em segundo lugar, será necessário incentivar as famílias a terem mais filhos. Caso contrário, o Brasil desaparecerá da face da Terra no início do próximo século. Uma forma de mitigar isso é estabelecer parcerias com países com população mais jovem. Vejo duas opções naturais, a Argentina e os EUA."

Não são poucas as provas da importância de termos uma indústria forte. A pandemia talvez tenha sido a situação que mais explicitou a toda a população essa questão, ao fazer sumir do mercado diversos itens exclusivamente importados.

Mas, estamos na contramão desse movimento e precisamos de ação do governo para fomentar esse setor. Um dado divulgado agora em dezembro pela Anfavea – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores aponta que a participação do Brasil nas importações de veículos pelos países da América Latina caiu de 22,5% para 19,4% de 2013 a 2022, enquanto a participação da China explodiu de 4,6% para 21,2% no mesmo período, tomando a liderança do Brasil. Reflexo disso são, por exemplo, as demissões e fechamentos de fábricas anunciados pelo setor em 2023.

Posso afirmar que as empresas instaladas no país há décadas estão com sede de produzir, exportar e crescer, e preparados para esse momento de virada. Temos investido na mudança da indústria tradicional para a 4.0, com agregação de serviços e modernizações. Na Voith Paper, em 2023 contratamos mais de 50 estagiários, um número recorde, em nítido movimento de investimento em qualificação de mão-de-obra e aposta no futuro.

Nossa empresa mantém excelente relação com a sede na Alemanha, de onde recebemos constantes incentivos e a confiança de que estamos em uma região estratégica, não só pelo país, mas como entrada na América Latina. E, por sermos indústria de base, que fornece equipamentos e soluções para outras indústrias, fazemos parte de um grupo de empresas capaz de gerar ainda mais retorno econômico e social ao Brasil, ao dar certa autonomia para o crescimento industrial.

Temos musculatura, vontade, tecnologia e know-how. O que nos falta, como setor industrial, é um ambiente favorável e o apoio consistente do governo para transformar adversidades em oportunidades.

Além de todas as fragilidades históricas, como o chamado custo-Brasil, infraestrutura limitada e elevada burocracia nos processos de importação/exportação, temos exemplos atuais de alto impacto na economia, como o possível fim da desoneração da folha de pagamento para diversos setores, a alta carga tributária incidente na importação de serviços e softwares (notadamente os chamados SaaS "Software as a Service"), bem como a bitributação no comércio exterior.

Esse último ponto machuca os negócios, em especial empresas de origem alemã, pois o Brasil ainda não conseguiu construir um acordo que evite a bitributação de serviços e intangíveis. Isso seria extremamente benéfico para as companhias brasileiras, notadamente, se for elaborado no formato dos chamados "Tratados de Ouro", a exemplo de Finlândia, Espanha, Japão, França e Suécia. A bitributação encarece muito o custo dos produtos e afeta, consequentemente, a competitividade dos produtos brasileiros. Como exemplo, quando trazemos um técnico alemão, pagamos quase 40% de impostos.

O Brasil continua sendo o país do futuro. Temos capacidade ociosa da indústria, mão-de-obra ainda abundante e com custo não tão elevado, matéria-prima disponível e muita vontade do setor produtivo em embarcar em uma fase de crescimento acelerado. Mais um ano se encerra e continuamos sem enxergar o início desse futuro tão brilhante e sonhado.

Nosso questionamento é: será que 2024 vai ser o início dessa virada?

O Grupo Voith é uma empresa de tecnologia com atuação global. Com seu amplo portfólio de sistemas, produtos, serviços e aplicações digitais, a Voith estabelece padrões nos mercados de energia, papel, matérias-primas, e transporte e automotivo. Fundada em 1867, a empresa atualmente tem cerca de 21.000 colaboradores, gera € 4,9 bilhões em vendas e opera filiais em mais de 60 países no mundo inteiro, o que a coloca entre as grandes empresas familiares da Europa.

Microsoft, Chrome e Apple apresentam vulnerabilidades recentes em seus sistemas

Este é o alerta da Redbelt Security em relatório recém-divulgado para seus clientes, no qual chama atenção para a necessidade de os usuários realizarem backup de arquivos importantes no Google Drive ou utilizarem um serviço de nuvem diferente para evitar a perda de dados armazenados

A cibersegurança é um conjunto de ações e técnicas que protegem sistemas, programas, redes e equipamentos contra invasões, assegurando a integridade, confidencialidade e disponibilidade das informações. Nesse contexto, a Redbelt Security, consultoria especializada em cibersegurança, lança mensalmente relatório com as vulnerabilidades recentemente divulgadas em sistemas de grandes corporações. Este relatório fornece insights valiosos e dicas essenciais sobre como mitigar riscos e responder prontamente para evitar danos mais significativos, apresentando orientações práticas e relevantes. O objetivo é auxiliar as empresas a fortalecerem sua postura em segurança cibernética e protegerem suas informações vitais.

Confira algumas das vulnerabilidades encontradas:

USUÁRIOS DO GOOGLE DRIVE, SERVIÇO DE ARMAZENAMENTO NA NUVEM DO GOODLE, ESTÃO IRRITADOS COM A PERDA DE MESES DE DADOS ARMAZENADOS

A perda repentina de arquivos recentes, com o serviço revertendo para um estado de armazenamento de abril e maio de 2023, são a princípio um problema com o sistema do serviço, que impediu a sincronização de dados entre os dispositivos locais e o Google Cloud em algum momento. Os logs de atividade nas contas afetadas não mostram alterações recentes, confirmando que os próprios usuários não as excluíram acidentalmente. Até que o problema seja resolvido, seria mais prudente fazer backup de arquivos importantes localmente ou usar um serviço de nuvem diferente.

MICROSOFT ALERTA SOBRE ESQUEMA DE MALVERTISING ESPALHANDO O CACTUS RANSOMWARE

A empresa informou sobre uma nova onda de ataques do ran-

somware CACTUS que aproveita iscas malvertising para implementar o DanaBot como um vetor de acesso inicial. As credenciais coletadas pelo malware são transmitidas para um servidor controlado pelo ator, que é seguido por um movimento lateral por meio de tentativas de login RDP, e pela entrega de acesso ao Storm-0216. "Ataques como esse demonstram a urgência de ações proativas em cibersegurança. Recomendamos que sejam feitas atualizações constantes e que os usuários sejam conscientizados sobre os riscos existentes na web. Além disso, as companhias precisam investir em soluções antimalware eficazes, restringir de forma rigorosa privilégios de acesso, fazendo monitoramento contínuo do tráfego de informações, backups regulares e avaliações de segurança para fortalecer a resiliência contra ameaças cibernéticas", aconselha William Amorim, especialista em cibersegurança da Redeblt Security.

ESPECIALISTAS CHAMAM ATENÇÃO DOS USUÁRIOS DE IPHONE PARA ATAQUE SORRATEIRO NO MODO FALSO DE BLOQUEIO

Uma nova técnica de adulteração pós-exploração pode ser utilizada por indivíduos mal-intencionados para realizar ataques secretos enganando visualmente um alvo e o fazendo acreditar que seu Apple iPhone está rodando no Modo Lockdown, quando na verdade não está. O Modo Lockdown, introduzido pela Apple no ano passado com o iOS 16, é uma medida de segurança aprimorada, que visa proteger os usuários de alto risco de ameaças digitais sofisticadas, como spyware mercenário, minimizando a superfície de ataque. O que ele não faz é impedir a execução de cargas maliciosas em um dispositivo comprometido, possibilitando que um trojan instalado nele manipule o Modo de Bloqueio e dê aos usuários uma ilusão de segurança.

MALWARE JAVASCRIPT TEM COMO ALVO MAIS DE 50.000 USUÁRIOS EM DEZENAS DE BANCOS EM TODO O MUNDO

Um novo malware JavaScript foi observado na tentativa de roubar credenciais da conta bancária online dos usuários, como parte de uma campanha que teve como alvo mais de 40 instituições financeiras em todo o mundo. Estima-se que o cluster de atividades, que emprega injeções na Web JavaScript, tenha levado a pelo menos 50.000 sessões de usuários infectados na América do Norte, América do Sul, Europa e Japão. A IBM Security Trusteer disse que detectou a campanha em março de 2023. Quando a vítima visita um site do banco, a página de login é alterada para incorporar JavaScript malicioso capaz de coletar as credenciais e senhas de uso único (OTPs). O roteiro é ofuscado para esconder sua verdadeira intenção."Os ataques de malware, têm um impacto significativo nas empresas, especialmente nas instituições financeiras. Isto porque esses golpes podem comprometer a reputação das instituições, o que exige um processo longo e caro de recuperação, que envolve a identificação e correção da vulnerabilidade explorada, a limpeza dos sistemas afetados e a implementação de medidas para prevenir ataques futuros", comenta o especialista da Redbelt.

NOVA VULNERABILIDADE DE ZERO-DAY DO CHROME

O Google lançou atualizações de segurança para o navegador Chrome para resolver uma falha de dia zero de alta gravidade que, segundo a empresa, foi explorada na natureza. A vulnerabilidade, atribuída ao identificador CVE-2023-7024, foi descrita como um bug de estouro de buffer baseado em heap na estrutura WebRTC que pode ser explorado para resultar em falhas de programa ou execução arbitrária de código. Nenhum outro detalhe sobre o defeito de segurança foi divulgado para evitar mais abusos, com o Google reconhecendo a existência de um exploit para CVE-2023-7024. Para mitigar o risco de ameaças, é recomendado que os usuários atualizem para a versão do Chrome 120.0.6099.129/130 para Windows e 120.0.6099.129 para macOS e Linux. Os usuários de navegadores baseados no Chromium, como Microsoft Edge, Brave, Opera e Vivaldi também são aconselhados a aplicar as correções à medida que elas se tornam disponíveis.

O relatório mensal da Redbelt Security destaca a importância crítica de priorizar a cibersegurança em um cenário global, no qual as empresas de todos os setores enfrentam desafios significativos de vulnerabilidade. Além de apontar as principais falhas de segurança, o documento também fornece dicas importantes sobre como mitigar riscos e responder rapidamente para evitar danos maiores. A Redbelt reforça a necessidade de investir em estratégias proativas de cibersegurança a fim de proteger ativos digitais e garantir a continuidade dos negócios. A conscientização e a implementação de práticas eficazes de gestão de riscos serão fundamentais para enfrentar as ameaças no ambiente digital em 2024.

Fundada em 2009, a Redbelt Security é uma consultoria especializada em Segurança da Informação. A marca atua com Serviços Gerenciados de Segurança (MSS), Security Operations Center (SOC), Offensive Security, Threat Intelligence, Governança, Riscos & Compliance (GRC), e suporte especializado no gerenciamento de ambientes de TI e ações preventivas contra novas ameaças, contando com uma equipe altamente especializada e certificada.

Um balanço sobre a economia e o Ibovespa no ano passado e o que esperar em 2024

Entrevista com Rodney Ribeiro, economista e assessor de investimentos da WIT Invest

MC - Qual foi o desempenho do mercado de ações brasileiro, representado pelo Ibovespa, no primeiro ano do terceiro governo Lula?

RR - O desempenho tem sido muito bom, como já esperado desde as análises trazidas no ano de 2022, em que o mercado monitorava a possibilidade de queda da inflação no ano de 2023, bem como a curva de juros de longo prazo apresentando queda, o que trouxe otimismo para o mercado.

O valor das empresas na bolsa, também extremamente descontadas, trouxe a oportunidade ao investidor de se posicionar ainda mais no mercado.

O resultado da balança comercial mais as aprovações de reformas estruturais, mesmo que ainda muito aquém do necessário, trouxeram a percepção de o Brasil se tornou de certa forma um bom "porto" para novos negócios, trazendo assim um aumento do fluxo estrangeiro.

MC - Quais foram os setores da Bolsa que mais se destacaram positivamente em termos de desempenho, e por quê? E quais setores que tiveram desempenhos piores?

RR - Vamos destacar os três melhores setores:

I. Imobiliário
II. Financeiro
III. Utilidade Pública

O motivo é bem simples: a queda da taxa de juros, que aconteceu a partir do começo do segundo semestre, proporcionou a busca por investimentos no setor; Outro fator, é a cultura brasileira de investir em imóveis, o que proporcionou a busca pelo setor. Além disso, tanto no setor financeiro quanto no setor de utilidade pública, se destacam empresas consolidadas, que possuem lucros mais estáveis e entregam resultados consistentes.

MC - Como os analistas avaliam a relação entre a alta da Bolsa de Valores e a queda dos juros nos Es-

tados Unidos, em contraste com o cenário local?

RR - Uma oportunidade de retomada da economia global. Quando a queda da taxa de juros cai, isso demonstra uma perspectiva de retomada da economia, uma vez que a política monetária restritiva sai de cena. De certa forma, esperamos uma busca por investimentos no mercado americano, o que pode diminuir os investimentos no Brasil. Por outro lado, a bolsa brasileira ainda apresenta várias oportunidades, por possuir empresas ainda descontadas, o que torna atrativa a exposição no mercado brasileiro.

MC - De que forma o ambiente político foi caracterizado pelo mercado financeiro no primeiro ano do mandato de Lula e como isso influenciou os investimentos?

RR - Os mercados sentiram que a questão política está administrada com as propostas de reformas estruturais, que seguiram seu curso no campo político, da mesma forma que reforma tributária, orçamento e marco regulatório seguem seu curso. Isso de certa maneira, traz a confiança de que o "jogo está seguindo seu fluxo".

MC - Como a reforma tributária impactou o desempenho da Bolsa de Valores em 2023?

RR - As empresas que têm suas operações no Brasil terão sua competitividade afetada, uma vez que a reforma traz um dos maiores impostos do mundo, segundo algumas projeções, na casa dos 28%. Menos competitividade, menos lucro. Menos lucro, menos atratividade para investidores. Esse pode ser um fator preponderante, que pode contribuir com a saída de investidores da bolsa brasileira, aliado ao fator de queda da taxa de juros americana, para que saiam e busquem alternativas no mercado americano. O principal foi as grandes fortunas, que sofreram maior impacto, uma vez que os dividendos serão tributados.

MC O fluxo de capital estrangeiro na B3 influenciou a valorização do Ibovespa ao longo do ano? Quais foram os principais fatores que contribuíram para a alta de 16,04% no Ibovespa entre janeiro e novembro de 2023?

RR - Valorizou, pois mostra que mais investidores buscam por aquisição de novos ativos. É a lei da oferta e procura. Mas outros fatores contribuíram para tal cenário: além do fluxo estrangeiro, a queda da taxa de juros e empresas com potencial de crescimento e com valores bem descontados. Outro fator importante, foi a Guerra Ucrânia x Rússia e conflito Israel x Palestina, China em recessão, assim como recessão na Europa e EUA.

MC - Quais são as análises e preocupações dos especialistas em relação ao arcabouço fiscal criado, considerando a intenção do governo de mudar as regras?

RR - Com o limite de crescimento das despesas primárias em 70% da variação da receita:

a. Algumas são as criticidades do arcabouço. A que mais tem chamado a atenção é a correção dos limites, sendo que as bandas dos limites de gastos públicos, corrigidos anualmente pela inflação (IPCA), só ocorrerá a partir de 2025;

b. Para 2024, o parâmetro utilizado terá mais flexibilidade para gastos do governo, no que se trata da correção das chamadas "bandas de limites";

c. Essas alterações vão mudar a LDO, com possibilidades de que o governo gaste uma estimativa de R$ 32 bilhões do orçamento de 2024;

Em resumo, todas essas questões deixam o investidor com o Alerta Ligado, uma vez que o governo está com tendência de gastos maiores e com um PIB em retração. Essa situação leva a arrecadação do governo cair. Fica a questão: De onde virá o dinheiro para cobrir as despesas do Orçamento? Será que vamos repetir a mesma estratégia de 1986, com emissão de papéis?

MC - De que forma a queda da inflação, o início do ciclo de cortes na taxa básica de juros e o aumento do fluxo de capital estrangeiro influenciaram a alta da Bolsa no decorrer do ano?

RR - Com a queda da inflação, as pessoas têm mais poder de compra, aumentando a possibilidade de consumo. Com o ciclo de corte de juros, o crédito fica mais barato e mais acessível tanto para empresas, quanto para pessoas, o que traz possibilidades de investimentos, aumentando assim a força do PIB. Com essas possibilidades os investidores estrangeiros investem mais nas empresas no Brasil. Fatores que contribuem muito, são:

I. agrícola pujante. Somos sempre os mais bem colocados em diversas culturas;

II. Campeão em energia limpa;

III. Ausência de conflitos militares com outras nações;

IV. O advento da China em fechar suas portas no período da pandemia trouxe um alerta para empresas distribuírem seus parques fabris em outras regiões.

MC - Como a recuperação das empresas da Bolsa, especialmente as ligadas à economia doméstica, contribuiu para o desempenho positivo do mercado em 2023?

RR - Por conta da queda da inflação e diminuição da taxa Selic. As empresas ligadas ao consumo cíclico foram de fato beneficiadas, trazendo uma expectativa de crescimento para o final de 2023 e para o primeiro semestre de 2024.

MC - Por que o Índice Imobiliário (IMOB) registrou um aumento de 41,02% entre janeiro e novembro?

RR - Dois grandes fatores são preponderantes para essa situação:

I. A queda da taxa Selic, que ajuda na redução do custo de crédito, e por sua vez gera uma expectativa de aumento do consumo de imóveis;

II. A cultura do brasileiro de ter sua casa própria. Quando olhamos esse contexto, a busca por empresas na bolsa aumenta, justamente por conta dessa perspectiva.

MC - E o comportamento do câmbio brasileiro ao longo de 2023, em particular o comportamento do dólar, como foi?

RR - Títulos dos EUA estão pagando menos: imagine os títulos do governo dos EUA como um cofrinho que paga para você guardar seu dinheiro. Quando eles pagam menos, as pessoas preferem colocar seu dinheiro em outros cofrinhos, como o do Brasil, o que faz o real valer mais em relação ao dólar.

O Brasil vendeu mais para outros países: nosso país vendeu muitos produtos para fora, mais do que se esperava. Isso é bom porque quando vendemos, recebemos dólares em troca, e quanto mais dólares entram, menos eles valem em relação ao nosso real.

Pode ser mais barato pegar empréstimo em dólar: há uma expectativa de que os juros dos empréstimos em dólar diminuam, o que significaria que pagaríamos menos para pegar dinheiro emprestado dos EUA. Isso faz com que mais pessoas e empresas se interessem em investir aqui, trazendo mais dólares e, novamente, fazendo com que o valor do dólar caia.

O Brasil está arrumando a casa: Tomamos algumas decisões importantes sobre como governo gasta dinheiro e cobra impostos, o que deu mais confiança para os investidores. Quando eles confiam mais, eles trazem mais dinheiro para cá, o que também faz o dólar ficar mais barato.

Nosso juro era alto e atraente: No começo do ano, nosso juro estava bem alto, comparado com outros lugares. Isso era como se fosse um grande cartaz dizendo "invista aqui que você ganha mais". Então, mais dólares vieram para o Brasil, e como temos muitos dólares por aqui, eles acabam valendo menos.

MC - O que esperar do mercado financeiro para 2024? Quais são os principais conselhos para os investidores?

RR - A expectativa da queda da taxa de juros e a inflação sob controle traz ainda uma perspectiva de boas oportunidades na bolsa brasileira, para o primeiro semestre.

Já para o segundo semestre, devemos acompanhar a política fiscal com as diretrizes tomadas nesse ano (LDO/Arcabouço);

Para o investidor, esse é um excelente momento para entrar em renda variável, diversificando a carteira em empresas consolidadas que pagam dividendos, e nas chamadas SMALL CAPS, uma vez que essas tendem a apresentar bons ganhos.

Outra possibilidade em renda variável é a compra de FIIs, na busca de uma carteira focada em Shoppings, Galpões Logísticos, Tijolos e Fundos de Papéis. Com uma boa carteira em FIIs, a possibilidade de começar a construir uma aposentadoria (longo prazo), esse sem dúvida é o melhor momento;

Lembrando que para o investidor iniciante, é importante manter um lastro em RESERVA DE EMERGÊNCIA. Afinal de contas, precisa estar habituado com as oscilações do mercado.

Otimismo com o Brasil, riscos com a China

Latin Investment Conference, do UBS BB, mostra preocupação com a crise chinesa, de dimensões e consequências desconhecidas

Denize Bacoccina

Taxas de juros em queda, inflação sob controle, perspectivas de valorização de ativos imobiliários, abertura para investimentos estrangeiros na área ambiental são algumas das vantagens do mercado brasileiro neste ano, na avaliação de analistas, executivos e investidores que participaram do primeiro dia do Latin America Investiment Conference, do UBS BB, ocorrido no dia 29 de janeiro , em São Paulo - SP.

Se o cenário é positivo para o Brasil – apesar das restrições que muitos fizeram às contas públicas e ao comportamento do governo, com tendência à expansão dos gastos – a preocupação fica por conta da incerteza sobre a solidez da economia chinesa. E do impacto que uma crise no gigante asiático pode provocar no restante do mundo, com variação no preço das commodities exportadas pela América Latina, desvalorização das moedas locais em relação ao dólar, aumento das taxas de juros nos países desenvolvidos como proteção e expansão da moeda em circulação, com consequente efeito na inflação.

Ou seja, tudo está indo bem, até que tudo mude.

O alerta foi dado pelo CEO da SPX Capital, Rogerio Xavier, num painel em que falou sobre o cenário do Brasil e do mundo para este ano. Ele traçou um quadro bem otimista para o país, ressaltando que ficou positivamente surpreendido com o crescimento de 3% do PIB no ano passado e com a diminuição da inflação para dentro da meta, fez um mea culpa por ter errado as previsões e até disse que embora não goste do arcabouço fiscal não se importa porque acha que ele vai cair com o tempo, assim como aconteceu com o teto de gastos. "É inequívoco que estamos na direção de uma melhora", afirmou sobre a sucessão de reformas que vem sendo feitas por sucessivos governos desde Michel Temer, incluindo a reforma tributária.

Em seguida, alertou para os riscos. Que, na avaliação dele, vêm da China.

"Estou cada vez mais apreensivo com a China. Consigo imaginar um cenário de acordar amanhã com uma queda de 10% na bolsa chinesa", afirmou. Para ele, a situação da economia chinesa é como a de grandes bancos, que não quebram de um dia para o outro, mas aos poucos, com pequenos estalos que vão minando a sua estrutura.

"Eu estou mais otimista com o mundo. Mas vou ficar com os olhos o tempo todo na China", afirmou. É de China que pode vir o risco. Estou colocando todo o time de pesquisa focado na Ásia e indo pra a China pra ver pessoalmente", disse ele.

O acirramento da crise – ou competição – entre Estados Unidos e China também foi mencionado como uma oportunidade para a América Latina, assim como o crescimento populacional e de renda nos países em desenvolvimento. Já a crise na China também foi reforçada pelo economista Marcos Troyjo, fellow da Oxford & Insead e ex-presidente do Banco dos BRICS. "A China deixou de ser um país de baixo custo e muitas empresas estão saindo de lá para outros países. Muitos estão indo para o México", afirmou.

A disputa entre China e Estados Unidos também foi o tema do historiador Niall Ferguson, professor de Harvard, Oxford e Stanford e autor de vários livros sobre história e política, que apresentou uma série de dados comparando os dois países, para afirmar que não vê mudança da liderança americana.

OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

As oportunidades em investimentos no Brasil foram destacadas em outros painéis, como um com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e um debate com gestores de fundos com ativos imobiliários. "O Brasil está recuperando a credibilidade ambiental para voltar a atrair investimentos", disse a ministra, lembrando que foi muito procurada por estrangeiros durante sua participação no Fórum Econômico Mundial, em Davos, há duas semanas, e que participou de sete painéis e 12 reuniões bilaterais, além de inúmeras conversas de corredor, cafés da manhã, almoços e jantares.

Todos, disse Marina, começavam a conversa agradecendo o retorno do país à agenda ambiental. "E eu pensava: e daí?", contou a ministra, referindo-se à falta de promessas de investimentos na área. "Nós não condicionamos proteger a nossa floresta a que nos dêem dinheiro, mas queremos apoio e parceria", afirmou.

Para o setor imobiliário, o cenário é otimista, especialmente com a queda dos juros e a perspectiva de valorização dos ativos tanto para venda quanto para aluguel. "2024 parece ser um ano promissor", disse André Freitas, CEO e CIO da Hedge Investments, ressalvando que não aprova notícias que vieram do governo, como pacote fiscal e ameaça de intervenção em empresas privadas. "Apesar dessas ameaças, o quadro interno e externo é de tranquilidade. A queda de juros nas principais economias e o corte no Brasil já estão contratados e o horizonte é bastante promissor para fundos imobiliários", afirmou.

Fonte: Experience Club:
https://www.experienceclub.com.br/

Governador de Goiás Ronaldo Caiado é o mais bem avaliado do país

É no Brasil central que está o mais bem avaliado governador do país, Ronaldo Caiado (União Brasil): 72% de aprovação. É isso que revela uma pesquisa feita com cerca de 30 mil eleitores entre os dias 18 e 31 de dezembro de 2023. Segundo o AtlasIntel, divulgada no dia 5 de janeiro. Caiado está à frente do governador de Tocantins, Wanderlei Barbosa, com 69% e de Antônio Denarium, de Roraima, que alcançou 66% de aprovação.

O governador de Goiás elencou a segurança pública como um dos pilares da sua gestão. Isso sem esquecer da saúde, educação e do crescimento econômico do estado — que chegou a 5,6% em 2023. Segundo ele, as pesquisas refletem o bom trabalho que vem sendo feito no estado desde 2019.

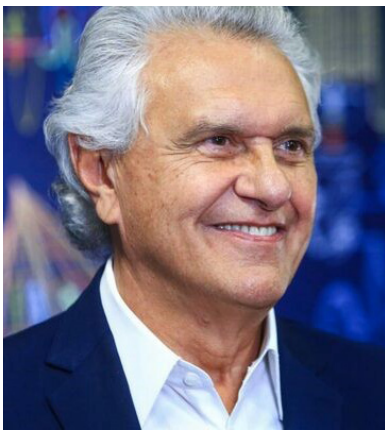
"Está aqui o resultado da segurança, da educação, da saúde, dos programas sociais, da infraestrutura. Nós mostramos que quando se governa com seriedade, com honestidade e fazendo com que cada secretário de estado seja tecnicamente qualificado para responder sobre aquela área, a sociedade vê os resultados e, sem dúvida, a resposta é extremamente positiva para a vida das pessoas."

Na opinião do cientista político André César, a boa colocação de Caiado é reflexo dos bons números que o estado tem atingido. Mas não só isso. "O Caiado é uma liderança natural do partido dele no Brasil, é um político experiente e que circula muito bem. Ele se apresenta como uma direita moderada — e o eleitor de Goiás, em tese, é mais conservador. O perfil do agro também acaba contribuindo, o que acaba casando."

Goiás foi o terceiro estado que mais reduziu a taxa de homicídios de 2020 a 2021, com queda de 18%, segundo dados do Atlas da Violência, divulgado em dezembro passado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O número de homicídios dolosos — quando há intenção de matar — caiu 12,3%, sendo que 128 municípios não registraram nenhum crime deste tipo em 2023.

CRESCIMENTO ECONÔMICO DE GOIÁS

O crescimento da indústria no estado



já reflete nos números da economia. O estado atingiu o maior número da história em pessoas ocupadas — são 3,8 milhões. E o desemprego caiu a 5,9%, o menor índice desde 2014. Em 2022 o crescimento de Goiás chegou a 6,6%, muito maior que a média nacional que atingiu os 3,1%. Os números são do Instituto Mauro Borges de Pesquisa.

Enquanto a previsão de crescimento do Brasil para 2023 não deve ultrapassar os 3,3%, o estado de Goiás avança além disso. Até setembro deste ano o estado já acumulava 4,8% do crescimento do PIB e, segundo o governador do estado, Ronaldo Caiado (União Brasil - GO) deve superar os 6%.

"O estado de Goiás é hoje uma referência nessa área dos programas sociais, emprego, diminuição da pobreza e ao mesmo tempo, os investimentos que mostram que o estado está com crescimento de 6% ao ano – coisa que o Brasil não tem conseguido. Goiás hoje está com as ações acima daquilo que o Brasil se propõe a fazer"

PESQUISA

O estudo é o primeiro realizado pela Atlas em todas as unidades da federação. Foi feito de forma remota e anônima e mostrou que entre os eleitores na faixa de 35 a 44 anos a aprovação de Caiado chega a 81%.

A pesquisa avaliou que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, aparece em 10° lugar com 57%, e Romeu Zema na 20° posição, com 47% de aprovação. O governador do DF, Ibaneis Rocha, ocupou a 19ª posição, com 50% de aprovação. Em último lugar do ranking está a governadora de Pernambuco, Raquel Lyra, com 36%; e, em penúltimo, Cláudio Castro, do Rio de Janeiro, com 39%.

No final de 2023 outros institutos divulgaram pesquisas que corroboram com o resultado da AtlasIntel. Em sondagem feira pela Paraná Pesquisas, entre 6 e 10 de dezembro, o governador de Goiás aparece com uma aprovação de 81,4%.

Já o levantamento encomendado pela Record TV Goiás e divulgado em 20 de dezembro pelo instituto Real Time Big Data mostra uma aprovação ainda maior: de 83%.

E a pesquisa do instituto goiano Serpes concluiu que o governador Ronaldo Caiado é aprovado por 77,8% dos eleitores goianos, ao fim do primeiro ano de seu segundo mandato.

PROJEÇÃO NACIONAL

Segundo o cientista político, o governador de Goiás ainda tem a seu favor o partido União Brasil, ao qual é filiado desde 2022.

"Caiado é um político muito experiente, muito conhecido, ele é uma figura nacional, que transcende Goiás e todo mundo conhece o Caiado — e ele cresceu muito. E sabe que a máquina do partido passa muito por ele, o União Brasil depende muito dele; então ele se coloca como uma liderança natural."

Essa liderança, para André César, "pode ser fundamental para os próximos anos da política nacional, em termos de alianças e aproximações".

O governador Caiado, por sua vez, acredita que alcançar números expressivos "aumenta ainda mais a responsabilidade da gestão pública com a população, que espera serviços com cada vez com mais qualidade e empenho."

Fonte: Brasil 61 – Lívia Braz

Primeiro ano de Governo Lula foi o esperado e quais as expectativas para 2024?

O primeiro ano de governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) foi marcado por momentos de reconstrução e desafios para o petista. Em seu retorno ao Palácio do Planalto para cumprir o terceiro mandato, Lula editou 48 medidas provisórias (MPs) entre janeiro e dezembro de 2023.

Paulo Ramirez, professor de ciências políticas da ESPM, acredita que o primeiro ano de governo teve sucesso, apesar de ter um custo caro para a população em função das emendas parlamentares.

Ramirez ainda afirma que as expectativas para 2024 são altas e que Lula conseguiu agradar o "centrão" no último ano. "Estão previstos em torno de 50 bilhões de reais para atender os partidos do centrão, o que demonstra que o Lula soube jogar o jogo, fornecendo mais cargos em 2023 e expandindo a quantidade de ministérios nas mãos deles", diz. "Para aprovar qualquer projeto ele terá que negociar bastante com o Congresso", completa o professor da ESPM.

Durante 2023, o presidente obteve alguns sucessos, como a estabilização da inflação abaixo do esperado pelo mercado, redução dos preços de combustíveis e alimentos, e ligeiro aumento do salário-mínimo em relação à inflação. "Lula tem para 2024 um crédito por ter feito esses primeiros avanços, o que torna o ano ainda mais importante", aponta Paulo Ramirez.

O especialista em ciências políticas da ESPM acredita, no entanto, que as pautas do Congresso não terão tanto sucesso por ser um ano de eleição. "Talvez em maio e junho não tenhamos grandes decisões tomadas pelo Congresso em nível federal, já que os políticos não vão querer se comprometer com o governo Lula", afirma. Entre essas pautas está o término da reforma fiscal e a reforma administrativa.

As expectativas do governo para 2024 são expandir a quantidade de investimentos estrangeiros no país, e aumentar o grau de competitividade do país na indústria e na agricultura. "Há ainda a previsão pelo mercado de uma estabilidade inflacionária, até mesmo a queda do dólar se não houver nenhum grande impacto político-econômico externo", diz Paulo.

Paulo Ramirez é professor de Ciências Políticas da ESPM - Doutor em Ciências Sociais (área de concentração Antropologia – 2014 PUC-SP), Mestre em Sociologia (2007 PUC-SP), bacharel e licenciatura em Ciências Sociais (2004 – PUC-SP); e bacharel em Filosofia (FFLCH-USP). É professor de ciências políticas da ESPM e autor do livro "Sérgio Buarque de Holanda e a Dialética da Cordialidade" (2011).

A polarização na sociedade brasileira não tem solução nos quadros da política

Roberto Brant
Advogado, ex-deputado federal e ex-ministro da Previdência Social

É hoje consensual o reconhecimento de que a sociedade brasileira nos últimos dez anos se tornou muito polarizada e que esta polarização está formando raízes no tecido social, produzindo o que se pode chamar de calcificação das diferenças. Um livro lançado recentemente, de autoria de dois estudiosos da vida política brasileira, Thomas Traumann e Felipe Nunes, com o sugestivo título de "Biografia do Abismo", descreve com precisão o processo e desvela suas consequências para a vida das pessoas e para o funcionamento da política.

A política nasce por causa das diferenças de opiniões entre as pessoas. Onde não há divergência, não há necessidade da política que, na sua melhor definição, é o processo de arbitragem pacífica das diferenças por meio de um sistema de acordos e compromissos. Neste sentido em todas as sociedades livres e democráticas há sempre algum grau de polarização e no Brasil sempre convivemos com a existência de lados opostos operando no interior do Estado, salvo durante a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas e a ditadura militar de 1964 a 1985.

O que há de novidade na polarização recente é que as diferenças políticas estão extravasando a esfera do político e abrangendo a totalidade da vida, o campo das emoções, dos afetos, da visão do mundo, e deste modo definindo a própria identidade das pessoas. Se o processo prosseguir na sua marcha em breve vamos ter dois países, numa convivência difícil e cada vez mais desesperada. Neste caso desaparece a cooperação social e o Estado tende a ficar paralisado, impotente e incapaz de enfrentar e resolver os problemas reais. Até porque não haverá acordo sobre quais serão realmente estes problemas.

Essa difícil realidade não é um privilégio brasileiro. Outras sociedades estão vivendo situações semelhantes, cada uma à sua maneira. Aqui na América do Sul um exemplo é a Argentina, que vive na verdade uma etapa mais avançada da polarização total, quando os dois polos caminharam para os extremos e não parece haver mais esperança de uma solução política que evite o abismo.

O país mais rico e poderoso do Ocidente, os Estados Unidos, vive uma polarização muito mais avançada e completa do que a nossa, com duas populações que não tem mais nada em comum senão a língua inglesa. Lá a polarização está de tal modo consolidada que numa federação de 48 Estados, as eleições são decididas invariavelmente em apenas 6 ou 7 Estados. Quase todo o país está enraizado em sua visão do mundo e nada parece ser capaz de produzir a menor mudança.

Entre o Brasil e os Estados Unidos há, no entanto, uma diferença essencial. Na América o sistema político reflete com fidelidade a polarização existente na sociedade, com os dois Partidos representando as duas populações e suas diferenças. Em função da legitimidade da representação a polarização pode ser resolvida através do sistema político e as populações em conflito percebem que sua voz não se perde no vazio. Conflitos políticos duradouros são sempre um risco existencial, mas se alguma solução pode haver antes que as coisas saiam do controle, esta solução é a própria política. O estado de coisas na América é fruto dos excessos das facções mais extremadas. Em algum momento esses extremos podem perder força e o centro político pode se reagrupar.

No Brasil a divisão que existe na sociedade não encontra correspondência no sistema político, nos partidos ou no Parlamento. Dos 33 partidos, raros tem algum programa partidário e quase todos, independente do que pensam ou desejam seus eleitores, gravitam em torno do Governo – qualquer Governo – e mesmo os falsos atritos que provocam, não passam de meras manobras táticas para a garantia de recompensas. Governo e oposição, terminadas as eleições, não perdem tempo em formar um condomínio para compartilhar os cargos e recursos do poder.

Por essa razão a polarização na sociedade brasileira não tem solução nos quadros da política, porque sociedade e política são dois universos paralelos. Quando falham as instituições tudo pode acontecer.

MercadoComum presta homenagem ao ex-presidente da CEMIG Carlos Eloy

João Carlos Amaral

MercadoComum, comemorando os seus 30 anos de fundação homenageou, no dia 8 de janeiro, em sua sede em Belo Horizonte – Minas Gerais o ex-deputado estadual e federal or Minas Gerais Carlos Eloy Carvalho Guimarães, que presidiu a CEMIG – Cia. Energética de Minas Gerais por quase oito anos. Natural de Pompeú-MG e advogado pela Universidade Federal de Minas Gerais, Carlos Eloy também exerceu outros importantes cargos nos governos de Minas, entre os quais, o de Secretário de Obras.

Aos 89 anos, Carlos Eloy está lúcido, memória afiada e com seu tradicional bom-humor inteligente, contou deliciosos causos de sua longa administração na Cemig nos tempos do governador Hélio Garcia, destacando, entre vários, que ele se vestia com uniforme de funcionário eletricista da Cemig nas visitas que fez às diversas regiões de Minas, promovendo o diálogo aberto e interativo com as lideranças e gerentes da estatal no interior. Tudo documentado pela sua área de comunicação, comandada à época, primeiro pelo jornalista Chico Stheling, e depois, pelo jornalista Luiz Michalick.

O economista Carlos Alberto Teixeira de Oliveira, anfitrião do happy-hour chamou o tempo todo Carlos Eloy de "primo". Ambos se referiam, um ao outro e sempre, como primos. A explicação: o pai de Carlos Eloy e o avô dele foram grandes amigos, os dois formados pela Universidade de Ouro Preto.

O avô de Carlos Alberto – formado em farmácia e conhecido como ZÉ BUTICA também era um grande amigo do ministro da Justiça Chico Campos (Chico Ciência) da época Vargas e atuou por muito tempo como o único

farmacêutico em Pompéu terra natal de Carlos Eloy e da poderosa pecuarista e dona de grandes áreas de terras no país - a Dona Joaquina de Pompéu – considerada até hoje uma das mulheres mais ricas do Brasil e que viveu no período da independência do Brasil. Daí o longo laço de intimidade entre eles.

O tratamento carinhoso de "o primo" dado por Carlos Eloy ao economista Carlos Alberto Teixeira de Oliveira - editor-geral da publicação de Economia & Negócios MERCADO COMUM, cuja Newsletter mensal é lida por quase 2 milhões de leitores no Brasil e até no exterior origina-se, principalmente, desses fatos.

Presentes: Luiz Henrique Michalik ex--assessor de Comunicação da Cemig, economista Carlos Alberto Oliveira, o jornalista e escritor Itamar Oliveira, Carlos Eloy o homenageado, ex-presidente da Cemig, Olavo Machado, ex-presidente da FIEMG, Aloiso Vasconcellos e JCA

BIOGRAFIA

Carlos Eloy Carvalho Guimarães é advogado e político brasileiro. Por Minas Gerais, foi deputado federal e estadual durante dois e quatro mandatos, respectivamente.

Em 1960 formou-se advogado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nascimento: em Pompéu no dia 3 de junho de 1935 (idade quase 89 anos)

Formação: Direto, pela Universidade Federal de Minas Gerais

CARLOS ELOY

Foi também secretário de Obras Públicas de Minas Gerais, durante o período de 1979 a 1982 e presidente da CEMIG, de 1991 a 1998. Em 1996, Eloy foi admitido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso à Ordem do Mérito Militar no grau de Comendador especial.

Itamar de Oliveira, Carlos Alberto Teixeira, Olavo Machado e João Carlos Amaral

Carlos Alberto Teixeira, Olavo Machado e João Carlos Amaral

Aloísio Vasconcelos, Luiz Henrique Michalick e João Carlos Amaral

LinkedIn aponta empregos em alta para 2024: analista de privacidade, assessor de investimento e piloto de drone estão entre os destaques

O levantamento mostra as 25 posições que mais devem crescer no mercado de trabalho brasileiro este ano

O LinkedIn, maior rede social profissional do mundo, divulga a lista anual que utiliza dados exclusivos da plataforma para classificar os 25 cargos com crescimento mais acelerado nos últimos cinco anos. Os cargos do ranking refletem grandes tendências do mercado de trabalho e sociedade em geral, indo desde psicólogo(a) infantil à analista de cibersegurança. Liderado pelo time Editorial do LinkedIn, o levantamento considerou as posições que tiveram mais demanda entre 2019 e 2023.

Pelo segundo ano seguido o primeiro lugar do ranking ficou com o cargo 'Analista de privacidade', já o segundo lugar, 'Analista de Cibersegurança', também já foi visto na lista de 2023. "Nos últimos anos, vimos uma grande crescente pela busca de cargos com foco em segurança e privacidade, visto que a transformação digital é uma realidade cada vez mais latente, principalmente quando consideramos os grandes avanços tecnológicos que tivemos recentemente", comenta Guilherme Odri, editor-chefe do LinkedIn Notícias Brasil.

"O nosso objetivo com esta lista é refletir de maneira simples para onde se direciona o mercado de trabalho brasileiro, de modo que possamos ajudar os profissionais a definir, ou até mesmo redefinir, seu futuro profissional. Este ano, evidenciamos uma clara tendência em direção à demanda por funções altamente especializadas como resposta às necessidades emergentes. Empregos relacionados à cibersegurança, sustentabilidade, vendas e marketing se destacam como perspectivas sólidas para aqueles profissionais que buscam liderar e prosperar em um ambiente empresarial em constante transformação", explica o executivo.

Entre as novidades para 2024, estão a posição 'piloto de drone', capaz de atuar em diferentes áreas, como agricultura, topografia, engenharia e mídia e entretenimento; 'psicólogo(a) infantil', que mostra uma crescente conscientização sobre a importância e cuidado com a saúde mental; e 'técnico em geologia', profissional capaz de auxiliar com o desenvolvimento sustentável e gestão de recursos.

Confira a lista completa com os 25 empregos em alta em 2024 no Brasil, segundo o time Editorial do LinkedIn:

Analista de privacidade
Avalia de forma contínua os riscos relacionados a dados sensíveis, ajudando empresas a desenvolver procedimentos para tratar essas informações de maneira adequada.

Analista de cibersegurança
Responsável por evitar ameaças cibernéticas a dispositivos e a redes, monitorando incidentes e avaliando vulnerabilidades.

Executivo(a) de vendas
Coloca em prática a estratégia de vendas, sendo responsável por processos desde a identificação de potenciais clientes a fechar negócios e administrar sua carteira de contas.

Representante de desenvolvimento de negócios (BDR)
Faz prospecção ativa e cultiva relacionamentos com potenciais clientes para gerar contatos qualificados e novas oportunidades de negócios.

Gerente de contas estratégicas
Responsável pela gestão das contas de clientes que geram maior parcela do faturamento da empresa ou que representam oportunidades estratégicas, oferece atendimento personalizado.

Diretor(a) de receita
Supervisiona todos os processos geradores de receita em uma empresa, escolhendo setores para foco e participando na definição das estratégias de planejamento e operações.

Engenheiro(a) de segurança de processo
Analisa riscos em processos industriais relacionados a compostos químicos e materiais, lidera projetos de engenharia e da indústria para propor melhorias e evitar acidentes.

Assessor(a) de investimento
Auxiliam sua carteira de clientes a tomar decisões de investimento, mostrando opções de produtos do mercado financeiro dentro de cada perfil.

Analista de dados
Profissional responsável por coletar dados e limpar bases de dados, faz análises e fornece material que auxiliam outras áreas do negócio a tomar decisões assertivas

Gerente de tráfego
Planeja a distribuição de conteúdos e anúncios em mídias digitais, mensurando resultados das campanhas para a empresa e administra a verba de anúncios pagos.

Líder de gerentes de produto
Supervisiona todas as etapas da jornada de um produto, da conceptualização até o lançamento, gerenciando a equipe multidisciplinar envolvida no projeto.

Analista de construção civil
Profissional acompanha as obras, auxilia na execução e administração do projeto por meio de fiscalização e elaboração de relatórios.

Especialista de campo
Atua no suporte técnico para clientes ou em locais de operação da empresa, monitora procedimentos e funcionamento de equipamentos.

Diretor(a) comercial
Responsável pelo planejamento comercial da empresa relacionados a estratégias das equipes de vendas, produto, marketing e atendimento ao cliente

Gerente middle market
Faz a prospecção de negócios e clientes no segmento de empresas de médio porte e oferta produtos que atendam a necessidade do cliente.

Psicólogo(a) infantil
Analisa o comportamento de crianças e identifica impedimentos para o seu desenvolvimento saudável, ajuda com questões emocionais e a lidar com sofrimentos e aflições.

Piloto de drone
Operação da aeronave não tripulada para a produção de fotografias e vídeos aéreos e para o mapeamento de áreas.

Estrategista de mídias sociais
Cria e implementa estratégias de comunicação de marcas para diversas plataformas de mídias sociais.

Técnico(a) em geologia
Aplica conhecimento técnico sobre geologia, física e recursos naturais para auxiliar construções e operações de infraestrutura.

Técnico(a) de segurança do trabalho
Garante que normas e procedimentos de segurança e saúde dos trabalhadores estejam sendo seguidos e acompanhem a legislação.

Engenheiro(a) de segurança
Avalia e identifica os riscos de segurança em sistemas corporativos, especializando-se no desenvolvimento de soluções e sistemas para combater ameaças.

Analista de suporte de TI
É responsável pelo suporte técnico, configurando computadores e outros dispositivos, ensinando usuários a operar os softwares utilizados pela empresa e resolvendo problemas técnicos.

Engenheiro(a) de confiabilidade
Analisa riscos de falhas em usinas e plantas industriais, acompanha manutenções preventivas e faz planos de ação para melhorias em processos.

Analista de sustentabilidade
Profissional responsável por mensurar o impacto da empresa no meio ambiente e propor ações para reduzi-lo.

Analista de implementação
Auxilia clientes na implementação de soluções de software, dados e de sistema quando há a troca, aquisição ou atualização da tecnologia.

Além disso, para ajudar os profissionais a atingirem seus objetivos de carreira e desenvolverem suas habilidades, o LinkedIn disponibilizou para seguintes cursos gratuitos do LinkedIn Learning, que estarão disponíveis até fevereiro de 2024:

Fundamentos da segurança de TI
Liderar com estabilidade em tempos de mudança e disrupção. Melhorar a prospecção de vendas

METODOLOGIA

Os pesquisadores do LinkedIn Economic Graph analisaram milhões de vagas iniciadas por usuários do LinkedIn de 1º de janeiro de 2019 a 31 de julho de 2023 para calcular uma taxa de crescimento para cada cargo. Para fazer parte da lista, os cargos precisavam ter um crescimento consistente em nossa base de usuários, além de terem registrado um aumento significativo até 2023. Cargos idênticos com diferentes níveis de experiência foram agrupados e classificados em conjunto. Estágios, cargos de voluntariado, funções temporárias e funções de estudantes, assim como cargos em que a contratação era dominada por algumas poucas empresas em cada país, também foram excluídos.

O LinkedIn é a maior rede social profissional do mundo. Estamos presentes em mais de 200 países e contamos com mais de 1 bilhão de usuários, sendo deles 69 milhões de brasileiros. Ajudamos a conectar os profissionais do mundo a oportunidades de emprego e a transformar a forma com que as empresas contratam, divulgam suas marcas e vendem. Nossa visão é criar oportunidades econômicas para todos os usuários do mercado de trabalho.

Sem novas hidrelétricas os carros elétricos no Brasil usarão termoelétricas movidas por combustíveis importados, caros e poluentes para carregar baterias

Ivo Pugnaloni

O programa MOVER, do BNDES, pretende incentivar que o Brasil produza mais veículos movidos por energia elétrica. Isso é muito bom. Mas o "esquecimento" da necessidade de mais recursos para o financiamento de hidrelétricas, é muito ruim.

Claro que seriam hidrelétricas atualizadas, muitas delas reversíveis, construídas dentro de todas as exigências socioambientais, mas com formosos lagos, muito úteis para reservar água doce, fazê-la servir ao transporte fluvial, ao abastecimento de cidades, ao turismo, a piscicultura, à irrigação de fruticultura por gotejamento e para gerar energia elétrica.

Se continuarmos a instalar milhares de novas usinas solares sem construir novas hidrelétricas para funcionar à noite, a energia dos carros elétricos vai ser produzida por usinas termelétricas usando óleo diesel, gasolina, carvão, óleo combustível ou gás natural.

Isso porque, sem novas hidrelétricas, não existe ainda no mundo, outra fonte de energia limpa e permanente, não intermitente, para carregar as baterias desses milhões de carros de noite e de madrugada.

Se for assim, os veículos elétricos, servirão para emitir milhões de toneladas de gases de efeito estufa por dia, não no carro, mas nas usinas termelétricas que os alimentarão situadas na periferia das grandes cidades. A poluição não irá diminuir, mas apenas sairá do centro e irá para a periferia.

As quantidades de poluentes serão maiores devido às perdas em produzir energia com motores à movidos com combustíveis fósseis e não por turbinas hidráulicas. Sem falar no preço oito vezes mais caro das termoelétricas com relação às hidrelétricas e na sobrecarga dos sistemas de transmissão e distribuição que essa "estranha transição para o pior" vai provocar. Afinal teremos criado dezenas de milhares de novos MW de carga para alimentar, de uma hora para a outra.

Dá a impressão que não existe ninguém que entenda de planejamento do setor elétrico envolvido nessa excelente ideia que de tão inacabada, parece quase infantil, sem fundamento. Ou então, se existir alguém planejando, está planejando o caos, sem pensar em desenvolvimento sustentável nem pensando nos consumidores de energia.

Se existir alguém pensando que as coisas são fáceis assim, é alguém que não quer que o Brasil possa crescer. Alguém que quer que nossas indústrias continuem pagando a segunda energia mais cara do mundo, atrás só da Alemanha. Alguém que

Charge publicada pelo Infomoney

quer favorecer às indústrias dos países concorrentes do Brasil, criando lá fora os empregos que queremos no Brasil.

Nós eletricitários e empresários de consultoria, contribuímos durante o ano de 2022 com o Programa da Federação formada pelo PSB, PT e o PV, apenas por termos sido oficialmente convidados a isso. Nós cumprimos nossa parte entregando as nossas teses no prazo, com mais de dois mil participantes.

Tivemos contribuições de todas as especialidades: de biólogos a geólogos, a sociólogos, engenheiros, advogados, mestres e doutores.

Mas, infelizmente, a comissão que elaborou o texto final excluiu qualquer menção às hidrelétricas. Nem uma linha. Nem a favor nem contra, muito pelo contrário. Nenhuma justificativa técnica, nem científica, nem política, para o "cancelamento silencioso" da fonte que em 2023 produziu 64% de toda a energia consumida no país, apesar de possuir apenas 51% da sua capacidade instalada.

Imagina isso, caro leitor? Um programa de governo não ter posição alguma sobre a fonte renovável e permanente que produziu 64% de toda a energia que sua indústria, comércio, serviços e residências consumiu? Como isso é possível? Quem pressionou para que nem uma linha mesmo contra, falasse das hidrelétricas que nos asseguraram a energia durante todas essas décadas, para que chegássemos até aqui? Mas o pior não é não haver menção, mas não existir justificativa, argumentação contrária, motivação fática ou legal! Talvez na falta de argumentos contrários o poderoso lobby das termoelétricas, comandado por ex-presidentes da República, tenha recomendado o silencio absoluto, a censura primitiva ao seu pessoal na hora de escrever a versão final.

E deu no que deu: o texto final saiu sem mencionar nem as hidrelétricas a nossa maior riqueza natural que é renovável: o enorme potencial hídrico e hidrelétrico do Brasil. Um potencial que, segundo avaliação da Agência Internacional de Energia, tem valor econômico ainda maior até do que o valor das nossas reservas de petróleo e de outros minerais, que essas são finitas.

No melhor estilo "Manda quem pode. E obedece quem tem juízo".

E quer ganhar um carguinho no terceiro escalão".

Retirou-se do texto qualquer menção à fonte de energia que também serve para acumular água doce, um recurso natural de enorme importância estratégica, pois serve para amortecer os efeitos das mudanças climáticas como grandes cheias e secas, além de viabilizar a piscicultura e a irrigação por gotejamento de frutas e hortaliças. Além do turismo, a navegação fluvial com eclusas, o uso esportivo dos reservatórios.

Chama a atenção que, na relação dos autores do Programa da Federação, existam especialistas de todas as áreas, alguns entre os melhores do mundo, nas áreas da saúde, educação, habitação...

Menos, na área de energia elétrica. Importantíssimo notar que o vice-Presidente Alkmim quando era governador, concluiu um estudo que constatou existirem mais de 4 GW de potenciais para novas hidrelétricas de pequeno porte no Estado de São Paulo.

De onde virão as costas quentes dos planejadores do caos que, criando cargas tão problemáticas sem planejar suas consequências e medidas mitigadoras está pronto para cair sobre o presidente Lula e seu vice nas eleições?

Será que esses planejadores seriam os mesmos que planejaram a conclusão de usinas eólicas no Nordeste, mas não planejaram a construção simultânea das linhas de transmissão para a energia chegar ao Sudeste? Seriam eles os responsáveis pela ELETROBRÁS ter sido obrigada na Justiça a pagar aos donos dessas eólicas pela energia que foi gerada, mas que não conseguiram entregar, pois as linhas de transmissão só ficaram prontas anos e anos depois?

Será que esses planejadores são os mesmos que, por falta de novas hidrelétricas fizeram a participação das termoelétricas na matriz saltar de 14% para 29% entre 2001 e 2014?

Será que foram eles os mesmos responsáveis para em valor absoluto essa participação ter aumentado 400%, junto com as emissões de particulados e gases do efeito estufa?

Terão tido esses planejadores algo a ver com o apagão nacional que afetou todas as 26 Unidades da Federação, no dia 15 de agosto de 2023, exceto Roraima?

Serão eles os mesmos que, até hoje, não explicaram aos brasileiros que a causa do apagão foi o fato que o Brasil, - por falta de novas hidrelétricas -, estava dependendo da geração de 8,6 GW de eólicas do Nordeste, quando, inesperadamente, ocorreu uma "calmaria" no Atlântico Sul?

Será que os planejadores não sabiam que existem calmarias ainda hoje, iguaizinhas às calmarias que que Pedro Alvares Cabral enfrentou há 524 anos e delas informou o Rei de Portugal, porque esteve dias parado no meio do nada, graças a uma delas.

Ou será que esses planejadores do caos, previram as calmarias, mas apostaram na sorte e preferiram "correr o risco" de ligar as térmicas dos ex-presidentes se as eólicas "sofressem repentina falta de vento? Será que são adeptos do cheirinho "gostoso" dos combustíveis fósseis importados, caríssimos e extremamente poluentes, exalado das chaminés das usinas termoelétricas?

Sendo eólicas e solares dois tipos de fontes reconhecidas no mundo inteiro como INTERMITENTES, quando elas deixam de produzir, é necessário aumentar a geração das fontes PERMANENTES, que são as hidrelétricas movidas com água doce ou as termelétricas movidas a petróleo ou carvão. Mas e se os encarregados do planejamento propositalmente ou por "esquecimento" não planejarem novas hidrelétricas?

O tribunal de Contas da União, através do Acórdão 0489/15, obrigou a diretoria da ANEEL a não continuar impedindo, ilegalmente, até mesmo a análise de projetos de pequenas hidrelétricas. Os Acórdãos 2.164/2008, 1.196/2010 e 1.171/2014 do mesmo TCU, já denunciaram ao MPF em detalhes várias manobras contra as hidrelétricas. O MME já prestou esclarecimentos e firmou compromisso para agir em favor do aproveitamento do potencial hidrelétrico nacional. Mas não cumpriu. Tudo isso será publicado no site do Movimento em Defesa da Soberania Nacional (www.mdsn.com.br).

Para começar, vamos publicar os quatro acórdãos do TCU. Em seguida, lançaremos com outras entidades, a campanha nacional a favor da realização pelo Governo Federal da primeira Conferência Nacional de Energia Elétrica e Recursos Minerais, tal como existem desde 1932 as Conferências Nacionais, destinadas a descentralizar para estados e municípios o debate sobre o planejamento da Saúde, da Educação, dos Direitos das Mulheres, dos Negros, dos Indígenas etc. Pois é nos estados e municípios que está o povo brasileiro, que pela Constituição Federal é o soberano.

Engenheiro Eletricista e de Telecomunicações formado pela UFPR, consultor de empresas, atual DiretorPresidente do MOVIMENTO EM DEFESA DA SOBERANIA NACIONAL e ex-presidente da ABRAPCH, ex-diretor de planejamento da COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA, ex- Presidente da COPEL DISTRIBUIÇÃO, ex-diretor para a região Sul do ILUMINA – INSTITUTO DE PLENEJAMENTO ESTRATÉGICO DO SETOR ELETRICO e coordenador provisório encarregado da criação do Setorial de Energia do PT do Paraná em 2021

Mercado de apostas e de cassinos on-line deve faturar R$ 100 bilhões a partir de 2024

Valores movimentados pelo setor vão impulsionar o Turismo, que pode lançar mais de 500 empreendimentos hoteleiros neste ano

O mercado de apostas esportivas e de cassinos on-line vai faturar mais de R$ 100 bilhões nos próximos três anos com a entrada em vigor da lei que regulamenta o segmento. Os valores movimentados no período deverão impulsionar a área de Turismo, que prevê 500 novos lançamentos em Hotelaria só em 2024. A projeção é da Federação de Hotéis, Bares e Restaurantes do Estado de São Paulo (Fhoresp) e do Instituto de Desenvolvimento, Turismo, Cultura, Esporte e Meio Ambiente (IDT-CEMA).

A expectativa é de que a maioria desses novos empreendimentos previstos e, também, os já existentes em Hotelaria, parques temáticos, bares e restaurantes de integração criem mais pontos de vendas para apostas. Em troca, eles receberão participação na remuneração ou em merchandising das bets, como são popularmente conhecidas as empresas deste setor. Nesse caso, a fatia poderia alcançar de 1% a 15% do faturamento total do estabelecimento.

A Fhoresp e o IDT-CEMA ainda estimam que o montante de R$ 100 bilhões a ser faturado pelas bets entre 2024 e 2026 vai render R$ 12 bilhões em impostos. A lei que regulamenta esta seara foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), após aprovação no Congresso Nacional, no fim de 2023. A matéria estabelece alíquota de 12% de arrecadação no mercado em tela.

Ainda segundo as projeções da Federação e do Instituto de Desenvolvimento, boa parte deste percentual arrecadado nas empresas de apostas poderá, também, aumentar a divulgação das atividades turísticas do País. A Fhoresp e o IDT-CEMA estimam que 28% desses R$ 12 bilhões gerados em impostos devam ser destinados ao Ministério do Turismo.

Em números absolutos, as cifras podem chegar a R$ 3,36 bilhões no período, segundo destaca o diretor-executivo da Fhoresp, Edson Pinto:

"Este impulso vai muito além, porque vai gerar mais empregos não só nos setores de Hospedagem e de Alimentação Fora do Lar (restaurantes), mas, também, em outros segmentos produtivos. Estamos falando de um mercado que movimenta músicos, artistas e profissionais de Infraestrutura e de Transportes, fora os setores de Comércio e de Serviços, que serão igualmente beneficiados"

O PRIMEIRO PASSO PARA OS CASSINOS

A expectativa dos segmentos hoteleiro, de bares e de restaurantes é de que este momento seja o primeiro passo na permissão da exploração do Turismo atrelado ao mercado de apostas.

De acordo com o diretor de Hospitalidade e Jogos da Fhoresp, Bruno Omori, existe a previsão de que o projeto de lei 441/91 sobre a autorização dos cassinos turísticos e integrados aos resorts, além dos bingos, seja votado ainda neste ano, em Brasília-DF.

Caso isso ocorra, existe uma estimativa de que US$ 70 bilhões entrem no Brasil por meio de investimentos nacionais e internacionais no segmento:

"Isso vai ativar diretamente os mercados imobiliário, de Construção, de Decoração, e de Tecnologia, sem contar na qualificação dos profissionais que vão atuar nos cassinos", avalia Omori, que também é presidente do IDT-CEMA.

Jogos de azar X apostas esportivas: Qual é a diferença?

Legislação tem interpretações distintas para cada uma destas atividades: enquanto os jogos de azar são enquadrados como contravenções penais, as apostas esportivas são consideradas legais pela lei brasileira

As apostas esportivas não podem ser consideradas jogos de azar, ao menos aos olhos da legislação brasileira. Enquanto os considerados de azar – grupo no qual se incluem o jogo do bicho, cassinos (físicos ou online) e entretenimento digital, caso do "jogo do aviãozinho", que ficou mais conhecido no final de 2023 – são considerados contravenções penais (em razão da previsão no Decreto-Lei nº 3.688, de 1941), as apostas esportivas são legalizadas no Brasil, em razão da edição da Lei nº 13.756/2018, que regularizou esta atividade no país.

Porém, apesar da previsão na lei de 2018, a exploração das apostas esportivas foi devidamente regulamentada em dezembro de 2023. No último dia 31 de dezembro, o Projeto de Lei nº 3.626/23, que trata do funcionamento das apostas esportivas de quota fixa, as chamadas bets, foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em contrapartida, os denominados jogos de azar – em razão da proibição expressa do Decreto-Lei nº 3.688/1941 – não são legalizados, apesar de haver forte interesse por parte de alguns setores. Em 2022, a Câmara Federal aprovou o PL 442/91, que trata da regularização dos jogos de azar e de apostas em território nacional. O PL, no entanto, ainda não foi apreciado pelo Senado e, portanto, não vigora no país.

"No caso das apostas, existia um claro interesse do governo na sua regulamentação em razão do potencial aumento de arrecadação, sobretudo em razão da previsão de pagamento de outorgas elevadas, no patamar de milhões de reais, para exploração da atividade em ambiente devidamente regulado", afirma o advogado Thiago Priess Valiati, doutor em direito administrativo pela Universidade de São Paulo (USP), e sócio e fundador do escritório Razuk Barreto Valiati, atuante em Direito Regulatório e no setor de apostas. No caso das apostas esportivas, a avaliação do Ministério da Fazenda é de recolher cerca de R$ 2 bilhões somente com os sites de apostas esportivas em 2024.

DIFERENÇA ENTRE APOSTAS ESPORTIVAS E JOGOS DE AZAR

Além disso, existe uma distinção entre as apostas esportivas e os jogos de azar. No primeiro caso, o interessado é capaz de acompanhar o resultado para saber se ganhou ou perdeu: por exemplo, se o time em que acreditou e apostou se sagrou vencedor. Ademais, no momento de realização da aposta, é possível saber qual será o lucro obtido em caso de resultado favorável. São as chamadas apostas de quota fixa, previstas no artigo 29 da Lei nº 13.756/2018.

Em contrapartida, o "jogo do aviãozinho" e similares, por exemplo, dependem de um algoritmo que é desconhecido pelos apostadores. Em jogos de azar, via de regra, não existe como verificar a forma como se chegou a um resultado, ao contrário das apostas esportivas, no qual é possível checar qual foi o desfecho.

No "jogo do aviãozinho" ou mesmo em uma roleta de um cassino físico ou digital, torna-se impossível determinar se os proprietários do local ou os desenvolvedores do algoritmo fizeram mudanças para serem favorecidos. Em muitos casos, o apostador não consegue nem sequer determinar qual será a valorização que terá do dinheiro despendido.

E ONDE SE ENQUADRAM AS LOTERIAS?

Regularizadas em 1967, as loterias são consideradas um monopólio

do Estado brasileiro, conforme o artigo 1º do Decreto-Lei nº 204/1967. "A exploração de loteria, como derrogação excepcional das normas do Direito Penal, constitui serviço público exclusivo da União não suscetível de concessão e só será permitida nos termos do presente Decreto-lei", prevê o texto do Decreto. A partir de um julgamento realizado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2020, por sua vez, os Estados também foram autorizados a explorar as respectivas loterias em âmbito estadual.

"Uma das especificidades da loteria é o fato da redistribuição de seus lucros se destinar a outras finalidades sociais, como a educação, a saúde e a segurança, por exemplo, em razão da exploração da atividade ser realizada pelo Estado. A lei estabelece 'aplicações de caráter social e de assistência médica'. Além disso, as apostas de quota fixa, legalizadas com a lei de 2018, foram criadas como uma modalidade lotérica, a partir do artigo 29 desta lei, e também podem ser exploradas pelas loterias estaduais. Em alguns Estados, aliás, como o Paraná, essa regulamentação já se encontra em um estágio mais avançado do que o verificado no âmbito federal. A verdade é que a União demorou muito para regulamentar as apostas esportivas no país", ressalta e defende Thiago Valiati.

Recentemente, o Estado do Paraná passou a oferecer e operar uma loteria própria, a Lottopar, caracterizada como uma autarquia estadual. À Lottopar, compete a exploração, administração e fiscalização das loterias e apostas no âmbito do Paraná. "A Lei 20.945/2021, que criou a Lottopar, prevê que a autarquia estadual pode executar diretamente ou delegar, mediante permissão ou concessão as atividades de loterias e apostas", destaca Valiati. Segundo o especialista, a exploração das apostas em ambiente regulado permite o credenciamento de empresas e que poderão explorar essa modalidade de forma organizada pelo Estado. "A concessão, via credenciamento de múltiplos concessionários em ambiente de livre concorrência, será por um período de cinco anos, prorrogáveis por igual período", completa.

Brasil avança no ranking de passaportes

Sinal animador para os viajantes brasileiros

O Henley Passport Index 2024 revelou que o Brasil subiu duas posições, alcançando o 17º lugar no ranking dos passaportes mais poderosos do mundo, com acesso a 173 países sem a necessidade de visto.

OLHANDO PARA O TOPO

França, Alemanha, Itália, Japão, Singapura e Espanha estão no topo da lista, com 194 destinos acessíveis sem visto. Uma verdadeira volta ao mundo.

Enquanto isso, Coreia do Sul, Suécia e Finlândia estão em segundo lugar, seguidos de Áustria, Dinamarca, Irlanda e Holanda.

UMA DÉCADA DE MUDANÇAS

Destaque para o passaporte dos Emirados Árabes Unidos, que fez um salto impressionante da 55ª para a

11ª posição em apenas dez anos, refletindo uma ascensão meteórica no cenário global de viagens.

AMPLIANDO A VISÃO

Esse aumento brasileiro no ranking de passaportes vem em um momento em que o interesse dos brasileiros por viagens internacionais está crescendo notavelmente. Dados do Banco Central revelam que, só em abril, os brasileiros gastaram US$ 1,235 bilhão em viagens ao exterior, um salto significativo em relação aos US$ 1,098 bilhão do ano anterior.

Golpes em condomínios: dicas de como evitar perder dinheiro

Serviços fraudulentos, funcionários fantasmas e desvio de caixa são alguns dos problemas enfrentados pelos condôminos

O mercado dos condomínios é um dos que mais movimentam a economia no Brasil, cerca R$ 165 bilhões por ano, segundo dados da Associação Brasileira de Síndicos e Síndicos Profissionais (ABRASSP). Para contar vantagem, criminosos têm inovado em suas táticas trazendo serviços fraudulentos, funcionários falsos, desvios de caixa, boletos falsos, entre inúmeros outros desserviços ao condômino.

Há mais de 27 anos no mercado condominial, Jaime Machado, que é Diretor-Geral da Aliança Administradora de Condomínios, traz dicas de como evitar cair nestes golpes e esquemas. "O atraso no pagamento das contas do condomínio e a falta de apresentação dos efetivos comprovantes podem ser um sinalizador importante tanto da gestão do síndico quando da sua administradora", sinaliza Jaime.

Conferir o comprovante de pagamento ao lado do documento fiscal é uma das principais dicas para não cair em golpes financeiros. No extrato do condomínio deverão constar digitalizados a Nota Fiscal e o respectivo comprovante de pagamento. "Isso é importante porque se os pagamentos não estiverem sendo efetivados, há possibilidade de a administradora não possuir verba para fazê-los", explica o Diretor-Geral.

Machado informa que um indício de que uma administradora está com problemas financeiros é a demora para disponibilizar ou repassar o valor que um condomínio possui em caixa para nova administradora. "Atrasos de pagamentos podem ocorrer por excesso de demanda, extravio de e-mails e outros fatores externos, mas se um prestador de serviços passa a reclamar corriqueiramente que seu pagamento tem sido efetuado com atraso, pode ser um alerta para a falta de caixa de uma administradora", diz o administrador. Ele finaliza informando que validar se o extrato de contas da administradora está em dia e solicitar a verificação do extrato bancário, pode salvar o condômino de surpresas desagradáveis no futuro.

A Aliança está no mercado há 27 anos e teve origem como um escritório jurídico. Com o passar dos anos tornou-se uma Administradora de Condomínios. Atualmente possui uma carteira com mais de 800 condomínios que somam 56 mil unidades privativas, alcançando cerca de 168 mil pessoas.

Brasil vive momento crítico no que diz respeito ao aquecimento global

A situação se torna ainda mais alarmante devido ao fato de que todos os países têm vivenciado os impactos negativos das mudanças climáticas

O aquecimento global afeta a parte viva do planeta, onde estão milhões de espécies, inclusive a humana. O ano de 2023 foi o mais quente da história do planeta, de acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM). No Brasil, a média das temperaturas do país ficou 0,69°C acima da média histórica.

Há uma associação com grande proximidade entre a concentração de dióxido de carbono e o aquecimento global. O dióxido de carbono (CO2), também conhecido como gás carbônico, é composto por um átomo de carbono e dois átomos de oxigênio, e sua emissão tem a capacidade de reter o calor na atmosfera da Terra.

De acordo com o coordenador-geral de Ciência do Clima do MCTI, Márcio Rojas, alguns dos impactos mais intensos da mudança do clima serão sentidos no Brasil, onde serão mais severos que a média global. O país tem dimensões continentais e parte considerável localizada na região tropical, a qual aquece mais que as oceânicas.

"No Brasil, já estão ocorrendo muitos eventos climáticos e meteorológicos extremos. Seja com as ondas de calor que atingiram diversos estados e o Distrito Federal, seja com a seca que atingiu a região amazônica e a região norte do país, registrando cerca de 22 mil focos de queimadas em outubro, ou com a passagem de um tsunami meteorológico no litoral do estado de Santa Catarina, entre outros", salienta Vininha F. Carvalho, editora da Revista Ecotour News & Negócios.

De acordo com a pesquisa "Global Views On Climate Change" realizada pelo Instituto Ipsos, os brasileiros estão entre os que mais se preocupam com o impacto das Mudanças Climáticas causadas pelas atividades humanas em seu cotidiano nos próximos anos. Segundo o estudo, 61% dos brasileiros acreditam que terão que deixar suas casas nos próximos 25 anos devido às mudanças climáticas, colocando o Brasil em segundo lugar no ranking geral, logo atrás da Turquia (68%) e à frente da Índia (57%).

O Presidente da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Conservação de Energia (ABESCO), Bruno Herbert afirma que investir no uso racional de energia permite reduzir o consumo exagerado, produzir mais com menos e contribuir com o meio ambiente. "O fator sustentabilidade é essencial. A diminuição do desperdício e a possibilidade de o consumidor adquirir energia de fontes renováveis ajudam a combater a emissão de gases poluentes".

"É fundamental que sejam implantadas medidas ambiciosas para reduzir rapidamente as emissões de gases de efeito estufa, visando impedir que estas ondas de calor se tornem cada vez mais intensas, afetando pessoas vulneráveis e perturbando os ecossistemas que são vitais para a regulação do clima no planeta", conclui Vininha F. Carvalho.

Alergias alimentares ganham um novo capítulo

Ovo ocupa 1º lugar no ranking dos alimentos mais alergênicos, desbancando o leite. Banana, sementes, frutas e o aumento expressivo das oleaginosas, como amendoim e castanhas chamam atenção

Novos alimentos estão ganhando destaque nas alergias alimentares. Se antes o leite liderava como sendo o alimento que mais causava alergia, agora ele perde posição de líder para o ovo. A lista dos principais alérgenos alimentares ainda é composta por soja, trigo, amendoim, castanhas, peixes e frutos do mar. Porém, outros alimentos como frutas, gergelim, chia e linhaça emergem como desafios.

"Apesar de ainda ocupar papel de destaque entre as alergias na infância, o leite de vaca parece estar perdendo a primeira posição para o ovo. Além disso, alimentos como amendoim, castanhas, sementes e frutas, especialmente a banana, ganham destaque nas estatísticas de alergias", conta a Dra. Renata Cocco, membro do departamento Científico de Alergia Alimentar da Associação Brasileira de Alergia e Imunologia (ASBAI).

Aumento substancial das alergias a amendoim e castanhas: o número de crianças com sintomas de alergia após a ingestão de amendoim e/ou castanhas alcança pouco a pouco uma realidade semelhante às referidas em países como os Estados Unidos e Reino Unido. As alergias se manifestam ainda nos primeiros anos de vida, caracterizam-se pela gravidade das reações e podem ser desencadeadas por quantidades ínfimas dos alimentos, incluindo a inalação.

Persistência das Alergias na Vida Adulta: Paralelamente ao aumento do número de alimentos responsáveis pelas alergias, o tempo para sua remissão (isto é, a perda da alergia) também é maior. "Alergia ao leite, ovo, soja e trigo eram geralmente remitidas até os 5 a 7 anos de idade. Atualmente acompanhamos muitos pacientes até o final da adolescência ainda com reações alérgicas a estes alimentos", explica a Dra. Renata.

Importância da Introdução Alimentar: A especialista da ASBAI ressalta a importância da introdução alimentar adequada como uma possível forma de minimizar o aparecimento das alergias. "Aleitamento materno exclusivo até os seis meses, seguido pela introdução gradual de alimentos, especialmente aqueles nutricionalmente essenciais, a partir do sexto mês", recomenda a médica.

Riscos da Dieta de Restrição sem Acompanhamento: Atenção ao perigo que as dietas de restrição, sem orientação adequada, podem causar. Além dos prejuízos nutricionais, os impactos sociais e psicológicos podem criar estigmas e afetar a qualidade de vida.

Evolução no Tratamento: A imunoterapia, por diferentes vias de administração, e os imunobiológicos surgem como opções promissoras, proporcionando avanços significativos na qualidade de vida dos pacientes.

"A dessensibilização oral não leva à cura da alergia, mas pode melhorar muito a qualidade de vida do paciente, especialmente daqueles que reagem a quantidades muito pequenas dos alimentos. Existem várias linhas de pesquisa em andamento, envolvendo novas abordagens terapêuticas, que devem nos trazer soluções mais seguras", alerta Dra. Renata Cocco.

A Associação Brasileira de Alergia e Imunologia existe desde 1972. É uma associação sem finalidade lucrativa, de caráter científico, cuja missão é promover a educação médica continuada e a difusão de conhecimentos na área de Alergia e Imunologia, fortalecer o exercício profissional com excelência da especialidade de Alergia e Imunologia nas esferas pública e privada e divulgar para a sociedade a importância da prevenção e tratamento de doenças alérgicas e imunodeficiências. Atualmente, a ASBAI tem representações regionais em 23 estados brasileiros.

Hospitais privados: falta de recursos trava a expansão

Cenário foi indicado em levantamento de instituição do setor que lista ações que podem ser trabalhadas para a redução da dependência das operadoras de saúde

Um levantamento inédito feito pela Anahp (Associação Nacional dos Hospitais Privados) mostrou que sete em cada dez hospitais de ponta do país não conseguiram executar seus planos de investimentos em expansão (72,6%) e em novas contratações (70,6%) em 2023 por falta de recursos financeiros. Quase dois terços (63,5%) também não investiram na renovação de seus parques tecnológicos. A pesquisa foi realizada com 66 instituições associadas, na primeira semana de dezembro.

A estimativa é que R$ 3,6 bilhões deixaram de ser investidos no ano passado. A crise enfrentada pelo sistema de saúde suplementar, que tem provocado atrasos de pagamentos por parte dos planos de saúde, é um dos principais pontos atribuídos ao cenário. As operadoras, por sua vez, negam que tenham contribuído com a situação.

A redução da dependência dos hospitais brasileiros em relação às operadoras de saúde é um desafio complexo, mas existem algumas estratégias que podem ser consideradas para promover maior autonomia financeira e operacional, explica Marcelo Carnielo, especialista em gestão de custos hospitalares e diretor de Serviços da Planisa, empresa com expertise em serviços de consultoria para otimização da gestão de custos e que detém a maior base de dados de custos de hospitais do Brasil nessa questão.

"Atuar na prevenção, promoção e cuidados primários para reduzir demandas hospitalares, atuando em todo o ciclo do cuidado; explorar outras fontes de receita, como parcerias com farmácias, serviços de telemedicina, serviços laboratoriais, de imagem, entre outros; e especializar-se como centros de tratamento de doenças específicas, como forma de atrair nichos específicos, muitas vezes ignorados em hospitais gerais, são algumas das medidas que podem ser tomadas", lista.

Desenvolver seus próprios planos de saúde por meio associações de hospitais, além de programas de captação de recursos filantrópicos junto à comunidade local e empresas são outras medidas destacadas.

Carnielo elenca outras ações que podem contribuir no gerenciamento dos hospitais:

- *Desenvolver plataformas de informação que permitem diminuir as incertezas nas decisões para mudança de modelo de remuneração, com destaque ao capitation e bundle. "O bundle como forma de remuneração pela ampliação dos cuidados nos pós alta hospitalar (por exemplo)", pontua Carnielo.*
- *Implementar práticas de gestão eficiente dos recursos para otimizar os custos operacionais.*
- *Utilizar tecnologias de informação para melhorar a eficiência nos processos hospitalares, diminuindo custos e agregando valor (menos e melhor).*
- *Oferecer programas de pagamento flexíveis diretamente aos pacientes.*
- *Implementar programas de fidelidade ou descontos para pacientes recorrentes.*
- *Estabelecer parcerias com empresas locais para oferecer serviços de saúde aos funcionários, por meio de convênios ou planos corporativos.*
- *Desenvolver programas de saúde ocupacional para empresas.*
- *Diversificação de produtos, atuando, por exemplo, na área da educação e capacitação.*
- *Investir em pesquisa e desenvolvimento para se tornar referência em tratamentos inovadores, inclusive em parcerias com laboratórios farmacêuticos.*
- *Integrar soluções de telemedicina para expandir o alcance dos serviços de saúde.*
- *Explorar parcerias com o setor público para oferecer serviços de saúde em conjunto, utilizando recursos e infraestrutura compartilhados.*

"É importante destacar que a implementação dessas estratégias pode variar de acordo com a realidade de cada hospital e região. Além disso, uma abordagem integrada e colaborativa entre os diversos stakeholders do setor de saúde pode ser fundamental para o sucesso dessas iniciativas", conclui.

Líder em gestão de resultados para organizações de saúde, a Planisa atua há 35 anos como parceira das organizações de saúde, hospitais, clínicas e serviços de diagnósticos de todo o Brasil, que buscam otimizar seus resultados financeiros.

Futebol americano cresce no Brasil e impulsiona também as vendas no varejo

País já é o terceiro maior consumidor da National Football League (NFL), que registra milhões em vendas em diversos segmentos

O Brasil deixou de ser apenas o país do futebol. Além de outros esportes como basquete e vôlei, outra modalidade tomou conta do país nas últimas décadas: o futebol americano. De acordo com dados da própria NFL, no último Super Bowl, realizado em fevereiro de 2023, a audiência global entre Kansas City Chiefs e Philadelphia Eagles foi de 56 milhões de pessoas - um aumento de 7% em relação a 2022. Somente no Brasil, 2,5 milhões de pessoas assistiram à decisão, incluindo uma audiência média de mais de 500 mil fãs. Os números representam um aumento de 19% em relação ao ano anterior e a maior audiência do Super Bowl no país em pelo menos uma década.

A liga programa a realização de um jogo da temporada regular da NFL no Brasil em 2024, já que o país é considerado um dos principais mercados de captação de novos negócios e receitas. O evento, que acontecerá em São Paulo, deve movimentar cerca de US$ 60 milhões (aproximadamente R$ 291 milhões) segundo a estimativa da SPTuris.

A modalidade impulsiona também as vendas no varejo. Segundo dados da Circana – empresa global de data tech para análise do comportamento de consumo – há registro de aumento nas vendas de algumas categorias de brinquedos, considerando a soma dos doze países medidos no mundo. A categoria de figuras de ação colecionáveis, por exemplo, apresentou bons resultados, impulsionados pelo crescimento da licença da NFL. No total, entre os meses de janeiro a novembro de 2023, foram vendidos mais de 3 milhões de dólares em bonecos colecionáveis da licença da NFL e registrado um aumento de 77% nas vendas, quando comparados com o mesmo período de 2022.

Não é só o mercado de brinquedos que colhe bons resultados. De acordo com a Segmenta – empresa que atua em parceria com a Circana - o futebol americano também apresenta resultados positivos na moda esportiva. Até novembro de 2023 - puxado especialmente por vestuário, que corresponde a 93% das vendas da modalidade – o esporte foi o terceiro maior crescimento no Brasil, com um avanço de 25% nas vendas em relação ao mesmo período do ano passado. O aumento foi gerado, em especial por uniformes da Nike, fornecedora oficial da NFL.

A Circana é uma empresa global de data tech para análise do comportamento de consumo. A companhia conta a Liquid Data®, uma exclusiva plataforma de dados que atualmente é a mais avançada do mundo para monitorar o comportamento do consumidor. Dessa forma, a Circana proporciona aos seus clientes ampla eficiência de entendimento de mercado e permite decisões melhores e mais assertivas. Com profundo conhecimento especializado e entendimento por completo do consumidor, a companhia transforma a complexidade em clareza e oferece dados que ajudam cerca de 7 mil das principais marcas e varejistas do mundo a agirem estrategicamente e impulsionarem seus negócios.

Vinhos de Minas Gerais: uma jornada rumo à Excelência

Sergio Leite de Andrade
Engenheiro

Nos últimos 30 anos, os vinhos brasileiros têm avançado e alcançado patamares de reconhecimento em nível internacional.

Em setembro/outubro de 2020, realizamos, Denise e eu, por um período de duas semanas, minha 6ª viagem de estudos dos vinhos brasileiros no Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul (para a Denise a 2ª viagem), nas últimas 3 décadas.

Escrevemos, na ocasião, um artigo que foi publicado na revistas Empresarial e Mercado Comum.

Nos últimos anos, temos acompanhando a evolução da produção de vinhos em Minas Gerais, onde já existem em operação mais de 50 vinícolas em diversas regiões do estado.

Minas Gerais é destaque na produção de aço, café, queijos e cachaça, dentre tantos outros produtos, e agora evolui rapidamente na elaboração de vinhos e azeites.

Este avanço foi possível com a implantação da técnica da dupla poda das videiras, permitindo a colheita das uvas no inverno , o que mudou o mapa da produção do vinho no país.

Uma região, em especial, tem nos despertado atenção: a Mantiqueira Mineira, que avança pelo Estado de São Paulo.

Em 2021, fizemos uma viagem de estudos do vinho pela Mantiqueira Mineira e Paulista. Foram 15 dias de visitas a inúmeras vinícolas, constatando uma evolução importante na produção de bons vinhos.

Normalmente a colheitas das uvas é feita no verão: assim se faz no Vale dos Vinhedos.
Em Minas Gerais implantou-se, para viabilizar a produção adequada de bons vinhos, a poda invertida, que permitiu a colheita das uvas no inverno e a produção dos vinhos de inverno, uma estação mais seca e com amplitude térmica diária maior.

Na visita à Mantiqueira Mineira, duas vinícolas nos despertaram especial atenção:

- uma, tradicional produtora de vinhos ao longo de décadas, introduziu a poda invertida neste século e passou a produzir vinhos de qualidade, que são aprimorados a cada ano: a Casa Geraldo. - outra, mais nova, também praticando a poda invertida das videiras, desenvolve um trabalho de pesquisa e desenvolvimento e produz vinhos muito bons: a Stella Valentino.

Estivemos também na Mantiqueira Paulista, onde se destaca a Vinícola Guaspari, implantada neste século e já produzindo excelentes vinhos.

E no Estado de Minas Gerais, notada-

mente na Mantiqueira, novas vinícolas vão surgindo e a produção cresce em volume e qualidade, o que vai permitir a realização neste ano, em Belo Horizonte, de um evento de degustação de vinhos mineiros.

No Brasil, a produção de vinhos ainda se concentra em vinícolas boutiques, modernas, atualizadas tecnologicamente e com espaços muito acolhedores, com produções variando de 30 mil a 300 mil garrafas por ano.

Uma grande vinícola, a nível mundial, produz no mínimo 40 milhões de garrafas por ano. No Brasil, as maiores vinícolas produzem de 10 a 15 milhões de garrafas por ano.

A pequena produção é um fator que impacta no preço dos vinhos brasileiros e, consequentemente, na relação custo/benefício, muito destacada como um ponto negativo do produto nacional, quando comparado ao vinho de outros países, notadamente da Argentina e Chile.

A posição geográfica de Minas Gerais será um diferencial logístico no atendimento ao mercado brasileiro, pois se situa bem posicionada na Região Sudeste.

Nossos vinhos tinto estão à nossa disposição para nos proporcionar prazer nos quatro momentos do processo de deles desfrutar:

- *a busca do conhecimento*
- *a escolha e aquisição*
- *a guarda na adega*
- *beber com os amigos junto a boa gastronomia.*

A cada dia os vinhos de Minas Gerais avançam rumo ao futuro no pódio nacional. Na visita que fizemos à Mantiqueira Mineira ouvimos de produtores locais:

"Até 2030, os melhores vinhos brasileiros serão produzidos aqui na Mantiqueira".

Vamos em frente desfrutar a vida!

Sergio e Denise na Casa Geraldo, em Andradas - MG

Gastronomia muito além do chef de cozinha

Pedro Gustavo Sponton Campana Inojosa
Coordenador do curso de Gastronomia da Universidade Santo Amaro (Unisa). Graduado em Tecnologia em Gastronomia, possui pós-graduação em Administração Hoteleira, mestrado em Bioética e doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Pedro também acumula experiência nas áreas de doenças tropicais, saúde internacional, nutrição, turismo, hotelaria, eventos, bioética e gastronomia

A profissão que atrai pelo glamour, ao longo dos anos evoluiu para novos segmentos e conquistou espaço em várias indústrias, como a supermercadista, não apenas nas áreas de rotisserie, dedicadas aos pratos prontos e sobremesas, mas em criar novas experiências aos consumidores com cursos e a oferta de receitas mais sofisticadas. No entretenimento, o segmento náutico, os cruzeiros marítimos apresentam cada vez mais opções de restaurantes temáticos. O cuidado nas refeições também está nos hospitais e nos ares nos serviços de bordo dos aviões.

A habilidade no preparo de alimentos aliado ao estudo pode permitir uma carreira promissora, ainda que fora das colunas sociais e do universo das celebridades, o curso de Gastronomia, por exemplo, pode ser o ingresso para a atuação profissional em centros gastronômicos, que agregam restaurantes, bares, cafeterias dentre outros estabelecimentos. A profissão pode levar, ainda, para atuar em embaixadas e consulados, assim como setor hoteleiro, parques temáticos, aquáticos ou até mesmo em uma grande indústria alimentícia.

Entidades de ensino e Universidades buscam ampliar o conhecimento de alunos na área por meio da graduação, que prepara o aluno para atuar no mercado, mas também para empreender. Hoje se observa que muitos alunos do curso de gastronomia buscam iniciar e abrir o próprio o negócio. Logo, a preparação profissional, a graduação, é um passo importante neste processo, pois prepara o aluno não apenas para agradar ao paladar dos clientes, mas também para gerir os negócios com planejamento e estratégia.

Assim como o mercado mudou e trouxe novas possibilidades para o chef de cozinha os cursos também devem acompanhar a tendência, bem como, preparar os alunos para os desafios do setor que vai muito além da cozinha e requer conhecimento em outras áreas como administração e gestão. É, por isso, que para aqueles que almejam sucesso na profissão, seja no mercado de trabalho ou empreendendo, o caminho para tornar uma ideia, um projeto em algo de sucesso começa na sala de aula.

Almoço completo: confira a receita de filé Oswaldo Aranha da Água Doce

Filés

Ingredientes:
1 kg de mignon limpo cortado em medalhão
Sal e pimenta-do-reino a gosto
4 colheres de sopa de manteiga sem sal
4 colheres de sopa de azeite de oliva
4 ramos de alecrim

Modo de preparo: *Tempere os medalhões com sal e pimenta-do-reino a gosto. Em seguida, aqueça uma frigideira, de preferência antiaderente, adicione o azeite, a manteiga e deixe derreter. Adicione os medalhões e sele todos os lados para que a umidade não saia da carne. Adicione o ramo de alecrim. Reserve os medalhões.*

Alho Assado

Ingredientes:
1 cabeça de alho roxo
1 colher de sopa de azeite
Sal e pimenta-do-reino a gosto

Modo de Preparo: corte a ponta da cabeça de alho. Disponha em uma assadeira ou em um ramequin. Cubra com papel alumínio. Asse em forno 180ºC (pré-aquecido) por aproximadamente 40 minutos ou até que o alho esteja macio.

Farofa de Ovos

Ingredientes:
1 colheres de sopa de manteiga sem sal
2 colheres de sopa de bacon picado em cubos pequenos
1 cebola picada em cubos pequenos
1 xícara de farinha de mandioca crua
3 ovos misturados
Cheiro verde a gosto
Sal e pimenta-do-reino

Modo de preparo da farofa de ovos: *em uma panela aqueça a manteiga e ponha os cubos de bacon e cebola, deixe refogar até que elas estejam quase transparentes. Nesse momento inclua os ovos, tempere com sal e pimenta, e cozinhe até ficar com textura de ovos mexidos. Adicione a farinha de mandioca crua e misture bem. Corrija o sal e a pimenta, se necessário, finalize com o cheiro verde após desligar o fogo.*

Os restaurantes da Água Doce são destino para famílias e grupos de amigos que buscam fazer de almoços, jantares, happy hours e confraternizações variadas um momento especial de entretenimento. O cardápio é extenso, repleto de delícias da culinária brasileira servidas em fartas porções e pratos. Além do extenso menu de cachaças e drinques, a casa é reconhecida pelo melhor Escondidinho do País, presente nas versões tradicional (carne de sol), camarão, frango e bacalhau, além das versões vegetarianas de palmito e alho-poró. Explorando o conceito rústico, os restaurantes proporcionam espaço aconchegante aos clientes, com música ao vivo e espaço kids, mais conhecido como Doce Cantinho. Atualmente, são 80 unidades em sete estados. Além do conceito de restaurante completo, a rede possui dois modelos enxutos com investimentos menores: a Água Doce Express, que conta com um cardápio mais enxuto e foco em almoço e happy hour, além do tradicional jantar; e a Água Doce Delivery, focado nas entregas em domicílio e take away.

Batata Portuguesa

Ingredientes:
2 batatas grandes cortadas em fatias finas
Sal e pimenta-do-reino
Óleo para fritar

Modo de preparo: *aqueça o óleo em uma frigideira e, quando bem aquecido, frite as rodelas de batata até dourarem. Retire e deixe secar em papel toalha. Tempere com sal e pimenta a gosto.*

Dê sua preferência para montagem do prato.
Tempo de Preparo: 1 hora
Rendimento: 4 porções

Xenofobia repercute no turismo

Paulo Queiroga
Com ajuda do Blog: malapronta.com.br

A aversão ao estrangeiro tem se tornado comum em nações desenvolvidas. Suas origens e sintomas se assentam em guerras e na desigualdade social e econômica das populações dos países emissores, que buscam oportunidades através da imigração.

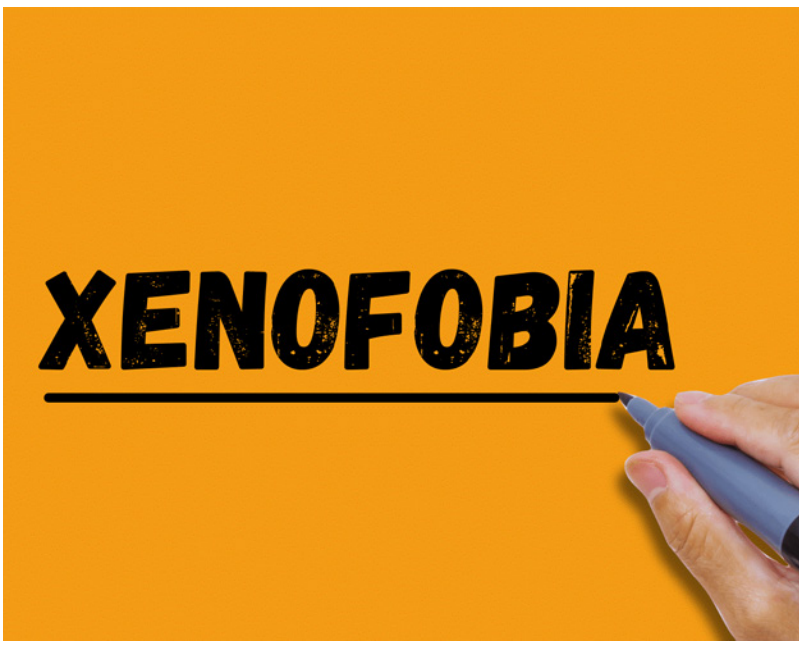
O sentimento de xenofobia é alimentado pelo argumento de que o imigrante retira ou diminui oportunidades dos nativos e causa desequilíbrio na estrutura social e aumento de gastos públicos das comunidades receptoras.

Outra razão, não menos importante, que reforça a xenofobia se dirige ao turista. São as diferenças culturais em relação às comunidades locais. Essas, embora reconheçam a importância econômica do visitante, se sentem invadidas em seu cotidiano por ordas de turistas com culturas e hábitos diferentes dos seus.

A aversão a estrangeiros é visível, especialmente, nos destinos de turismo em massa nos grandes centros receptivos como Paris, Nova York, Londres, Roma, até mesmo Lisboa em Portugal.

O viajante brasileiro, em geral, tem sido, ao mesmo tempo, autor e vítima deste fenômeno sociológico mundial, muito em razão de seus próprios hábitos e costumes em terras estrangeiras.

Com isso, não estamos criminalizando o comportamento do brasileiro e nem caindo no falso argumento do generalismo. Mas, todos nós que cruzamos fronteiras internacionais com frequência já nos deparamos alguma vez com grupos de viajantes, os quais, imediatamente, identificamos como brasileiros, não só pela língua, mas, pela expansividade da expressão corporal, o volume da voz e por uma certa ausência de formalismo, muitas vezes exigido em terras estrangeiras. A sensação que se passa para o observador externo é que o brasileiro fica tão à vontade no exterior, que se sente o "dono do pedaço"



O Huffington Post, um site estadunidense de notícias, que tem mais acessos do que o jornal New York Times, relatou algumas regras pessoais mais recomendadas, quando se visita a casa do anfitrião no exterior.

Nós as reproduzimos aqui, até mesmo como um serviço de utilidade pública, lembrando que se aplicam a comportamentos individuais, mas podem ser observadas também por grupos de viajantes:

ÍNDIA

É uma prática comum o anfitrião servir um copo de água e o convidado bebê-la. Os sapatos são deixados do lado de fora da casa e, antes de entrar, cumprimentar o seu anfitrião com um beijo no rosto. Quando o alimento é servido, não espere que a bebida alcoólica seja servida junto. E não espere que seu anfitrião aceite um não como resposta para um segundo prato. Se você simplesmente disser 'não', ele não vai parar. Segure sua barriga com a mão para mostrar que você está realmente satisfeito.

INGLATERRA

Os britânicos podem não ser os melhores anfitriões. Há três regras: Primeiro, traga bebida suficiente para si e algumas extras de presente para o anfitrião. Uma garrafa para um casal não é suficiente. Se entrar em uma casa com carpete, tire os sapatos. E quando a festa acabar, retribua com um convite.

ITÁLIA

Quando você estiver na casa de alguém, nunca peça uma colher para comer espaguete ou outros tipos de massas, exceto para o minestrone. Deixar comida no prato também não é nada recomendado.

FRANÇA

Leve sempre algo quando for convidado a uma casa francesa. Vinho, sobremesa, doces ou flores são bem-vindos, mas o melhor presente é o Champanhe.

CANADÁ

A população diversificada do Canadá torna mais difícil para você acertar essas regras universais, mas lembre-se de que você deve chegar sempre com algum sinal de agradecimento. Depois, ofereça ajudar na limpeza, mesmo se o seu anfitrião recusar. A festa, de qualquer forma, normalmente termina na cozinha.

ALEMANHA

Os alemães esperam que você seja pontual. Um atraso de mais de 15 minutos para o jantar é realmente falta de educação.Também é bom ressaltar: quando levar álcool, jamais escolha cerveja. E não se sinta muito em casa.

MAGREBE

Em todo o Magrebe, que inclui Marrocos e Tunísia, você deverá levar algo, mas tenha cuidado com o vinho. A menos que você tenha certeza que o seu anfitrião beba, isso pode ofender as pessoas que não o fazem. Algo doce é uma ótima pedida. Como convidado, você não terá permissão para ajudar na limpeza, mas se o fizer, evite jogar pão no lixo. O pão tem um lugar sagrado na cultura Magrebe.

GRÉCIA

Como convidado, você nunca deve chegar com as mãos vazias. Os presentes mais comuns incluem bebida alcoólica, sobremesa ou plantas. Se o evento é um jantar, esteja preparado para esperar até que todos os convidados cheguem.

ESPANHA

Na Espanha, um convite será quase sempre para às 9 da noite ou mais tarde. E você faz bem em não aparecer antes disso. Esteja preparado para beber a partir do momento que você chega, até depois que a sobremesa for servida. É importante que a conversa nunca morra. Um silêncio de até 10 segundos significa fracasso.

COREIA DO SUL

Na casa de um coreano, sempre tire os sapatos e "faça elogios sobre o lugar. E não importa o quão deliciosa a comida possa parecer, deixe seu anfitrião dar a primeira mordida. Se a comida não for boa, diga que estava ótima e tente comer tudo.

JAPÃO

Fale baixo. Muito barulho na casa de alguém, especialmente à noite, é visto como falta de consideração, pois pode causar problemas com seus vizinhos. Tóquio é uma cidade superlotada e você precisa ficar quieto.

ARGENTINA

Coisa importante em um encontro argentino é que você nunca deve sair da casa sem beber uma xícara de café ou uma rodada de "mate". Esse é o momento mais especial do dia, em que os amigos abrem seus corações e compartilham seus sentimentos. É como dar a todos um grande abraço.

MÉXICO

Em uma casa mexicana, prepare-se para comer como se fosse o fim do mundo e para passar bastante tempo lá. Mesmo que seja tarde e todo mundo pareça estar com sono, ninguém estará disposto a ir para casa.

CUBA

Tal como os seus conterrâneos da América Latina, a pontualidade não é importante em Cuba. O que é importante é você aparecer com um sorriso.

PORTO RICO

Se você for convidado para um evento às 6 da tarde na casa de alguém em Puerto Rico, esteja lá às 7h e vá preparado para beber café. Também é importante ter em mente que lá se fala muito alto, mas isso não significa que estejam discutindo.

ESTADOS UNIDOS

Alguém aparecer na casa de algum norte americano sem aviso pode ser desagradável. Avise-os com antecedência e seja claro sobre quanto tempo você pretende ficar, principalmente, se for por mais do que uma noite.

Antes de viajar, procure conhecer os hábitos de seu anfitrião.

Cremos estar contribuindo, ainda que de forma incipiente, para atenuar o sentimento de xenofobia contra basileiros. Boa viagem!

Desempenho turístico em Minas Gerais continua surpreendendo

O bom desempenho do volume de atividade turística é um fenômeno que impacta positivamente as economias locais e nacionais. Com o aumento do número de destinos, o turismo está mais dinâmico do que nunca, proporcionando experiências memoráveis e impulsionando a diversificação econômica.

Conforme a análise realizada pelo Núcleo de Estudos Econômicos da Fecomércio MG, com os dados mais recentes de novembro de 2023, do volume de atividade turística divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se observar um desempenho interessante.

No período de janeiro a novembro de 2023, a atividade turística no Brasil registrou um crescimento acumulado de 7,5%, revelando um cenário positivo, embora o desempenho tenha mostrado sinais de arrefecimento nos últimos meses. A análise da série histórica desde 2011 destaca que o país mantém um consistente ritmo de crescimento nos últimos 30 meses, iniciado em junho de 2021.

O estado de Minas Gerais destaca-se com um desempenho ainda mais robusto, apresentando um crescimento de 16,5% nos onze primeiros meses de 2023. Essa marca representa um crescimento 9 pontos percentuais mais intenso do que o desempenho nacional. O ritmo do indicador mineiro segue a mesma periodicidade de crescimento do Brasil, desde junho de 2021.

No acumulado 12 meses, dezembro de 2022 a novembro de 2023, observa-se que o Brasil registrou um crescimento de 7,9%, enquanto Minas Gerais apresentou um desempenho ainda mais expressivo, atingindo 17,6%. A diferença notável de quase 10 pontos percentuais destaca a liderança do estado mineiro no setor.

A atividade turística está experimentando uma revolução à medida que testemunhamos um aumento expressivo no desempenho dos seus indicadores, com recortes para o Brasil e Minas Gerais. Em meio a uma era de transformações rápidas e desafios, o turismo se mostra como uma força resiliente, adaptando-se e florescendo em meio à adversidade.

Para Gilson Machado, economista da Fecomércio MG, "A conjuntura econômica favorável, aliada à demanda reprimida pela pandemia, impulsionou o crescimento do volume de atividade turística em Minas Gerais. Indicadores macroeconômicos, como a inflação mais baixa, a redução da taxa

básica de juros (Selic) e o crescimento econômico acima das expectativas, contribuem para um ambiente mais favorável."

A melhoria nos indicadores de desemprego e renda também desempenha um papel fundamental, refletindo em mais pessoas no mercado de trabalho e aumento da renda das famílias. E com o fortalecimento do ambiente econômico, corrobora para o bom desempenho da atividade turística, destaca Machado.

Na variação mensal, novembro testemunhou uma desaceleração pelo segundo mês consecutivo, tanto no Brasil quanto em Minas Gerais. A queda de 2,4% no Brasil e 2,6% em Minas indica um comportamento de alternância entre crescimento e desaceleração ao longo do ano.

Em novembro de 2023, o desempenho do volume de atividade turística no Brasil cresceu 2,8% em relação ao mesmo mês de 2022, mantendo um ritmo positivo por mais de 2 anos e meio. Minas Gerais, por sua vez, registrou um crescimento anual notável de 10,4%, superando o Brasil em 7,6 pontos percentuais.

Minas Gerais destaca-se como um protagonista crucial, apresentando o seu desempenho mais expressivo em três das quatro variáveis analisadas. Além disso, com o terceiro maior peso na atividade em relação ao Brasil, contribui diretamente para o desempenho nacional. Na região Sudeste, onde a concentração de 61,12% do peso para o indicador é significativa, o crescimento positivo nos estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais reflete diretamente no indicador nacional.

Em um mundo cada vez mais conectado, a crescente demanda por viagens é alimentada por uma variedade de fatores, tais como avanços tecnológicos, mudanças nas preferências dos consumidores e a busca por novas culturas.

Para Gilson Machado, o crescimento expressivo da atividade turística em Minas Gerais é resultado de investimentos, melhoria do ambiente econômico e da riqueza da oferta turística do estado, que abrange uma diversidade de experiências ao longo de suas dez macrorregiões.

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo de Minas Gerais integra o Sistema Fecomércio MG, Sesc e Senac em Minas e Sindicatos Empresariais que tem como presidente o empresário Nadim Donato. A Fecomércio MG é a maior representante do setor terciário no estado, atuando em prol de mais de 740 mil empresas mineiras. Em conjunto com a Confederação Nacional do Comércio (CNC), presidida por José Roberto Tadros, a Fecomércio MG atua junto às esferas pública e privada para defender os interesses do setor de Bens, Serviços e Turismo a fim de requisitar melhores condições tributárias, celebrar convenções coletivas de trabalho, disponibilizar benefícios visando o desenvolvimento do comércio no estado e muito mais.

Há 85 anos fortalecendo e defendendo o setor, beneficiando e transformando a vida dos cidadãos.

Minas Gerais é líder de crescimento de atividade turística no Brasil, diz IBGE

Segundo o IBGE, Minas Gerais desponta como o estado brasileiro mais procurado por turistas em 2023. Segundo dados do IBGE, o estado ocupou o primeiro lugar na variação do volume da atividade turística acumulada nos últimos 12 meses. Ao todo, o estado recebeu 31 milhões de turistas e movimentou cerca de R$ 34 bilhões em 2023. Para especialistas, em 2024 o setor deve seguir em alta. Dois fatores podem influenciar esse crescimento: maior nível de empregabilidade e poder de compras e o preço do dólar.

De acordo com a Secretaria de Cultura e Turismo de Minas Gerais (Secult-MG), a realização de campanhas de promoção turística durante as datas comemorativas e os feriados prologados contribuíram para alta no setor. O economista e analista do Banco Central do Brasil, Fernando de Aquino, projeta que em 2024, mesmo com a diminuição dos feriados prologados, o setor deve continuar em crescimento. A boa perspectiva é motivada por dois fatores.

"O mercado de trabalho está bastante aquecido, tanto em volume de ocupação quanto em poder de compra dos ocupados. Então, isso permite que haja um maior fluxo de turismo dos residentes. Um segundo fator é a questão do preço do dólar. Ele caiu um pouco ultimamente, mas continua sendo um preço alto. Então, esse preço do dólar alto dificulta que o residente no Brasil vai fazer turismo no exterior. Então ele troca roteiros no exterior por roteiros internos. E ao mesmo tempo, incentiva que não residentes, os estrangeiros venham mais para fazer turismo no Brasil em função do preço do real. Está barato para eles", explica.

A atividade turística em Minas Gerais também criou cerca de 50 mil empregos na economia criativa. O número corresponde a 26% de todos os 187.866 postos de trabalho gerados até novembro, conforme dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). O segmento é o principal gerador empregos no estado. O economista ainda destaca que o setor se mostra essencial para a geração de empregos.

"O setor de turismo é um grande gerador de emprego. Gera um volume de emprego muito alto: restaurantes, bares, hotéis, serviços de entretenimento, produção e venda de artesanato, de souvenirs. E isso é muito importante para várias localidades do Brasil que tem um estoque, um contingente de subempregados ou desempregados. Para que essas pessoas tenham oportunidade. Então é importantíssimo se incentivar o setor de turismo", diz.

Na avaliação de Aquino, o Brasil pode incentivar o setor ao investir mais em infraestrutura. "A gente pode incentivar mais essa atividade turística no Brasil através de investimentos em infraestrutura urbanística. Em conservar e recuperar equipamentos turísticos. Então, existe um potencial muito grande em muitas localidades do Brasil, que são muito carentes desses investimentos. Agora, a questão financiamento. Muitas vezes o setor público tem restrição, dificuldade de financiamento. Teria que ser o caso de tentar parcerias com o setor privado, como por exemplo, o setor hoteleiro. Então isso pode ser viável em várias localidades. Para que o aquele local fique mais atrativo para as atividades turísticas", ressalta.

CONEXÕES AÉREAS

O aumento do fluxo turístico também impactou a movimentação nos aeroportos mineiros. Segundo a Secult-MG, foram lançadas 17 novas conexões em MG, representando alta de 20% na conectividade aérea. O número de voos internacionais quadruplicou, saltando de dois em janeiro para oito em dezembro.

O Aeroporto de Confins, em BH, pelo qual circularam 10,4 milhões de passageiros em 2023, fechou o ano com rotas diretas para Portugal, Panamá, Colômbia, Caribe, EUA, Chile e Argentina.

Fonte: Brasil 61 – Landara Lima

Carnaval de Belo Horizonte – Minas Gerais 2024 terá recorde de cortejos nas ruas da cidade

Prefeito de BH Fuad Noman

O Carnaval de Belo Horizonte 2024 vai começar. A partir do dia 27 de janeiro, até o dia 18 de fevereiro, a maior festa de rua de Minas Gerais tomará novamente a cidade com muita alegria, cores e diversidade. A folia belo-horizontina contará com uma programação extensa e descentralizada, com mais de 500 cortejos, recorde em comparação aos outros anos, saindo pelas nove regionais do município. A Prefeitura de Belo Horizonte está investindo R$35 milhões na folia.

Uma grande novidade para esta edição será o local do Palco Oficial da folia. Diante da impossibilidade da utilização da Praça da Estação, que está passando por obras de revitalização dentro do programa Centro de Todo Mundo, o palco de shows do Carnaval será montado no Parque Municipal Américo Renné Giannetti, icônico espaço de lazer da capital mineira. No local será realizado o Kandandu, encontro de blocos afro que tradicionalmente abre a folia na cidade, nos dias 9 e 10 de fevereiro.

"Nós apresentamos a infraestrutura do Carnaval, mas quem faz o carnaval é o povo. São os blocos de rua, os blocos caricatos, a Corte Momesca e os foliões. A Prefeitura tem a obrigação de preparar a cidade: segurança, limpeza, transporte, saúde. Estou muito feliz com a preparação e espero que tenhamos um carnaval bastante organizado", afirmou o prefeito Fuad Noman.

Para além da valorização da cultura e do entretenimento, o Carnaval de Belo Horizonte vem se tornando um importante produto que gera renda, oportunidades de emprego e negócios, movimentando principalmente os segmentos de alimentação, transporte, comércio, hotelaria e hospedagem. A projeção é que o evento contribua na geração de mais de 20 mil empregos diretos e indiretos, com a expectativa de movimentação financeira na cidade no período oficial da folia de R$ 1

bilhão, segundo estimativa da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL).

"Está oficialmente aberto o Carnaval de Belo Horizonte 2024. A cidade está preparada para mais uma festa, que cresce a cada ano em todos índices. Agradeço ao prefeito Fuad Noman por acreditar na potência da nossa folia como uma importante manifestação cultural e uma ferramenta de fomento econômico, gerando emprego e renda para a cidade. Estamos realizando um trabalho integrado, com cerca de 30 cerca de 30 órgãos municipais, estaduais e privados, para que seja apresentado aos foliões um Carnaval seguro, respeitoso, diverso e plural", afirma Gilberto Castro, presidente da Belotur.

O Carnaval de Belo Horizonte é um dos principais produtos turísticos da cidade. Entendido como movimento espontâneo, o evento tem sido qualificado com o apoio da Prefeitura de Belo Horizonte, garantido a sua organização, segurança e acesso da população, turistas e visitantes. Com planejamento antecipado para melhor estruturação da festa, a Belotur vem realizando diversas ações de fomento ao evento desde o ano passado.

BLOCOS DE RUA

O cadastramento de blocos de rua foi aberto em outubro de 2023 e teve 536 grupos inscritos e 583 desfiles contabilizados. Atentos à real necessidade dos atores dessa grande festa, a empresa municipal lançou também em novembro do ano passado o Edital de Auxílio Financeiro, que teve 105 blocos de rua contemplados. O valor global investido foi de R$ 1,66 milhão. A partir de 27 de janeiro, a capital mineira terá esses blocos desfilando nas ruas, contando com toda a estrutura e logística da Prefeitura de Belo Horizonte, integrando os serviços de segurança, mobilidade, limpeza e banheiros químicos, entre outros. Durante todo o período da folia serão mais de 13 mil banheiros

químicos, sendo quase 300 cabines PCD'S. Todos os blocos contarão com banheiros químicos durante o início, meio e fim do trajeto. Durante o feriado, serão instalados ainda 98 pontos fixos de banheiros.

BLOCOS CARICATOS E ESCOLAS DE SAMBA

Para mostrar que Belo Horizonte também tem tradição no carnaval de passarela, os Blocos Caricatos e Escolas de Samba da cidade desfilam na avenida Afonso Pena nos dias 12 e 13 de fevereiro, segunda e terça-feira de carnaval. Os foliões poderão conferir de perto muito brilho, cor e samba no pé. Ao todo, irão passar pela avenida 8 grupos dos Blocos Caricatos, além das 12 Escolas de Samba, sendo 8 do Grupo Especial e 4 do Grupo de Acesso.

Seguindo o trabalho de valorização aos atores do carnaval da cidade, a Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Belotur, aumentou os valores investidos nos desfiles das agremiações. Foi disponibilizado para as Escolas de Samba do Grupo Especial o valor de R$ 243,8 mil. O auxílio financeiro disponível para o Grupo de Acesso é de R$ 146,28 mil. Já para os Blocos Caricatos o investimento será de R$ 67,42 mil para as agremiações do Grupo A e R$ 25 mil para os blocos do Grupo B. O montante total investido será de R$ 3,12 milhões, sendo R$ 2,5 milhões para as Escolas de Samba e R$ 589,36 mil para os Blocos Caricatos. A programação completa dos desfiles dos Blocos Caricatos e Escolas de Samba pode ser conferida no Portal Belo Horizonte.

PLANEJAMENTO OPERACIONAL INTEGRADO

A partir do planejamento da produção do evento elaborado pela Belotur, diversos outros planos operacionais são desenvolvidos pelos órgãos públicos para viabilizar a realização do Carnaval de Belo Horizonte 2024, visando garantir mobilidade, segurança, fiscalização, atendimento em saúde e proteção social. O Centro de Operações da Prefeitura de Belo Horizonte (COP-BH), articulado com instituições municipais, estaduais, federais e até mesmo privadas, integra esses planos setoriais para que haja uma atuação mais eficaz do poder público na cidade, potencializando assim a ação de cada instituição, garantindo a otimização de recursos e serviços e o sucesso do evento.

Com cerca de 30 órgãos públicos trabalhando em conjunto, o COP-BH irá monitorar o evento em tempo real. Também irá ocorrer acompanhamento georreferenciado dos blocos e serviços da cidade.

Washington, DC nos Estados Unidos é um dos melhores destinos de viagem em 2024

A capital norte-americana revela novas atrações, opções gastronômicas, hotéis e eventos

Washington, DC emerge como um destino imperdível em 2024, conquistando um lugar na lista das principais cidades americanas da Condé Nast Traveler. De janeiro a dezembro há muitas atrações, eventos e inaugurações previstas em um extenso e variado calendário.

UM REFÚGIO GASTRONÔMICO E CULTURAL O ANO TODO

Os visitantes podem começar o ano com a Winter Restaurant Week, que ocorre de 15 a 21 de janeiro. Uma verdadeira celebração culinária que apresentará menus fixos, com opções de almoço/brunch a preços de US$25 a US$35 e jantares variando de US$40 a US$65.

Os entusiastas de arte podem explorar o recém-renovado Museu da Mulher nas Artes, apresentando a exposição "O Céu é o Limite" até 25 de fevereiro. O museu dedicado a apoiar mulheres nas artes agora conta com espaços internos e externos aprimorados, novos recursos de acessibilidade e uma área dedicada à pesquisa e educação.

Para os fãs de automóveis, o Washington Auto Show ocorre de 19 a 28 de janeiro no Centro de Convenções Walter E. Washington. O evento apresentará as últimas inovações automotivas de mais de 30 fabricantes com exposições interativas.

As estações da primavera e do verão reservam outras grandes atrações, como o Festival Nacional das Cerejeiras (gratuito, de 20 de março a 14 de abril de 2024) e o evento Passport DC (gratuito, de 1º a 31 de maio de 2024), uma oportunidade de visitar as 180 embaixadas na capital americana e desfrutar de uma extensa agenda cultural. Em seguida, o Capital Pride (gratuito, de 31 de maio a 9 de junho de 2024) chega para adicionar cor à cidade com o desfile de orgulho LGBTQ+, juntamente com shows e um festival completo.

INFRAESTRUTURA E HOSPITALIDADE

Este será um ano de transformação para Washington, DC, que aplica um investimento impressionante de US$9,3 bilhões em novos desenvolvimentos, renovações e aprimoramentos na infraestrutura. Projetos recentemente inaugurados incluem uma nova linha de metrô ligando o Aeroporto Dulles ao centro da cidade, e a segunda fase de The Wharf - um dinâmico distrito à beira-mar que oferece lazer, compras e experiências culinárias e acaba de ganhar um Pendry Hotel and Spa.

A rede hoteleira da cidade está em plena fase de expansão, com 19 novos hotéis e mais de 3.500 quartos adicionais em projetos que estão em andamento, incluindo novas propriedades e renovações de marcas notáveis. O Royal Sonesta Washington, DC – Capitol Hill abriu em setembro do ano passado, e o renovado Westin Washington, DC, perto do City Center, se transformou em uma versão sofisticada do antigo Renaissance Washington, DC.

Para saber mais sobre essas e outras novidades do calendário de Washington, DC em 2024 visite washington.org/pt.

O que é importante para você, é importante para nós.

Gestão de patrimônio significa tranquilidade, fidelidade aos valores, objetivos alcançados e atendimento de alta qualidade.

Para nós, da Portogallo Family Office, o planejamento do seu futuro é o que mais importa para nós.
E para você, o que é mais importante?

Não administramos fortunas, administramos futuros.

São Paulo - Brasil
Santa Catarina - Brasil
Lisboa - Portugal

contato@portogalloinvestimentos.com.br

(11) 3078-6830
www.portogallofamilyoffice.com.br

Autorregulação ANBIMA
Gestão de Recursos

CVM
Comissão de Valores Mobiliários

Vendedor e o dever de indenizar o comprador por omissão ou por enganar

Kênio de Souza Pereira
Conselheiro do Secovi-MG e da Câmara do Mercado Imobiliário de MG; Diretor em MG da Associação Brasileira de Advogados do Mercado Imobiliário; Colunista de Direito Imobiliário da Rádio Justiça do STF e do Boletim do Direito Imobiliário/Diário das Leis;
kenio@keniopereiraadvogados.com.br

Vários são os fatores que estimulam a compra de um apartamento, dentre eles o valor da quota de condomínio, a dimensão, o local e quantidade de vagas de garagem, se há defeitos a serem consertados, ou, ainda, a existência de ações judiciais envolvendo o condomínio que possam repercutir na unidade negociada. Contudo, em vários casos, esses tipos de problemas são omitidos dos compradores, tanto pelos próprios vendedores, quanto pelos corretores de imóvel para que o negócio se concretize.

Existem situações em que o vendedor realiza a pintura da parede do imóvel para esconder a infiltração ou defeito ou, ainda, que o vendedor indica que a vaga de garagem do apartamento é uma e quando o comprador passa a utiliza-la, descobre que foi enganado. Também já nos deparamos com o caso de a cobertura ser irregular e o documento se referir a um apartamento tipo que teve o telhado do prédio retirado sem autorização para construção de um terraço, sala e suíte ou, ainda, do vendedor omitir a existência de ação judicial envolvendo o condomínio que, após a conclusão da compra, acabou por aumentar expressivamente o valor da quota de condomínio.

Nestes casos, a omissão do vendedor ou do corretor pode ensejar a sua responsabilização civil, o desfazimento do negócio, e, inclusive, motivar ajuizamento de ação do comprador contra os envolvidos exigindo indenização material e moral, sendo que o ideal é ser honesto quanto aos problemas do apartamento ou do condomínio para evitar surpresas.

É possível vender o imóvel com problemas, bastando constar no contrato, com técnica jurídica, que o comprador os assume, evitando assim qualquer questionamento futuro.

VENDEDOR DEVE ESCOLHER BEM SEU CORRETOR DE IMÓVEIS

Quando o vendedor entrega seu imóvel a um corretor, lhe transfere a incumbência de representa-lo perante os pretendentes à compra, ou seja, o corretor é que será responsável por repassar todas as informações sobre o imóvel. Diante disso, é necessário que todos os problemas e situações existentes em qualquer imóvel, e especialmente se tratando de uma unidade condominial, sejam informados ao corretor para a correta avaliação bem a ser vendido, bem como para que o comprador seja previamente informado sobre quaisquer situações, evitando problemas futuros.

Caso o vendedor aja com zelo, eventual discussão sobre os problemas previamente informados não lhe serão imputados e a responsabilização recairá, tão somente, em relação ao corretor.

Isso porque, o art. 723 do Código Civil prevê a obrigação do corretor em executar a mediação com diligência e prudência, devendo informar todos os "fatores que possam influir nos resultados" do negócio. Assim, nos casos em que os corretores agem com má-fé perante os compradores para realizar a venda a qualquer custo e assim receber sua comissão, o parágrafo único do mencionado artigo prevê sua responsabilização por perdas e danos decorrentes dessa omissão.

VENDEDOR PODER SER OBRIGADO A INDENIZAR

Todavia, se o vendedor, sabendo dos problemas existentes no imóvel, deixa de informá-los ao corretor, bem como ao comprador, para que a venda ocorra por um preço maior e de forma mais rápida, a responsabilização pelos danos causados recairá somente contra ele, conforme previstos em vários dispositivos do Código Civil.

Isso porque, todas as partes devem agir com probidade e boa-fé, sendo punível a omissão de informações relevantes que possam gerar prejuízos ao comprador, e que poderiam fazê-lo desistir da transação.

AMADORISMO MOTIVA MILHÕES DE PROCESSOS

Uma transação de compra e venda deve ser entendida como um processo complexo e com várias nuances que, muitas vezes, precisam de uma assessoria jurídica especializada, pois cada parte envolvida tem interesse distinto e antagônico.

Realizar negócios de elevado valor, sem possuir know hall necessário para avaliar documentos, elaborar cláusulas específicas que podem proteger seu cliente e gerar segurança para os contratantes, consiste no principal motivo de existir no Brasil mais de 63 milhões de processos em andamento apenas na área civil (que abrange os contratos imobiliários) do total de 84 milhões, conforme dados do Conselho Nacional de Justiça. Parte expressiva desses processos decorre da utilização de modelos de contratos que desestimulam a analise pontual de cada caso e inibem o raciocínio profissional importante para evitar conflitos e prejuízos.

Desafios crescentes: a ameaça cibernética para os escritórios de advocacia nos dias atuais

Jayme Vita Roso
Advogado, ambientalista e escritor
vitaroso@vitaroso.com.br

A revista Illinois Bar Journal (setembro de 2023, vol. 111, n. 9, p.20-5) publicou estudo interessante e alarmante a respeito das ameaças cibernéticas que rondam o hodierno exercício da advocacia.

Os escritórios de advocacia enfrentam desafio crescente em muitas vezes invisível: a ameaça cibernética. Com a crescente dependência da tecnologia, os escritórios de advocacia se tornaram alvos atraentes para cibercriminosos em busca de informações confidenciais e valiosas. Neste escrito, trataremos os riscos que os colegas de profissão enfrentam e as medidas que podem ser tomadas para proteger seus ativos e clientes.

A expressão ameaça cibernética evoluiu de forma notável ao longo dos anos. Os hackers não se limitam mais a adolescentes entusiastas, mas sim a organizações criminosas altamente sofisticadas e até mesmo governos em busca de informações sensíveis. Lidam, os escritórios de advocacia, com uma quantidade significativa de dados confidenciais, tornando-os alvos de valor relevante.

Entre os riscos para possíveis, enfatizamos os que mais nos parecem relevantes:

1. *Roubo de Dados Sensíveis: é comum que se armazenem informações confidenciais de clientes, como detalhes financeiros, segredos comerciais, informações pessoais e processuais. Um vazamento desses dados pode resultar em sérias repercussões legais e financeiras.*

2. *Interrupção dos Serviços: Ataques cibernéticos, como ransomware, podem paralisar as operações de um escritório de advocacia. A incapacidade de acessar sistemas críticos pode causar, inclusive, a perda de produtividade e prejudicar a confiança dos clientes.*

3. *Reputação Danificada: A confiabilidade é essencial na advocacia – aliás, um dos temas mais preocupantes. Um ataque cibernético bem-sucedido pode minar a reputação de um escritório, fazendo com que os clientes questionem sua capacidade de proteger informações confidenciais.*

Assim, quanto às medidas de proteção cabíveis:

a. *A educação dos funcionários sobre práticas de segurança cibernética é fundamental. Eles devem ser treinados para identificar e relatar ameaças potenciais, como e-mails de phishing.*

b. *Segurança de Dados: Implementar medidas de segurança rigorosas, como criptografia de dados, firewalls e autenticação de dois fatores, cruciais para proteger informações de alto valor.*

c. *Backup de Dados: Manter cópias de segurança regulares dos dados é essencial para mitigar o impacto de ataques de ransomware. Dessa forma, os escritórios podem recuperar informações críticas em caso de um ataque.*

d. *Monitoramento Contínuo: A monitorização constante de sistemas de TI pode ajudar a identificar e responder rapidamente a possíveis ameaças.*

e. *Plano de Resposta a Incidentes: Ter um plano de resposta a incidentes em vigor pode ajudar a minimizar danos em caso de um ataque. Ele deve incluir procedimentos de notificação de clientes e autoridades regulatórias, bem como restauração de serviços.*

Em conclusão: à medida que o mundo se torna cada vez mais digital, a ameaça cibernética nos escritórios de advocacia continua a crescer. Proteger informações confidenciais e a reputação do escritório é uma das prioridades mais elementares e essenciais do exercício da profissão. A educação, o investimento em segurança cibernética e a preparação para responder a incidentes são medidas essenciais para garantir a integridade dos escritórios de advocacia em um ambiente cada vez mais perigoso de espionagem. A conscientização e a vigilância contínua são as melhores defesas contra as ameaças cibernéticas, cada vez mais em constante evolução acelerada.

Tendências em finanças e investimentos para 2024

Sérgio Goldman
Consultor em finanças estratégicas

Início de ano é aquele período em que começamos a refletir sobre os meses que passaram e, também, e talvez mais importante, sobre o que esperamos que aconteça neste novo ano. Vemos que continuamos a viver em um mundo em transformação e, na maioria das vezes, essas transformações são rápidas e radicais.

Mas em 2024 isso não será diferente. O universo de finanças e investimentos experimentará transformações e, aqueles que ousarem ignorá-las, muito provavelmente perderão posicionamento competitivo.

Observando as tendências globais e locais que vem ganhando força nos últimos anos e buscando analisar quais serão destaque no Brasil em 2024, gostaria de chamar a atenção para os seis processos de mudanças que espero que sejam relevantes:

1. O CFO GANHARÁ PAPEL AINDA MAIS ESTRATÉGICO

O CFO (Diretor Financeiro) deverá se tornar o responsável por monitorar os resultados dos esforços que a alta gestão definiu previamente, visando colocar a empresa em caminho de longevidade com rentabilidade. Além de guardião da criação de valor, o CFO deverá ser aquele que centralizará a coleta e análise de dados para que os objetivos estratégicos sejam atingidos;

2. CRIAÇÃO DE VALOR PARA TODOS OS STAKEHOLDERS: DO DISCURSO À PRÁTICA.

Hoje em dia, qualquer empresa se coloca como seguidora de melhores práticas em ESG. Acredito que logo veremos uma mudança de estratégia nesta área, com a perda do foco em ESG para a busca por maximizar a criação de valor, não só para os acionistas, mas também para demais stakeholders. Empresas deverão definir, comunicar e monitorar como os objetivos de criação de valor para cada público serão atingidos;

3. INVESTIDORES DE TODOS OS TIPOS LEVANTARÃO A RÉGUA DA QUALIDADE.

Seja nos investimentos em empresas públicas, seja em empresas não listadas em Bolsa, houve uma grande decepção com o desempenho dos investimentos nos últimos 2-3 anos. Por isso, minha expectativa é que o investidor daqui para frente se tornará mais exigente, antes de decidir por alocar recursos em diferentes investimentos;

4. ALOCAÇÃO DE PORTFÓLIO DEIXARÁ DE SER TÁTICA PARA SE TORNAR ESTRATÉGICA.

Cada vez mais, o investidor recebe a mensagem de que investimento bem-sucedido é investimento com horizonte de longo prazo. Mas, infelizmente, a maioria dos investidores, mesmo aqueles mais sofisticados, não têm seguido essa orientação. Mas as perdas constantes dos últimos anos e o timing errado para aumentar e diminuir suas posições de mercado, foram um aprendizado duro. Espero que, de agora em diante, as alocações feitas visem ganhos sustentáveis e não de curto prazo;

5. ANÁLISE E DECISÃO DE INVESTIMENTOS: VOLTA ÀS ORIGENS.

A taxa de juros excessivamente baixa que prevaleceu nos últimos anos, fez com que os diferentes agentes da economia tomassem decisões de forma bastante relaxada. A volta do patamar de juros a níveis normalizados e as perdas que a postura relaxada causou, vão fazer com que investidores e empresas voltem a analisar profundamente possíveis investimentos;

6. DISSEMINAÇÃO DE NOVAS FERRAMENTAS DE GESTÃO ESTRATÉGICA E ANÁLISE DE CENÁRIOS.

Como mencionado no início do artigo, vivemos em um mundo em constante transformação. É o mundo VUCA, isto é, Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo. Outros chamam de mundo BANI, Frágil (de Brittle em inglês), Ansioso, Não Linear e Incompreensível.

Independentemente de como o mundo atual é descrito, precisamos de novas ferramentas para analisá-lo. Dentre as ferramentas que vêm ganhando espaço, podemos citar foresight estratégico, future-readiness, transformação digital, criação de valor compartilhado, customer-centricity etc. E novas classes de ativos estão se tornando mais populares, tais como impact investing.

LGPD: O que você precisa saber para 2024?

Rubens Leite
Advogado e sócio-gestor da RGL Advogados e especialista em LGPD

A LGPD completou 5 anos de vigência em 2023, e apesar da sua lenta implementação prática, a lei tem sido responsável por abrir os horizontes regulatórios em relação às novas tecnologias. Afinal, a maneira como o consumidor se comporta e compra, mudou drasticamente desde a pandemia do Covid-19.

Para se ter ideia, de acordo com uma pesquisa da Octadesk e Opinion Box, o e-commerce no Brasil é o mais utilizado por 58% dos brasileiros em relação a lojas físicas. A taxa de quem utiliza ambos modelos de compras é baixíssima, representada por apenas 14% das pessoas consultadas.

Portanto, pensando nas compras em 2024, a sugestão é que as pessoas físicas tomem o máximo de cuidado em relação a suas senhas e informações. Além disso, as empresas devem acelerar ao máximo a implantação do sistema de governança em privacidade, a fim de que possam afastar qualquer possibilidade de aplicação de penalidades legais, que vão desde advertência, até multas de 2% de faturamento.

Tudo isso porque não se sabe ao certo como a ANPD aplica tais penalidades e o Judiciário ainda não tem uma jurisprudência uniformizada sobre o tema.

É importante entender que a conformidade com a LGPD traz uma competitividade muito grande para as empresas, além de trazer o conceito da própria exigência legal a necessidade de um sistema de Governança, que nada mais é que um conjunto de regras e procedimentos que visam criar um sistema de proteção para a lei.

Além disso, outra expectativa para 2024 é a análise de como as pessoas físicas irão amadurecer em relação a esses direitos. Será um ano de consolidação de todas as partes, mas principalmente das empresas que correm os riscos de sofrer penalidades.

A LGPD PARA PESSOAS FÍSICAS

As pessoas físicas titulares dos dados devem ficar atentas às empresas que têm acesso aos seus dados e o que elas fazem com eles, já que a lei exige que isso seja explícito de forma bem clara. Os titulares também podem indagar as empresas acerca do uso, destinação e finalidade de todos os dados que constam em poder da empresa.

A pessoa física titular desses dados, seja funcionário da empresa, cliente, fornecedor, tem o direito de saber como eles serão usados e a empresa precisa ter um canal de comunicação para sanar esses questionamentos.

É importante entender que os direitos dos consumidores são a apresentação de forma clara, expressa e inequívoca de quais são as finalidades de uso daquele dado, qual será o fluxo de dados dentro da empresa. Ou seja, o consumidor tem o direito de receber a informação do que a empresa irá fazer com as informações dele.

Então, este é um dos principais direitos do consumidor em relação à LGPD, que é o direito de dar ou não consentimento para uso desses dados, revogar o consentimento, atualizar as suas informações e o direito de ter acesso a esse fluxo de dados. Além disso, o consumidor que tiver algum dano decorrente de um incidente com os dados pessoais, pode recorrer aos órgãos competentes para que possa requerer a devida compensação.

A LGPD PARA AS EMPRESAS

Em relação às empresas, é necessário ressaltar a latente responsabilidade pelo uso dos dados. Todo o fluxo de dados dentro da empresa deve ser mapeado, ou seja, deve-se entender qual o caminho que os dados pessoais que a empresa recebe percorre dentro da empresa.

É necessário que haja essa rastreabilidade e mapeamento, mecanismos de controle e toda uma política de gestão de segurança dessas informações. O conjunto de proteção e regras chamamos de Compliance de Proteção de Dados, ou Governança em Privacidade como a lei se refere.

Em relação às empresas que não estão dentro da LGPD, a ANPD - autoridade nacional de proteção de dados - já possui um mecanismo de recebimento de denúncias em seu site, de violação de dados e toda e qualquer forma de desvirtuamento do uso desses dados. De forma administrativa temos a autoridade nacional, e outros meios que têm a competência de fazer isso, como o próprio Procon quando estivermos falando de dados de consumidor.

Em casos mais drásticos, pode ser recorrido ao poder judiciário justamente para que haja uma atuação de forma a coibir a atuação das empresas de forma contrária à lei.

O primeiro semestre de 2024 é o momento para que as empresas revisem a implementação de um projeto de proteção de dados. Afinal, a implantação vai sempre olhar o tamanho da empresa, os dados que ela utiliza e, cada sistema de compliance, terá a cara da determinada empresa - ou seja, pode haver sistemas de LGPD desde o mais simples, em empresas menores que tem uma quantidade menor de procedimentos internos, até procedimentos mais complexos que utilizam uma série de ferramentas de controles para empresas maiores. O essencial é que as empresas tenham um sistema de proteção.

Contratação de executivos em empresas familiares: qual a importância?

Ricardo Haag
Sócio da Wide, consultoria boutique de recrutamento e seleção

Muito da prosperidade do mercado do nosso país se deve às empresas familiares. Afinal, além de representarem a maioria do contexto social brasileiro, a renda destes negócios traz um peso enorme para a economia nacional. Porém, para que este êxito seja atingido, muitos cuidados precisam ser tomados na administração destas companhias, o que pode ser imensamente favorecido através da contratação de um executivo qualificado que consiga dar continuidade ao trabalho de forma evoluída e segura.

Em dados divulgados pelo IBGE, hoje, cerca de 90% das empresas nacionais têm este perfil familiar. Juntas, são responsáveis por 65% do PIB e por 75% dos brasileiros empregados, em uma representatividade interessante decorrente, dentre tantos fatores, pela veia empreendedora de nossa população aliada a necessidade de sobrevivência. Ambas, características muito poderosas para a determinação de perseguirmos nossos sonhos de carreira.

Tamanho destaque destes negócios, contudo, é apenas um dos lados da moeda. Por mais que estas empresas somem uma grande parcela do nosso mercado, são poucas as que conseguem se perpetuar por longos anos com sucesso, como consequência da falta de preparo ou competência das próximas gerações familiares em conseguirem administrar os negócios com a mesma qualidade e determinação que seus fundadores.

O que vemos na prática, é uma quebra gradativa de qualificação daqueles que tendem a assumir a empresa ao longo dos anos. Afinal, enquanto os executivos que abrem as companhias costumam ter profundo entendimento do mercado de atuação e são os responsáveis pelo crescimento inicial do negócio, a segunda geração familiar não terá passado pelo mesmo caminho, com grandes chances de não terem a mesma competência de gestão e, dessa forma, maiores dificuldades de garantir perenidade ao negócio – especialmente, caso não se dediquem a conhecê-lo devidamente.

Caso a empresa sobreviva até a terceira geração, as dificuldades de mantê-la operando com prosperidade serão ainda maiores, considerando os mesmos empecilhos e desafios já enfrentados anteriormente. Como resultado disso, apenas 36% dessas empresas chegam à 2ª geração, piorando para 12% as que sobrevivem até a 3ª geração, segundo dados da PwC.

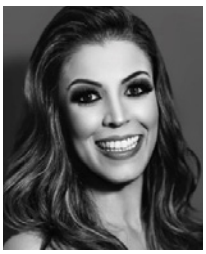
Estes desafios de gestão nas empresas familiares, infelizmente, são bastante comuns de serem percebidos no mercado global, o que vem evidenciando alternativas que possam auxiliá-las a terem alguém preparado e qualificado à frente do comando destes negócios, de forma que consigam conduzir suas operações com segurança, estratégia e planejamento – assim como vêm ocorrendo com a contratação de executivos para assumirem este posto.

O conhecimento destes profissionais adquirido ao longo de sua trajetória e suas vivências em empreendimentos variados são peças importantes para que consigam entender com maior facilidade a estrutura da empresa, suas características e objetivos para que, com isso, estruturem um plano de negócios aderente à sua realidade – além de gerenciarem, de perto, os processos que forem instaurados para garantir que não haja qualquer investimento de tempo e recursos que não gerem valor ao negócio.

Cada empresa familiar terá suas próprias demandas e necessidades para que prospere ao longo das gerações, e será dever deste executivo manter o que já está sendo executado corretamente, e evoluir o que for preciso conforme as melhores práticas do negócio – algo que, ao contrário do que muitos imaginam, não dependerá apenas de suas hard skills.

O sucesso desta contratação está diretamente ligado à construção de um relacionamento próximo entre este talento e os fundadores da empresa, de forma que ele compreenda os valores e missões daquele negócio e os mantenham alinhados nas ações que serão tomadas. Na prática, isso significa que o executivo precisa ter muito jogo de cintura, maturidade, respeito aos donos da empresa, sabedoria ao fazer o diagnóstico da companhia, paciência e, sobretudo, entender que mudanças não são feitas da noite para o dia.

Diferentemente do que é usualmente visto em grandes organizações, as empresas familiares costumam levar a vontade de seus donos como prioridade. Então, o executivo que ingressar este ambiente precisa ter a maior empatia possível à essas preferências, fortalecendo a confiança entre as partes, assumindo protagonismo e se esforçando para fazer o que é necessário para que a marca prospere. Quando combinados, esses fatores serão o que farão a diferença para que as empresas familiares sobrevivam e se destaquem por cada vez mais gerações.



Potência e brutalidade: a exposição "Três Tempos" de Júlia Arbex desvenda o mundo do carvão

Rachel Capucio
Advogada, especialista em Cultura

Em um mergulho profundo na potência e brutalidade do carvão, a renomada artista Julia Arbex apresenta sua mais recente exposição, intitulada "Três Tempos", que estará em exibição de 30 de janeiro a 24 de março na Casa Fiat de Cultura, simultaneamente nas modalidades presencial e virtual.

A matéria-prima que precedeu a existência humana ganha vida nas mãos habilidosas de Arbex, que utiliza o carvão como elemento central em duas séries distintas de obras, proporcionando uma reflexão única sobre a temporalidade e os processos transformadores do planeta.

DESLOCAMENTOS CONTINENTAIS: A DANÇA DAS PLACAS TECTÔNICAS EM CARVÃO

A série "Deslocamentos Continentais" revela a maestria da artista ao explorar o movimento das placas tectônicas. Cada desenho é cuidadosamente elaborado a partir da manipulação da massa de carvão, transferida e reconfigurada de um primeiro desenho para as obras que agora se apresentam, conduzidas pela fluidez da água. Nessa expressão artística, Arbex traduz o poder de transformação e reconfiguração das placas tectônicas em formas visualmente impactantes.

TERRA PLANA: MAPAS SUBMERSOS EM UMA JORNADA AQUÁTICA

A segunda série, denominada "Terra Plana", mergulha em um universo de recipientes de vidro que abrigam mapas transferidos para a água. O processo meticuloso inicia-se com um desenho em carvão sobre papel, que é então transposto para o meio aquático. Neste diálogo entre o carvão e a água, Julia Arbex oferece uma perspectiva única sobre a interação entre materiais, revelando não apenas uma narrativa visual, mas também explorando as profundezas do encontro entre os elementos.

ALÉM DA IMAGEM: O CORPO DOS MATERIAIS EM "TRÊS TEMPOS

"Três Tempos" vai além da simples representação visual; a artista demonstra um interesse profundo no corpo dos materiais e na interseção entre eles. Cada obra é uma narrativa sensorial, convidando o espectador a imergir não apenas na estética das imagens, mas também na textura, na forma e na essência física do carvão e da água.

Ao desvendar os "Três Tempos", Julia Arbex proporciona uma experiência única, instigando reflexões sobre a ancestralidade do carvão, sua versatilidade como meio artístico e, por fim, a conexão entre a matéria-prima e a expressão visual. A exposição estará aberta ao público de forma presencial, proporcionando uma imersão física nas obras, e virtual, para alcançar admiradores e entusiastas da arte ao redor do mundo. Não perca a oportunidade de explorar o universo fascinante de "Três Tempos" e testemunhar a convergência entre potência e brutalidade, capturada de maneira magistral por Julia Arbex.

Casa Fiat de Cultura
Praça da Liberdade, 10
Funcionários
Belo Horizonte – MG.

Óleo de fígado de bacalhau

Cesar Vanucci
Jornalista
cantonius1@yahoo.com.br

"O que sei é que nada sei!"
Sócrates, filósofo grego - c. 469-399 a.C

Vivendo e aprendendo. Como anota Ary Barroso, numa de suas lindas canções, "A Vida é uma escola em que a gente precisa aprender a ciência de viver, pra não sofrer." Confesso, em boa e lisa verdade, sem me deixar prender por qualquer constrangimento, haver chegado aos 45 anos de existência pela segunda vez consecutiva, na mais santa ignorância quanto à real história do bacalhau.

O bacalhau como acontece em tantos lares e lugares, é indissociável dos cardápios mais apreciados em instantes especiais de festejos. Percorrendo as ladeiras da memória, volto o olhar nostalgicamente para os ajantarados na casa de vó Carlota. Na semana santa e na passagem de ano, a bacalhoada era de se lamber os beiços, servida em terrina reservava só para momentos de gala. A receita do acepipe tornou-se tradição familiar.

Outra lembrança ligada ao tema, desta fase risonha da vida é menos digestiva. Minha saudosa mãe, Tonica, costumava servir-nos como fortificante, numa colher imensa, uma beberagem sorvida em meio a caretas e ao mais completo desprazer. Era o célebre "Óleo de Fígado de Bacalhau" vendido nas farmácias dentro de frasco que trazia no rotulo a imagem de um homem de terno, com chapéu à la Carlitos, carregando nas costas um descomunal pescado, ele próprio: o bacalhau. O rotulo continha dizeres alusivos à excelência do produto, não atestada pela criançada.

Carreguei anos a fio a ideia de que o bacalhau era uma espécie de peixe, como o salmão, o atum, o bagre, o badejo, o lambari, a sardinha, o dourado, o surubim, o pirarucu e assim por diante.

Guardei comigo a ideia de que o peixe denominado bacalhau só pudesse ser encontrado nas águas geladas da Noruega. Certa ocasião, num passeio turístico marítimo pela região dos famosos fiordes noruegueses, indaguei da guia, ingenuamente, se era ali o ponto de pescaria do bacalhau. Mal contendo o riso, ela respondeu que sim. Tantos anos passados, chego à conclusão que a moça estava, na verdade, gozando minha cara. Ponho-me hoje a matutar se a pergunta tantas vezes ouvida, sobre se já vi alguma vez cabeça de bacalhau não esconde igualmente intuito de deboche...

Outra observação me acode: dantes só se falava em bacalhau norueguês. A partir de dado momento o bacalhau português botou a cabeça fora d'água, nas peixarias. Participei de discussões sobre qual o bacalhau é de melhor sabor. Em meu modo de entender o de procedência norueguesa era superior ao de procedência portuguesa, com certeza.

Toda essa conversa é para dizer ao meu culto, conquanto reduzido, leitorado que só agora, na fase outoniça da existência tomo conhecimento de que não existe um peixe específico chamado bacalhau. Bacalhau como explicam os entendidos em frutos do mar, é um processo de preparação de secagem e salga de diferentes espécies de peixe, inclusive o pirarucu que não é pescado nem no mar, nem em águas geladas, mas em água doce, em zona tropical no rio –mar Amazonas. Os especialistas em gastronomia apontam alguns tipos de peixe como ideais para a preparação das postas de bacalhau. A propósito, na virada do ano topei pela frente com uma bacalhoada. Achei o gosto bastante diferente. Não lembrava claro, óleo de fígado, mas, tão nem tampouco ajantarado dos tempos da meninice.

Por essa e por outras, o jeito é apelar para Sócrates: "o que sei é que nada sei!"

Por que algumas pessoas são mais criativas do que outras?

Em "Pensamento Criativo" Michael Michalko, especialista no tema e oficial do exército norte-americano, explica como desenvolver ideias inovadoras e evitar padrões de pensamento lineares

"Por que eu não pensei nisso antes?", essa é uma das perguntas mais corriqueiras quando alguém se depara com ideias inovadoras – seja um produto revolucionário ou uma trend viral na internet. No lançamento Pensamento Criativo – colocando a imaginação para trabalhar, um dos maiores especialistas em criatividade no mundo, autor best-seller e oficial do exército norte-americano, Michael Michalko, explica por que nem todos são criativos, como a educação limita a engenhosidade e por que a experiência pode ser inimiga da inovação.

Com base nas vivências do cientista Albert Einstein, o químico Spencer Silver, desenvolvedor do Post-It e, também, o inventor Stven Jobs, o autor revela como liberar a criatividade, expandir a imaginação e adotar atitudes de gênios, a fim de ter pensamentos súbitos que saem da zona de conforto mental. Para o autor, novas ideias surgem da combinação de dois ou mais elementos diferentes que fogem do padrão esperado.

Segundo Michalko, toda vez que a mente recebe informações ela as organiza em modelos simples que se encaixam no cotidiano – sendo úteis para realizar tarefas com rapidez e precisão. "Estes padrões se aprofundam com o tempo, permitindo que mesmo partes da informação fora da sequência sejam corrigidas para ativar o reconhecimento. Isso explica nossa capacidade de ler palavras com letras misturadas, onde apenas algumas informações, como as primeiras e últimas letras, são suficientes para ativar o padrão no cérebro." Esse processo também justifica por que, ao criar novas ideias, muitas vezes acaba-se repetindo formas antigas e nada inovadoras.

Por meio de testes mentais que incentivam os leitores a soltar a imaginação e mudar padrões engessados, o especialista sugere, que assim como os gênios, eles combinem conceitos diferentes e aparentemente absurdos. Estes elementos somados trarão um resultado que foge do comum e expande o imaginário.

Por exemplo, ao melhorar uma lanterna, pensar apenas em lanternas pode levar a ideias convencionais. No entanto, ao combinar conceitualmente uma lanterna com algo inesperado, como um abridor de portão de garagem, mudamos os padrões de pensamento, ativando a imaginação. Essa abordagem pode inspirar ideias inovadoras, como

uma lanterna "Superman" que utiliza tecnologia de micro-ondas para emitir radiação e detectar movimentos, algo que não surgiria com um pensamento convencional.

(Pensamento Criativo, p. 37)

Em Pensamento Criativo, Michael Michalko auxilia o público a se despir do senso comum e exemplifica como ativar estímulos aleatórios para gerar originalidade nas ideias em prol do trabalho, negócios e da vida pessoal. Com uma escrita bem-humorada, a obra oferece experimentos, perguntas provocativas, técnicas de pensamento criativo, ilusões e quebra-cabeças para estimular a mente.

FICHA TÉCNICA

Título: Pensamento Criativo

Subtítulo: colocando a imaginação para trabalhar

Autor: Michael Michalko

Editora: Hábito

Gênero: Desenvolvimento pessoal/Inspiração

ISBN: 978-65-84795-12-9

Edição: 1ª ed. dezembro/2023

Número de páginas: 240

Preço: R$ 54,90

Onde encontrar: Amazon

AUTOR

Michael Michalko é um renomado especialista em criatividade, conhecido por sua experiência como oficial do Exército dos Estados Unidos. Ele liderou uma equipe de especialistas em inteligência e acadêmicos internacionais para pesquisar métodos de pensamento inventivo. Aplicando essas técnicas ao mundo corporativo, Michalko obteve sucesso notável. Atualmente, ele dedica-se ao desenvolvimento e ensino, conduzindo workshops e seminários de pensamento criativo para clientes corporativos globalmente. Autor do best-seller "Thinkertoys: um manual de técnicas de pensamento criativo". Seus livros foram traduzidos para 15 idiomas.

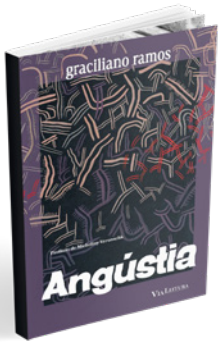
REDES SOCIAIS:

Twitter (X): @MichaelMichalko | Site: http://www.creativethinking.net

A Editora Hábito é formada por uma equipe de profissionais de excelência em literatura que pretende destacar-se no mercado com livros que desafiem, inovem e respondam às necessidades do século XXI ao abordar temas relevantes. Temos como missão publicar literatura que desafie e inspire os leitores a descobrir e usar todo o seu potencial para atingir um novo nível de realização pessoal. Há três anos, a Editora Hábito, vem se destacando no mercado literário com obras como Messi: o gênio completo, escrito pelo jornalista argentino Arial Senosiain, Organize sua desordem mental e Mania de Cliente.

Novas edições ressignificam legado literário de Graciliano Ramos

Obras do alagoano entram em domínio público e selo Via Leitura anuncia publicação de Angústia e Vidas Secas



FICHA TÉCNICA

Título: Angústia

Autor: Graciliano Ramos

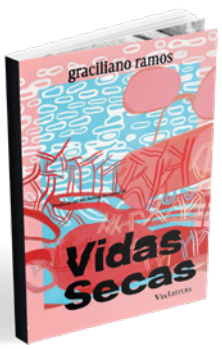
Número de páginas: 240

ISBN: 978-6587034409

Dimensões: 14 cm x 21 cm

Preço: R$ 47,90

Onde encontrar: Amazon



FICHA TÉCNICA

Título: Vidas Secas

Autor: Graciliano Ramos

Número de páginas: 112

ISBN: 978-6587034423

Dimensões: 14 cm x 21 cm

Preço: R$ 29,90

Onde encontrar: Amazon

Após 70 anos do falecimento de Graciliano Ramos, as obras do renomado autor caem em domínio público em 2024. Para prestigiar as principais criações literárias do escritor, o selo Via Leitura, do Grupo Editorial Edipro, lança novas edições de Angústia e Vidas Secas.

Com projetos gráficos modernos, ambas as edições apresentam capas elaboradas pelo artista plástico Andrés Sandoval e introduções assinadas pela premiada escritora Micheliny Verunschk.

Angústia, livro escrito pelo alagoano no período entre a demissão da Instrução Pública de Alagoas e a injusta prisão em 1936 – mesmo ano de publicação da obra – por vezes é comparado a Crime e Castigo, de Dostoiévski. Nesta história, Graciliano mergulha no universo atormentado de Luís da Silva, um funcionário público à beira da insanidade, e explora a profunda angústia humana, a culpa e o isolamento social.

"A narrativa se dá nos planos da memória, da fantasia e do presente próximo, tido por real, com base em um discurso interno em que livres associações, estados paranoicos e o ambiente crescentemente claustrofóbico da mente do narrador", comenta Verunschk sobre Angústia.

Já Vidas Secas, originalmente publicado em 1938, foi o quarto e último romance do autor, reconhecido por alguns como o mais significativo trabalho dele. Esta obra regionalista transporta o leitor para o sertão nordestino e oferece uma visão da dura realidade enfrentada por uma família de migrantes. Fabiano, Sinhá Vitória e os filhos vivem uma jornada permeada por injustiças sociais e desumanização diante das adversidades.

"Não é por acaso que, com Vidas Secas, Graciliano Ramos fez nascer não só um novo modo de escrita do romance como também um dos grandes personagens da literatura: a cachorra Baleia. Dotada de sentimentos revolucionários, um coração pequenino e alma enorme, Baleia ensina que o caminho de um céu cheio de preás passa por uma literatura de alta voltagem, ousada em seus propósitos de expandir fronteiras", reflete a prefaciadora.

Estas obras clássicas de Graciliano Ramos permitem, também a partir das novas edições, que a geração contemporânea de leitores possa dar um novo significado às publicações atemporais do autor.

AUTOR

Graciliano Ramos (1892-1953) tornou-se um dos mais renomados escritores brasileiros do século XX. Nascido em Alagoas, destacou-se por sua prosa seca e realista. Além de escritor, Graciliano foi prefeito de Palmeira dos Índios e teve uma trajetória política marcada pelo engajamento social. Sua contribuição à literatura brasileira continua a influenciar gerações de novos escritores e a formar mais e mais leitores.

O Grupo Editorial Edipro tem como propósito, desde 1977, publicar obras que ajudem na evolução do leitor. Edipro é formação, inspiração e entretenimento. Ao longo dos anos, são mais de 500 títulos publicados nas principais áreas do saber e novos selos foram criados, como Caminho Suave e Mantra.

ANUNCIE NA MELHOR

REVISTA DE ECONOMIA
FEITA EM MINAS, AGORA
EM TODO O BRASIL

19,75 MILHÕES

de visualizações no período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2023 – de acordo com o Google Analytics Search.

Com 30 anos de tradição, a MercadoComum expandiu suas atividades para todo o território nacional, levando informação a um seleto público composto por formadores de opinião e executivos de alto nível das médias e grandes empresas.

Divulgue sua empresa para quem decide os negócios!

A CADA EDIÇÃO MENSAL:

- Estudos aprofundados sobre a economia de Minas Gerais, brasileira e mundial
- Artigos com análise política e de mercados assinados por nomes de peso no cenário nacional
- Reportagens especiais com foco nos mais relevantes setores econômicos
- MC promove, há 28 anos, o Prêmio Top of Mind – Marcas de Sucesso – Minas Gerais
- MC há 29 anos promove o Ranking de Empresas de Minas Gerais e realizará em 2023 o 25º Prêmio Minas – Desempenho Empresarial – Melhores e Maiores – Minas Gerais.
- As edições mensais são encaminhadas, em PDF e por e-mail, a um público de 120 mil formadores de opinião em todo o país.

MercadoComum®
HÁ 30 ANOS FORMANDO OPINIÕES!

Publicação de MinasPart Comunicação, Ltda.
Rua Padre Odorico, 128 – 10º andar - CEP 30.330-040 – Belo Horizonte – MG
Site: www.mercadocomum.com - E-mail: revistamc@uol.com.br - Fone: 31 3281-6474